UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

ANA CLAUDIA SILVA MIELKI

O PAPEL DA MÍDIA CAPIXABA NA CONSTRUÇÃO DO
IMAGINÁRIO SOCIAL DO PROGRESSO NO ESPÍRITO SANTO
(2003-2006)

SÃO PAULO
2010

ANA CLAUDIA SILVA MIELKI

O PAPEL DA MÍDIA CAPIXABA NA CONSTRUÇÃO DO
IMAGINÁRIO SOCIAL DO PROGRESSO NO ESPÍRITO SANTO
(2003-2006)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, área de concentração em Teoria e Pesquisa em Comunicação, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.
Orientadora: Profa. Dra. Rosana de Lima Soares

SÃO PAULO
2010

ANA CLAUDIA SILVA MIELKI

**O PAPEL DA MÍDIA CAPIXABA NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL DO
PROGRESSO NO ESPÍRITO SANTO
(2003-2006)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, área de concentração em Teoria e Pesquisa em Comunicação, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosana de Lima Soares
Escola de Comunicações e Artes – USP

Profa. Dra. Mayra Rodrigues Gomes
Escola de Comunicações e Artes – USP

Profa. Dra. Maria Helena Rolim Capelato
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

À Maria, avó (*in memoriam*),

*“Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida....”*

(Milton Nascimento)

AGRADECIMENTOS

professora Rosana de Lima Soares,
pela acolhida, pela orientação, pela presença e pela amizade construída.

professoras Mayra Rodrigues Gomes e Maria Helena Rolim Capelato,
pela generosidade de participar da banca e por compartilharem suas experiências e saberes.

professora Maria Cristina Paula Mungioli,
pelo afeto e o tempo compartilhado durante o Programa de Aperfeiçoamento de Ensino.

professores (as) Roseli Fígaro Paulino, Mauro Wilton e Terezinha Tagé,
por compartilharem comigo seus conhecimentos.

amiga Gabriela Villen,
pelo sorriso de boas vindas na Rodoviária do Tietê em minha chegada a São Paulo.

amigas Júlia Chequer e Aline Passos, pelo abrigo oportuno e solidário.

amiga Maíra Kubic Mano, pelo primeiro abrigo nesta grande cidade.

... e aos seus pais Vinicius e Marusca, pelo apoio.

amigo Ronaldo Cassundé, pela parceria e pelas oportunidades sempre bem-vindas.

amiga Mariana Pires, pelo carinho construído nestes dois anos de convivência familiar.

minha mãe Geralda, pelo apoio incondicional.

professor Alexandre Curtis Alvarenga (UFES), pelo incentivo e pela inspiração.

amigos Marcio Scheppa, Maurílio Mendonça e Thaís Melo,
pela ajuda na coleta do material da pesquisa e pela generosidade de sempre.

amigo Vinicius Mansur, por estar sempre perto.

Aos novos e velhos amigos Bia Barbosa, Rodrigo Valente, Bruno Padron (Porpeta), Ricardo Daroz (Animal), Conceição Gama, Luiz Brasilino, Jaqueline Nikiforos, Marina Pita, Sue Iammamoto, Rodolfo Vianna, Henrique Alves, Rodrigo Mendes, Marcos Asas, Ana Straube, com quem compartilhei ótimos momentos nesses três anos em São Paulo. Por fim, aos colegas do Grupo de Estudo em Linguagem: Práticas Midiáticas (MidiAto) com especial agradecimento à Daniele Gross, Mariana Murakami, Cintia Lisemberg e Mariana Duccini pelo carinho e pelas muitas risadas.

*Só é sagrada de fato a estrada da qual não se conhece
o fim; e que, entretanto, a gente se obstina a seguir.*

Stefan Zweig

RESUMO

MIELKI, Ana Claudia. *O papel da mídia capixaba na construção do imaginário social do progresso no Espírito Santo (2003-2006)*. 2010. 242 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

A partir da análise de 18 matérias veiculadas nos jornais impressos capixabas, a saber, *A Gazeta* e *A Tribuna* a pesquisa buscou entender como tais jornais operam a construção do imaginário social do progresso no Espírito Santo. A partir do aporte teórico-metodológico da Análise do Discurso, a pesquisa busca encontrar nos textos os indícios que levam a uma formação discursiva, e, por conseguinte, a uma formação ideológica em que o progresso emerge como categoria fundante. Tais indícios, que tecem a trama do imaginário do progresso é o discurso, entendido como materialidade lingüística, lugar em que se articulam sujeito, língua e história. A premissa inicial é a de que o progresso, ainda que não apareça nos jornais como um enunciado concreto, constitui-se enquanto “idéia” e funda-se como “vontade”, ganhando assim aderência social. Logo, se por um lado, o progresso aparece como discurso forjado por determinados grupos, por outro, encontra aderência nessa “vontade”, constituindo-se enquanto imaginário coletivamente apropriado. O imaginário social seria, por seu turno, essa espécie de “imagem” que a sociedade cria de si. Uma forma de um grupo, uma comunidade, uma sociedade se enxergar; a base na qual cada sociedade elabora a imagem de si mesma e do universo em que vive. Enquanto uma imagem atua, portanto, como uma espécie de representação da realidade. É o espelho no qual se estrutura essa sociedade. Mas esse espelho, no entanto, não “funciona” com uma imagem refletida e sim com uma representação dessa realidade. A pesquisa conta com uma articulação teórica com o campo da história e também das ciências sociais, em especial, a sociologia das práticas sociais, sendo o conceito de *habitus* jornalístico um dos aportes teóricos da pesquisa. Articular a discussão acerca do *habitus* jornalístico, discutir como o jornalismo cria, a partir de sua prática e seu modo de operação, um lugar para si mesmo – lugar de quem fala –, é também um dos objetivos desta pesquisa. Para isso queremos entender como o jornalismo, ao mesmo tempo em que opera discursos outros, opera o discurso sobre si mesmo, construindo-se como lugar de legitimidade. Para as análises, fora realizada a constituição de um corpus selecionado de forma aleatória das edições do jornal, chegando a um total de 96 edições (48 de cada jornal) distribuídas entre os anos de 2003 e 2006. O período foi escolhido por ser tratar de momento ímpar em relação ao discurso do progresso no estado do Espírito Santo, em parte, pelas mudanças que ocorriam no cenário local, em parte, pelas mudanças que ocorriam no cenário nacional. As matérias ou colunas fazem parte dos cadernos de Economia de ambos os jornais.

Palavras-chave: Progresso, Discurso, Imaginário Social, Jornalismo, Análise do Discurso

ABSTRACT

MIELKI, Ana Claudia. *The role of capixaba's media in building the social imaginary of progress in Espírito Santo (2003-2006)*. 2010. 242 f. Dissertation (Master's degree in Communication Sciences) – Post Graduation Program in Communication Sciences, School of Communication and Arts, São Paulo's University, São Paulo, 2010.

From the analysis of 18 articles published in capixaba's printed newspapers, which are *A Gazeta* and *A Tribuna*, the research intended to understand how these newspapers operate the building of social imaginary of progress in Espírito Santo. With the theoretical and methodological stand of Discourse Analysis, it was possible to find in these texts the evidences that lead to a discursive formation and, consequently, to a ideological formation where progress emerges as a regnant category. These evidences, that weave the plot of progress, are contained in discourse as a linguistic materiality, place where subject, language and history are articulated. The results point that progress, even when does not appear in newspapers as a correct enunciation, constitutes itself as "idea" and is founded as "will", thus gaining social adherence. On this way, if progress appears as a discourse forged by certain groups, on the other hand it finds adherence to this "will", constituting an imaginary collectively taken. The social imaginary would be, on its turn, this kind of "image" that society creates of itself. A formation of a group, a community, a society way of seeing itself; the base on which each society elaborates an image of itself and the universe where she lives. As an image it acts, therefore, as a kind of reality's representation. It is the mirror where this society is structured. But this mirror, however, does not "work" reflecting an image, considering that it also refracts it. The research has a theoretical articulation with history's extent and also with social sciences, especially sociology of social practices, since the concept of *habitus* as one of the contributions to this research. Articulating the argument about the journalistic, discussing how journalism creates, from its practice and its operation way, a place for itself - a place that talks - was also one of this work's objectives. To achieve that, the research intended to understand how journalism, at the same time that operates discourses about *others*, also operates a discourse about itself, constructing its place as a place of legitimacy. To the analysis, was made a constitution of a montage about a sampling selected in a random way over the newspaper editions, in a total of 96 editions (48 of each newspaper) distributed between the years of 2003 and 2006, in which 18 constitutes the amount of the research. This period was chosen because it shows a special moment related to the discourse of progress in Espírito Santo's state, somehow, by the changes that occurred in local scene, and also because of the changes in national stage. The articles or columns are part of Economical's sections in both newspapers.

Key-words: progress, discourse, social imaginary, journalism, Discourse Analysis.

LISTA DE TABELAS

Tabela Nº 1 – Jornal A Gazeta	39
Tabela Nº 2 – Jornal A Tribuna	40

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Logo Espírito Santo A HORA É ESSA	117
Imagem 2 – Logo UM NOVO ESPÍRITO SANTO.....	130
Imagem 3 – Propaganda Companhia Vale do Rio Doce.....	148
Imagem 4 – Fotografia José Teófilo	150
Imagem 5 – Infográfico Binóculo/Crescimento.....	152

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. A Gazeta – Percentual Temático	106
Gráfico 2. A Tribuna – Percentual Temático.....	106
Gráfico 3. Mapa do Discurso do Progresso.....	145
Gráfico 4. Relação Hiperonímica do Crescimento.....	147

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Caminhos da ciência.....	16
1.2 O percurso do método.....	27
1.3 O percurso do objeto	30
1.4 Plano da Pesquisa	40
CAPÍTULO 1	43
PRÉ-VIAS DE LEITURAS: PRIMEIROS OLHARES.....	43
1.1 O jornal A Gazeta.....	46
1.1.1 MATÉRIA Nº AG-1.....	51
1.1.2 MATÉRIA Nº AG-2.....	53
1.1.3 MATÉRIA Nº AG-3.....	54
1.1.4 MATÉRIA Nº AG-4.....	56
1.1.5 MATÉRIA Nº AG-5.....	58
1.1.6 MATÉRIA Nº AG-6.....	59
1.1.7 MATÉRIA Nº AG-7.....	61
1.1.8 MATÉRIA Nº AG-8.....	62
1.1.9 MATÉRIA Nº AG-9.....	64
1.2 O jornal A Tribuna	66
1.2.1 MATÉRIA Nº AT-1	68
1.2.2 MATÉRIA Nº AT-2	70
1.2.3 MATÉRIA Nº AT-3	71
1.2.4 MATÉRIA Nº AT-4	72
1.2.5 MATÉRIA Nº AT-5	73
1.2.6 MATÉRIA Nº AT-6	75
1.2.7 MATÉRIA Nº AT-7	76
1.2.8 MATÉRIA Nº AT-8	77
1.2.9 MATÉRIA Nº AT-9	79
CAPÍTULO 2	82
O RITUAL MÁGICO DO JORNALISMO: Autorité, Reconnaissance e Stratégie	82
2.1 <i>Autorité</i> ou o jornalismo como discurso de si	88
2.2 <i>Reconnaissance</i> , um campo e um gênero do discurso.....	92
2.3 <i>Actualité</i> , o “novo” todo dia	99
2.4 <i>Stratégie</i> , remontando os discursos	104

CAPÍTULO 3	111
PAVIMENTOS DE MEMÓRIA: CAMINHOS DE HISTÓRIA	111
3.1 Jogos de memória e paráfrases discursivas	114
3.2 Relações de comparação: ranqueamentos	123
3.3 O discurso do <i>novo</i>	129
3.4 O deslize do contraditório.....	134
a) Alguma ironia.....	137
b) Alguma discordância	139
c) O discurso do meio ambiente	140
CAPÍTULO 4	144
DO PROGRESSO, OU O FUTURO COMO PROMESSA	144
4.1 O futuro como promessa.....	154
4.2 O progresso como vontade	161
À GUIA DE CONCLUSÃO:	171
OUTROS CAMINHOS	171
REFERÊNCIAS	181
APÊNDICES	190
APÊNDICE A – Tabela da Amostragem	191
APÊNDICE B – Cadeia produtiva do petróleo e gás	193
APÊNDICE C – Todas as matérias	196
ANEXOS.....	219

INTRODUÇÃO

Essa história começa ao rés do chão, com passos.

*Michel de Certeau*¹

A ideia de estudar o progresso, ou melhor, o imaginário do progresso no Espírito Santo, parte, a princípio, de um lugar muito específico onde a pesquisadora localizava o seu olhar acerca do tema. Esse lugar específico era o de leitora dos jornais diários que circulavam no Estado. É interessante lembrar os percursos feitos desde o início do interesse pelo tema – interesse mais corriqueiro e anteposto pela prática cotidiana da leitura – até a escolha do tema e dos jornais diários enquanto objeto de análise, já numa posição não apenas de leitora, mas de observadora meticulosa, que deslocou a leitora para uma posição de pesquisadora.

Em primeiro lugar, o interesse pelo tema do imaginário do progresso surge em um momento muito peculiar da história recente do Espírito Santo, em que o estado conseguia – com recursos próprios, mas, sobretudo, às custas dos valores pagos pela União –, sanar as dívidas internas e externas e, aparentemente, “corrigir” a imagem desgastada que tinha dentro do território nacional após uma sequência de escândalos envolvendo governos e crime organizado. O interesse pelo tema parte também de uma questão muito particular que é o fato de a leitora, neste caso, ser também uma jornalista, e, portanto, interpelar-se a respeito do papel do discurso jornalístico na construção de um imaginário social.

Durante alguns anos (entre 2002 e 2006) de simples leitura dos jornais diários capixabas foi possível verificar – ainda apenas na posição de leitora – que havia certas ocorrências nos jornais que permitiam de maneira, às vezes linear, às vezes transversa, construir uma linha de raciocínio sobre o que estava sendo informado. Essa linha de raciocínio nada mais era do que o eixo do discurso do jornal sobre os fatos da realidade que estavam sendo experimentados naquele momento.

¹ As epígrafes internas aos capítulos são todas de Michel de Certeau.

Cabe ressaltar aqui que, a partir das correntes científico-filosóficas às quais se filia esta pesquisa, o posicionamento do pesquisador (de modo geral) não é nunca algo tomado como lugar que surge de maneira espontânea, alheio às determinações históricas e de sentido. Logo, o lugar para onde a leitora se desloca para tornar-se pesquisadora daquilo que lê é um lugar, em parte, escolhido por meio de sua filiação a certas concepções e instituído pelas condições sócio-históricas nas quais a mesma está imersa.

Vale ressaltar que, ainda que, como leitora – e o fato mesmo de que, como leitora tenha-se pensado em discutir o tema do imaginário do progresso – é porque, a partir da leitura e de sua relação com um “todo outro” pré-existente, a significação se deu de uma, e não de outra maneira. Lembrando que o leitor (de modo geral) não é um sujeito passivo, mas atua ele mesmo na construção dos sentidos, participando ativamente do diálogo.

Embora estejamos fadados, como sujeitos, a cair na armadilha pretensiosa de explicar a “realidade como um todo”, entendemos, a partir do deslocamento para a posição de pesquisadora, que tal explicação é impossível, na medida da impossibilidade de se apreender essa “realidade como um todo”. Logo, estar-se atento ao fato de que essa pesquisa não pode ser tomada como pressuposto totalitário de explicação. É antes, contudo, um recorte de um tema, um objeto, um momento histórico, todos eles vistos a partir de um lugar, o olhar observador de uma pesquisadora.

Isso posto, o interesse pelo imaginário do progresso surge por meio de uma verificação, a princípio, de que tal imaginário não correspondia ao nível elementar do desenvolvimento socioeconômico no Espírito Santo. Em outras palavras, não estava verificado na concretude da vida das pessoas. Questões que, à época, eram “dimensionáveis” a partir da comparação entre o que era considerado como um estágio de progresso no campo dos discursos e o que era medido na realidade por meio dos números de desemprego, cálculos acerca do poder de compra, e nos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) dos municípios, para citar exemplos.

Passado algum tempo e, após diferentes leituras, foi possível recolocar a questão do que seria o discurso e o que seria a “realidade concreta”, diluindo, portanto, a relação de

dualidade existente entre esses campos. Ou seja, efetuou-se um deslocamento, a fim de entender e melhor desenvolver, a partir deste trabalho de pesquisa, os conceitos de imaginário e discurso.

O primeiro deslocamento – e o mais importante, talvez – diz respeito à noção de discurso, antes entendido como “representação”², como algo “descolado” da realidade social que o constituía – a chamada dualidade citada no trecho anterior. Acontece que o discurso não pode ser compreendido como uma representação da realidade na medida em que se estabelece enquanto prática.

O discurso é, ele mesmo, uma prática social. Ele é a realidade materializada pela linguagem, que se inscreve e dá sentido à vida cotidiana. Assim, o discurso não representa a realidade, mas constrói, enquanto materialidade discursiva, um tipo de imagem representável dessa realidade. A essa imagem representável chamamos *imaginário social*.

O imaginário social seria, pois, como uma espécie de “imagem” que a sociedade cria de si. A forma de um grupo, uma comunidade, uma sociedade se enxergar; a base na qual cada sociedade elabora a imagem de si mesma e do universo em que vive. Enquanto imagem atua, portanto, como uma espécie de representação da realidade. É o espelho no qual se estrutura essa sociedade. Mas esse espelho não “funciona” como uma imagem refletida e, sim, como uma representação dessa realidade³.

1.1 Caminhos da ciência

Esta pesquisa situa-se em um campo de interseção entre a história, a sociologia e as ciências da linguagem⁴. A partir de seu objetivo principal, que é identificar como o discurso jornalístico constrói o imaginário do progresso, buscou-se uma abordagem teórica

² Aqui ainda estamos nos referindo ao conceito de “representação” como algo estranho à realidade, ou deslocado dela, conforme era pensado até o século XIX. Sendo assim, a representação era considerada como algo distinto da ordem do “real”. Para as considerações seguintes, é importante destacar que, quando o termo representação estiver presente, estará se referindo a seu sentido atual: “forma como os sujeitos e os grupos dão sentido ao mundo que é deles” [...] “matrizes de práticas construtoras do próprio mundo real” (CHARTIER, 1991, p. 182-183). Assim, o discurso é representação, mas é também prática social coletivamente organizada.

³ Cf. Capítulo 4.

⁴ Além das ciências citadas, foram bem-vindas as contribuições do cientista social Gilberto Dupas.

que pudesse oferecer um arcabouço que envolvesse, de um lado, a instrumentação necessária à apreensão do sentido no texto e, por outro, o retorno obrigatório às determinações extratextuais. Algumas dessas questões já foram introduzidas, indicando, assim, de antemão, em qual tradição científico-filosófica se insere este trabalho.

Neste sentido, buscou-se reunir um aporte teórico-epistemológico que permitisse: a) abandonar a visão funcionalista na análise, partindo do princípio de que em toda comunicação existe um processo de troca simbólica; b) buscar nos indícios textuais, naquilo que aparece e desaparece, as marcas de uma construção sócio-histórica que extrapola a própria constituição do verbal; e c) analisar o sentido como estando sempre vinculado a um mecanismo de exercício de poder, ainda que esse sentido possa ser sempre reelaborado, ressignificado e negociado por meio da apropriação dos sujeitos no discurso.

A busca constante por uma metodologia que permita abandonar o método funcionalista – quem diz o quê, por que canal, e com qual efeito – tem se empreendido num esforço amplo do campo das ciências da comunicação, sobretudo, nas últimas cinco décadas. A ideia de que em toda comunicação existe um processo de troca simbólica, na qual o sujeito, ao receber o discurso da mídia, articula-o a outros discursos correntes na sociedade para só então reelaborá-los com novo sentido para si mesmo é, portanto, relativamente nova.

Existe uma tentativa por parte dos pesquisadores de superar o que direcionou os estudos nesse campo no final do século XIX e durante toda a primeira metade do século XX. Por outro lado, é importante destacar que todo o acúmulo daquilo que ficou conhecido como estudos de comunicação de massa esteve (está) atrelado ao próprio desenvolvimento social e econômico da sociedade e, conseqüentemente, ao desenvolvimento tecnológico. Logo, olhar para esses estudos necessariamente implica localizá-los em seu contexto histórico.

As transformações nos modos de produção da vida ao longo dos últimos dois séculos resultaram em uma nova forma de interagir com o mundo social, criando novas sociabilidades. E o desenvolvimento tecnológico e as novas formas de comunicação foram

acompanhados, ao longo do século XX, por novas maneiras de investigação da comunicação. Não é por acaso, portanto, que os estudos da comunicação de massa desenvolvem-se *pari passu* ao surgimento dos meios de comunicação massivos, como a imprensa comercial, o cinema, o rádio e a televisão, e também das formas de reprodução técnica dos produtos culturais, como a fotografia.

Tais investigações estiveram, em sua maior parte, voltadas ao complexo entendimento dos meios, que se desenvolviam a passos largos diante das novas promessas de progresso técnico. Assim, se por um lado tais estudos ficaram detidos aos mecanismos de reprodução técnica e seus efeitos sobre os sujeitos, pouco se avançou, pelo menos na primeira metade do século, no aprofundamento do que seria a comunicação como atividade humana e sua importância na mediação da vida social.

De Theodor Adorno a Marshall McLuhan, passando pelas correntes funcionalistas, a pesquisa em comunicação esteve voltada a uma possibilidade de compreender os efeitos que as mensagens (sejam elas o próprio meio) exerciam sobre o público. As primeiras pesquisas em comunicação eram motivadas pela necessidade de as próprias empresas do ramo – que mais tarde se tornariam conglomerados de mídia – saberem como era a consolidação dos efeitos no receptor.

Dentro do Funcionalismo, é possível destacar as pesquisas de caráter quantitativo, interpretadas à luz de uma teoria linear desenhadas por Harold Lasswell⁵, que considerava a propaganda um instrumento poderoso de comunicação, sendo a “agulha hipodérmica” o termo usado para dizer que os indivíduos eram atingidos direta e incontestavelmente pelos efeitos midiáticos da propaganda instrumental. Na mesma linha vinham as pesquisas de Paul Lazarsfeld⁶, a partir da teoria administrativa, que serviam bem ao processo de gestão da opinião pública, a partir de análises dos perfis dos receptores, e que estavam à disposição dos aparatos de propaganda que emergiam com vigor no início do século XX.

5 A primeira peça do dispositivo conceitual da corrente do Mass Communication Research data de 1927. É o livro de Harold D. Lasswell (1902-1978), *Propaganda Techniques in the World War*, que extrai as lições da guerra de 1914-1918, a primeira guerra “total” (MATTELART; MATTELART, 1999, p. 36).

6 A visão formalizada no pós-guerra por Merton e Lazarsfeld, situa-se na linhagem funcionalista adotada no período entre-guerras por biólogos com Ludwing von Bertalanffy, um dos precursores da teoria dos sistemas (Ibidem, p. 43).

Vale ressaltar, ainda, a Escola de Chicago, que integrava a metodologia etnográfica às análises. Havia, por assim dizer, uma concepção dominante que entendia a comunicação enquanto um fluxo contínuo. Tal concepção esteve presente na teoria hipodérmica e suas posteriores atualizações. Pressupunha, grosso modo, a existência de um emissor, um receptor, um meio e uma mensagem.

Por outro lado, é preciso destacar desse bojo as teorias construídas pelo que ficou conhecido como Escola de Frankfurt. Ainda que influenciados por uma concepção funcionalista de fluxo, Theodor Adorno e Marx Horkheimer tiveram um papel fundamental na estruturação de um campo de pesquisas em comunicação. Eles consideraram o papel das estruturas socioeconômicas e desvelaram o funcionamento da produção cultural, encaixando-o nos mesmos moldes das demais indústrias de manufatura e introduzindo, assim, a crítica aos estudos da comunicação de massa. Vem deles a noção de Indústria Cultural como sistema que inclui os processos de produção e circulação de mercadorias manufaturadas, ainda que tais mercadorias sejam produtos culturais.

Mesmo diante de uma aparente incipiência da *communication research*, tendo em vista a sua “pouca idade”, não se pode negar que o desenvolvimento tecnológico e, conseqüentemente, a aceleração da produção capitalista forçaram a pesquisa em comunicação a ser constantemente atualizada, tornando-se uma contínua reflexão sobre os meios, não por acaso, cada vez mais tecnologizados.

Por outro lado, a importância dada ao papel dos meios de comunicação massivos ao longo do século acabou por colocar à margem o estudo do papel da comunicação como uma atividade humana mediadora das relações sociais; aspecto central do ponto de vista comunicativo, que só foi retomado no final da segunda metade do século XX, com o retorno do sujeito e o surgimento da crítica ao estruturalismo científico que, àquela altura, dominava a maior parte das pesquisas.

Hoje sabemos que os meios de comunicação massivos são responsáveis por instituir modelos de representação simbólica da sociedade. O que é fruto dos estudos dos meios de comunicação enquanto estruturas operantes não apenas na formação de consensos, mas

também como reprodutoras de uma forma muito específica de se entender a realidade. Entender, por outro lado, *como* isso ocorre continua a ser um exercício teórico-metodológico do campo da comunicação⁷.

De extrema importância para os estudos da comunicação são os trabalhos desenvolvidos, a partir da perspectiva dos estudos da linguagem, por Mikhail Bakhtin, que traz de volta o sujeito da comunicação numa perspectiva diferenciada dos próprios estudos de comunicação. A partir dos seus estudos, é possível questionar a noção contemporânea de comunicação de massa como algo restrito ao surgimento dos meios de difusão audiovisuais e às novas tecnologias da comunicação. Com efeito, a comunicação massiva é resultado do desenvolvimento do processo civilizatório, que toma corpo nos séculos de passagem da Idade Média para a Modernidade, e nasce de uma necessidade humana de interação.

Para Bakhtin, a comunicação é uma prática que não surge com os meios de comunicação contemporâneos, mas que é, antes, um processo de entendimento entre sujeitos. A partir desse ponto, é possível nomear a comunicação como diálogo e, por isso mesmo, uma atividade que acompanha a formação e o desenvolvimento das sociedades humanas. A ideia de dialogismo trazida por Bakhtin, segundo a qual toda comunicação humana requer no mínimo a participação de dois sujeitos, é bastante relevante para a compreensão da comunicação como um processo.

Segundo o autor, a enunciação⁸ não é um ato individual. Mesmo que os sujeitos não estejam nela envolvidos diretamente, estão indubitavelmente presumidos. Em outras palavras, quando falamos ou escrevemos, presumimos a interlocução de um *outro*, ainda

⁷ Aqui se refere a um deslocamento metodológico de mudar a pergunta de o que a mídia diz para como ela diz, que marca em especial o estudo da Análise do Discurso no rompimento com as análises de conteúdo.

⁸ A enunciação aparece na obra bakhtiniana como estando situada justamente na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado; ela, por assim dizer, bombeia energia de uma situação da vida para o discurso verbal, dá a qualquer coisa linguisticamente estável e seu momento histórico vivo o seu caráter único. Dessa maneira, o conceito de enunciação está diretamente ligado ao enunciado concreto e à interação como ela se dá. A enunciação vai sendo tecida na obra de Bakhtin sempre numa dimensão discursiva, implicada num caráter interativo, social, histórico, cultural. A enunciação é a natureza constitutivamente social e histórica e que, por isso, liga-se à enunciações anteriores e à enunciações posteriores, produzindo e fazendo circular discursos (BRAIT; MELO, 2005).

que esse seja um Outro simbólico, coletivo. Além disso, enquanto sujeitos sociais – cuja consciência se molda a partir da linguagem – somos atravessados continuamente por outros discursos.

O conceito de dialogismo trabalhado por Bakhtin também permite romper com a premissa funcional de que o sujeito receptor é de todo modo passivo e, portanto, sujeitado ao conteúdo dos meios de comunicação. Investigando as classes populares⁹, Bakhtin irá constatar que elas exercem importante papel de resistência por meio de “alguma” autonomia cultural e identitária. Ele parte do princípio fundante de que a nossa forma de ver o mundo está diretamente ligada a nossa forma de materialização deste mesmo mundo.

Para Bakhtin, a compreensão não pode se manifestar senão através de um material semiótico – o signo. Essa ideia reposiciona o entendimento de como opera a ideologia, a saber, por meio da linguagem, sendo essa, o que condiciona a consciência e o pensamento humanos. Ao reintroduzir o sujeito na esfera da linguística e da história, Bakhtin permite compreender justamente aquelas complexidades inerentes ao jogo da comunicação humana. Sua visão rompe definitivamente, portanto, com o *subjetismo idealista* e o *objetivismo abstrato* que o conceito de ideologia carregava, na medida em que dá materialidade ao termo.

A partir dessa ideia é possível posicionar a pesquisa inferindo que o receptor não é um copo vazio à espera do elixir da verdade¹⁰. Ele é um ser social cuja experiência cotidiana implica em diversas outras mediações. Tais mediações a partir da comunicação estão presentes na família, nos laços de reciprocidade com vizinhos e amigos, na escola e no trabalho, e contribuem para inserir o sujeito numa dada formação social que pode ou não ser referenciada pela mídia.

Em uma perspectiva similar encontra-se o trabalho de Michel Pêcheux, na França, que se inscreve nesta pesquisa como um aporte teórico de partida. Dialogando com os

⁹ Cf. BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 6ª Ed. São Paulo – Brasília: Hucitec – UnB, 2008.

¹⁰ Fazendo a mesma crítica, dirá Chartier “A inteligência do ‘consumidor’ é (para retomar uma metáfora da pedagogia antiga) como cera mole onde se inscreveriam de maneira bem legível as idéias e as imagens forjadas pelos criadores intelectuais” (1990, p. 58).

conceitos trazidos pela psicanálise, em especial as releituras feitas por Jacques Lacan da obra de Sigmund Freud¹¹, Pêcheux vai incorporar a noção de sujeito não como aquele sujeito de origem em si mesmo (universal), mas como aquele que é interpelado a todo tempo pelo Outro (simbólico), submetido a uma *ordenação* que se repete. Em outros termos,

O que Freud nos ensina, [...] é que o sujeito segue a rota do simbólico, mas o que aqui vem ilustrado é mais surpreendente ainda: não é somente o sujeito, mas os sujeitos, tomados em sua intersubjetividade, que tomam a fila, em outros termos, nossos avestruzes, aos quais eis-nos de volta, e que, mais dóceis que carneiros, modelam seu próprio ser sobre o momento que os percorre da cadeia significativa (LACAN, 1978, p. 37)¹².

Trazendo a psicanálise para dentro dos estudos da linguagem, Pêcheux vai agregar à ideia do simbólico aquilo que vai introduzir como *interdiscurso*, que funciona como uma espécie de todo anterior. Em outras palavras, aquilo que já é dito, memória discursiva presente na sociedade e que opera a partir de esquecimentos; um saber que não se aprende, mas que atua pelo inconsciente (PÊCHEUX, 1997).

A essa noção de sujeito como um produto das relações sociais, constituído pela língua e pela história, Pêcheux também irá acoplar a noção de discurso como a língua em ato; o lugar onde língua, sujeito e história convergem. Segundo o autor, a língua não atua como um mecanismo autorregulado e estruturalmente fechado, mas enquanto linguagem, sendo, portanto, socialmente transformada e deslocada.

Logo, os sentidos não são um *a priori*; ao contrário, são constituídos a partir da relação da língua com o todo social¹³. Tal análise parte do princípio de que a língua não faz sentido por si só, pelos signos linguísticos ordenados em um texto, mas, sim, a partir do momento em que é empregada por um sujeito inserido em um contexto histórico-social.

¹¹ Sigmund Freud e mais tarde Jacques Lacan vão desenvolver ao longo de seus estudos a ideia de que o ser humano é formado por uma consciência e um inconsciente, mas que tanto a consciência quanto o inconsciente não são constituídos internamente, mas na relação que se estabelece a partir da experiência de identificação com o simbólico, este Outro, este que está sempre aí, que precede. Sobre isso, veja Capítulo 2.

¹² Lacan refere-se ao automatismo de repetição que é apresentado por Freud no movimento realizado pelo jogo da criança com o carretel (*Fort-da*). Segundo Lacan, o “jogo que a criança exerce [...] manifesta em seus traços radicais, a determinação que o animal humano recebe da ordem simbólica” (1978, p. 53).

¹³ Cf. Capítulo 2.

Assim, inscreve-se nesta pesquisa a Análise do Discurso (AD)¹⁴ como uma metodologia que permite interpelar o texto (do seu ponto de vista formal) e o contexto (ou as determinações e deslocamentos sócio-históricos presentes nas condições de produção do discurso). Segundo Pêcheux e Fuchs, o quadro epistemológico do empreendimento reside na articulação de três regiões:

1. O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; 2. A lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; 3. A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica) (1993, 163-164).

Em outras palavras, é uma análise da língua fazendo sentido.

A análise de discurso não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando “o” sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito (tais como a relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados, com o efeito do interdiscurso induzido nesse regime, sob a forma do não-dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro) (PÊCHEUX, 1999, p. 10).

Logo, se os sentidos não existem *a priori* e sim construídos socialmente, a construção do sentido (a forma de se dar do sentido) só poderá ocorrer dentro daquilo que Pêcheux chama de *formação discursiva*, conceito que toma de empréstimo de Foucault. A formação discursiva seria como uma comunidade de discursos, um espaço regular e

¹⁴ Considera-se aqui como ponto de partida a AD francesa, o que significa os trabalhos de autores como Paul Henry, Denise Maldidier, Catherine Fuchs, Tony Hak, Michel Pêcheux e Jean Jacques Courtine; contribuições da lingüística discursiva de Régine Robin e Françoise Gadet, o trabalho de Michel Foucault e seu projeto arqueológico, e a tradição em que se insere as reformulações feitas no Brasil pelos trabalhos de Maria do Rosário Gregolim, Eni Puchinelli Orlandi, Helena Nagamine Brandão e Sheilla Grillo, cada qual com suas inclinações específicas. Inscreve-se neste trabalho também a perspectiva de análise discursiva, sobretudo, aquela conferida aos jornais impressos, dos trabalhos de Mayra Rodrigues Gomes e Rosana de Lima Soares, ambas amparadas numa perspectiva psicanalítica do discurso.

regulador daquilo que pode e deve ser dito e que, conseqüentemente, determina a maneira como o dito será compreendido, interpretado.

As formações discursivas, ainda que em determinados momentos históricos possuam limites muito bem estabelecidos, não são estruturas fechadas, mas abertas. E, a depender das relações que exercem entre si nas brechas e no embaçamento das fronteiras, podem ser espaços de constantes deslocamentos de sentidos. É nas formações discursivas que a ideologia se inscreve enquanto materialidade. Sendo assim, dirá Pêcheux que a toda formação discursiva corresponderá uma *formação ideológica*.

O discurso, portanto, constitui-se enquanto um local de disputa. Possui uma heterogeneidade constitutiva, ou seja, não é uma estrutura fixa e rígida, mas uma prática social em movimento e que, portanto, é passível de transformação. Ele é o lugar onde formações ideológicas diversas buscam se estabelecer de forma hegemônica e se naturalizar por meio de suas formações discursivas correspondentes. O que permite dizer que a materialidade do discurso emerge enquanto produto do confronto, deixando à vista a relação de poder em curso.

Daí a importância da sociologia das práticas sociais como forma de examinar as mais diferentes formas de mediação existentes numa sociedade – inclusive as inerentes ao próprio campo de produção da notícia – e que espelham e refratam uma formação discursiva capaz de dar sentido ao que é dito, às vezes assimilando, outras refutando tal sentido. Para efeitos de apreensão do objeto desta pesquisa, buscou-se uma articulação entre as formulações de Pêcheux e a sociologia da linguagem¹⁵ trabalhada por Pierre Bourdieu.

¹⁵ Termo tomado de empréstimo de Grillo (2002, *passim*). É importante destacar também que aqui interessam apenas as aproximações entre o que Bourdieu desenvolveu enquanto sistema de trocas simbólicas e, mais especificamente, de trocas linguísticas, e as categorias de relações entre posições, ou seja, o fato de a distinção, de a identificação/desidentificação serem sempre categorias relativas a um sistema de posições e disposições discursivas, não considerando, portanto, as disjunções entre os estudos de Bourdieu e o estudo propriamente da Linguística.

A sociologia de Bourdieu pode fornecer aportes teóricos importantes para compreender como as práticas sociais constituem e são constituídas pela materialidade lingüística, a qual, porém, não se reduz aos determinismos sociopolítico-econômicos, caracterizando-se, como vimos, em uma ordem de coerções própria (GRILLO, 2002, p.8).

Crítico de uma ciência linguística autocentrada na língua enquanto estrutura autônoma, Bourdieu vai apontar, sobretudo nos seus estudos sobre a distinção e sobre os sistemas de posições/disposições, que a produção de regularidades discursivas, ao mesmo tempo em que é produto de um sistema anterior, é também produtora de sistemas posteriores (estruturados e estruturantes). A este movimento de regularidades o sociólogo vai chamar de *habitus*. A noção de movimento é importante para deixar claro que, ainda que as práticas sejam coletivamente orquestradas, elas não são produto da ação combinada de um maestro, estando sempre sujeitas a serem transformadas (BOURDIEU, 2005).

Além disso, na medida em que os textos não possuem sentido literal, mas um sentido construído a partir da relação com seu exterior, o jornalismo como fonte diária de enunciados¹⁶, constitui-se como o lugar onde a disputa de sentidos acontece. A partir de uma investigação das marcas textuais no jornalismo, ou seja, das estruturais lexicais, sintáticas e gramaticais, é possível rastrear a inscrição do poder presente na linguagem. Como explica Bakhtin (2008), a palavra dita é um indicador objetivo e concreto das transformações do mundo social, pois é a realidade que determina o signo, enquanto o signo reflete e refrata a realidade em transformação.

É nos indícios textuais, naquilo que aparece e desaparece, que conjuga e também substantiva, que adere ao mundo por meio das palavras, na materialidade lingüística, que identificamos as condições históricas de produção do discurso. O texto, em seu aspecto formal, não pode ser investigado independentemente das práticas de sua produção, assim

¹⁶ O enunciado é concebido como unidade de comunicação e de significação, necessariamente contextualizado. Na teoria bakhtiniana, o sentido do enunciado só pode acontecer e, conseqüentemente, ser analisado porque existe uma situação extraverbal implicada no verbal, incluindo aí interlocutores que se conhecem, compartilham universos, conhecimentos, pressupostos e sentimentos. Para Bakhtin, o enunciado é compreendido levando-se em conta três fatores: a) o horizonte espacial comum dos interlocutores (a unidade do visível); b) o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores; e c) sua avaliação comum dessa situação (BRAIT; MELO, 2005).

como também não pode estar alheio à organização de uma formação ideológica. O que remete novamente à “interpretação” desses indícios textuais a partir da história (enquanto ciência), num movimento crítico de ir e vir analítico, que pressupõe interação e dialética e descarta determinismos.

Destarte, cabe neste trabalho de pesquisa um diálogo com os historiadores¹⁷, com destaque aos trabalhos de Roger Chartier que, na visada da história cultural vai defender que seu principal objeto é identificar “o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (1990, p. 17).

É a partir dessa perspectiva que a inserção da palavra interpretação (que aparece entre aspas) busca marcar um distanciamento em relação à perspectiva hermenêutica. “Compreender na sua historicidade as apropriações que se apoderam das configurações textuais exige o rompimento com o conceito de sujeito universal e abstracto tal como o utilizam a fenomenologia e, apesar das aparências, a estética da recepção (CHARTIER, 1990, p. 25).

Outro historiador engajado na história dos discursos é Michel Foucault. Sua aventura arqueológica traz relevantes questões ao processo mesmo de recontar a história. Para o autor, toda a análise deve partir da descontinuidade, das rupturas, das transformações do sentido e do acontecimento (2008).

A partir de sua leitura “[...] vê-se então, o espraio de todo um campo de questões – algumas já familiares [...]: como especificar os diferentes conceitos que permitem avaliar a descontinuidade [...]? Através de que critérios isolar as unidades com que nos relacionamos: O que é *uma* ciência? O que é *uma* obra? O que é *uma* teoria? O que é *um* conceito? O que é *um* texto?” (Ibidem, p. 6, grifos do autor).

¹⁷ É importante destacar a esse respeito os trabalhos sobre a imprensa realizados pela historiadora brasileira Maria Helena Rolim Capelato, os estudos sobre o cotidiano, de Michel de Certeau, os estudos do imaginário realizados por Sandra Jataí Pesavento e Bronislaw Baczko e o discurso sobre a História, de Walter Benjamin. Além disso, serão utilizados trabalhos sobre a história do Espírito Santo, a serem tratados em capítulos posteriores, que serão identificados em nomes como Marta Zorzal e Silva, Gabriel Bittencourt e João Gualberto Vasconcellos.

1.2 O percurso do método

Parece ter se tornado uma constante no que se refere ao campo da análise do discurso, em especial, nesta que convencionou-se chamar de AD francesa, a discussão a respeito de seu próprio modelo de análise. Basta uma olhada na obra de autores franceses e brasileiros para ver que o esforço exaustivo de expor a metodologia usada nas análises ocupa parte central de seus trabalhos.

Esse debate, que se desenvolveu, sobretudo, entre os anos de 1960 e 1980 tinha como objetivo posicionar o pesquisador em relação a seu objeto e fazer a defesa de seu método enquanto científico, já que o mesmo ainda era incipiente e estava restrito aos círculos acadêmicos mais voltados à linguística. Hoje, estabelecido enquanto metodologia e enquanto campo dentro das ciências da linguagem, não carece mais de uma defesa intransigente.

Por outro lado, é importante, a partir do ponto de vista científico, retomar algumas questões que estão – pelas características a elas inerentes – sempre abertas; questões cujas pontas estão sempre passíveis de serem desnoveladas (para usar a metáfora de um rombo). Não se trata, no entanto, de uma defesa do método ou do campo, hoje já cristalizados, mas de elaborar uma operação crítica, que na opção teórico-metodológica aqui estabelecida se encontra como umas dessas questões inerentes ao próprio campo.

Nesse sentido, os trabalhos de Foucault (2002), para quem a própria ciência e o discurso da cientificidade têm também uma historicidade, são fundamentais. Segundo ele, há um percurso que marca a “passagem” de um tipo de verdade/prova (baseada em rituais) para uma verdade/constatação (baseada no método científico), e estabelece o estatuto da ciência enquanto verdade. A Idade Média é o período dessa passagem, mas é somente no auge do racionalismo, na Idade Moderna, que se torna potente o discurso da ciência enquanto instituição. Como tal, a ciência possui “regimes” que limitam não só os procedimentos como também as regras de produção dos “enunciados que são aceitos como cientificamente verdadeiros” (ibidem, p. 4).

Ora, na AD francesa existem os regimes de procedimentos, mas pela própria dinâmica do campo na qual se insere, o das ciências da linguagem, esses limites nunca são estáticos e impassíveis de mudanças; ao contrário, estão sempre à mercê da própria dinâmica da língua. Em tempo, vale ressaltar que a própria Análise do Discurso foi transformada ao longo dos anos, tendo sido considerada, a partir de diferentes momentos históricos, filiações políticas e estratégicas metodológicas e com isso, sendo posteriormente diferenciada em três modelos; ou como “as três épocas” da Análise do Discurso¹⁸. Não por acaso, os estudiosos da AD francesa estão sempre dispostos a defender a variabilidade do método – que nunca é igual nas pesquisas –, sempre construído em relação direta ao objeto a ser estudado. É essa variabilidade do método, sempre disposto a ser construído junto à constituição de um *corpus*, que, muitas vezes, abre uma fenda na “ordem da cientificidade”, pois permite à crítica incidir não apenas sobre o objeto analisado, como também sobre o método desenvolvido para descrevê-lo.

Em outras palavras, a adoção da AD francesa como metodologia de pesquisa envolve uma série de escolhas teóricas e práticas que implicam – pela especificidade de sua própria existência – uma autoconstrução e uma autocrítica. Jean-Jacques Courtine, ao debater esse assunto, chegou mesmo a cogitar o fato de a “escolha” do uso da AD francesa em pesquisas acadêmicas significar de fato uma “escolha” política, que extrapola, se é que se pode dizer assim, o próprio campo da suposta cientificidade acadêmica. Existiria, portanto, uma “relação das práticas de análise do discurso político com a prática política”, ou seja, uma certa “política da Análise do Discurso” (2009, p.125-133, *passim*).

Pêcheux já havia explanado a esse respeito ao afirmar que “não se trata de intervenções meramente técnicas: uma certa maneira de tratar os textos está

¹⁸ A referência deste trabalho, ainda que englobe pontos em comum dessas três épocas, está centrada na terceira fase da AD. Isso implica dizer que, do ponto de vista epistemológico, houve um rompimento com as noções de homogeneidade de *corpus* e de maquinaria discursiva, ou seja, a visão de que os traços são pertinentes a uma exclusiva formação discursiva que o domina; houve inserção da noção de heterogeneidade constitutiva do discurso, ou seja, o discurso é sempre atravessado por um *outro* e o “ego-eu” nunca é origem do discurso; e, do ponto de vista metodológico, a AD-3 busca não separar a análise linguística da discursiva, como era feito na AD-1, o que incide sobre uma reconfiguração do *corpus* no interior mesmo da pesquisa, uma espécie de *ir e vir* que não o deixa se fechar estruturalmente; a análise deixa de ser linear e passa a se constituir em espiral (PÊCHUEUX, 1993). Ao longo do trabalho essas questões serão abordadas.

inextrincavelmente ligada a uma certa maneira de fazer política [...]” (1977, p.2). O objetivo deste trabalho não é aceder a esse debate, historicamente postulado no enfrentamento de uma visão positivista da ciência, mas inserir, na escolha do método e do objeto analisado, uma pausa autocrítica que permita reconhecer no trabalho as dificuldades encontradas, sobretudo, no que tange à constituição de um *corpus* de pesquisa, sem, com isso, destituí-lo de sua cientificidade.

A tarefa do pesquisador (de modo geral), neste caso, não é a de impedir a abertura de uma fenda na cientificidade, ou acobertá-la dentro das próprias tramas da linguagem. Ao contrário, é fazer dessa abertura uma oportunidade para revelar o aparato que está conduzindo a construção do discurso científico, deixar emergir os conceitos, as estratégias, deixar emergir do discurso científico justamente o que não se permite aparecer no discurso que está sendo analisado, ou seja, suas formações discursivas e sua formação ideológica. Assim, cabe ao pesquisador apresentar o caminho trilhado durante a pesquisa e realizar um constante exercício de autocrítica.

Assim, o que faz um trabalho científico, entre outras coisas, é o fato de apresentar com exaustividade e clareza o seu método. Descrever os passos, apresentar os conceitos e suas filiações ideológicas. O distanciamento se dá, portanto, não pela objetivação, mas pela autocrítica, pois a ciência não é campo neutro como pretendiam os positivistas; ela está sempre também engendrada em relações de força e poder, que buscam, a cada período histórico, construir ou manter sua hegemonia.

Destarte, o que se objetiva com a pesquisa não é buscar uma verdade escondida por trás dos discursos referidos, mas encontrar na sua materialidade discursiva os sentidos que estão sendo construídos, postos a *vir a ser* na história, na instância de um acontecimento. Ainda que, ao inscrevê-lo em um *corpus*, sempre se corra o risco de absorver o acontecimento do discurso numa série já dada.

Não se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos [...] (PÊCHEUX, 2006, p. 56).

Nas ciências, as posições críticas a um motivo que busca encontrar a verdade *por trás* dos discursos movimentaram a produção ao longo do último século, sobretudo, nas ciências humanas e sociais. Foucault foi um dos importantes filósofos a lançar luz sobre essa suposta universalidade da verdade ao estabelecer que ela não existiria fora do poder ou sem poder. Para ele, a verdade é uma construção do discurso, historicizável, na medida em que depende das relações sociais em jogo em cada sociedade que a constrói.

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2002, p.12).

A desconstrução da ideia da verdade também encontra rebatimentos no campo das ciências humanas a partir das formulações do campo da psicanálise, pois vem daí a constatação da incapacidade de se apreender o “real” como um todo homogêneo e universal, que independe das posicionalidades do sujeito que se dispõe a apreendê-lo.

Tais considerações acabam por também realocar o pesquisador (de modo geral) na sua posição de sujeito historicamente constituído, cujas relações com o simbólico não poderiam ser abstraídas do objetivo científico. Em última análise, tal crítica aponta para a própria obliquidade da ideia de verdade, sendo essa desvelada como uma construção que se faz deste “real” inapreensível e, portanto, sempre mediada por um campo simbólico.

1.3 O percurso do objeto

Conforme já mencionado, esta pesquisa possui dois objetivos: um diz respeito a como se constrói o discurso do progresso; o outro é discutir o próprio jornalismo como um discurso legitimado e legitimador. É muito comum atribuir ao jornalismo um “lugar” das respostas ou, até mesmo, da “verdade”, ainda que tal conceito esteja em crise na contemporaneidade. Ainda assim, o jornalismo garantiu para si a responsabilidade de

narrar a história, de contar a versão dos fatos, o que o coloca em posição social privilegiada. Isso ocorre não apenas pelo lugar institucional que o jornalismo ocupa na sociedade, mas também pelo próprio discurso que o jornalismo atribui a si mesmo e, nesse caso, é comum detectar que tal discurso se ampare na propaganda da credibilidade.

Ao comentar a questão da eficácia simbólica, ou seja, como as produções simbólicas encontram aderência no corpo social, Bourdieu afirma que “a eficácia simbólica das palavras se exerce apenas na medida em que a pessoa-alvo reconhece quem a exerce como podendo exercê-la de direito [...]” (2008, p. 95). O leitor reconhece no jornalismo o lugar da autoridade que é constituído por seu próprio discurso.

Mas o jornalismo é também o “lugar” onde operam outros discursos. O discurso de legitimidade de outros saberes, outros conhecimentos, que aparecem quase sempre atrelados à fala de especialistas, sejam eles do campo da política, economia, cultura, ou ligados ao meio ambiente, à saúde ou à família. O discurso jornalístico teria, portanto, importância relevante na construção de realidades, na medida em que atua com alguns princípios básicos que lhe conferem um caráter de legitimidade e de propagador de verdades. Há, portanto, um entrecruzamento de duas práticas: a jornalística e a histórica. O jornalismo ocupa na contemporaneidade esse “lugar” onde as narrativas são construídas.

Durante a construção do objeto e a partir das primeiras aproximações, foi possível perceber, por exemplo, que a respeito do discurso do progresso, objeto primeiro desta pesquisa, é possível encontrar algumas regularidades discursivas no jornalismo que permitem a construção de uma (ou várias) teia de sentidos sobre o tema. Isso não ocorre por acaso. O jornalismo atua articulando o presente imediato com uma *memória discursiva*. Lembrando aqui que a memória está sendo entendida nos termos definidos por Pêcheux, ou seja, “não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas [...]” (2007, p.50).

Se, por um lado, a memória discursiva é condição imprescindível à compreensão dos sentidos no texto, por outro, o jornalismo tenta reafirmar, a todo o tempo, a sua

qualidade do “novo”. O discurso da novidade prega a existência de fatos todos os dias renovados, num *continuum* do presente sempre a nos interpelar em direção a um futuro.

Articular todos esses conceitos e métodos em busca de identificar o sentido construído pelos textos dos jornais não foi tarefa das mais fáceis. A própria composição do *corpus* – conforme discussão no item anterior – induziu a um constante trabalho de reapropriação do objeto e também da teoria. A princípio, havia sido feita a opção metodológica de delimitar a amostragem entre o mês de setembro de 2002, período referente ao processo eleitoral, e o mês de outubro de 2006, final de outro período de eleições. A ideia, neste caso, não era se atentar ao debate político-eleitoral que estava sendo travado tanto em âmbito regional quanto nacional, na medida em que esse não é o foco da pesquisa, mas ver, por meio da análise do discurso jornalístico, que tipos de perspectivas futuras estavam sendo pautadas nos cadernos de Economia, tendo em vista que a escolha de novos governantes pressupõe alterações – profundas ou não – no setor econômico.

No entanto, ao longo do processo de coleta do material da amostragem foi ficando evidente que a opção de focar em apenas quatro meses do ano de 2002 e em dez meses do ano de 2006 não era acertada, pois poderia incorrer em desvios na contagem final do material a ser analisado. Ainda que a quantificação do *corpus* não seja uma opção metodológica, optou-se por selecionar a amostragem em anos “cheios”, eliminando-se assim o ano de 2002 e passando-se a contar apenas de 2003 em diante.

Foram escolhidos os anos de 2003 a 2006 para análise por se tratar de um período bastante significativo no que tange ao discurso do progresso no Estado do Espírito Santo. Em parte, pelas mudanças que ocorriam no cenário local, que culminaram, em outubro de 2002, na eleição de Paulo Hartung (à época do PSB) a governador; e em parte pelas mudanças que ocorriam no cenário nacional com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) a presidente, no mesmo ano. A análise foi realizada a partir dos cadernos de Economia dos jornais *A Gazeta* e *A Tribuna* no período descrito.

A amostragem foi tomada de maneira aleatória, a partir de uma sequência numérica, da seguinte forma: inicia-se com a quinta-feira¹⁹ e seguem-se cronologicamente os dias da semana – sexta-feira, sábado, domingo e assim por diante –, para cada mês, a partir de janeiro de 2003. Para saber qual dia do mês seria selecionado, adotou-se a sequência numérica de 1 a 4. Assim, seguiu-se a sequência, começando com a 1ª quinta-feira do primeiro mês analisado; depois a 2ª sexta-feira do mês seguinte; o 3ª sábado do mês posterior e o 4ª domingo do outro mês; em seguida, reiniciando do 1, tem-se a 1ª segunda-feira do mês subsequente e assim sucessivamente²⁰.

Ainda que a maioria dos meses possuam 5 (cinco) semanas incompletas, a divisão do número de dias do mês (30 dias) por 7 (dias da semana) é mais próximo de 4 (28). Logo, optou-se por utilizar a sequência de 1 a 4 para evitar os espaços vazios. Se fosse usada a variante de 1 a 5, em muitos casos, o 5º dia seria inexistente naquele mês. Por exemplo, a 5ª quinta-feira do mês de março de 2003 não existiu, logo, ela haveria de ser substituída por algum outro dia da sequência, o que poderia gerar confusão na análise.

Com esta amostragem chegou-se ao total de 48 meses. Tendo em vista que o objeto da análise é composto por dois jornais diários, *A Gazeta* e *A Tribuna*, tem-se, num primeiro momento, uma amostragem composta de 96 exemplares de jornal²¹. A escolha desses jornais se deve ao fato de que, ainda que nos dias atuais o Espírito Santo possua uma safra crescente de jornais impressos diários, *A Gazeta* e *A Tribuna* continuam sendo os dois grandes jornais do Estado, pois circulam diariamente em todos os municípios e em cidades do interior de estados limítrofes. Os cadernos de Economia foram escolhidos porque pela hipótese da pesquisa é neles que o discurso do progresso é constantemente reiterado, ainda que o enunciado concreto *progresso* não seja frequente.

A partir da delimitação de uma amostragem aleatória, que seguiu uma ordem numérica e não um critério preestabelecido relativo aos temas encontrados, a proposta foi

¹⁹ Optamos por iniciar na quinta-feira por se tratar do dia 2 de janeiro de 2003, fugindo assim de iniciar no dia 1º, tendo em vista o Dia da Confraternização Universal.

²⁰ Cf. APÊNDICE A – Tabela da Amostragem

²¹ Havia ainda, no campo do jornalismo impresso, 27 jornais produzidos no interior do Estado, embora sem periodicidade constante, além do “Jornal Metropolitano”, distribuído na Grande Vitória a cada quinze dias.

então partir para a delimitação de um *corpus* composto por notícias jornalísticas do tipo *hardnews*. Também foram selecionadas entrevistas, quando essas estavam relacionadas a alguma matéria analisada. Notícias curtas, colunas laterais e artigos de opinião foram desconsiderados.

A escolha desse material, no entanto, não foi realizada de forma aleatória, tendo em vista que os cadernos de economia são compostos por temas bastante heterogêneos. Em geral, os cadernos de economia pautam questões que englobam desde *variações de bolsas e câmbios, tributações e arrecadação estatal, incentivos fiscais a empresas, exportação e importação*, até matérias de serviços ou mais relacionadas a comportamento, como por exemplo, *como se preparar bem para entrevistas de emprego, que tipos de negócio estão em alta, onde aplicar o seu dinheiro*, entre diversos outros temas.

Em vista disso, ficaria inviável fazer uma seleção aleatória, na medida em que algumas matérias, provavelmente, não apontariam para questões que subscrevem o objetivo principal desta pesquisa, a saber, entender como o jornalismo constrói o imaginário do progresso. E a composição de um *corpus* de pesquisa incorpora uma hipótese sobre a existência de uma ou mais formações discursivas (PÊCHEUX, 1969).

Nas palavras de Courtine

[...] a constituição de um corpus discursivo é, de fato, uma operação que consiste realizar, por meio de um dispositivo material de uma certa forma [...], hipóteses emitidas na definição dos objetivos de uma pesquisa. [...] A partir daí realizar uma extração, que consiste primeiramente em delimitar um ‘campo discursivo de referência’ (2009, p. 54).

Por isso, o caminho de delimitação do *corpus* teve início com a realização da leitura de todo o material da amostragem – ao todo, 987 matérias selecionadas²² – e, a partir dessa leitura, foi possível estabelecer uma relação dos materiais que estavam circunscritos numa determinada condição histórica de produção do discurso e, conseqüentemente, passível de ser delimitada dentro de um “campo discursivo de referência”.

²² Cf. APÊNDICE C – Todas as matérias.

A partir de uma primeira aproximação ao objeto da análise, optou-se por escolher as matérias e entrevistas levando-se em conta os seguintes critérios: as matérias deveriam ter sido escritas por jornalistas do Espírito Santo; deveriam possuir uma abordagem dos temas estruturais do Estado; precisavam envolver, nos temas propostos, enunciados eufóricos; deveriam ter pelo menos um dos enunciados concretos: crescer, crescimento, desenvolvimento, aumento, entre outros que porventura se expressassem.

Na medida em que a operação de constituição do *corpus* foi sendo realizada, foram sendo encontradas dificuldades em diversos níveis. Uma delas relacionada ao processo de homogeneização do material a partir da sintaxe, tendo em vista que os dois veículos estudados possuem formas diferentes de enunciar, o que se reflete na sintaxe das frases e na formação dos sintagmas de crescimento que seriam analisados.

J.-J. Courtine realiza, a respeito disso, uma releitura das teses de Foucault, particularmente sobre a noção de formação discursiva, inicialmente apresentada em *Arqueologia do saber*. Em relação às posições subjacentes à Análise automática do discurso em sua versão original (1969), que implicava brutalmente uma homogeneidade do corpus discursivo enquanto fundamento do reproduzível, tal releitura salienta o fato de que o caráter reproduzível do enunciado, com as consequências que disso resultam quanto ao efeito de identidade de sentido associado à paráfrase, não deve ocultar a heterogeneidade estrutural de qualquer formação discursiva (PÊCHEUX, 2008, p. 23, nota de rodapé).

A esse respeito é preciso estabelecer uma pausa crítica. Segundo Courtine, durante anos a homogeneidade do *corpus* foi um critério fundamental em AD²³, ao lado da exaustividade e da representatividade. Ao estabelecer uma leitura de a *Arqueologia do Saber* de Foucault, foi que se permitiu romper com o postulado da homogeneidade.

²³ Refere-se precisamente à primeira fase da Análise do Discurso, em especial do método desenvolvido por Michel Pêcheux denominado Análise Automática do Discurso ou, como ficou conhecida, AAD-69. Nesta que se convencionou chamar AD-1 (primeira fase), o processo de produção discursiva era concebido como “uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma” na qual os sujeitos eram absolutamente determinados pela estrutura. Nesta concepção, os traços do discurso eram vistos como “dominados por uma, e apenas uma, máquina discursiva”. O *corpus* era fechado e dominado por “condições de produção homogêneas” (PÊCHEUX, 1993, p. 311-315, passim).

Isso permite dizer que, no plano da constituição de *corpus*, a inscrição de um enunciado num conjunto de formulações – como “um nó em uma rede” – deverá ser caracterizada a partir de uma pluralidade de pontos, constituindo, ao redor de sequências discursivas tomadas como ponto de referência, uma rede de formulações extraídas de sequências discursivas, cujas condições de produção serão, ao mesmo tempo, homogêneas e heterogêneas em relação à sequência discursiva de referência (COURTINE, 2009, p. 90, grifo do autor).

Buscou-se então inserir um recorte objetivo na seleção dos materiais, selecionando apenas as matérias principais de cada edição. Tais matérias encontravam-se em destaque no topo da página com fonte tipográfica maior nas manchetes e eram seguidas por linha-fina explicativa. De cada dia buscou-se escolher pelo menos uma matéria dentro da temática estabelecida.

Duas foram as dificuldades. A primeira diz respeito ao fato de que, em alguns dias, não foram encontradas matérias dentro do padrão estabelecido e, em outros, o número de matérias era superior a dois. Além disso, houve também a dificuldade referente às diferenças encontradas em cada jornal, que possuem formas distintas de enunciar o que é principal e o que é secundário em cada edição. Um bom exemplo está no jornal *A Gazeta*, que introduziu uma mudança na diagramação no ano de 2004²⁴, que será melhor apresentada nos capítulos seguintes.

Além disso, ainda que houvesse uma tentativa de inserir um recorte objetivo na seleção do material, a partir das tipografias diferenciadas, ficava cada vez mais evidente, com as leituras do material da amostragem, que esse não era um caminho produtivo para se construir um objeto em AD. Isso ocorre porque a própria natureza e a forma dos materiais recolhidos são eminentemente variáveis.

²⁴ Dentre as matérias analisadas, a partir da edição do dia 13 de junho de 2004 começam as mudanças. Na edição de 19 de julho de 2004, a editoria de Economia já aparece em caderno separado do primeiro caderno do jornal. As fontes tipográficas do título do caderno estão em azul, os títulos em fonte tipográfica, em tamanho bem maior e em negrito. Houve inclusão de linha-fina em quase todas as matérias. Assim, as matérias principais continuaram sendo selecionadas a partir do critério de fonte tipográfica diferenciada no título, geralmente no topo da página. A partir daqui as matérias passam também a vir acompanhadas de chapéu. Dentro do caderno de economia foi criada também uma seção específica sobre Agronegócio. Mesmo as matérias maiores de infraestrutura nacional começaram a ser escritas por jornalistas capixabas.

Outra dificuldade estava ligada ao próprio método de seleção a partir do uso de termos-pivôs que seriam buscados aleatoriamente em todo o material coletado. Segundo Courtine (2009), é preciso tomar certas precauções na utilização desse método, na medida em que ele tende a se basear exclusivamente num *a priori* do analista; seria, portanto, um “procedimento manufaturado”.

A seleção sob a forma de um termo-pivô de um tema de discurso é, portanto, de fato, uma questão que visa a identificar no discurso um elemento determinado com base em um saber definido *a priori*. O procedimento corre o risco, assim, de encerrar-se na circularidade (COURTINE, 2009, p. 155).

Havia ainda a dificuldade de, depois da seleção das matérias a partir dos termos-pivôs já indicados, acomodá-las em subcategorias que permitissem constituir o campo discursivo de referência. Essa dificuldade ocorreu porque a palavra *crescimento* – enunciado concreto de referência – aparecia tanto em matérias relativas à macroeconomia quanto em matérias do tipo *fait divers*²⁵ que pouco interessavam ao objetivo da análise.

Diante das dificuldades encontradas, optou-se então por fazer um caminho inverso que permitisse reconstituir as condições de produção do discurso, a partir do qual a análise se estabeleceria²⁶. Foi seguida então a indicação de Courtine (2009, p. 55), segundo a qual é a própria condição de produção que estabelece a composição do “corpus à maneira de um funil, ou melhor, de um filtro que opera por extrações sucessivas [...]”. E assim chegou-se às matérias do caderno de Economia cujas temáticas remetem à cadeia produtiva do petróleo e do gás natural no Estado do Espírito Santo.

A busca das matérias que citavam de alguma forma a cadeia produtiva do petróleo e do gás natural foi realizada tendo como ponto de partida a temática das manchetes. Na sequência, buscou-se, com a leitura do material, identificar o que qualificava tal matéria dentro da temática abordada.

²⁵ Termo em francês que não possui tradução direta ao português e significaria, portanto, “fatos variados”. É geralmente usado para determinar as matérias que não se enquadram em editorias específicas já nomeadas, mas se constituem em variedades.

²⁶ Sobre as condições históricas de produção do discurso, ver Capítulo 3.

É bom salientar que esse processo só foi possível a partir da leitura – ainda que superficial – de todas as 987 matérias previamente selecionadas. Com isso, evitou-se, por exemplo, a utilização de termos-pivôs escolhidos *a priori*. Ao contrário, a partir da leitura pôde-se identificar quais eram as palavras que de alguma forma enunciavam a presença da temática. São elas: *petróleo*, *petrolífera*, *Petrobras*, *petroleiros*, *gás*, *gasoduto*, *óleo*, *oleoduto*, *combustível (eis)* e *royalties*.

Essa foi uma forma de buscar a constituição de um campo discursivo de referência, a partir do qual se poderia partir em busca do objetivo da pesquisa. Mas tal método também não está livre de desvios. Um deles ocorre, por exemplo, em matérias que citam alguns dos enunciados descritos acima, mas que não possuem a cadeia produtiva do gás e do petróleo como eixo central. Nesse caso, podem ser sobre aumento de arrecadação de impostos, aumento no preço dos combustíveis, ou sobre outras cadeias produtivas que se entrecruzam na dinâmica econômica que está sob análise (álcool combustível, minério de ferro etc.).

Além disso, algumas matérias, apesar de fazerem referência direta ao setor de combustíveis, não foram selecionadas por não apresentarem nenhum enunciado concreto que referenciasse a temática. É o caso, por exemplo, da matéria *TA Oil acusou Governo passado* (AG, 06.01.2004). Além de não trazer enunciados que evidenciassem a presença do tema abordado, a matéria questionava muito mais o aspecto político do fato de a empresa em questão sonegar impostos no Estado do que o aspecto econômico.

O mais importante, nesse caso, é que o *corpus* se estabelece em relação indissolúvel com as condições históricas de produção do discurso em que se encontra. A partir daí, pôde-se quantificar as matérias que abordavam a temática e estabelecer relações diacrônicas com os anos, ainda que a comparação entre eles não seja o foco da análise.

No total, 123 matérias estavam relacionadas à cadeia produtiva do petróleo, gás natural e derivados entre os anos de 2003 e 2006²⁷. Dessas, 31 foram descartadas por serem matérias de abrangência nacional, em sua maioria escritas por jornalistas de outros estados

²⁷ Cf. APÊNDICE B – Cadeia produtiva do petróleo e gás.

e de agências e reproduzidas na íntegra nos jornais regionais. Ficaram, portanto, 92 matérias regionais, dentre as quais 18 – sendo nove de cada jornal – foram selecionadas de forma diacrônica para constituírem o *corpus* de análise.

O critério usado para selecionar as 18 matérias foi o fato de apresentarem nas manchetes um tipo de construção sintática da frase que trazia o Estado do Espírito Santo ou a cadeia produtiva do petróleo e gás natural como sujeito²⁸ da proposição. Todas as matérias selecionadas são matérias principais dentro da editoria de Economia, o que representou um recorte formal na composição do *corpus*.

Conforme afirma Courtine,

[...] localização das [formulações de referência] deve efetuar-se, além do mais, na base de critérios formais, isto é, lingüísticos, que possam permitir uma determinação unívoca e justificar a segmentação das sdr [sequência discursiva de referência] que se opera necessariamente durante essa localização (2009, p.116).

Além disso, a seleção foi feita de modo que cada um dos quatro anos pudesse ter pelo menos duas matérias no *corpus* de análise.

Assim, tomaram-se como seleção para o *corpus* as seguintes matérias do jornal *A Gazeta*:

Tabela Nº 1 – Jornal A Gazeta

JORNAL A GAZETA			
NÚMERO	TÍTULO	DATA	PÁGINA
AG-1	Petrobras investe 600 milhões no ES	27/04/2003	Pág. 10
AG-2	Petrobras triplica produção no Estado	10/06/2003	Pág. 9
AG-3	Indústria do petróleo abre mercado para capixabas	24/08/2004	Pág. 11
AG-4	ES tem recorde de receita e volta a investir em 2005	25/12/2004	Pág. 11
AG-5	Petróleo muda perfil dos investimentos no Espírito Santo	02/01/2005	Pág. 18
AG-6	Estado aposta na energia limpa do gás natural para o futuro	28/08/2005	Pág. 24
AG-7	Petróleo incrementa turismo em Linhares	16/11/2005	Pág. 17
AG-8	Petróleo abre novo corredor de progresso no Estado	08/10/2006	Pág. 21
AG -9	Estado se torna referência no setor de cargas	20/11/2006	Pág. 15

²⁸ A única exceção é a matéria do jornal A Tribuna, *Linhares é o 6º do País em móveis* (AT, 16.11.2005). Nesse caso foi necessário selecionar uma matéria que não tinha o Estado ou a cadeia produtiva de petróleo e gás natural como sujeito da sintaxe da frase em virtude da pouca quantidade desse tipo de matéria encontrada em 2005. Ainda assim, acredita-se que a matéria selecionada, por colocar o município de Linhares numa equiparação nacional, não trouxe prejuízo à análise que foi feita.

Já do jornal *A Tribuna* foram selecionadas as seguintes matérias:

Tabela Nº 2 – Jornal A Tribuna

JORNAL A TRIBUNA			
NÚMERO	TÍTULO	DATA	PÁGINA
AT-1	Decisão sobre royalties na 2ª	14/02/2003	Pág. 23
AT-2	Petrobras explora novos poços	10/06/2003	Pág. 21
AT-3	Petrobras prepara 30 poços	05/09/2003	Pág. 23
AT-4	Refinaria sai em junho	23/04/2004	Pág. 26
AT-5	Estado na frente de novo	25/12/2004	Pág. 18
AT-6	Linhares é o 6º do País em móveis	16/11/2005	Pág. 28
AT-7	Plataforma chega ao Estado em abril	22/12/2005	Pág. 33
AT-8	Produzir mais e melhor	24/04/2006	Pág. 13
AT-9	Estado atrai novos negócios	08/10/2006	Pág. 28

1.4 Plano da Pesquisa

A pesquisa está dividida em quatro capítulos, além dos capítulos de introdução e considerações finais. Neste capítulo de Introdução buscou-se apresentar a pesquisa em si, o *corpus* de análise, os lugares de onde a pesquisadora partiu para interrogar o objeto em questão e o arcabouço teórico-metodológico que lhe permitiu fazer tais interrogações, sendo realizada uma revisão bibliográfica dos conceitos. Ainda neste capítulo, foram apresentados os conceitos e categorias principais que foram operacionalizados no trabalho. Dentre os quais, é possível citar os conceitos de formação discursiva, discurso, interdiscurso, memória discursiva, formação ideológica, entre outros.

A partir daí é possível seguir em direção ao Capítulo 1, no qual estão apresentadas as análises descritivas do material selecionado para o *corpus* da pesquisa. Neste capítulo também encontram-se discriminadas as categorias da Pragmática que corroboraram com a descrição da materialidade linguística do *corpus*. Os recursos à Pragmática foram necessários, sobretudo, para mapear nos textos em questão aquelas operações que são da ordem da língua. Em outras palavras, “restituir algo do trabalho específico da letra, do símbolo, do vestígio” (PÊCHUEX, 2006, p. 45). Nesse capítulo também se apresenta uma breve história dos jornais que estão sendo analisados, do ponto de vista de suas constituições enquanto instituições sociais de prestigiado valor.

O Capítulo 2 traz um debate sobre o discurso, mas não qualquer discurso, e sim o discurso do jornalismo. Esse, por sua vez, entendido como instituição social legitimada para contar os fatos e construir verdades. Isso será feito por meio do debate das coerções propriamente inscritas no campo e no gênero jornalístico. O primeiro estando assentado na premissa sociológica de que um campo é apenas existente na condição de ser uma atividade tipicamente humana, ou seja, de se estruturar enquanto relação de produção e de circulação; e o segundo, na premissa discursiva de que cada discurso constitui um gênero, condição essencial para sua materialidade e para sua construção de sentido. Neste capítulo já serão possíveis as verificações primeiras daquilo que emerge dos jornais analisados, sobretudo, do ponto de vista da construção dos lugares de legitimação no discurso, operados pela inserção do discurso do outro.

No Capítulo 3 foi possível apresentar as formações discursivas nas quais os discursos encontrados estão inseridos. Com isso serão apresentados os primeiros resultados do ponto de vista do interdiscurso, ou seja, da teia de sentidos que se estabelece em tomo vertical. Nele é possível distinguir, a partir das descrições linguísticas realizadas no Capítulo 1, os processos discursivos que são realizados no interior dos jornais e como, por exemplo, algo que aparece inscrito nas páginas dos jornais constrói uma imagem sobre a sociedade capixaba. Na mesma linha, o Capítulo 4 buscará, na articulação das formações discursivas distintas e com contradições próprias, entender como elas operam um determinado imaginário social, distinguido nesta pesquisa como sendo o imaginário social do progresso no Espírito Santo.

Em ambos os capítulos, buscou-se, a partir do contexto sócio-histórico, das relações de paráfrases discursivas e da articulação com as memórias sociais presentes nos discursos, encontra os implícitos e pré-construídos, estabelecer “esse discurso-outro, enquanto presença virtual na materialidade descritível da sequência”, que marca, “do interior desta materialidade, a insistência do *outro* como lei do espaço social e da memória histórica, logo como o próprio princípio do real sócio-histórico” (PÊCHEUX, 2006, p. 55).

Com isso, esse trabalho será fechado com algumas possíveis proposições, que não se pretendem, no entanto, conclusivas, mas que destacam e reconhecem, nos caminhos realizados, elementos disponíveis para se buscar interpretar a “realidade” a partir dos discursos que circulam no interior de uma sociedade. Em outras palavras, “se pôr na escuta das

circulações cotidianas, tomadas no ordinário do sentido”, conforme Pêcheux, e inferir a partir delas outras complexas relações de sentido, que também se põem em circulação. Aponta-se, à guisa de uma conclusão, outros caminhos, ou outros sentidos que poderiam ter sido construídos, mas que, se não o foram, foi apenas porque “as coisas-a-saber” não são jamais “transcendentais históricos”, mas “sempre tomadas em redes de memória”, dando lugar a “filiações identificadoras” (Ibidem, p.48-54, *passim*), que neste caso são as da própria analista.

CAPÍTULO 1

PRÉ-VIAS DE LEITURAS: PRIMEIROS OLHARES

*Em suas águas, ele rola e dispersa as obras,
antigamente insulares, hoje mudadas em gotas d'água
no mar, ou em metáforas de uma disseminação da
língua que tem mais autor, mas se torna o discurso ou
a citação indefinida do outro.*

O processo de análise partiu de uma concepção inscrita na análise do discurso, segundo a qual os sentidos que se conjuram – tanto no eixo horizontal (intradiscurso), ou nível da formulação, quanto em relação com o eixo vertical (interdiscurso), ou nível do enunciado – apresentam-se enquanto materialidade discursiva, portanto, são visíveis na superfície linguística²⁹ do texto. Sendo assim, a partir do quadro teórico epistemológico apresentado no capítulo de Introdução, buscou-se nesta parte do trabalho trazer informações sobre as matérias analisadas, descrevendo-as em sua materialidade discursiva.

Esse nível de descrição é aquele ao qual habitualmente nos referimos pelas noções de “fio do discurso”, “coerência textual”, “estratégias argumentativas”..., e que suscita análises em termos de correferência, tematização e progressão temática, inferências pressuposicionais, conexões interfrásticas, etc. Acrescentaremos que se trata, para nós, do lugar onde se manifesta o *imaginário* no discursivo, isto é, onde o sujeito enunciator é produzido na enunciação como interiorização da exterioridade do enunciável (COURTINE, 2009, p. 102).

A descrição buscou penetrar nessa materialidade discursiva, a fim de deixar emergir não somente as condições históricas que propiciaram a produção do discurso, como também os mecanismos pelos quais, na construção discursiva, operam formações

²⁹ “[...] entendida no sentido de sequência oral ou escrita de dimensão variável, em geral superior à frase. Trata-se aí de um 'discurso' concreto, isto é, do objeto empírico afetado pelos esquecimentos 1 e 2, na medida mesmo em que é o lugar de sua realização, sob a forma, coerente e subjetivamente vivida como necessária, de um dupla ilusão” (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, P. 180).

ideológicas sempre constitutivas no “já ali presente” do interdiscurso e se fazem presentes na formação discursiva que está operada naquela construção.

Para tanto, foi necessário introduzir ao trabalho de análise alguns recursos da Pragmática, sobretudo, aqueles trazidos pelos trabalhos de Fiorin (2008) e Barros (2008) que pudessem dar conta de abordar o enunciado da superfície linguística ao objeto discursivo³⁰. Dentre as categorias definidas por esses autores, estão as de anterioridade e posterioridade³¹ e de euforia e disforia.

A respeito da categoria de anterioridade e posterioridade, Fiorin destaca que “quando o falante toma a palavra, instaura um *agora*, momento da enunciação [...] Esse agora é, pois, o fundamento das oposições temporais da língua” (2008b, p. 166, grifos do autor). Assim, no caso das matérias jornalísticas analisadas, o tempo do agora é o mesmo da enunciação jornalística, ou seja, é marcado no texto pela utilização de embreantes temporais (dêiticos)³², tais como “hoje”, “ontem”, “amanhã”, “agora”, “semana passada”, “na próxima semana”, “no próximo mês”, entre outros; e também é marcado pela data da própria publicação da edição, que aparece em destaque na parte superior das páginas dos jornais. Assim, no jornalismo, o *hoje* é sempre datado, não é um *hoje* extemporâneo ou abstrato, mas abrigo da realidade vivida pelos enunciadores e coenunciadores. Esses embreantes de tempo articulam-se em anterioridade e posterioridade. Assim, “todos os tempos estão intrinsecamente relacionadas à enunciação” (Ibidem).

Os enunciados eufóricos, por sua vez, são tidos como atraentes em relação aos outros enunciados presentes no texto. É por isso que a escolha das matérias analisadas se deu a partir de uma leitura de todos os enunciados presentes na editoria de Economia na edição de cada jornal. O enunciado eufórico emerge assim como algo que “salta aos olhos”,

³⁰ “[...] entendido como o resultado da transformação da superfície linguística de um discurso concreto, em um objeto teórico, isto é, em um objeto lingüisticamente de-superficializado, produzido por uma análise lingüística que visa a anular a ilusão nº 2” (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p.180).

³¹ Cf. Capítulo 4

³² “São dêiticos os pronomes pessoais que indicam os participantes da comunicação, eu/tu; os marcadores de espaço, como os advérbios de lugar e os pronomes demonstrativos (por exemplo, aqui, lá, este, esse, aquele), os marcadores de tempo (por exemplo, agora, hoje e ontem). Um dêitico só pode ser entendido dentro da situação de comunicação e, quando aparece, num texto escrito, a situação enunciativa deve ser explicitada” (FIORIN, 2008b, p. 162). Nesta pesquisa, destacam-se os dêiticos temporais.

abrindo-se como uma categoria que exprime sentido de positividade. Conforme diz Barros, “[...] a categoria fórica, euforia vs disforia, relaciona-se com a categoria tensiva, tensão vs relaxamento, ou seja, a sensação de euforia corresponde à passagem à continuidade do relaxamento, e a de disforia, à passagem à descontinuidade ou separação tensa [...]” (2008, p. 190).

Além disso, ficou evidenciado durante a leitura das matérias que, em grande parte, esses enunciados euforizantes apresentavam o verbo “crescer” como núcleo sintagmático. Assim, optou-se por estabelecer a palavra *crescimento* como um *campo discursivo de referência* na pesquisa. O enunciado *crescimento* é analisado em função das condições históricas de produção do discurso, nas quais a cadeia produtiva do petróleo e gás natural emerge na enunciação pela operação de um sujeito do discurso, um sujeito da História, que fala e que é falado na linguagem.

Outra categoria de análise diz respeito à presença do *outro* no discurso. Neste caso, foram utilizadas as marcações no texto, às quais se refere Authier-Revuz (1995) como heterogeneidade *mostrada no discurso*. São formas linguísticas de representação do sujeito, ou seja, marcações que inscrevem o *outro* na sequência do discurso: discurso direto, aspas, formas de retoque ou de glosa, discurso indireto livre, ironia; entre outros. Vale também introduzir a ideia de modalização em discurso segundo (Ibidem, 1995), que é uma forma de indicar no enunciado que o enunciador não é o responsável pelo mesmo. Algo que aparece com frequência no discurso jornalístico, ora para marcar um comentário sobre o discurso relatado, como, por exemplo, através do uso de termos como “parece”, “estaria”, “tudo indica”; ora pela introdução do discurso indireto, a partir de modalizações pela escrita do texto, como, por exemplo, em “segundo fulano”, “para sicrano”, “disse beltrano”.

De acordo com a metodologia utilizada, essa é a fase de descrição dos materiais analisados, ou seja, de revelar por meio do trabalho exaustivo de leitura e anotações aquilo que está construído como sentido. Em outras palavras,

[...] dar o primado aos gestos de descrição das materialidades discursivas. Uma descrição, nesta perspectiva, não é uma apreensão fenomenológica ou hermenêutica na qual *descrever* se torna indiscernível de *interpretar*³³: essa concepção da descrição supõe ao contrário o reconhecimento de um real específico sobre o qual ela se instala: o real da língua (PÊCHEUX, 2006, p. 52, grifos do autor).

Ainda que, no caso desta pesquisa, a imagem não seja foco específico das análises, ficando estas limitadas ao componente verbal das notícias, não é possível ignorar a presença dos infográficos, quadros e fotografias que aparecem acompanhando as matérias analisadas. Conforme afirma Gregolim (2010), o verbovisual se impõe também como um discurso, estando este presumido pela chamada “ordem do olhar”³⁴. Por isso, uma das formas de análise incluiu a fotografia de algumas notícias, por entender que elas traziam informações que eram parte constituinte do sentido no texto verbal. Em outras matérias não houve essa descrição por se tratarem de imagens meramente ilustrativas, ou seja, que ilustravam a informação, mas que não somavam um sentido a ela.

Antes de iniciar o trajeto de descrição e análise das matérias que fazem parte do *corpus* desta pesquisa, será introduzido um pouco da história de cada jornal para que as trajetórias e também as estratégias discursivas sejam apresentadas em suas especificidades. Além disso, dados como circulação e formato ajudam a construir uma ideia acerca dos dois dispositivos jornalísticos analisados.

1.1 O jornal A Gazeta

O jornal *A Gazeta* é um veículo diário de informação, que circula em todo o Estado do Espírito Santo, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília e em parte dos estados de Minas Gerais e Bahia. Possui uma tiragem média de 50 mil exemplares aos domingos e de 25 mil nos outros dias da semana.

³³ Sobre isso, veja também as considerações de Chartier no capítulo de Introdução.

³⁴ Informação verbal obtida em conferência com a professora Maria do Rosário Gregolim, no dia 26 de maio de 2010, dentro do ciclo de seminários Comunicação, Análise de Discurso e Atividade Linguageira, realizado na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP).

Fundado em 1928 por Ostílio Ximenes e Adolpho Luís Thiers Vellozo, em sua primeira fase o jornal acabou sendo um grande instrumento de luta entre as duas forças políticas que polarizavam o Espírito Santo. Mesmo tendo sido transformado, em 1942, em Sociedade Anônima, o que garantiu seu funcionamento como empresa privada, estava nas mãos dos empresários Aurino Quintaes e Oscar Guimarães, ambos ligados à União Democrática Nacional (UDN). Assim, em 1945 o coronel Eleosippo Rodrigues da Cunha assumiu a presidência da organização e a direção do jornal passou para as mãos de Rosendo Serapião de Souza Filho, um dos fundadores do diretório regional da UDN no Espírito Santo. Em 1948, o jornal é adquirido pelo grupo Lindemberg, ligado à antiga corrente “jeronimista”³⁵, cujo principal nome era Carlos Fernando Monteiro Lindemberg³⁶, um dos fundadores, no Estado, do diretório do Partido Social Democrático (PSD).

Conforme afirma Silva, durante suas primeiras décadas *A Gazeta* funcionou como aporte político regional. De sua fundação até o ano de 1949, funcionou tanto como “órgão oficial do governo, (período pós-revolução de 30 até 1942), como empresa privada” (1995, p. 191).

Atualmente, o jornal pertence à Rede Gazeta, de propriedade do Grupo Carlos Lindemberg, que, além do jornal impresso *A Gazeta*, possui o impresso *Notícia Agora*, emissoras de rádio, e TV com programação variada, que mescla conteúdos produzidos localmente e conteúdos veiculados por afiliação à Rede Globo em âmbito nacional³⁷. Dentre os grupos empresariais que controlam a mídia no Espírito Santo, esse é o único voltado exclusivamente para a atividade de comunicação.

³⁵ Em referência a Jerônimo de Souza Monteiro, governador do Espírito Santo entre 1908 e 1912. Foi também senador, deputado estadual e federal, com mandatos exercidos entre 1896 e 1927.

³⁶ Eleito em 1947 governador do Estado do Espírito Santo numa aliança PSD/UDN, depois eleito em 1959.

³⁷ A Rede Gazeta, de propriedade do Grupo Carlos Lindemberg, é a maior rede de comunicação do Espírito Santo. Possui cinco concessões de TV (TV Gazeta, TV Gazeta Norte (Linhares), TV Gazeta Sul (Cachoeiro do Itapemirim), TV Gazeta Noroeste (Colatina) e GTV (canal local, transmitida por TV por assinatura paga); possui ainda o Sistema Gazeta de Rádios, que é composto por seis estações, três emissoras de amplitude modulada (AM) e outras três operando com frequências moduladas (FM): Rádio Gazeta AM, Rádio Globo Vitória AM e Rádio Globo Cachoeiro; CBN Vitória FM, Antena 1 FM e Litoral FM. Além disso, é proprietária do portal Gazeta Online na internet e dos três jornais impressos já citados *A Gazeta*, *Notícia Agora* e *Oportunidades* (especial sobre cursos e concursos).

O jornal completou 80 anos no dia 11 de setembro de 2008, quando circulou uma edição especial com uma seleção dos fatos que marcaram o jornalismo, do ponto de vista regional, nas últimas oito décadas. Ainda que, ao longo de toda a sua existência, seja possível encontrar traços de sua ligação com os grupos políticos do estado, é comum encontrar nas falas de seus proprietários a ideia (pretensão básica de quem atua no ramo) de que o jornalismo precisa estar separado de opções políticas ou econômicas sob pena de se tornar pouco objetivo ou parcial:

*A Gazeta é um grupo só de comunicação. Se um grupo político tem um jornal, se um grupo econômico tem um jornal é natural que uma notícia que não esteja dentro dos interesses desses grupos não tenha a cobertura com a abordagem mais adequada jornalisticamente. Procuramos ser uma empresa sólida, sadia financeiramente para fazermos um bom jornalismo, sem termos que estar vinculados a interesses econômicos. Nosso negócio grande é este aqui. Então, temos que fazê-lo bem feito para não dar errado.*³⁸

Ao longo de sua existência, o jornal passou por inúmeras reformulações tanto do ponto de vista editorial quanto estético, tendo as reformulações ocorridas em 1972 e 1975³⁹. Na década de 1986, *A Gazeta* colocou em operação um avançado sistema de fotocomposição, cuja recepção, codificação e processamento passaram a ser inteiramente computadorizados. Em 1992, passou a ser publicado com fotos coloridas diariamente, acompanhando os demais jornais de circulação nacional e, em 1994, inaugurou seu sistema de redação informatizada. Foram muitas as transformações como mostra a reportagem “A Gazeta: uma longa história de tradição e transformações” (ARRUDA; BOURGUIGNON; REZENDE, 2005). No entanto, as mais significativas ocorreram a partir do final da década de 1990. Mais significativas não pelo fato em si das mudanças implementadas, mas pelo motivo que levou a tais mudanças.

³⁸ Trecho da fala de Carlos Fernando Monteiro Lindemberg Neto, o “Café”, diretor-geral da Rede Gazeta, extraído de “A Gazeta: uma longa história de tradição e transformações” (ARRUDA; BOURGUIGNON; REZENDE, 2005, p. 68).

³⁹ Tal reformulação foi executada pelo editor-chefe à época, Marien Calixte, e por jornalistas que participaram de um programa no Jornal do Brasil, que acabou se tornando referência ao modelo gráfico e editorial aplicado ao jornal. Nessa reformulação ocorreu a divisão do jornal em dois grandes cadernos, o primeiro abrigava Opinião, Cidade, Polícia, Economia e Política, e o segundo abrigava Agenda, Cultura e Esporte. Essa divisão – guardadas as devidas proporções – se mantém até os dias atuais.

O fato é que houve uma queda considerável na vendagem do jornal, atribuída, entre outras coisas, pelo crescimento, no Espírito Santo, de assinaturas de jornais de fora, como *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo*, e pelo crescimento do público leitor do jornal *A Tribuna*, principal concorrente regional. Em outras palavras, era possível sentir os efeitos das mudanças, porque elas vinham no sentido de barrar a concorrência crescente que vinha se estabelecendo pelo jornal *A Tribuna* que, no final da década de 1990, já alcançava o jornal *A Gazeta* em tiragem⁴⁰.

A crise editorial resultou em idas e vindas de jornalistas renomados de outros estados brasileiros para o Espírito Santo, onde assumiam o posto de comando na redação e tentavam solucionar o problema. Entre eles, Roberto Muller, que em 1998, foi responsável pela segunda reforma gráfico-editorial do jornal, que passou a “dar prioridade a matérias mais curtas e assuntos locais. Além disso, tornou-se mais colorida e recebeu maior número de fotografias e de recursos gráficos” (Ibidem, 2005, p.82).

Junto a essas mudanças, ocorreu também entre 1997 e 1999 a inauguração do novo parque gráfico, construído para abrigar a impressora Newsliner, que havia sido adquirida pela empresa, o que correspondeu “ao maior investimento feito pela empresa desde a fundação do diário, em 1928”, (ARRUDA; BOURGUIGNON; REZENDE, 2005, p.83). O fato é que o aumento expressivo do dólar, fruto da equiparação com a moeda nacional, o real, e a crise econômica que batia às portas do segundo governo de Fernando Henrique Cardoso, acarretaram em prejuízo para a empresa e corroboraram para um clima de instabilidade dentro do jornal. Muitos foram demitidos.

É no início da década de 2000, no entanto, que se encontram as reformulações mais importantes do ponto de vista da linguagem. Havia um entendimento de que boa parte da perda de leitores tinha a ver com o fato de esse público não estar mais se identificando com o jornal. Ainda no ano 2000, a empresa lançou o *Notícia Agora*, que pretendia ser um veículo mais popular que pudesse fazer concorrência ao jornal *A Tribuna*. Em 2004 “houve

⁴⁰ De 1990 a 1994, o jornal *A Gazeta* apresenta uma tiragem média durante a semana de 36.555 exemplares, enquanto *A Tribuna*, entre 1991 e 1994, tem uma tiragem de 11.902 exemplares (32,3% do primeiro). Já no início do ano 2000, *A Gazeta* e *A Tribuna* têm uma tiragem média de 36 e 35 mil exemplares, respectivamente (FERREIRA, 1997).

a implantação de um novo projeto gráfico-editorial, com o fim de ampliar a cobertura dos assuntos locais”, mais próximos do cotidiano do leitor “além de uma tentativa de avançar na análise e na interpretação dos fatos” (Ibidem, p. 85), ao invés de apenas noticiá-los.

Entre as mudanças estabelecidas estão a criação de uma coluna secundária, dividida em notas curtas, ou uma coluna de autor que acompanha a matéria principal em cada página; as notícias regionais passaram para o início do primeiro caderno, incluindo Polícia; Economia, Mundo, Política, Esporte e Internacional ficaram na segunda parte do primeiro caderno; não há ordem de apresentação nem número de páginas fixas para as editorias (exceção de Esportes, que sempre fecha o caderno); foi criado um suplemento diário com informações de empregos e serviços, o Guia de Serviços, onde também estão assuntos que ficavam espalhados pelo jornal, como a Coluna da Fé, Linha Direta, Tempo, Cruzadas e Quadrinhos; além disso, foram incorporados no quadro fixo de articulistas nomes como Arnaldo Jabor, Benjamin Steinbruch, Dráuzio Varella, Renato Machado, Agamenon Mendes Pedreira, Tostão, Paulo Rabello de Castro, entre outros.

Essas mudanças – algumas mantidas, outras descartadas – além de outras ainda em curso⁴¹, compõem o que era o jornal *A Gazeta* no período analisado. Ele possui formato *standard* desde sua fundação e é dividido em: primeiro caderno, com as editorias de Opinião, Cidades, Política, Economia, Brasil, Mundo, Últimas Notícias e Esporte (na segunda-feira, a editoria de Esporte circula num caderno separado), Caderno 2,

⁴¹ Em 2008 o jornal passou por uma série de novos ajustes ao projeto de 2004. Durante o primeiro semestre, uma equipe de consultores espanhóis da Universidade de Navarra desenvolveu mais detalhes do *layout* que havia sido mudado anteriormente. Não se trata, porém, de um projeto novo, mas de adaptações nas mudanças de 2004. Entre as mudanças visíveis estão a melhor utilização do espaço, o que deixou o jornal com o menor espaço em branco possível, e o respeito às margens de cada texto, o que deixou a paginação um pouco mais quadrada. Nada novo foi criado, mas os modelos dos “saibas” (*boxes*) foram mudados, assim como de frase, texto-legenda (TL) e respiros (textos mais curtos, quase notas). Dentre as mudanças que ocorreram em 2008, houve acréscimo de cadernos especiais, alguns até foram retirados ou unificados, com alteração dos nomes de todos eles. No primeiro caderno, Cidades passou a se chamar Dia-a-dia; além disso, os cadernos Leve a Vida e Estilo (domingos) se uniram para formar a Revista.AG; Imóveis (quintas-feiras e domingos) passou a se chamar Imóveis.AG; o suplemento infantil A Gazetinha (sábados) agora é Gazetinha.AG; Veículos (sábado) agora é Motor.AG; Prazer & Cia (sextas-feiras) passou a ser Prazer & Cia.AG; Turismo (quartas-feiras) passou a se chamar Viagem.AG; o caderno de Informática (terças-feiras) passou a se chamar Conexão.AG; Empregos (domingos) passou a se chamar Empregos.AG e Esportes, que circula no primeiro caderno, passou a sair em separado nas segundas-feiras, num formato menor. Em 2009 mais uma mudança estrutural foi colocada em prática, a produção integrada dos veículos impressos e de mídia eletrônica de toda a Rede Gazeta. O principal objetivo, segundo a empresa, foi ampliar as audiências dessas mídias.

Classificados, Guia de Serviços (suplemento diário no formato tabloide) e Guia do Assinante (suplemento diário exclusivo para quem assina o jornal). Ele ainda possui suplementos como Informática (terças-feiras), Imóveis (quintas-feiras e domingos), Turismo (quartas-feiras), Veículos (sábados), Empregos (domingos), Prazer&Cia (sextas-feiras), Estilo (domingos), Leve a Vida (domingos), Revista da TV (domingos) e o suplemento infantil A Gazetinha (sábados). O jornal ainda possui versões regionais, como Gazeta Norte-Noroeste (que só circula nessa região); Gazeta Sul (só nessa região); Gazeta Serra (só nessa cidade) e Gazeta Vila Velha (só nessa cidade). Nestes casos, elas mesclam notícias gerais (do jornal *A Gazeta*) com notícias locais das regiões/cidades em questão, com prioridade para essas últimas.

Dito isso, seguem as análises descritivas das matérias.

1.1.1 MATÉRIA Nº AG-1

A GAZETA – VITÓRIA-ES – DOMINGO – 27/04/2003 – PÁGINA 10
Título: Petrobras investe 600 milhões no ES
Linha-fina: Com a injeção de recursos, a produção de gás natural no Estado crescerá 125%
Repórter: Gustavo Belesa
Chamada de Capa: Petrobras vai investir no ES R\$ 600 bilhões

A matéria não apenas é a principal da página, como também abre a editoria de Economia, com uma manchete que vai de canto a canto da página, num jornal que tem formato *standard*. A notícia está subdividida por quatro intertítulos – “Empregos”, “Aprovados”, “Gasoduto” e “Mar e terra” – e fala sobre o aumento dos investimentos que a Petrobras prevê fazer no Espírito Santo, fato que resultaria em uma maior produção de petróleo e gás, geração de emprego, entre outras coisas. A matéria é assinada pelo jornalista Gustavo Belesa.

A página da notícia está toda em monocromia, apenas com tons de azul que aparecem no infográfico explicativo. A matéria traz uma linha-fina e também uma fotografia ilustrativa em preto e branco, que mostra uma plataforma marítima. A essa época o jornal ainda usava no topo da página uma espécie de “chapéu” com o resumo de

todas as notícias que viriam dentro do caderno. Nela a notícia em questão é enunciada da seguinte maneira “Estado receberá investimentos da Petrobras para aumentar a produção e o escoamento de petróleo e gás natural este ano” [grifo do jornal].

A matéria usa como fonte a empresa Petrobras. O discurso da empresa aparece pela citação de seu gerente geral da Unidade de Negócios do Espírito Santo (UN-ES), Márcio Félix Bezerra. A fala dele aparece na forma de discurso citado entre aspas e também modalizada em discurso segundo. A primeira fala citada diz respeito ao surgimento de empregos, tanto no Estado em questão, quanto em estados vizinhos, como Bahia e Rio de Janeiro, informações que corroboram a geração de “mil vagas de empregos”, ainda que o número exato não seja citado por ele. Já a segunda fala citada diz respeito ao fato de o Estado receber “mais investimentos”.

Há outro discurso, no entanto, que aparece pela modalização do discurso da mesma fonte, segundo o qual os atrasos e ajustes no orçamento teriam sido decorrentes de “condições deterioradas do mercado financeiro”, o que não chega a estabelecer um eixo contrastivo ao fio condutor do discurso. O que o texto aponta como volatilidade do câmbio e “mudanças nas conjunturas econômicas e políticas” na verdade pode significar um reforço do sentido central, por operação das condições históricas de produção desse discurso, uma vez que tanto o presidente da República quanto o governador do Espírito Santo haviam tomado posse há mais ou menos quatro meses. Assim, se houve demora e rearranjos no orçamento e se – depois disso – tudo pôde ser encaminhado, é porque houve condições favoráveis a esse encaminhamento. Há, portanto, um sentido positivado.

Disforia	Euforia
<i>Hoje, Atualmente</i>	<i>Amanhã, Próximos anos</i>
<i>Expectativa, previsão</i>	<i>Aumento da Produção</i>
<i>É um potencial</i>	<i>É um fato consumado</i>
<i>48,8 barris de óleo</i>	<i>80 mil barris de óleo</i>
<i>1,2 milhões de metros cúbicos</i>	<i>2,7 milhões de metros cúbicos</i>
<i>Volatilidade do câmbio</i>	<i>Estabilização da economia</i>
<i>Dúvida política</i>	<i>Assertividade política</i>

1.1.2 MATÉRIA Nº AG-2

A GAZETA – VITÓRIA-ES – TERÇA-FEIRA – 10/06/2003 – PÁGINA 9
Título: Petrobras triplica a produção no Estado
Linha-fina: <i>Empresa diz que até 2006 serão 125 mil barris de petróleo por dia no ES</i>
Repórter: Gustavo Belesa
Chamada de Capa: Petrobras vai triplicar produção de petróleo no Espírito Santo até 2006

A matéria está posicionada no canto direito (externo) da página, o que sugere sua prioridade na leitura do jornal. É uma notícia que relata o fato de o governador Paulo Hartung ter se reunido com o presidente da Petrobras, José Eduardo Dutra, no Rio de Janeiro. A partir dessa reunião, tanto o governador, quanto o secretário de Desenvolvimento Econômico do Espírito Santo, Júlio Bueno, relatam informações importantes, como o fato de a Petrobras triplicar os investimentos no Estado.

A notícia vem acompanhada de uma foto que mostra o presidente da Petrobras falando em um púlpito. É uma fotografia ilustrativa, em preto e branco, fornecida por agência. A legenda da foto traz a seguinte informação: “José Eduardo Dutra disse ao governador que a empresa vai investir US\$ 6 bilhões”. Note-se que o valor é dado em dólar⁴². A legenda vem ainda acompanhada de um quadro azul no qual está escrito “Projetos”, destacando assim que esse valor é um montante a ser investido em projetos futuros, de forma parcelada e não de uma só vez.

A matéria traz ainda uma espécie de *box* lateral à direita, com o título “Agenda” escrito em caixa-alta. Trata-se da informação de que o governador Paulo Hartung voltaria naquele mesmo dia – o da enunciação jornalística – ao Rio de Janeiro para tirar dúvidas junto à Agência Nacional do Petróleo (ANP). A matéria possui dois intertítulos: um é “Royalties” e o outro “Geologia”.

O discurso é modalizado ora em discurso segundo, ora citado entre aspas. As fontes dos discursos relatados são especificamente os representantes das duas instituições em questão, o governo do Estado, nas vozes do governador e do secretário de

⁴² Não é possível, a partir da amostragem, identificar se o jornal usava sempre os valores de investimento em dólar, já que foram analisados apenas dois exemplares do ano de 2003. Mas é possível identificar que, a partir da reestruturação do jornal em 2004, as matérias passaram a usar estritamente os valores em reais (R\$).

Desenvolvimento Econômico, e a empresa Petrobras; porém, há ainda uma terceira fonte de discurso, denominada como “consultores da área petrolífera”, que indicam a quantidade de recursos que deverá ser repassada ao Estado e aos municípios. Chama a atenção o discurso citado do governador ao dizer que “A audiência foi positiva. A Petrobras tem sido muito transparente com o Governo capixaba e acredito que novas descobertas serão anunciadas nos próximos dias [...]”. Destacam-se aí a palavra “positiva”, que qualifica a audiência, a palavra “transparente”, que qualifica a empresa, e a proposição “acredito que novas descobertas serão anunciadas nos próximos dias”, que indica a existência de descobertas novas, que ainda não foram anunciadas, e que, portanto, não entraram no planejamento da empresa. Ao comparar as palavras do governador às do secretário de Desenvolvimento do Estado isso fica evidente: “Existem várias descobertas no Estado, mas são recentes e ainda não entraram no cronograma da estatal [...]”.

Disforia	Euforia
<i>2003</i>	<i>2006</i>
<i>Atualmente</i>	<i>Nos próximos três anos</i>
<i>44 mil barris de óleo por dia</i>	<i>125 mil barris de óleo por dia</i>
<i>Expectativa</i>	<i>Investimento</i>
<i>R\$ 60 milhões em tributos</i>	<i>Mais de R\$ 300 milhões em tributos</i>
<i>Desentendimento</i>	<i>A Petrobras conseguiu entender</i>

1.1.3 MATÉRIA Nº AG-3

A GAZETA – VITÓRIA-ES – TERÇA-FEIRA – 24/08/2004 – PÁGINA 11
Chapéu: “ OURO NEGRO ” ELEVAÇÃO DA PRODUÇÃO DE ÓLEO NO ESTADO IRÁ TRAZER MAIS SETE PLATAFORMAS PARA EXPLORAÇÃO ATÉ 2010
Título: Indústria do petróleo abre mercado para capixabas
Linha-fina: <i>Programa nacional irá capacitar empresas e mão-de-obra para atuar no Estado</i>
Repórter: Denise Zandonadi
Manchete de Capa: Programa abre mercado de petróleo para capixabas

A matéria, além de estar posicionada no topo da página, é também a principal da editoria de Economia e possui a manchete principal na capa do jornal. A manchete traz a seguinte informação: “Indústria do petróleo abre mercado para capixabas”. Além da manchete e da conhecida linha-fina, a notícia possui ainda um chapéu, fruto da

reestruturação gráfica do jornal⁴³. É uma matéria de destaque, ou melhor, uma “reportagem de fôlego”, como se diz no jargão jornalístico. Além da matéria principal, existem outras duas que dão continuidade ao tema, com os seguintes títulos: “Licitação do Campo de Golfinho será até o final deste ano” e “Chances para micro e pequenas”.

A notícia é sobre a necessidade de se investir em qualificação de mão-de-obra para o setor de petróleo dada a oportunidade de empregos, incluindo os diretamente criados pela Petrobras e os indiretamente gerados por prestadoras de serviço. Essa necessidade é fruto do crescimento da exploração do petróleo capixaba, que, de acordo com a matéria, passará de “44 mil barris por dia para 380 mil até 2010”. O texto possui dois intertítulos: “Estudos” e “Naval”.

Há ainda cinco fotografias em *close* que mostram os protagonistas do debate sobre a qualificação profissional. A esse respeito, vale a pena destacar que, entre as matérias analisadas, essa foi a primeira que contou com fotos propositadamente tiradas para a matéria, não sendo, portanto, fotos ilustrativas de arquivo, nem tampouco envidas por agências nacionais⁴⁴. A legenda traz a seguinte informação: “**ÓLEO EM DEBATE**. Da esquerda para a direita, José Renato Ferreira, Júlio Bueno, Márcio Félix, Victor Martins e José Antônio de Figueiredo, no evento do Prominp” [grifo do jornal]. Vale ressaltar também a inserção do chapéu, que traz o sintagma “**OURO NEGRO**” em caixa-alta e negrito, numa alusão ao petróleo.

São pelo menos cinco os agentes do discurso que ganham voz nessa matéria. Petrobras, o Prominp (Ministério de Minas e Energia do Governo Federal), o governo do Estado e a Organização Nacional da Indústria de Petróleo (Onip).

⁴³ Conforme descrito no item “1.2 O jornal A Tribuna” deste Capítulo.

⁴⁴ A esse respeito fica evidente que introduzir o fotojornalismo na editoria de Economia foi também uma estratégia desenvolvida durante a reestruturação do jornal em 2004. As matérias anteriores traziam fotos meramente ilustrativas, ora de arquivo, ora vindas de agências nacionais. Assim, se até o momento as fotografias não estavam sendo objeto de análise, a partir dessa matéria elas passam a compor (ainda que não de forma aprofundada) o quadro da análise discursiva do qual deriva o “fio condutor” da matéria.

Disforia	Euforia
<i>2004</i>	<i>2010</i>
<i>44 mil barris por dia</i>	<i>380 mil barris por dia</i>
<i>Atualmente</i>	<i>Futuro</i>
<i>Falta capacitação</i>	<i>Mão de obra qualificada</i>
<i>Expectativa</i>	<i>Estado mais promissor</i>
<i>Necessidade de área</i>	<i>“Temos a área ideal”</i>

1.1.4 MATÉRIA Nº AG-4

A GAZETA – VITÓRIA-ES – SÁBADO – 25/12/2004 – PÁGINA 11
Chapéu: “BOM MOMENTO” DEPOIS DE MAIS [sic] UMA DÉCADA, SERÃO INVESTIDOS R\$ 300 MILHÕES NO ANO QUE VEM
Título: ES tem recorde de receita e volta a investir em 2005
Linha-fina: Estado lidera crescimento de arrecadação no país, com alta de 25% no ICMS // Meta para 2005 é ampliar valores, mas com promessa de redução de imposto
Repórter: Rita Bridi
Manchete de Capa: Arrecadação bate recorde e Estado volta a investir

Trata-se de matéria principal, posicionada no topo da página. É também o destaque da editoria, abrindo o caderno de Economia, e aparece como principal manchete de capa no dia da publicação. Possui duas linhas-finas, ambas na cor azul, e um chapéu, conforme descrito acima, com destaque para o sintagma **“BOM MOMENTO”**, que aparece em negrito e em caixa-alta. Possui uma fotografia vazada entre o texto, em tamanho grande, trazendo a figura do secretário de Estado da Fazenda, José Teófilo Oliveira, com as mãos fechadas em posição de oração⁴⁵. A legenda da foto traz a seguinte informação vazada sobre a parte escura da foto: **“BOM DEMAIS. José Teófilo: “A inflação foi de 6,7% e a arrecadação cresceu 26,3%”** [grifo do jornal].

De um modo geral, a matéria traz a informação de que o ano de 2004 foi um dos melhores do Estado no que tange a arrecadação tributária, o que possibilitaria consequentemente, o aumento dos investimentos para o ano posterior. Como pode ser observado, não se trata, portanto, de uma matéria sobre a cadeia produtiva do petróleo e do gás natural, porém ela foi incluída no *corpus* porque nela a informação sobre os 26,3%

⁴⁵ Veja outras considerações sobre essa fotografia no Capítulo 4.

de crescimento da arrecadação total do Estado foram consequência também dos *royalties* de petróleo recebidos da União.

Por se tratar de matéria de capa do caderno de Economia, pode ser descrita como “reportagem de fôlego”. Além da notícia analisada, existem mais duas matérias na sequência da página que dão continuidade ao tema, são elas: “‘Ralos’ fechados, fiscalização rigorosa e mais contribuintes” e “Promessa de ano novo: reduzir mais as taxas”.

A matéria analisada traz ainda um *box* com números da “Evolução da Receita” em milhões. Nela existem dados de apenas dois anos: 2003 e 2004. E traz ainda um recurso que aparece pela primeira vez, entre as análises, que é uma espécie “hiperlink” ⁴⁶, ou seja, há no texto um termo que é explicado num semi-*box* discriminado entre linhas pontilhadas.

A fala, neste caso, vem modalizada em discurso segundo e revela a posição do secretário de Estado da Fazenda, José Teófilo Oliveira. Ele afirma que os resultados do bom desempenho no Espírito Santo são em virtude de “um trabalho planejado com orçamento equilibrado”. Ao atribuir ao planejamento o equilíbrio financeiro, o secretário remete a uma memória discursiva que diz respeito ao governo anterior: sem planejamento e afundado em dívidas. Isso fica evidente já na próxima frase que diz: “Principalmente para um Governo que herdou dívidas da ordem de R\$ 1,2 bilhão de administrações passadas”. Há também o discurso citado entre aspas em “‘Estamos fechando o ano muito bem. Melhor até do que se pensava, com boa receita e redução acentuada dos gastos’”, da mesma fonte.

Disforia	Euforia
<i>Há uma década não cresce</i>	<i>Agora mais crescimento</i>
<i>Dívidas dos governos passados</i>	<i>Saldo positivo em 30% no atual</i>
<i>Sempre atrás no ranking</i>	<i>Ganhando posições no ranking</i>
<i>Déficits financeiros</i>	<i>Orçamento superavitário</i>
<i>Pouco trabalho</i>	<i>Planejamento e equilíbrio</i>

⁴⁶ O uso da expressão hiperlink entre aspas é devido ao fato de esse termo ter sido emprestado dos meios digitais, não havendo conhecimento, portanto, de uma expressão correlata que designe esse tipo de recurso para o jornalismo impresso estritamente.

1.1.5 MATÉRIA Nº AG-5

A GAZETA – VITÓRIA-ES – DOMINGO – 02/01/2005 – PÁGINA 18
Chapéu: “FUTURO” SETOR DE ENERGIA, BASICAMENTE O PETRÓLEO, TEVE INCREMENTO DE 84% NOS INVESTIMENTOS PREVISTOS
Título: Petróleo muda perfil dos investimentos no Espírito Santo
Linha-fina: <i>Levantamento do Ipes mostra que serão investidos R\$ 35 bilhões até 2009</i>
Repórter: Rita Bridi e Denise Zandonadi
Chamada de Capa: Petróleo concentra investimento

A matéria está posicionada no topo da primeira página da editoria de Economia, o que garante seu destaque. A primeira página da editoria (depois da reestruturação) apresenta o título do caderno destacado em fonte tipográfica azul. A maior parte do texto da matéria está posicionada do lado esquerdo da página (externo) o que lhe garante melhor visualização. A notícia possui um intertítulo denominado “Fase”.

Do centro ao canto direito (interno) da página, uma fotografia ilustrativa (divulgação) em policromia destaca o abastecimento de uma plataforma de petróleo. Não apenas pelo tamanho, mas pela posição ocupada, e até mesmo pelas cores (tons de azul marítimo), a fotografia dá leveza à matéria ao mesmo tempo em que contribui para a construção de sentido. A legenda da foto traz a seguinte informação **“SUPORTE**. Uma das empresas em expansão no Estado é a Brasil Supply, que faz abastecimento de plataformas de petróleo”, [grifo do jornal].

A matéria ainda vem acompanhada de um quadro que mostra os valores dos investimentos previstos e realizados de acordo com cada setor industrial do Espírito Santo. Outra matéria completa as informações da página com o título “157 projetos em quatro anos geraram 20,7 mil empregos”. Nela, uma fotografia do coordenador do Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves (Ipes), Flávio Bueno. Na fotografia, em plano americano, ele aponta dados em papéis sobre a mesa. A imagem traz a seguinte informação na legenda **“OTIMISMO**. Segundo Flávio Bueno, a tendência é o Estado se manter como boa opção para os investidores” [grifo do jornal]. Por último, a página ainda traz uma análise econômica chamada “Necessidade de capacitação”, assinada

por Victor Martins, presidente da Organização Nacional da Indústria de Petróleo (Onip) no Estado.

O *outro* é marcado pela fala do Ipes. A fala do coordenador aparece sempre modalizada em discurso segundo, como em “o coordenador [...], Flávio de Oliveira Bueno, lembra que o setor petrolífero deverá manter a liderança nos investimentos na próxima década [...]”. Da mesma forma, no penúltimo parágrafo, a fala dele é retomada quando diz: “Os investimentos, segundo Bueno, virão de programas na área florestal [...]”. Apesar de a modalização da fala do *outro* ser visualizada apenas nesses dois trechos do texto, o Ipes aparece como a única fonte da matéria, o que pressupõe que todos os dados trazidos ao conhecimento do leitor tenham vindo do coordenador Flávio de Oliveira Bueno.

Disforia	Euforia
<i>Especulação financeira</i>	<i>Investimento financeiro</i>
<i>Indústria em geral</i>	<i>Setor de petróleo e gás</i>
<i>Expectativas</i>	<i>Incremento de 84%</i>

1.1.6 MATÉRIA Nº AG-6

A GAZETA – VITÓRIA-ES – DOMINGO – 28/08/2005 – PÁGINA 24
Chapéu: “ BALANÇO ENERGÉTICO ” DESAFIO É DA RECÉM-CRIADA AGÊNCIA DE SERVIÇOS PÚBLICOS DE ENERGIA DO ESPÍRITO SANTO (ASPE)
Título: Estado aposta na energia limpa do gás natural para o futuro
Linha-fina: <i>Planejamento vai garantir que seja extinto o uso de madeira como fonte de energia</i>
Repórter: Rita Bridi
Manchete de Capa: Gás natural é aposta do Estado para gerar energia não-poluente

Matéria de capa da editoria de Economia, posicionada no topo da página. A manchete vai de um lado a outro do jornal (*standard*) e possui um intertítulo “Lenha”. Além da matéria analisada, há outras duas que dão continuidade ao tema, formando assim uma “reportagem de fôlego”. As matérias possuem como título: “Gasoduto virtual amplia oferta” e “Rede de gás é ampliada de norte a sul do Estado”. As imagens (conforme descrição a seguir) mais os textos conformam, portanto, um “todo de sentido” ao se visualizar a página.

A temática da matéria é o planejamento energético para o futuro, que garanta suficiência em energia gerada no Estado e diminua a produção de energia considerada suja. Para isso foi criada uma Agência de Serviços Públicos de Energia do Espírito Santo (Aspe). Além de falar do planejamento, a matéria possui sua temática imbricada (fio condutor) no discurso da preservação do meio ambiente, o que fica evidente não apenas nas falas citadas, como também no *lead*, ao dizer que “Um dos desafios é substituir as fontes poluentes de energia pelas não-poluentes”.

A matéria vem acompanhada de uma fotografia, posicionada ao centro da página entre as matérias. A foto em policromia mostra uma “estação” produtora de gás natural. A legenda traz a seguinte informação: “MAIS GÁS. Como a produção de gás natural irá dobrar no próximo ano, a Petrobras, por meio de sua subsidiária, a BR Distribuidora, pretende investir R\$ 90 milhões para ampliar a rede de gás natural do Estado”. Nessa foto, vazada sobre o céu azul, há um enunciado que afirma: “Produção em dobro”.

A página traz ainda outras duas fotografias. Uma delas traz a imagem de Maria Paula Martins, diretora da Aspe, apontando um mapa na parede que indica a localização das bacias de gás. A outra traz uma imagem de duas torres de energia com o fundo de um belo pôr-do-sol. Nessa imagem há um enunciado que vale a pena transcrever: “MAIS LUZ. O Espírito Santo ficou em situação confortável na geração de energia após a conclusão, em março último, da linha de transmissão de Ouro Preto a Vitória. Com isso, o Estado tem folga na energia elétrica, o que evita futuros apagões e garante a atração de investimentos”.

As fontes que aparecem no discurso são todas representantes de instituições. Sendo a primeira a própria Agência de Energia (Aspe) que, nas palavras de sua diretora-geral, cumpre a função de especialista no assunto. As falas são relatadas no discurso citado, como em “O consumo é bastante acentuado”, ora modalizado em discurso segundo, como em “Ela lembra que o Espírito Santo ficou em situação confortável [...]”. Além da Aspe, falam nessa matéria o governo do Estado, também por meio de sua Secretaria Estadual de Agricultura, a Prefeitura de Colatina e a Associação dos Municípios do Espírito Santo

(Amunes), ambas representadas na fala de Guerino Balestrassi. Por último, poderíamos indicar ainda o discurso-outro da preservação do meio ambiente⁴⁷, articulador da matéria.

Disforia	Euforia
<i>Não atualizados desde 2000</i>	<i>Vai atualizar dados</i>
<i>Sem planejamento</i>	<i>Planejamento energético</i>
<i>Consumo de energia suja</i>	<i>Energia limpa</i>
<i>Queima de madeira (poluente)</i>	<i>Substituição por não-poluentes</i>
<i>Insuficiência energética</i>	<i>Situação confortável</i>

1.1.7 MATÉRIA Nº AG-7

A GAZETA – VITÓRIA-ES – QUARTA-FEIRA – 16/11/2005 – PÁGINA 17
Chapéu: “NEGÓCIO” NÚMERO DE LEITOS DA REDE HOTELEIRA VAI CRESCER
Título: Petróleo incrementa turismo em Linhares
Linha-fina: <i>Empresa baiana investe R\$ 3 milhões na construção de hotel na região</i>
Repórter: Zenilton Custódio
Chamada de Capa: <i>Não teve.</i>

Em primeiro lugar, vale destacar que essa matéria foi produzida pela sucursal de Linhares (interior do Espírito Santo) do jornal *A Gazeta*. Além de chapéu e linha-fina, ela possui um intertítulo chamado “Demanda”. Apresenta uma fotografia em preto e branco (ilustrativa/divulgação), que mostra uma bela paisagem do município, uma de suas famosas lagoas. A foto possui a seguinte legenda **“NÃO SÓ A TRABALHO**. Dona de belas paisagens e lagoas, Linhares cresce com o turismo de negócios” [grifo do jornal]. A matéria pode ser considerada a principal da página, pois está no topo, ainda que posicionada do lado esquerdo (interno) de menor visualização. Mas não é a matéria principal da editoria nesta edição.

A temática da matéria é o aumento do turismo no município de Linhares, sobretudo, o turismo de negócios, provocado pela descoberta de petróleo na região e redondezas. Com isso, haveria um crescimento acentuado da rede hoteleira da região.

⁴⁷ Veja mais sobre o discurso do meio ambiente no item “3.4. Deslize do contraditório”, no Capítulo 3.

Porém, a matéria inicia-se com a proposição “Confiando, sobretudo, nos prognósticos de crescimento [...]”, o que insere um tom de “desconfiança” no enunciado⁴⁸.

As falas das fontes presentes no texto aparecem ora modalizadas em discurso segundo, ora entre aspas. Em “De acordo com Walter Maia Júnior, da CPA, empresa responsável pela elaboração do projeto [...]” temos uma modalização em discurso segundo, apontado pelo uso da expressão “de acordo”, que introduz a frase. No mesmo parágrafo, a fala é retomada: “Os recursos, informou, estão sendo captados junto ao Banco do Nordeste”. A fala de outro empresário, Jadir Marinho, também aparece modalizada em discurso segundo, o que fica evidente pela utilização da expressão “Para ele”, no quinto parágrafo do texto. A fala modalizada entre aspas é a da gerente de um dos hotéis, Rosângela Agrisi, que aparece no último parágrafo. Há ainda o discurso dos “empresários locais”, que “também já perceberam que chegou o momento de apostar no anunciado crescimento”.

Disforia	Euforia
<i>Desconfiança</i>	<i>Confiança</i>
<i>Crescimento anunciado</i>	<i>Crescimento de fato</i>
<i>Prognósticos</i>	<i>Investimentos</i>
<i>Estagnação do turismo</i>	<i>Novo turismo de negócios</i>
<i>Poucos hotéis</i>	<i>Investimento na rede hoteleira</i>

1.1.8 MATÉRIA Nº AG-8

A GAZETA – VITÓRIA-ES – DOMINGO – 08/10/2006 – PÁGINA 21
Chapéu: “ CRESCIMENTO ECONÔMICO ” DESENVOLVIMENTO ACELERADO TRAZ EXPECTATIVA DE MUDANÇAS, COM NOVAS EMPRESAS, MAIS EMPREGO E RENDA AO NORTE DO ESTADO
Título: Petróleo abre novo corredor de progresso no Estado
Linha-fina: <i>Região Norte já vive o “boom” que aconteceu na cidade carioca de Macaé</i>
Linha-fina 2: <i>Em Linhares, terrenos do Centro podem custar até R\$ 1 milhão</i>
Linha-fina 3: <i>São Mateus recebeu mais seis cursos superiores, que incluem engenharias</i>
Repórter: Denise Zandonadi
Manchete de Capa: Petróleo cria corredor de progresso no Estado

⁴⁸ Veja mais sobre o discurso do meio ambiente no item “3.4. Deslize do contraditório”, no Capítulo 3.

A matéria é a principal da página e também da editoria de Economia desta edição. Há matérias de continuidade, tanto na primeira página, onde se encontra a matéria analisada, como nas páginas subsequentes. Trata-se, portanto, de uma reportagem especial, como se costuma chamar no jornalismo, pois traz várias matérias em sequência abordando a mesma temática. O fato de ter sido publicada no domingo evidencia isso, além das marcas tipográficas presentes na própria publicação.

A primeira dessas marcas é a colocação de três linhas-finas abrindo a matéria principal. A três linhas-finas são precedidas por um elemento gráfico do tipo “marcador”, em formato triangular; além disso, são apresentadas em cor azul. As linhas-finas apontam para as outras matérias do especial, não se referem exclusivamente ao texto principal. Outra marca presente nessa reportagem e que pode caracterizá-la como especial é a presença de um “título-tema” nas páginas seguintes, que sinaliza a continuidade da matéria analisada. O título-tema é “Corredor de Progresso” e aparece no topo das duas páginas subsequentes, também em cor azul.

Na página inicial, em que se encontra a matéria analisada, há a presença de “hiperlinks”. São textos separados por quadros distintos por uma linha pontilhada em azul, que atuam como uma espécie de “saiba mais” para algum elemento do texto. São informações curtas, acompanhadas por ícones que indicam a temática de cada uma. Assim, por exemplo, temos o ícone “cama” no quadro que fala sobre hotéis. Além da matéria principal, existe ainda na página uma matéria sob o título de “População teme que crescimento econômico prejudique a cultura popular”. Nela também há a presença desses “hiperlinks”, ou pequenas informações em quadros, e também de ícones, como por exemplo, “garfo, faca e prato” para o quadro sobre restaurantes.

A matéria analisada fala sobre o crescimento verificado em municípios situados no Norte do Estado: Linhares, São Mateus, Aracruz, Jaguaré. É uma matéria de abertura, portanto, introduz rapidamente os temas que serão abordados em matérias seguintes no especial. Há presente no texto uma espécie de preocupação com esse crescimento, que é compreendido a partir da comparação feita já na primeira linha-fina com o município de

Macaé, no Rio de Janeiro. A matéria possui, portanto, apesar de sua ênfase no crescimento econômico, uma heterogeneidade discursiva que permite tomá-la em várias interpretações.

Existem duas fotos presentes na primeira página. A primeira delas mostra um lote localizado no centro da cidade de Linhares. Nela a legenda diz o seguinte: “**VALORIZAÇÃO.** No centro de Linhares, um lote que custava R\$ 100 mil há dois anos hoje chega a R\$ 1 milhão. O valor do aluguel de imóveis triplicou, e não há vagas nos 12 hotéis da cidade” [grifo do jornal]. A segunda mostra a imagem de estruturas de alojamento que estão em construção e traz a seguinte informação na legenda: “**MORADIA.** Um alojamento está sendo construído na área do Terminal de Gás de Cacimbas, em Povoação, localidade de Linhares, para abrigar mais de mil trabalhadores que estarão no local” [grifo do jornal].

Disforia	Euforia
<i>Macaé</i>	<i>Linhares</i>
<i>Coisas ruins</i>	<i>Coisas boas</i>
<i>Desenvolvimento desordenado</i>	<i>Crescimento com planejamento</i>
<i>Presente de expectativas</i>	<i>Futuro sempre melhor</i>

1.1.9 MATÉRIA Nº AG-9

A GAZETA – VITÓRIA-ES – SEGUNDA-FEIRA – 20/11/2006 – PÁGINA 15
Chapéu: “ NEGÓCIOS ” FUTURO ECONÔMICO DO ESTADO ESTÁ ATRAINDO VÁRIAS EMPRESAS
Título: Estado se torna referência no setor de cargas
Linha-fina: <i>A frota do Estado é a nona maior do país, que possui 1,558 milhão de veículos de carga</i>
Repórter: Rita Bridi
Chamada de Capa: <i>Não teve.</i>

A matéria é a principal da página e abre a editoria de Economia. Está posicionada do lado esquerdo (interno) da página, e dividida por um intertítulo que diz “Frota”. Não é a única matéria da página. Outras duas parecem ampliar o sentido, dando sequência ao tema que está sendo debatido. A primeira delas possui como título “Indústria petrolífera motiva setor” e a segunda “ICMS cresce 20% e sinaliza aquecimento”. Ambas, portanto, denotam euforização dos enunciados.

Do lado direito (externo) da página, no topo, uma tabela traz informações sobre o número de transportadores e suas respectivas frotas em cada estado da federação, estando o Estado do Espírito Santo na nona posição, conforme enuncia a linha-fina da matéria.

A notícia apresenta ainda uma foto bem posicionada logo acima do texto. A fotografia ilustrativa (divulgação) mostra um caminhão em primeiro plano, no que parece ser um pátio. O céu azul em contraste com as cores do caminhão faz da fotografia um atrativo a mais para a matéria. A manchete principal, assim como o chapéu da notícia, está posicionada sobre o céu azul da fotografia. A legenda traz a seguinte informação: “**CAMINHÕES.** O Espírito Santo tem 40.074 veículos de transporte, sendo que os municípios com maior número de caminhões são Serra, Cachoeiro do Itapemirim, Cariacica e Vila Velha” [grifo do jornal].

A fala da fonte aparece modalizada em discurso segundo: “O diretor do Sindicato das Empresas de Transportes de Cargas do Espírito Santo (Transcares) [...] explica [...]”. A fala do diretor José Geraldo Valadão atua como o discurso autorizado a falar sobre o assunto. Nesse caso, o verbo “explicar” corrobora essa ideia, na medida em que só explica quem tem conhecimento de causa. É o mesmo diretor que fala da expansão do setor no quarto parágrafo, o que fica marcado pela presença do verbo destacar, flexionado ao presente da enunciação “destaca”. O discurso da Transcares é ainda reiterado ao final do texto quando a notícia diz “A Grande Vitória, segundo Valadão [...]”.

Outro discurso que é introduzido na matéria é o da Associação de Caminhoneiros do Espírito Santo (Ascames), que apenas aparece como discurso relatado no último parágrafo: “O presidente da Ascames, Cláudio Valiati, destaca que, [...]. Além disso, temos ainda a Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), que traz dados que confirmam a nona posição no *ranking* nacional ocupada pelo Espírito Santo, e o Departamento Estadual de Trânsito (Detran).

Disforia	Euforia
<i>Antes de “nos últimos anos”</i>	<i>Crescimento expressivo</i>
<i>Ausência de logística</i>	<i>Planejamento em logística</i>
<i>Economia estagnada</i>	<i>Economia aquecida</i>
<i>Cenário passado, pessimista</i>	<i>Cenário futuro, otimista</i>

1.2 O jornal A Tribuna

O jornal *A Tribuna*, dez anos mais moço que seu concorrente direto, o *A Gazeta*, foi fundado em 22 de setembro de 1938. A média de vendas é atualmente de 69.125 exemplares aos domingos e 47.168 exemplares nos dias úteis⁴⁹. Circula em todos os municípios do Estado do Espírito Santo e ainda no norte do Rio de Janeiro, leste de Minas Gerais, sul da Bahia e, em menor escala, em São Paulo e no Rio Grande do Sul.

O jornal *A Tribuna* também é parte integrante de uma empresa de comunicação, a Rede Tribuna. À diferença do Grupo Carlos Lindemberg, proprietário da Rede Gazeta, o Grupo João Santos, proprietário da Rede Tribuna, atua também em outros ramos industriais, sendo o mais famoso o de cimento (Nassau), mas também tem empresas no setor sucroalcooleiro no Estado de Pernambuco, lugar de origem de um dos patriarcas da família Santos. Além do jornal *A Tribuna*, fazem parte da Rede Tribuna a TV Tribuna⁵⁰ Vitória, as rádios Tribuna AM e Tribuna FM.

O jornal *A Tribuna* foi adquirido pelo Grupo João Santos no ano de 1968. Antes disso, pertenceu a grupos regionais do Estado, tendo inclusive pertencido ao Partido de Representação Popular (PRP) nas décadas de 1940 e 1950 e a grupos ligados a Ademar de Barros, do Partido Social Progressista (PSP), no início da década de 1950. Segundo Silva (1995), no pleito de 1950, enquanto *A Gazeta* funcionava como porta-voz da aliança PSD/PTB, o jornal *A Tribuna* funcionava como porta-voz dos partidos coligados (todos fora da direção governamental). “A Tribuna, por falar em nome dos partidos coligados, [...] capitalizou muito em cima de críticas à administração Carlos Lindemberg” (p. 243). Como é possível notar, a disputa de mercado que se estabelece atualmente entre os dois jornais tem suas origens historicamente constituídas também na disputa no plano do discurso político, ou seja, entre os grupos que concorriam pelo poder político no Estado.

⁴⁹ Cf. NUNES, Guido; TETE, Gleyson; VIANNA, George. A Tribuna: memórias de um jornal sem registros. In: MARTINUZZO, J. A. (org.); colaboradores Ananda Bisi... [et al.]. *Impressões Capixabas: 165 anos de jornalismo no Espírito Santo*. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005, p. 103-123.

⁵⁰ Também a TV Tribuna de Recife, Estado de Pernambuco.

Com 72 anos de história, o jornal *A Tribuna* passou também por muitas mudanças de aspecto gráfico-editorial para aumentar seu número de leitores. A mais significativa delas ocorreu em 1987. Isso porque três anos antes, em 1984, após uma greve de jornalistas que mobilizou a sociedade capixaba e chamou a atenção de trabalhadores e patrões em âmbito nacional, o jornal acabou sendo fechado, reaparecendo em 1987 com novo formato; deixou o *standard* para assumir o tabloide, o que “no início foi muito criticado por pessoas da imprensa, mas com o tempo, obteve a aprovação popular” (NUNES; TETE; VIANNA, 2005, p.111).

Uma visão editorial mais voltada para serviços e uma linguagem simples também fizeram a marca da mudança. Em 1995, houve mais uma: o jornal sairia pela primeira vez em páginas coloridas, fato possível após investimento numa nova impressora. Em 1996, o jornal passa a circular também às segundas-feiras, ganhando maior credibilidade dos leitores⁵¹. Em 1999, consolida-se como líder de circulação na Grande Vitória (região metropolitana) em número de vendas e de leitores.

Mas, além das mudanças editoriais e gráficas, sem dúvida, importantes, e também da publicação da edição de segunda-feira, a partir de 1996, é necessário destacar que tais transformações foram acompanhadas por uma forte campanha publicitária de distribuição de brindes, sendo a mais conhecida a “Tribuna dá de 10”, em que os compradores do jornal concorriam a 10 carros sorteados ao longo dos meses.

Mantendo o formato tabloide até os dias atuais, o jornal *A Tribuna* estava dividido em nove editorias durante os anos analisados: Cidades, Economia, Polícia, Política, Internacional, Opinião, Regional, AT2 e Esportes. Também possui dez cadernos temáticos: Classifácil (diário), Informática (segundas-feiras), Sobre Rodas (quintas-feiras), AT2 Fim de Semana, Mulher, Minha Casa, Imóveis (quartas-feiras), TV Tudo (domingos) e Jornal da Família (domingos).

⁵¹ Antes de 1996, o jornal não circulava às segundas-feiras porque havia um entendimento de que isso era inviável economicamente para a empresa. Como o jornal foi se tornando popular e aumentando sua circulação, a publicação todos os dias da semana se tornou inevitável.

Entre os colunistas de renome nacional estão Míriam Leitão, Clóvis Rossi, Pedro Maia, Lair Ribeiro, Maurício Prates, Fernando Calazans, Elio Gaspari, Paulo Octávio, Cláudio Humberto, Giba Um, Engel Paschoal, entre outros. O jornal ainda conta com as seções “*A Tribuna* com você” e “Qual é a bronca?”, que interagem com o leitor para a possível resolução de problemas cotidianos, além da seção de Religião.

Conforme fora dito no início deste capítulo, as análises das matérias foram tomadas de um ponto de vista descritivo. Isso se reflete naquilo segundo o qual Courtine chamou de condições essenciais da análise do discurso, a saber, a exaustividade na coleta e descrição dos materiais, para que “não se deixe na sombra nenhum fato discursivo que pertença ao *corpus*, devendo ele ‘incomodar o pesquisador’” (2009, p. 56, grifo do autor).

Neste sentido, coube realizar com o jornal *A Tribuna* a mesma descrição exaustiva que foi realizada junto ao jornal *A Gazeta*. Para isso, retomam-se aqui os instrumentos dessa descrição, que se baseiam, sobretudo, numa descrição do funcionamento linguístico do discurso, com a intenção sempre de operar uma ultrapassagem eficaz da superfície linguística ao objeto discursivo. Segue-se abaixo, portanto, a descrição da segunda parte do *corpus*, constituído de 18 matérias selecionadas, sendo nove do jornal *A Tribuna*.

1.2.1 MATÉRIA Nº AT-1

A TRIBUNA – VITÓRIA-ES – SEXTA-FEIRA – 14/02/2003 – PÁGINA 23
Título: Decisão sobre royalties na 2ª
Linha-fina: <i>Paulo Hartung disse ontem que lamenta as declarações de Rosinha Garotinho sobre o apoio dado ao Espírito Santo</i>
Repórter: <i>Sem assinatura</i>
Chamada de Capa: <i>Não teve</i>

O texto aparece posicionado na página em destaque no canto superior direito (externo). Por se tratar de uma matéria principal, seu destaque é presumido pela própria opção editorial do jornal. Conforme já descrito, o jornal é publicado em formato tabloide, o que limita o tamanho das reportagens, mesmo que elas estejam em destaque na página. A

matéria contém título, linha-fina e também retranca (sub) ⁵². Pode-se inferir, pela leitura da manchete, que o tema a ser tratado diz respeito à finalização das negociações acerca do recebimento dos *royalties* de petróleo pelo Estado do Espírito Santo; negociação feita entre o governo do Estado e o governo federal. No entanto, ao ler a linha-fina, que deveria funcionar como apresentação da notícia, é possível constatar a emergência de outro tema no discurso, no caso, o que coloca em contraponto duas autoridades (ou instituições) de reconhecimento público, a saber, o governador do Espírito Santo, Paulo Hartung, e a governadora do Rio de Janeiro, Rosinha Garotinho. Um terceiro tema (complementar) aparece ainda na matéria de retranca (sub) que trata especificamente do “aumento” da produção de petróleo no Estado do Espírito Santo.

Na matéria em questão aparece referido, de formas diferentes, o discurso-outro. Aqui ele aparece tanto na forma de um devir (um deslize, uma falha), como também como um emergir de um discurso do outro (nominado, citado). No primeiro caso, o discurso-outro irrompe já na linha-fina, quando essa se distancia da manchete em função de seu tema enunciado para elaborar o discurso, conforme descrito, de contraponto entre duas instituições. Esse discurso-outro é reintroduzido no sétimo parágrafo, quando o enunciador usa o artifício linguístico da retomada em “Quanto ao pronunciamento da governadora do Rio de Janeiro, Rosinha Matheus (PSB) [...]”.

A expressão introdutória “quanto ao” designa que alguma coisa já dita será retomada; faz uso, portanto, da função anafórica na coesão textual, mas aqui também coloca em suspeição a própria ideia de retomada, na medida em que – por aparecer no sétimo parágrafo – explicita que esse não era o tema principal da matéria, mas que por ter insurgido com uma deriva, não poderia deixar de ser abordado.

Já o discurso do outro aparece nas formas de modalização das falas das fontes. Em “De acordo com fontes ligadas ao governo federal [...]” temos uma modalização em discurso segundo. E em “Lamento que um estado vizinho e que historicamente [...]” e “Nunca reclamamos do apoio dado pelo governo federal ao Rio de Janeiro [...]” temos o

⁵² Retranca ou “sub” são nomes comumente dados às matérias, no jargão jornalístico, que não são principais, mas adicionam à matéria principal informações de relevância.

discurso direto modalizado entre aspas. Como resultado dessas análises é possível inferir alguns pares em oposição de sentido que se estabelecem no discurso e que remetem a uma percepção de conflito, conforme descrito abaixo. Além disso, outras observações a respeito do eixo discursivo dessa notícia serão abordadas nos capítulos seguintes.

Disforia	Euforia
<i>Passado</i>	<i>Futuro</i>
<i>Ontem</i>	<i>Amanhã</i>
<i>Rosinha Matheus</i>	<i>Paulo Hartung</i>
<i>Rio de Janeiro</i>	<i>Espírito Santo</i>
<i>Estagnação</i>	<i>Progresso</i>
<i>Queixa</i>	<i>Otimismo</i>

1.2.2 MATÉRIA Nº AT-2

A TRIBUNA – VITÓRIA-ES – SEXTA-FEIRA – 10/06/2003 – PÁGINA 21
Título: Petrobras explora novos poços
Linha-fina: <i>A estatal vai aumentar a produção de 44 mil para 124 mil barris diários. O presidente da empresa visitará o Estado neste mês</i>
Repórter: <i>Sem assinatura</i>
Chamada de Capa: <i>Não houve</i>

A matéria encontra-se destacada do lado superior esquerdo (interno) da página. Além disso, trata-se da página de abertura (1ª página) da editoria de Economia do jornal e, portanto, ela é colorida. A tipologia que dá nome à editoria é destacada dentro de uma arte (linha) em azul; a linha-fina da notícia é apontada por duas setas em vermelho, a mesma cor do quadro com informações sobre a refinaria que aparece na parte inferior da matéria.

Essa matéria também é acompanhada por uma fotografia do então presidente da Petrobras, José Eduardo Dutra, que aparece em destaque do lado direito da página, falando ao microfone e gesticulando com as mãos. Nela, além de Dutra, temos o símbolo da Petrobras ao fundo e uma bandeira em primeiro plano, em verde e amarelo, com as inscrições BR (marca da empresa estatal). A legenda da foto traz a seguinte informação: “José Eduardo Dutra explicou a proposta de investimentos de R\$ 18 milhões”. O tema da matéria é o aumento da produção de petróleo no Estado do Espírito Santo, que será possível em virtude da exploração de novos poços de óleo pela Petrobras.

A matéria apresenta a modalização em discurso segundo como forma principal de deixar falar a fonte. Isso ocorre em “A informação foi do secretário de Estado de Desenvolvimento [...]”; e em “[...] o presidente da estatal voltou a afirmar a [...]”, entre outros. Já a modalização pelo uso das aspas aparece apenas uma vez em ““Estou esperançoso de que sejam anunciadas novas descobertas de petróleo no Estado nos próximos dois meses [...]”, que é atribuída ao governador Paulo Hartung pelo uso, logo após as aspas, da expressão “ressaltou o governador”.

Algumas informações trazidas na matéria, como o fato de o estado passar a produzir de 44 mil para 124 mil barris de óleo diários, são atribuídas ao secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico e Turismo, Júlio Bueno, que teria, segundo a notícia, acompanhado o governador durante reunião com a Petrobras. O discurso da estatal aparece no sexto parágrafo, quando diz “Na reunião, o presidente da estatal voltou a afirmar a expectativa de investir [...]”, mas a fonte não aparece de forma direta. Como no quarto parágrafo há uma referência de que a reunião havia sido realizada no Estado do Rio de Janeiro, é possível inferir que a informação atribuída ao presidente da estatal foi avalizada e mediada pelas informações dadas pelo secretário de Estado, ou teria sido retirada de *release* passado pela própria Petrobras.

Com a leitura geral da notícia é possível identificar os seguintes eixos:

Disforia	Euforia
<i>Atualmente</i>	<i>Em breve</i>
<i>Hoje</i>	<i>Nos próximos três anos</i>
<i>44 mil barris</i>	<i>124 mil barris</i>
<i>Expectativa, esperança</i>	<i>Crescimento consumado</i>

1.2.3 MATÉRIA Nº AT-3

A TRIBUNA – VITÓRIA-ES – SEXTA-FEIRA – 05/09/2003 – PÁGINA 23
Título: Petrobras prepara 30 poços
Linha-fina: <i>Serão investidos ainda neste ano até US\$ 80 milhões de um total de US\$ 600 milhões que a empresa programou para o Estado</i>
Repórter: <i>Sem assinatura</i>
Chamada de Capa: <i>Não houve</i>

A matéria aparece em destaque de página, posicionada na parte superior do tabloide. A página, por não ser a primeira da editoria, apresenta-se em monocromia (azul e suas variações), com linha-fina destacada entre setas em cor azul e fonte tipográfica do título de matéria principal. Traz ainda uma fotografia tirada de uma plataforma marítima de petróleo. Ao final, apresenta uma pequena tabela, com linhas de destaque em azul, trazendo algumas informações complementares (Saiba Mais). A notícia trata da expansão da produção de petróleo no Espírito Santo a partir do mote da exploração de mais 30 poços de óleo. A segunda temática da notícia são os investimentos previstos pela empresa para os anos subsequentes ao da data de enunciação.

A modalização em discurso segundo é o único tipo de discurso relatado que aparece no texto. Porém, há pelo menos mais dois discursos que perpassam os quatro relatos modalizados, o da própria Petrobras que é quem “[...] vai perfurar cerca de 30 novos poços [...]” e o dos técnicos da empresa que “[...] acreditam que no local há uma reserva entre 250 milhões e 400 milhões de barris”. No primeiro caso, ele aparece em todo o texto nas palavras ditas pelos quatro interlocutores da empresa; já no segundo caso, torna-se implícito que os técnicos tenham sido justamente aqueles supracitados.

Disforia	Euforia
<i>Atualmente 44 mil barris</i>	<i>Alcance de 200 mil barris</i>
<i>Incerteza, dúvida</i>	<i>Promessa, expectativa</i>
<i>20 mil barris na P-34</i>	<i>45 mil barris na P-34</i>
<i>Antigas perfurações</i>	<i>Novas perfurações</i>

1.2.4 MATÉRIA Nº AT-4

A TRIBUNA – VITÓRIA-ES – SEXTA-FEIRA - 23/04/2004 – PÁGINA 26
Título: Refinaria sai em junho
Linha-fina: <i>A produção deverá começar em março de 2008, criando 3 mil empregos em Anchieta</i>
Repórter: <i>Sem assinatura</i>
Chamada de Capa: <i>Não houve</i>

A matéria fala da instalação de uma nova refinaria no Estado do Espírito Santo. Na linha-fina, que aparece entre setas em vermelho, percebe-se também que o tema da

criação de novos empregos é introduzido, talvez como forma de atrair o leitor do caderno⁵³. Ela vem acompanhada por uma fotografia no topo da página, que mostra os executivos assinando o acordo junto com o governador em exercício, Lelo Coimbra, e tem a legenda “Executivos ingleses assinaram no Palácio Anchieta o acordo para construção da refinaria”. Além da foto, a matéria traz ainda um *box* com informações do cronograma de construção e início da produção do refino. Apesar de ser a notícia principal, ela está posicionada no canto direito (interior) do jornal, nesse caso, em virtude do formato tabloide que vem acrescentado de uma imagem publicitária de cursos de pós-graduação.

O texto traz como discurso de autoridade a fala do secretário de Estado do Desenvolvimento Econômico e Turismo, na forma de discurso citado indiretamente, em primeiro lugar, e depois no discurso relatado de forma direta, entre aspas. É a única voz de autoridade que aparece diretamente no texto. Mas há ainda o discurso-outro do “meio ambiente”, que aparece sob a forma de um licenciamento ambiental, e o discurso dos “incentivos fiscais”, ainda a serem estudados. Esses dois temas aparecem como contraponto à ideia central da matéria de que a refinaria “será instalada”; isso fica evidente pelo uso do advérbio “entretanto” que inicia o parágrafo em que esses dois discursos aparecem.

Disforia	Euforia
<i>Atualmente</i>	<i>Em três meses</i>
<i>Expectativa</i>	<i>Confirmação</i>
<i>Insegurança financeira</i>	<i>Segurança (maior seguradora)</i>
<i>Estuda os incentivos fiscais</i>	<i>Geração de 3 mil empregos</i>

1.2.5 MATÉRIA Nº AT-5

A TRIBUNA – VITÓRIA-ES – SÁBADO – 25/12/2004 – PÁGINA 18
Título: Estado na frente de novo
Linha-fina: <i>Pelo segundo ano consecutivo, o Espírito Santo tem o maior aumento do País na arrecadação de impostos</i>
Repórter: Aline Diniz
Chamada de Capa: <i>Não houve</i>

⁵³ No próximo capítulo, serão descritas algumas estratégias discursivas diferentes usadas por cada jornal. Ao que parece, o tema da criação de novos empregos aparece aqui como parte dessa estratégia de envolver o leitor do jornal na temática central. Em outras palavras, a criação de empregos pode ser um chamariz para os leitores pouco interessados em assinaturas de acordo macroestruturais de construção de refinaria no Estado.

Essa matéria possui uma peculiaridade: apesar de falar diretamente do crescimento do Espírito Santo, ela não apresenta, a princípio, uma relação direta com a cadeia produtiva do petróleo e gás natural, que se constitui enquanto objeto desta análise. No entanto, basta ler o texto para encontrar os indícios dessa presença. A matéria fala da arrecadação recorde de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Seu mote principal, como fica estampado no título e na linha-fina é, primeiro, falar do recorde de arrecadação, segundo, estabelecer esse recorde dentro de um discurso de ranqueamento⁵⁴ entre os estados da Federação. A cadeia produtiva do petróleo e gás aparece apenas no último parágrafo, dentro do discurso citado e modalizado entre aspas.

A matéria traz ainda uma sequência, ou uma submatéria, intitulada “Aplicação de recursos chega a 8%”, que por não conter nada que evidencie ligação com a cadeia produtiva do petróleo e gás natural não foi selecionada para o *corpus*⁵⁵ da pesquisa. Além disso, traz informações gráficas distribuídas em três tabelas⁵⁶: a primeira acrescentando outras falas do secretário de Estado da Fazenda; a segunda trazendo o *ranking* dos estados que mais arrecadam ICMS; e a terceira mostrando a evolução da arrecadação no Espírito Santo. Uma fotografia em preto e branco em que o secretário de Estado da Fazenda aponta dados num computador ilustra a matéria, em posição de destaque no canto superior direito (interno).

Vale ressaltar que se trata de matéria principal destacada na página no canto superior esquerdo (externo). Além disso, é a matéria que abre a editoria de Economia e, portanto, traz a monocromia em azul (e suas variações). O título da editoria em branco é destacado pela linha azul do caderno. A linha-fina da matéria é destacada por setas na cor azul, assim como as informações gráficas das tabelas também são destacadas nessa cor.

O discurso possui dois tipos de apresentação do discurso relatado. O primeiro aparece na forma de modalização do discurso segundo em “A informação é do secretário de Estado da Fazenda, José Teófilo Oliveira, ao ressaltar que [...]”, já a segunda aparece na

⁵⁴ Cf. Capítulo 3.

⁵⁵ Sobre isso, ler item “1.3 Percurso do objeto” do capítulo de Introdução.

⁵⁶ Cf. ANEXO N – JORNAL AT-5 (25.12.2004)

forma do discurso direto introduzido por aspas em “Daí o nosso crescimento de 25%, que é recorde em todo o País”, da mesma fonte. Nesse caso, o discurso citado aparece como forma de garantir o fio condutor do sentido.

Disforia	Euforia
<i>2002</i>	<i>2004 (ano da reportagem)</i>
<i>Pouca arrecadação</i>	<i>Recorde de aumento - 25,3%</i>
<i>Atrás dos estados</i>	<i>Na frente de todos os estados</i>
<i>11ª posição no país</i>	<i>9ª posição no país</i>

1.2.6 MATÉRIA Nº AT-6

A TRIBUNA – VITÓRIA-ES – QUARTA – 16/11/2005 – PÁGINA 28
Título: Linhares é o 6º do País em móveis
Linha-fina: <i>Maioria dos móveis fabricados no Espírito Santo é vendida para fora do Estado. O assunto será debatido em seminário na Fines</i>
Repórter: <i>Sem assinatura</i>
Chamada de Capa: <i>Não houve</i>

A princípio, ao ler a manchete, a ideia central parece ser de que o setor moveleiro do Espírito Santo é um dos maiores do Brasil e que, a partir daí, teremos uma matéria sobre essa temática. No entanto, basta ler a linha-fina para perceber que se trata, na verdade, de uma matéria sobre um seminário de projeto, realizado pela Assembleia Legislativa do Estado, com o apoio da Rede Tribuna, editora do jornal⁵⁷. A informação sobre o evento aparece apenas no terceiro parágrafo. Na matéria há informações sobre os setores industriais do Espírito Santo de forma geral, citando o setor de petróleo e gás. Ela vem acompanhada de uma foto ilustrativa, que mostra um vendedor em uma loja de móveis, com a seguinte legenda: “Móveis capixabas são mostrados e vendidos em outros estados”. Contém também uma ilustração que mostra um binóculo sendo atravessado por uma seta vermelha, que desenha um percurso de ascensão.

⁵⁷ A ideia aqui parece ter sido divulgar o evento que estava sendo, em parte, organizado pelo Jornal. Para isso, foi trazida para o *lead* a informação sobre o setor moveleiro como forma de distanciar a matéria do gênero publicitário. Essa é uma estratégia corriqueira em alguns jornais.

A fala da fonte aparece modalizada em discurso segundo em “[...] segundo o Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper)”. A própria utilização do termo “segundo” atua como modalizador da fala. O discurso-outro que se coloca presente na notícia é o do próprio jornal, que, ao afirmar ser ele também um promotor do evento, posiciona-se em lugar de legitimidade no discurso e também a respeito do conteúdo que está sendo veiculado. A autorreferencialidade do discurso jornalístico, nesse caso, cumpre esses dois papéis, o de se autolegitimar como instituição promotora ao mesmo tempo em que se coloca como “especialista” no assunto relatado. Com isso, o jornal torna-se a sua própria fonte. Isso pode ser visto pela quantidade de informações sobre os debatedores e temas do seminário, todas sem indicação de fontes externas.

Disforia	Euforia
<i>Posição inferior no ranking</i>	<i>6º maior pólo moveleiro do país</i>
<i>29% no próprio estado</i>	<i>70% com outros estados</i>
<i>Passado e presente do trabalho</i>	<i>Futuro do trabalho</i>
<i>Falta de qualificação</i>	<i>Qualificação profissional</i>
<i>Sem desenvolvimento</i>	<i>Manter desenvolvimento</i>

1.2.7 MATÉRIA Nº AT-7

A TRIBUNA – VITÓRIA-ES – QUINTA-FEIRA – 22/12/2005 – PÁGINA 33
Título: Plataforma chega ao Estado em abril
Linha-fina: <i>Equipamento da Petrobras vai colocar o Estado em segundo lugar no ranking da produção de petróleo</i>
Repórter: <i>Sem assinatura</i>
Chamada de Capa: <i>Não houve</i>

A matéria relata, principalmente, a chegada da plataforma FPSO Capixaba ao Estado do Espírito Santo, marcada, segundo o texto, para acontecer no mês de abril do ano seguinte à publicação. Em sua linha-fina, destacada entre setas vermelhas, a matéria traz a “segunda” informação, a de que o Estado alcançará a segunda posição no *ranking* da produção do petróleo. A matéria vem acompanhada de uma fotografia colorida que ilustra outra plataforma na baía de Vitória, com a legenda “O FPSO Capixaba ficará por 10 dias na baía de Vitória”. A notícia está posicionada na parte superior esquerda (interna) da página,

já a foto, na parte superior direita (externa). Como pode ser notado⁵⁸, o texto é bem curto e a página é tomada por uma publicidade da Companhia Vale do Rio Doce.⁵⁹

Quem fala no discurso é o sujeito de autoridade, neste caso, representado pelas duas instituições presentes no texto, o governo do Estado e a Petrobras. As informações sobre as quais se constrói o enunciado são retiradas: a) da reunião realizada no dia anterior entre o governador e diretores da Petrobras; b) da própria Petrobras que aparece no texto em modalização em discurso segundo: “Segundo dados da assessoria de imprensa da Petrobras [...]”. Nesse caso, apesar de o texto fazer referência à assessoria de imprensa, fica estabelecido o peso da autoridade institucional; quem fala, pois, é a empresa. Além do peso institucional, há ainda a construção da imagem de especialistas, tendo em vista que os dois diretores da empresa que participaram da reunião com o governador “chegaram de Cingapura”, onde estaria sendo construído o equipamento. São eles, portanto, que têm o domínio sobre o assunto para poder falar.

Disforia	Euforia
<i>FPSO Capixaba</i>	<i>Construída em Cingapura</i>
<i>Atrás apenas do Rio de Janeiro</i>	<i>2º maior produtor de Petróleo</i>
<i>Previsão de crescimento</i>	<i>100 mil barris de petróleo</i>

1.2.8 MATÉRIA Nº AT-8

A TRIBUNA – VITÓRIA-ES – SEGUNDA-FEIRA – 24/04/2006 – PÁGINA 13
Título: Produzir mais e melhor
Linha-fina: <i>Seminário “O Futuro em Debate” vai discutir formas de crescimento da qualidade de vida no Espírito Santo</i>
Repórter: <i>Sem assinatura</i>
Chamada de Capa: <i>Não houve</i>

Essa matéria é sobre um seminário chamado “O Futuro em Debate”, que seria realizado no Estado. O Seminário estava discutindo alguns temas relativos à economia capixaba, em especial, projetos para os Arranjos Produtivos Locais (APLs). A notícia vem

⁵⁸ Cf. ANEXO P – JORNAL AT-7 (22.12.2005)

⁵⁹ Veja considerações sobre esse anúncio publicitário no Capítulo 4.

acompanhada por uma fotografia em *close* do presidente da Philips do Brasil, Marcos Magalhães, ao qual a matéria faz referência, e é acompanhada da legenda “Marcos Magalhães fez críticas ao método construtivista”. Tal tema é abordado na matéria, separada pelo intertítulo “Educação”, uma espécie de repercussão do tema debatido em seminário anterior.

Há ainda um *box* lateral na cor verde que aponta para os próximos debates que seriam realizados dentro do seminário. A matéria traz, em fonte negritada, o nome da Rede Tribuna de Comunicação, editora do jornal, como realizadora do evento, o que demonstra certa autorreferencialidade do discurso que o jornal está produzindo, na medida em que está “cobrindo” um evento que ele mesmo promove. A notícia está posicionada com destaque na parte superior da página, ficando o texto à esquerda (interno) e fotografia e *box* à direita (externo).

Na primeira parte da matéria ocorre o discurso da autorreferencialidade jornalística. Assim, a referência para a notícia é o próprio jornal, que está inserido na organização do evento relatado. Apenas na segunda parte da matéria, separada pelo intertítulo “Educação”, é que aparecem fontes externas. A primeira delas é o Ministério da Educação (MEC), que informa estar “discutindo o retorno do método tradicional [...]”. A fala seria, portanto, um retorno às críticas realizadas pelo presidente da Philips do Brasil, Marcos Magalhães, que teria criticado o método construtivista durante o primeiro debate. A fala do presidente da Philips é modalizada em discurso segundo.

Disforia	Euforia
<i>Estagnação socioeconômica</i>	<i>Crescimento da qualidade de vida</i>
<i>Falta qualificação</i>	<i>Qualificação profissional</i>
<i>Pouco entendimento do assunto</i>	<i>Especialistas vão abordar tema</i>
<i>Pouca inovação tecnológica</i>	<i>Aumento da capacidade de inovação</i>

1.2.9 MATÉRIA Nº AT-9

A TRIBUNA – VITÓRIA-ES – DOMINGO – 08/10/2006 – PÁGINA 28
Título: Estado atrai novos negócios
Linha-fina: <i>Nova geração de empresários mostra onde é melhor fazer investimentos hoje no Estado</i>
Repórter: Aline Diniz
Chamada de Capa: As áreas com melhores oportunidades de negócios

Diferente das outras matérias que continham fotos, essa não apresenta a legenda da fotografia com a mesma tipografia. Por isso, chama a atenção o fato de acima da foto uma tarja em vermelho (Bordeaux) trazer o seguinte enunciado: “Eles apostaram no Estado”. A inserção dessa legenda como se fosse uma segunda manchete marca a intenção de dar a essa matéria um destaque em relação ao restante do caderno de Economia⁶⁰. Além disso, a própria imagem tem tamanho maior do que normalmente se apresentam nesta Editoria e está localizada no centro da página. Na mesma página há ainda três *boxes* pequenos em cor avermelhada abaixo da fotografia principal. Em cada um deles, há o depoimento dos jovens que aparecem destacados na fotografia.

Além da matéria principal, localizada em uma única coluna do lado direito (externo) da página, ainda há duas outras matérias menores, como retrancas da primeira, posicionadas do lado esquerdo (interno) da página. A primeira delas está dentro de um *box* de coloração avermelhada e tem como título “Gêmeos viram empresários de rochas”. A segunda, logo abaixo, tem o título “Frutas abrem mercado para investimentos”. Ambas não fazem parte do *corpus* de análise.

Essa é uma das poucas matérias – quiçá a única desse jornal – que traz como fontes sujeitos não ligados diretamente a órgãos públicos, agências governamentais, entidades de classe ou empresas estatais. Nela, encontram-se empresários que viram suas empresas aumentar de tamanho nos “últimos anos”. O discurso citado é o mais comum na matéria e aparece pela utilização das aspas. Eles são geralmente introduzidos como parágrafos diretamente no texto e aparecem indicados pelo uso de expressões como “lembrou” ou “disse”.

⁶⁰ Cf. ANEXO R – JORNAL AT-9 (08.10.2006)

No oitavo parágrafo está a construção do fio condutor do discurso. É nele que se diz que “por conta do crescimento do mercado capixaba” ou que “Há quatro anos, os projetos eram desenvolvidos no Rio de Janeiro [...]” ou “[...] cuja construção civil amargou prejuízos durante três anos [...] e apenas agora começa “[...] a ter saldo positivo [...]”. Curioso é que essas falas, atribuídas a uma empresária capixaba, aparecem modalizadas em discurso segundo e não por citação direta. Não se trata de questionar se a empresária realmente disse isso, mas de entender que o sentido assim foi construído em virtude de um dizer que está fora e que atravessa o sujeito do discurso. Assim temos:

Disforia	Euforia
<i>Antes</i>	<i>Agora</i>
<i>Estagnação</i>	<i>Boom Econômico</i>
<i>Velhos empresários</i>	<i>Novos empresários</i>
<i>10 funcionários</i>	<i>Mais de 200 pessoas</i>
<i>Perdas, Prejuízos</i>	<i>Crescimento</i>
<i>Início/Investimento</i>	<i>Colheita dos frutos</i>

Com essas análises descritivas é possível perceber alguns instrumentos utilizados na linguagem para dar abertura às interpretações. O objetivo era mesmo penetrar na materialidade discursiva e partir dela para construir um *processo discurso*,

[...] entendido como o resultado da relação regulada de objetos discursivos correspondentes a superfícies lingüísticas que derivam, elas mesmas, de condições de produção estáveis e homogêneas. Este acesso ao processo discursivo é obtido por uma de-sintagmatização que incide na zona de ilusão-esquecimento nº1 (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p. 181).

Nos próximos capítulos, portanto, as matérias serão analisadas a partir desse processo discursivo, estabelecendo, assim, as relações com as condições históricas de produção do discurso, seus sujeitos, o que dizem e para quem estão dizendo e por que dizem de tal forma e não de outra. Não obstante, é importante distinguir as próximas etapas, na anuência ao que foi dito na Introdução, que primeiro, será estabelecido que esses discursos estão inscritos num campo, o da comunicação, possuem um gênero, o

jornalístico, que por sua vez, se constrói em meio a estratégias diferenciadas entre os dois jornais em questão. Além disso, retomar, no âmbito desse discurso, que tais sentidos são tomados em – e apenas em – condição da existência de um dispositivo, o jornal.

Em termos da hipótese principal deste trabalho, que busca identificar como os jornais constroem o imaginário social do progresso, é possível traçar as formas de operação dessa construção. Destarte, isso implica numa estabilização de certos sentidos, entre os quais o que se dá pelo aparecimento das relações de comparação, o que está inscrito num beneficiamento do novo, o que aparece como sentido positivado quando diz que o “Estado cresce”, entre outros. A partir daí serão realizadas inferências, como, por exemplo, a construção da hipótese de que os textos apresentam como sentido reinante o crescimento da economia no Estado do Espírito Santo, tomado a partir do campo discursivo de referência da cadeia produtiva do petróleo e gás natural. Com o mapeamento dos sentidos que são construídos nos textos e depois o agrupamento dos mesmos em categorias, é possível restituir aos discursos suas formações discursivas e, conseqüentemente, suas filiações ideológicas.

CAPÍTULO 2

O RITUAL MÁGICO DO JORNALISMO: *Autorité, Reconnaissance e Stratégie*

*O grande silêncio das coisas muda-se no seu contrário
através da mídia. Ontem constituído em segredo,
agora o real tagarela.*

Tão complexo quanto falar das diferentes formas de se narrar um fato é falar do ato mesmo de se reportar *um* mundo sob a ótica do que se convencionou chamar de jornalismo. Inúmeras são as definições para o ato de reportar, sendo algumas mais delimitadas a partir de uma ética profissional, calcada numa práxis que se movimenta no ir e vir da história, do que numa construção tipicamente metodológica do ato discursivo. Pode-se chamar tal ética profissional, que se arrefece no fazer cotidiano da prática, de deontologia, termo comum aos estudiosos da área.

No entanto, se não é por esse caminho que segue esta pesquisa, ou seja, não é sobre a prática profissional que ela se debruça, vale a pena tomar como empréstimo a definição usada por Alberto Dines, em debate recente⁶¹, de que o jornalismo “é o campo de batalha onde se trava uma guerra escancarada pela conquista dos corações e mentes em sociedades carentes de referências primárias e atordoadas pelo excesso de informações secundárias”.

Não é a primeira vez que alguém executa a metáfora do campo de batalha para descrever o ato diário de reportar, ou mesmo o ato de mediatização da vida no processo de produção e circulação de mercadorias da informação e do entretenimento⁶². Também é fato que Dines, ao estabelecer assim seu próprio veredicto sobre o jornalismo (ou sobre a mídia de forma mais ampla), estava relacionando-o a uma batalha que se dá no âmbito das relações sócio-historicamente estabelecidas, ou, para dizer de outro modo, das coerções das

⁶¹ Cf. DINES, Alberto. A mídia como campo de batalha. Palestra proferida em 25/3/2010 no Memorial da América Latina, em São Paulo (SP), no seminário Liberdade de Expressão e Direito à Informação nas Sociedades Contemporâneas, coordenado pela jornalista e professora da USP Cremilda Medina. Disponível em < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=583JDB001> > Acesso em: 21 abr. 2010.

⁶² Num passado não muito distante, o jornalista Clóvis Rossi, já havia se referido ao jornalismo como lugar da “incansável batalha pela disputa de corações e mentes” em seu livro “O que é jornalismo?” muitas vezes utilizado como marco introdutório nos cursos de comunicação social/jornalismo.

relações sociais que afetam o profissional do jornalismo e que, por muitas vezes, intervêm na prática jornalística sob a forma de censura prévia da produção.

Não subjugando a importância desse debate, a esta pesquisa interessam de forma prioritária os aspectos dessa batalha travados no interior do próprio discurso. Em outras palavras, o que interessa aqui é entender a língua fazendo sentido. Para isso, parte-se do pressuposto de que “o jornalismo é ele próprio um fato de língua” (GOMES, 2000, p. 19). A batalha sobre a qual se debruça este estudo é aquela que emerge de um *habitus* exclusivamente discursivo. Ou seja, das coerções e regularidades que se impõem ao ato mesmo de reportar, a partir da linguagem.

Aqui é possível distinguir o que se está tratando como linguagem a partir de uma tradição que vem de Ferdinand Saussure – mas que nela não se restringe – segundo a qual a língua “é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 1972, p. 17).

Para ele, todo signo é arbitrário, pois não há relação motivada entre a coisa e a representação linguística desta coisa. Ou, como nos afirma Bourdieu, “sabe-se desde Frege, que as palavras podem ter um sentido sem remeter a coisa alguma, ou seja, o vigor formal pode mascarar a *decolagem semântica*” (2008, p. 28, grifo do autor). Se a língua é tida como um constructo social, atravessada pela história e pelo sujeito (PÊCHEUX, 1988), ela é, desse ponto de vista, relativamente autônoma, conforme nos diz Henry:

La notion d'autonomie relative de la langue caractérise l'indépendance d'un niveau de fonctionnement du discours par rapport aux formations idéologiques que s'y trouvent articulées, niveau de fonctionnement relativement autonome dont la linguistique fait la théorie. Le concept qui permet de penser ce niveau de fonctionnement est celui de langue. L'autonomie est relative, car dans la production et l'interprétation de ce qu'on appellera séquences discursives, c'est-à-dire des discours "concrets", les frontières entre ce que sépare ce qui relève de l'autonomie relative de la langue et ce que relève de la détermination de ces discours "concrets" par des formations discursives, au sens où nous l'avons défini ci-dessus, ne peut être assignée a priori. En d'autres termes, nous posons que tout discours "concrets" est doublement déterminé, d'une part par des formations idéologiques qui rapportent ce discours à des formations discursives définies, d'autre part par l'autonomie relative de la langue, mais nous posons qu'il n'est pas possible de tracer a priori une ligne de démarcation entre ce qui relève de l'une ou de l'autre de ces déterminations (HENRY, 1975, p. 94).

Retomando a questão da batalha, Bakhtin (2006) já havia dito que a palavra é a arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios, e Foucault (1996) também usa a metáfora da luta ao dizer que é no discurso que se trava a batalha pelo poder. Dessa forma, a escolha das palavras não é, portanto, um ato desvinculado das relações de poder que se estabelecem na sociedade e, em especial, no campo jornalístico.

Se há, portanto, uma batalha sendo travada no campo jornalístico, ela não é senão a batalha pelos sentidos. Sentidos construídos por palavras. Palavras que estão sempre em relação com outras. As palavras, portanto, não possuem um sentido literal (dicionarizado). Seus sentidos são sempre construídos a partir da *formação discursiva* em que se inserem, nas relações que mantêm com outras palavras, com outras cadeias discursivas.

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe 'em si mesmo' (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões, e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (Pêcheux, 1997, p. 160).

Se as palavras não possuem um sentido literal, mas sempre construído socialmente a partir dos usos e práticas sociais, é possível inferir que a possibilidade mesma de ter o direito de escolher as palavras a serem inseridas nessas práticas revela uma posição de poder em relação aos demais membros de uma comunidade discursiva. Em outras palavras, o enquadramento dos sentidos demanda uma escolha e uma forma de *dar a ver* um mundo com outras infinitas possibilidades.

No início do século XX, o teórico Lippman (2007) já havia postulado a respeito da construção desses *frames* no jornalismo⁶³. Segundo ele, não apenas as escolhas das palavras, mas os quadros nos quais elas são postas, colaboram para a construção de uma unidade de sentido. Esse enquadramento, segundo ele, depende não apenas do mediador direto – o jornalista – mas de uma série de outros fatores (fontes, editor, editorial, entre outros).

⁶³ Cf. WOLF, Mauro. A hipótese do agenda-setting. In:_____. *Teorias da Comunicação*. 4ª Ed. Lisboa: Editora Presença, 1999. p. 144-177.

Assim, conforme já fora dito, a constituição do *corpus* da pesquisa reage como consequência desse arranjo entre interdiscurso e condições de produção do discurso, mas é apenas na materialidade do intradiscurso que é possível, de fato, enxergar os modos dessa operação. Assim, não por acaso, as matérias selecionadas para o *corpus* deixam-se perceber enquanto “temas do discurso”. Tais temas são visíveis não apenas pelo sentido dos enunciados propostos como títulos das notícias⁶⁴, mas também pela forma sintática como tais enunciados operam em relação ao sentido proposto.

Em geral, as teorias do jornalismo sempre apontam o critério da importância como fundamental nas escolhas editoriais. Uma importância que sem dúvida é “completamente estrangeira” ao próprio campo da produção jornalística. Gomes nos afirma que “a importância, assim como implica escolha, ou a escolha segundo um *dado a ver* de uma época e lugar, serve de baliza para o que é apontado como verdade do que é posto em visibilidade” (2003, p. 84, grifo da autora). Segundo a autora, o critério de importância aciona as palavras enquanto dispositivos disciplinares, ou seja, que ordenam o mundo, organizando o espaço social, e prescrevem comportamentos.

Jamais se deveria esquecer que a língua, em razão da infinita capacidade geradora, mas também, *originária*, no sentido kantiano, que lhe é conferida por seu poder de produzir para a existência produzindo a representação coletivamente reconhecida, e assim realizada, da existência, é com certeza o suporte por excelência do sonho de poder absoluto (BOURDIEU, 2008, p. 28, grifo do autor).

As palavras têm, portanto, uma força capaz de estabelecer vínculos de sentido e de operar como condutoras da realidade. A essa força, que se manifesta no ato mesmo de dizer algo a alguém, Austin chamou de *força ilocucionária*⁶⁵. Essa força estaria localizada nas próprias palavras, como por exemplo, nos enunciados performativos. Num diálogo profícuo com Austin, Bourdieu critica o que os “seguidores do pensamento” austiniano instituíram ao fazer desaparecer a própria problemática da autoridade suscitada por

⁶⁴ As matérias foram selecionadas a partir dos enunciados dos títulos.

⁶⁵ C.f. AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*: palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

Austin, segundo a qual é permitido ao locutor (autorizado) dizer o que a instituição (social) lhe autorizou dizer.

O exercício lógico que consiste em dissociar o ato de fala de suas condições de efetuação consegue mostrar, através dos absurdos concebidos por tal abstração, que o enunciado performativo enquanto ato de instituição não pode existir sociologicamente, independente da instituição que lhe confere sua razão de ser; e mesmo no caso de que pudesse vir a ser produzido apesar de tudo, ele seria socialmente destituído de sentido. Uma ordem ou mesmo uma palavra só pode operar quando tem a seu favor a ordem das coisas, pois sua realização depende de todas as relações de ordem que definem a ordem social (BOURDIEU, 2008, p. 62).

As palavras operam com o efeito de verdade. “[...] Se existe um incidente incontestável nas mídias é a reincidência com que certas palavras comparecem. Não podemos apontar essa reincidência como simples efeito da 'realidade' vivida” (GOMES, 2003, p. 65). Assim, tomados apenas os enquadramentos pelos quais as matérias analisadas são construídas, é possível constatar, na utilização de verbos nos sintagmas, uma operação que constrói uma “realidade” em relação ao que se está enunciando, conforme manchetes:

- **A Tribuna**

Decisão sobre royalties na 2ª (AT-1, 14/02/2003);
Petrobras explora novos poços (AT-2, 10/06/2003);
Petrobras prepara 30 poços (AT-3, 05/09/2003);
Refinaria sai em junho (AT-4, 23/04/2004);
Estado na frente de novo (AT-5, 25/12/2004);
Linhares é o 6º do País em móveis (AT-6, 16/11/2005);
Plataforma chega ao Estado em abril (AT-7, 22/12/2005);
Produzir mais e melhor (AT-8, 24/04/2006);
Estado atrai novos negócios (AT-9, 08/10/2006).

- **A Gazeta**

Petrobras investe 600 milhões no ES (AG-1, 27/04/2003);
Petrobras triplica produção no Estado (AG-2, 10/06/2003);
Indústria do petróleo abre mercado para capixabas (AG-3, 24/08/2004);
ES tem recorde de receita e volta a investir em 2005 (AG-4, 25/12/2004);
Petróleo muda perfil dos investimentos no Espírito Santo (AG-5, 02/01/2005);
Estado aposta na energia limpa do gás natural para o futuro (AG-6, 28/08/2005);
Petróleo incrementa turismo em Linhares (AG-7, 16/11/2005);
Petróleo abre novo corredor de progresso no Estado (AG-8, 08/10/2006);
Estado se torna referência no setor de cargas (AG -9, 20/11/2006).

Tomando ainda as palavras do ponto de vista de sua função performativa, é possível dizer que elas operam sempre com *efeito de real*, ou seja, buscam tornar ato aquilo que enunciam. Assim, os sintagmas “Petrobras explora”; “Petrobras prepara”; “Estado na frente”; “Estado aposta”; “Petróleo incrementa”; “Petróleo abre”; “Petróleo muda”, entre outros que aparecem nas manchetes dos jornais *A Gazeta* e *A Tribuna*⁶⁶, operam como enunciados performativos, ou seja, enquanto,

[...] a pré-visão política é, por si só, uma pré-dição que pretende fazer acontecer o que enuncia; ela contribui praticamente para a realidade do que anuncia pelo fato de enunciá-lo, de prevê-lo e de fazê-lo prever; por torná-lo concebível e, sobretudo crível, criando assim a representação e a vontade coletivas em condições de contribuir para produzi-lo (BOURDIEU, 2008, p. 118, grifo do autor).

Dessa forma, conforme fora visto no Capítulo 1, as matérias do caderno de Economia, durante o período analisado, apresentam, na operação da língua posta em prática no enunciado, uma construção de sentidos que, em muitos casos, servem para “executar uma ação”, e isso não ocorre em virtude de uma força imanente da linguagem, mas de algo que lhe é exterior, ou extralinguístico. Em outros termos, a partir do que é possível chamar de uma lingüística do discurso, ou seja, ver na materialidade da língua em prática, como ela constrói os sentidos nos textos, e, por conseguinte, ver como esses sentidos estão articulados no campo social.

Essa Linguística do Discurso, que recoloca completamente em questão a distinção operada por Saussure entre língua e fala, com a condição de que ela se liberte de um modelo individualista, centrado numa problemática do sujeito, pode, como veremos, engrenar numa teoria das ideologias (ROBIN, 1973, p. 32).

Antes, porém, de penetrar no processo discursivo, ou seja, de deixar vir a tona as redes de sentido que são instauradas no discurso, é preciso, caracterizar os sujeitos que desse discurso participam. Isso porque, conforme dito, a *força ilocucionária* não é algo

⁶⁶ Para facilitar a leitura trabalharemos a partir deste ponto com as iniciais de cada jornal, assim temos AG (*A Gazeta*) e AT (*A Tribuna*) em itálico, com exceção dos locais onde são citados entre aspas ou como títulos.

imane à linguagem, mas depende da autoridade (do locutor e da instituição que o autoriza) somada às propriedades propriamente linguísticas do discurso. E é isso que irá permitir a eficácia simbólica da linguagem, operando assim a magia social de pregnância do discurso. Para isso, é preciso levar em conta o mapeamento lingüístico, mas também remontar a ideia de que o jornalismo, como o lugar do discurso analisado, é também o lugar do “discurso institucional” e, portanto, reflete relações institucionais das quais faz parte (ORLANDI, 2007).

Dito isso, é interessante tomar *in loco* as palavras de Bourdieu, segundo as quais,

[...] mesmo quando se limita a dizer com autoridade aquilo que é, ou então, quando apenas se contenta em enunciar o ser, o *auctor* produz uma mudança no ser: pelo fato de dizer as coisas com autoridade, ou seja, diante de todos e em nome de todos, pública e oficialmente, ele as destaca do arbitrário, sancionando-as, santificando-as e consagrando-as, fazendo-as existir como sendo dignas de existir, ajustadas à natureza das coisas, ‘naturais’ (2008, p. 109, grifo do autor).

No caso do jornalismo, seu poder está centrado na capacidade, a partir de sua posição legitimada, de enquadrar, ou seja, de organizar o mundo a seu modo, escolhendo as palavras e articulando-as perante os fatos dados. Assim reconstrói a realidade, tomada como verdade, dando a ser o seu *efeito de real* e posiciona o leitor (coenunciador) como alguém capaz de por em prática aquilo que está sendo enunciado.

2.1 *Autorité* ou o jornalismo como discurso de si

A questão do poder no jornalismo talvez seja uma problemática tão antiga quanto o próprio jornalismo em sua forma lapidada – após o advento da modernidade. Entre uma linha e outra de um texto acadêmico ou jornalístico, é possível encontrar uma tendência bastante evidente de se atribuir ao “aparato midiático” um poder quase mágico. Em termos de pesquisa científica, esta é uma polêmica cuja fluorescência não tende a se esvair, pelo menos não tão cedo. Em termos de discursos que circulam na vida social, também não há indícios de que esse debate esteja perto do fim.

Se durante longo período os meios de comunicação foram vistos como um “lugar” onde agentes deliberadamente orquestravam aquilo que deveria ou não ser visto, “[...] contentava-se em denunciá-lo [o poder] no 'outro', no adversário, de uma maneira ao mesmo tempo polêmica e global” (FOUCAULT, 2002, p.6), hoje já não é possível falar desse poder sem levar em conta as posicionalidades no discurso e as práticas sociais nas quais os jornalistas estão inseridos. Pelo menos é o que vêm apontando as pesquisas realizadas na área. Assim, do ponto de vista metodológico, cabe

[...] não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder – desde que não seja considerado de muito longe – não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e são submetidos. O poder deve ser analisado com algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia (FOUCAULT, 2002, p.183).

Tal compreensão, no entanto, não aponta para um esvaziamento do poder no jornalismo, ao contrário, refaz noções e induz a pensar neste poder de uma forma menos enviesada, abrindo possibilidades de se olhar para dentro do campo e verificar, nos indícios de sua prática, as formas de manifestação deste poder.

O foco desta pesquisa refere-se, contudo, ao estudo do discurso e ao jornalismo como este lugar do discurso autorizado, que se mantém apesar das mudanças estabelecidas em torno dos contratos de leitura que são constantemente reiterados. Ainda que a noção de verdade tenha sofrido um importante impacto durante o século XX, ou seja, que o jornalismo tenha se distanciado da ideia de verdadeiro representante do “real”, há nele um aspecto que se sustenta como o instrumento legítimo *do poder falar sobre*.

A esse respeito, Bourdieu (2008) ao dialogar com o linguista Benveniste (1995a), faz uma alusão à obra de Homero para falar do *skeptron*, uma espécie de cetro que é oferecido ao orador que vai tomar a palavra. O cetro, neste caso, simboliza a autoridade do orador, sua capacidade de proferir seu discurso, mas também a capacidade de ouvir, facultativamente imposta aos ouvintes. Facultativamente porque estes, assim como o orador, escolhem participar desse processo comunicativo, e ambos posicionam-se, cada um

a seu modo, como sujeitos do discurso; e imposta porque, na medida em que se estabelece a autoridade de quem detém o cetro, se estabelece também uma relação de poder entre esses sujeitos participantes.

O jornalismo funciona mais ou menos como nesta analogia à obra de Homero. Ao jornalista – sujeito no discurso – é oferecido o cetro, a partir do qual obtém a legitimidade para proferir seus discursos de acordo com as possibilidades socialmente referenciadas ou socialmente pactuadas.

Este ato de direito que consiste em afirmar com autoridade uma verdade com força de lei constitui um ato de conhecimento que, por estar fundado, como qualquer poder simbólico, no reconhecimento, produz a existência do que enuncia (a *auctoritas*, como lembra outra vez Benveniste, é a capacidade de produzir conferida ao *auctor*) (BOURDIEU, 2008, p.109).

Ainda que os aspectos sociológicos da construção deste lugar do jornalismo se mostrem relevantes, a opção aqui é pela discussão a partir do viés do discurso, ou seja, da construção desse lugar do jornalismo também como um discurso que o jornalismo faz de si mesmo. Em outras palavras, como o jornalismo sustenta o cetro construindo também um discurso de legitimidade sobre si.

Esse discurso foi sendo sustentado ao longo dos anos a partir de vieses que se intercalam e que são, ainda hoje, defendidos como utopias profissionais: neutralidade, imparcialidade e objetividade. Tais pressupostos da constituição do jornalismo indicavam a existência de um jornalista absolutamente afastado dos fatos que narrava, que se colocava em posição de neutralidade, capaz de transmitir em suas matérias o fato tal como ocorrido.

Alguns autores justificam a pregnância desse discurso deontológico ainda hoje, não apenas como ideal profissional, mas como uma forma de os jornalistas (na posição de trabalhadores do texto) se defenderem da entrância cada vez maior do setor comercial nas empresas jornalísticas, ou seja, das pressões exercidas pelo mercado noticioso sobre os fatos

noticiosos⁶⁷. Longe de efetuar uma leitura dos aspectos profissionais do jornalista, esta pesquisa cita os pressupostos fundamentais do campo apenas como forma de desconstruir o aspecto de apreensão do “real” sob o qual tais fundamentos se consolidam.

Não por acaso, tal percepção sobre o fazer jornalístico encontrava um paralelo no âmbito da ciência, na medida em que esta última, influenciada por motivos positivistas, construía-se como um lugar cujo objetivo era apreender o “real”, encontrar a verdade por trás das atividades físicas, químicas, biológicas, ou mesmo sociais, aparentes. Ao passo que o cientista ou pesquisador encontrava-se também supostamente afastado do objeto, incapaz de pressentir sua influência no objeto pesquisado, conforme descrito na Introdução.

Ao longo de todo o século XX, este tipo de pensamento lógico foi o que dominou também a prática do jornalismo, atribuindo ao jornalista o status de alguém posicionado com neutralidade diante do fato narrado. O “real”, como sendo aquele noticiado pelos veículos de comunicação, aparentava-se, portanto, à noção de verdade nas ciências, como aquela disposta a ser encontrada na medida da eficiência do método.

Atualmente, é praticamente impossível refletir sobre o poder sem levar em conta o papel da verdade. O poder enquanto elemento constitutivo das relações entre sujeitos humanos constitui-se na emergência de uma verdade como um “real” absoluto e apreensível, que só pode ser apreendido por poucos. Esses poucos não seriam, por seu lado, portadores dessa verdade, mas sujeitos que ocupam posições “cuja especificidade está ligada às funções gerais do dispositivo de verdade em nossas sociedades” (FOUCAULT, 2002, p. 13).

Ao passo que, se por um lado exista certa desconfiança na forma como a sociedade enxerga o jornalismo, observando nele um lugar de onde se fala (uma posição no discurso, de um jornalista ou de uma instituição), por outro, o jornalismo permanece como um *dispositivo* de verdade, sendo os jornalistas não os detentores da verdade, mas aqueles que estão entre os poucos autorizados a falar dela enquanto tal. Em outras palavras, numa

⁶⁷ C.f. TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993.

analogia com a obra de Homero, é o jornalismo enquanto instituição socialmente referendada que está autorizado a segurar o cetro.

É nesse sentido que o jornalismo opera uma dupla legitimação: a primeira diz respeito ao fato de que ele próprio é autorizado a falar sobre a realidade social, e a segunda remete ao fato de que quem nele fala também tem a autoridade para falar sobre essa realidade. O discurso citado de especialistas e autoridades governamentais, em geral, corrobora essa perspectiva, sobretudo, no que tange ao jornalismo econômico.

2.2 *Reconnaissance*, um campo e um gênero do discurso

Investigar a forma de realização do poder no jornalismo implica, conforme já dito, um reposicionamento da própria noção do poder, visto agora não como um fenômeno hierarquizado de valores e posições, mas como algo que se realiza nas práticas cotidianas. Isso não implica dizer que não existe uma ordem que se constitui como organizadora dessas pequenas práticas; ao contrário, implica justamente em ver nelas uma formação anterior que as engendra. Fala-se, portanto, nas coerções do campo e do gênero jornalístico nas quais são perpetradas a constituição de uma linguagem própria e, portanto, uma prática social própria.

A esse respeito, Bourdieu (2005) traz uma importante contribuição ao estabelecer o conceito de campo como espaços relativamente autônomos, que produzem e fazem circular bens simbólicos e que possuem modos de funcionamento próprios, estruturados tanto na forma, quanto no conteúdo, de acordo com as especificidades de cada campo. Seu trabalho sobre a constituição do campo religioso mostra os processos pelos quais um campo se “desprende” de outros domínios do conhecimento humano para se constituir autonomamente.

Sem pretender adentrar os meandros constitutivos do campo religioso sobre o qual Bourdieu se debruçou em seu estudo a partir da obra de Marx Weber, é interessante citar algumas das formulações do autor que pressupõem a formação de um campo: a) inovações tecnológicas e produtivas, que reconfiguram a divisão social do trabalho num campo; b)

organização da produção e da difusão especificamente ligadas ao campo a ser constituído, e “moralização” de suas práticas; c) constituição de um corpo de especialistas (monopólio do saber), capaz de organizar e discriminar o que pode e deve ser produzido e distribuído.

Se tomados como ponto de partida esses três pressupostos, o jornalismo passa a ser constituído como um campo específico de produção e difusão de conhecimento, um campo da comunicação discursiva, ainda que esse debate, conforme mostram alguns historiadores do jornalismo, não tenda a findar de imediato, nem a estar ausente de polêmicas⁶⁸.

Ainda que os três pressupostos estejam engajados na instituição do campo, é acerca do segundo que discorrem as próximas linhas, ou seja, o processo de organização da difusão e a “moralização” de suas práticas, entendidas como práticas discursivas. Em outras palavras, o condicionamento do modo de apreensão e transmissão do discurso e as características dos enunciados que o constituem e seus gêneros. Bourdieu (1996) fala da primazia do estilo sobre o conteúdo ao discutir o campo artístico, ou seja, do fato de se coagir a linguagem no intuito de coagir um olhar a essa linguagem, que é diferenciada e que diferencia não apenas o produto, como também quem o produz.

Para o campo da comunicação discursiva está designado um sistema de coerções próprio, que se instaura numa espécie de “moralização” das práticas a partir da linguagem. O funcionamento, tanto na forma, quanto no conteúdo da mensagem que se impõe, é “resultante da ação conjugada de coerções internas” (BOURDIEU, 2005, p.65) inerentes ao funcionamento do campo e da posição de autoridade ocupada por seus agentes, que detêm o poder legitimado.

Os estudos sobre os gêneros do discurso, que têm se destacado no cenário atual dos estudos discursivos no Brasil, pode se beneficiar da dinâmica de instituição, tal como formulada por Bourdieu, para explicar os processos de legitimação e de reconhecimento da autoridade relacionada a um gênero e da noção de *habitus* [...] (GRILLO, 2002, p.9).

⁶⁸ Refiro-me aqui à própria constituição desse campo, outrora ligado ao campo da mídia de modo geral e ao entretenimento, sendo, em especial a partir da década de 1970, profissionalizado e constituído como técnica a ser apreendida nas universidades.

Ao conjunto de práticas que se instauram sob a astúcia de coerções, Bourdieu denominou de *habitus*, sistema de disposições duráveis que se estruturam e são estruturantes de outras práticas, mas que não são fruto de um determinismo mecânico (infraestrutural), nem tampouco autômatos da individuação. São antes abertas à liberdade (controlada) do sujeito, pois essa liberdade é sempre limitada pelas condições sócio-históricas, assim como o sujeito é atravessado pelo que “já foi dito antes, em outro lugar, de outra forma”, ou seja, pelo campo simbólico que o circunda.

Assim, o *habitus* aparece neste trabalho como um suporte nas considerações acerca do discurso jornalístico, como este lugar, regulado e regulador de e discursos, mas que possuiu uma autonomia relativa na medida em que constrói também um discurso de si mesmo. O jornalismo tem importância relevante na construção das formações imaginárias, na medida em que atua com alguns princípios básicos que lhe conferem um caráter de legitimidade e de propagador de verdades.

Aqui é possível introduzir um diálogo produtivo com as formulações de Bakhtin, segundo as quais as regularidades dessas práticas discursivas que se situam dentro da lógica de um campo, neste caso o campo jornalístico, constituem-se enquanto gêneros do discurso. Para Bakhtin cada campo tem “seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006, p.33).

O gênero discursivo é, portanto, um conjunto de enunciados relativamente estáveis em um determinado campo da atividade humana no qual, tanto “o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação” (BAKHTIN, 2003, p. 262). Além disso, isso implica dizer que cada gênero pressupõe a existência de um coenunciador – ou leitor presumido⁶⁹ – capaz de *reconhecer* e articular os determinados gêneros e envolvê-los numa trama interdiscursiva.

⁶⁹ A ideia de um leitor presumido é um conceito central na obra de Bakhtin, ainda que os termos para tal ideia apareçam de formas diferentes em sua obra. Esse é o fundamento de seu conceito de dialogismo, segundo o qual o texto não é fruto de uma consciência individualizada do autor, mas de uma relação consciente, estabelecida no ato de produção do texto, entre o autor e seu “duplo”. O duplo, neste caso, pode ser entendido como sua realidade concreta imediata: o Outro.

Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo de fala (BAKHTIN, 2003, p. 283).

No jornalismo, enquanto campo da comunicação discursiva, podemos perceber a incidência dessas regularidades que atuam de forma coercitiva sobre a enunciação. São variáveis os tipos dessas coerções dentro do campo jornalístico e, portanto, variáveis também os gêneros discursivos que se instauram a partir delas. Os mais comumente visíveis são: notícias, reportagens, artigos de opinião, comentários políticos e/ou econômicos, entrevistas (que também podem variar) e assim por diante.

Três formas de coerção já foram mencionadas no início deste capítulo. Trata-se dos princípios básicos da própria área, a saber: a objetividade, a imparcialidade e a neutralidade. No entanto, ainda que tratados, majoritariamente, como princípios éticos da atividade jornalística, são antes coerções do próprio campo, ou seja, regras que se instauram para diferenciar o jornalismo enquanto campo autônomo de produção de conhecimento, neste caso, de notícia. Vale ressaltar que, nesta pesquisa, o *corpus* de análise contém estritamente o gênero notícia.

Em relação à primeira característica, é possível distinguir que a objetividade é conseguida, a princípio, pela eliminação das marcas da enunciação jornalística. Assim, a notícia de jornal não deixa explícito no texto quem é aquele que a enuncia. Essa estratégia de retirar do jornalismo as marcas de sua enunciação, ou seja, os debrantes, já foi muito bem estudada por pesquisadores do jornalismo e analistas do discurso⁷⁰.

Há ainda o fato de as notícias serem contadas sempre em terceira pessoa, o que pressupõe uma imparcialidade pela suposta ausência de um *eu* no discurso e,

⁷⁰ Cf. FIORIN, J. L. Pragmática. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à Linguística. II: Princípios de Análise*. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008. p.161-185 e MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

consequentemente, se não há um *eu* também não existe um *tu*⁷¹, o que permite ao jornalismo uma “inserção num outro campo em que o resultado do dizer se torna informação incontestável”. Esse tipo de apagamento é evidente nas manchetes dos jornais, como, por exemplo, em “*Indústria do petróleo abre mercado para capixabas*” (AG-3, 24.08.2004). É como se houvesse um caráter imanente no fato noticiado, “tudo se passa como se não houvesse nenhuma colocação de valores ou hierarquização” (GOMES, 2000, p.65-66).

Outras formas de garantir a legitimidade do discurso jornalístico estão atreladas ao aspecto modal do discurso. Ou seja, as formas de modalização, tanto temporal, quanto espacial, indicam uma posição de neutralidade em relação ao fato narrado. Pode-se tomar como exemplo o enunciado “‘Estou esperançoso de que sejam anunciadas novas descobertas de petróleo no Estado nos próximos dois meses’, ressaltou o governador, no último domingo, antes da reunião com o presidente da Petrobras, José Eduardo Dutra” (AT-2, 10.06.2003).

Nela, o jornalista enunciador não apenas identifica o discurso citado, como também o localiza no tempo em “no último domingo” e no espaço “antes da reunião com o presidente da Petrobras”. Isso o isenta enquanto participante do discurso, ao mesmo tempo em que indica de onde foi “retirado” o discurso, ou seja, aponta para tempo e local da enunciação do governador, dados que são publicamente confirmados.

Esse tipo de recurso acaba sendo fundamental na enunciação jornalística, sobretudo, no jornalismo impresso. Com a modalização de tempo e de espaço, o jornalismo pode destacar a enunciação, porém preservando a chamada “posição observadora” da imprensa no processo de descrição dos acontecimentos. Os julgamentos dos fatos, nesse caso, podem até existir, mas em geral aparecem implícitos no enunciado.

⁷¹ Cf. BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Cia Editora Nacional e Editora da USP, 1976.

Seguindo esse caminho é possível encontrar a prevalência do discurso citado, ora de forma direta entre aspas, ora modalizado em discurso segundo⁷². É importante salientar a importância dos discursos institucionais, sobretudo nas notícias analisadas que se encontram enunciadas na editoria de Economia. Assim, além de sofrer as coerções próprias do gênero, os enunciados ainda são submetidos às coerções da classificação editorial.

Se o jornalismo tem uma história, o jornalismo econômico possui suas peculiaridades dentro do gênero. No Brasil, o jornalismo econômico em sua forma contemporânea tem início, basicamente, a partir da ditadura militar⁷³. Havia por parte dos militares o interesse claro em divulgar o chamado “milagre econômico” e estimular o otimismo da sociedade, o que proporcionou maior destaque para o setor. É por isso que, apesar da censura imposta aos jornais, os editoriais de economia gozavam de certa autonomia, o que permitiu aos jornalistas da época encontrarem nas brechas da censura o espaço para discutir os problemas sociais crescentes e, inclusive, contestar os dados inflacionários que eram apresentados pelos militares.

É a partir desse momento que começam a aparecer os jornais focados na cobertura econômica e a surgir os cadernos especializados em economia. Essa especialização, somada ao fim do período ditatorial, proporcionou aos cadernos de economia um posicionamento crítico em relação ao que estava acontecendo. Fato que foi ainda desenvolvido com a redemocratização do país. Na década de 1980, o jornalismo econômico cumpriu quase uma “função pedagógica”⁷⁴ de explicar à população o que estava acontecendo com os preços dos alimentos, com a moeda etc.

⁷² Cf. AUTHIEZ-REVUZ, J. *Ces mots qui NE vont pas de soi*. Boucles réflexives et non-coïncidences du dire. Tome 1. Paris: Larousse, 1995. (Collection Sciences du Language)

⁷³ No Brasil, as editorias dos jornais que abordavam exclusivamente temas econômicos já existiam no final do século XIX e início do século XX. Muitas foram as colunas que se destacaram nas décadas de 1920 e 1930. Ao longo do século XX, em especial durante o período varguista, houve momentos de controle rígido e momentos de ascensão das seções especializadas, esses últimos alavancados pela criação de empresas estatais, como a Companhia Vale do Rio Doce e a Petrobras. No entanto, as notícias de economia ainda se encontravam de forma desorganizada nos jornais.

⁷⁴ Cf. LENE, Hérica. O jornalismo e a construção do verdadeiro no campo econômico: uma análise à luz das reflexões bakhtiniana e foucaultiana sobre discursos. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*. Vol. 8, Nº 3. set/dez 2006. p.212-222.

Com a implantação do neoliberalismo na década de 1990, uma nova mudança será percebida. O fim do conflito político e o consensualismo da mídia na pregação do modelo neoliberal (KUCINSKI, 2000) acabam por alterar a forma de reportar as notícias de economia, que passam a contar mais sobre os grandes empreendimentos, flutuações cambiais e privatizações das estatais, e menos sobre os problemas mais próximos da população. Isso fica evidente, por exemplo, na mudança do perfil das fontes. Os espaços foram massivamente ocupados pelo discurso oficial.

O oficialismo se coaduna com o *elitismo* na cobertura, com o entendimento de que as grandes empresas e seus executivos são os protagonistas principais da narrativa jornalística [...] O elitismo decorre também de serem os executivos e altos quadros do governo as fontes mais usadas pelos jornalistas (KUCINSKI, 2000, p. 185, grifo do autor).

Apesar de inúmeras tentativas de trazer o jornalismo econômico para perto da realidade da população em geral, ainda é evidente a prevalência das fontes oficiais nas matérias dos cadernos de economia. Todas as 18 matérias que constituem o *corpus* desta pesquisa contêm apenas fontes oficiais (o que inclui as falas dos empresários e especialistas), o que confirma – e até ultrapassa – a tese segundo a qual 30% das fontes consultadas por jornalistas são oficiais e, somando empresários e técnicos, chegam a 80%⁷⁵.

Em todas as matérias analisadas, as fontes são instituições representadas por governador e secretarias, no caso do Estado, presidentes e diretores, no caso de empresas privadas, estatais e entidades setoriais. Entre as fontes citadas, destacam-se: o governador do Estado do Espírito Santo, Paulo Hartung; o diretor de Exploração e Produção da Petrobras, Guilherme Estrella; o gerente geral da Unidade de Negócios de Produção no Estado, Márcio Félix; o presidente da Philips do Brasil, Marcos Magalhães; o secretário de Estado do Desenvolvimento Econômico e Turismo, Júlio Bueno; o secretário de Estado da Fazenda, José Teófilo Oliveira; o Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper); o presidente da Petrobras, José Eduardo Dutra; a assessoria de

⁷⁵ Cf. FARIA, Armando M. O Jornalismo Econômico e a Cobertura sobre a Privatização (1990/1991). São Paulo, ECA/USP, 1994. (Dissertação de Mestrado). Citado por KUCINSKI, Bernardo. *Jornalismo Econômico*. 2ª Ed. São Paulo: Editora da USP, 2000.

imprensa da Petrobras; a Organização Nacional da Indústria de Petróleo (Onip); a diretora da Agência de Serviços Públicos de Energia do Espírito Santo (Aspe), Maria Paula Martins; a prefeitura de Colatina e a Associação dos Municípios do Espírito Santo (Amunes), ambas representadas na fala de Guerino Balestrassi; o diretor do Sindicato das Empresas de Transportes de Cargas do Espírito Santo (Transcares), José Geraldo Valadão.

Não é objetivo aferir com acuidade a respeito das fontes que foram ouvidas nas 18 matérias analisadas. É óbvio que, na medida em que as condições históricas de produção do discurso apontam para a seleção de matérias vinculadas à cadeia do petróleo e do gás natural, fica difícil encontrar outros interlocutores que não sejam as fontes ditas oficiais. No entanto, é possível notar que, mesmo nas matérias de caráter mais comportamental, os entrevistados são, em sua maioria, donos ou diretores-gerais de empresas. De certa forma, isso mostra que as editorias de economia tendem a reproduzir o discurso da instituição, conforme relatou Kucinski (2000), o que faz do jornalismo econômico um dispositivo referencial da legitimação do discurso autorizado.

2.3 *Actualité*, o “novo” todo dia

Um dos debates instaurados no campo do jornalismo diz respeito a sua capacidade de enunciar o novo todo dia. Segundo alguns teóricos da área, a narrativa jornalística é aquela que busca a novidade, chamada, no jargão do grupo, de “furo” jornalístico. Esse, por seu lado, dependeria de uma capacidade astuta do jornalista de ir ao encontro do novo, do que não foi enunciado e fazê-lo emergir como uma novidade, como um acontecimento que *irrompe* do “real”, cabendo ao jornalista a faculdade de descrevê-lo.

As narrativas jornalísticas, portanto, não podem ser consideradas como meras descrições de acontecimentos ou processos. Ao contrário, não apenas os jornais, mas os *media* em geral, retiram fragmentos desses acontecimentos e processos, encenando-os e introduzindo-os em esquemas pré-construídos, dotando-os de coerência e instituindo, com essa construção, a realidade (SOARES, 1997, p.55).

É claro que, do ponto de vista da produção da notícia, no jornalismo investigativo é sempre possível desvelar o que está velado e trazer à tona, ao conhecimento público, algo que ainda não ganhou notoriedade. Por outro lado, esse mesmo *desvelar* não é nunca a pressuposição de uma origem do discurso, pois mesmo a novidade enunciada está sempre entrelaçada a outras discursividades já presentes no campo social.

A linguagem (ou jogo, ou ordem do signo, ou o discurso) não é entendida como uma origem, ou como algo que encobre uma verdade existente independentemente dela própria, mas sim como exterior a qualquer falante, o que define precisamente a posição do sujeito, de todo sujeito possível. Mas isso define o sujeito como posição, e não como uma coisa em si mesma, como uma substância (HENRY, 1993, p.29)

O ato mesmo de determinar o que é “furo” ou não pressupõe a existência desses outros discursos, sem os quais não é possível construir sentido. É preciso também diferenciar o novo do desconhecido⁷⁶. O novo é uma categoria relativa, o que é novo para alguém, assim o é porque pode ter passado despercebido em outros momentos. Com isso, é possível distinguir que a novidade está sempre à mercê das formações discursivas nas quais estão inseridos enunciadores e coenunciadores.

Em outras palavras, o sonho jornalístico de desvelar a verdade que estava escondida não passa de um sonho adâmico, segundo o qual o sujeito produtor do discurso estaria na origem desse mesmo discurso. “Diremos que o coração desse mito se apóia na noção de consciência como poder sintético unificador, centro e ponto ativo de organização das representações que determinam seu encadeamento” (PÊCHEUX, 1988, p. 172).

É assim que o homem chega pensar a ordem simbólica, é que ele é primeiro tomado em seu ser. A ilusão de que ele a tenha formado por sua consciência provém de que é pela via de uma hiância específica de sua relação imaginária com seu semelhante, que ele pôde dar essa entrada senão pela passagem radical da fala, ou seja, a mesma da qual reconhecemos no jogo da criança um momento genético, mas que, em sua forma completa, se reproduz cada vez que o sujeito se dirige ao Outro como absoluto, isto é como o Outro que pode anulá-lo ele próprio, da mesma maneira pela qual pode agir com ele, isto é fazendo-se objeto para enganá-lo (LACAN, 1978, p. 59).

⁷⁶ Cf. PENNA, Felipe. Teoria do Jornalismo. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2005.

A esse respeito vale destacar que o sujeito é sempre atravessado pelo simbólico, o Outro social, e nunca é fonte originária do discurso que ele mesmo produziu, porque “efeito de linguagem, é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito ele não é causa de si próprio, ele traz em si o verme da causa que o esconde” (LACAN, 1978, p. 319). Desse ponto de vista, que coloca o sujeito não como origem, mas como (re)produtor dos discursos, a “verdade” encoberta que foi desvelada não é nunca uma verdade de origem, é também sempre atravessada pelos discursos que circulam na sociedade. Isso implica uma impossibilidade do novo original.

O Outro como sede prévia do puro sujeito do significante, aí ocupa posição mestra, antes mesmo de chegar à existência, para dizê-lo com Hegel e contra ele, como Senhor absoluto. Pois o que é omitido no achatamento da moderna teoria da informação, é que só se pode mesmo falar de código se é já o código do Outro, ora é bem de outra coisa que se trata na mensagem, posto que por ele que o sujeito se constitui, pelo que é do Outro que o sujeito recebe mesmo a mensagem que emite. E são justificadas as notações O e s(O) (LACAN, 1978, p. 289).

Pêcheux (1988) fala de duas categorias necessárias de esquecimento da existência do Outro, que constituem o sujeito e estão na base dessa ideia de origem do discurso.

Diremos que a marca do inconsciente como “discurso do Outro” designa no sujeito a presença eficaz do “Sujeito”, que faz com que todo sujeito “funcione”, isto é, tome posição, “em total consciência e em total liberdade”, tome iniciativas pelas quais se torna “responsável” como autor de seus atos, etc., e as noções de *asserção* e de *enunciação* estão aí para designar, no domínio da “linguagem”, os atos de tomada de posição do sujeito, enquanto sujeito-falante (PÊCHEUX, 1988, p. 171).

Assim, é possível dizer que o *esquecimento nº 1* é o que está relacionado ao sonho de origem (adâmico) de que o sujeito é primeiro no dizer. É uma característica posta (e necessária) na instância do inconsciente que nos faz crer que o que dizemos está sempre na origem. O sujeito de linguagem é descentrado⁷⁷, funciona pelo inconsciente⁷⁸ e pela ideologia (ORLANDI, 2007).

⁷⁷ O sujeito é descentrado porque ele é atingido pelo real da língua e pelo real da história.

Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes. Esse esquecimento reflete o sonho adâmico: o de estar na inicial absoluta da linguagem, ser o primeiro homem, dizendo as primeiras palavras que significariam apenas e exatamente o que queremos (ORLANDI, 2007, p. 35).

É nesse ponto que cabe dialogar com o conceito de heterogeneidade constitutiva do discurso (AUTHIER-REVUZ, 1995), segundo o qual há sempre no discurso o *um* dialogando com o *outro*, ou seja, com um “já sempre aí” do discurso, com o interdiscurso

Et il importe de marquer d'autant plus fortement ce caractère constitutif – irréprésentable – reconnu par Bakhtine à l'extérieur discursif comme condition d'existence du discours, que c'est précisément sous les figures du contact, de la rencontre, de la frontière, de la différence que, nous le verrons, les discours représentent en eux-mêmes leur rapport aux autres discours (AUTHIER-REVUZ, 1995, p. 250).

A não novidade do discurso jornalístico pode ser mensurada tanto no eixo horizontal (do intradiscurso) quanto no eixo vertical (do interdiscurso). No plano do intradiscurso, é possível considerar como nos jornais a enunciação do “mesmo todo dia” aparece sob o aspecto da *repetibilidade* do discurso.

Assim temos, no eixo do intradiscurso, por exemplo, na matéria “Decisão sobre royalties na 2ª” (AT-1, 14.02.2003) encontramos duas repetições. A matéria começa com a informação “O governo estadual espera arrecadar mais de R\$ 300 milhões com a venda dos royalties de petróleo que será produzido no Espírito Santo [...]”, informação que volta ao texto no quarto parágrafo, dessa vez modalizada em discurso segundo do governador Paulo Hartung: “[...] que espera arrecadar mais de R\$ 300 milhões com a venda dos royalties de petróleo.” Na mesma matéria a indicação de que “O martelo final da negociação com o governo federal será batido na próxima segunda-feira” volta ao texto logo em sequência,

⁷⁸Aqui estamos tomando o inconsciente com sendo “essa parte do discurso concreto enquanto transindividual, que falta na disposição do sujeito para re-estabelecer a continuidade de seu discurso consciente” (LACAN, 1978, p. 123). “[...] É preciso decidir-se a isso, entretanto. O inconsciente não é primordial, nem o instintual, e de elementar ele conhece apenas os elementos do significante”. Portanto, “se eu digo que o inconsciente é o discurso do Outro com O maiúsculo, é para indicar o para além onde se prende o reconhecimento do desejo ao desejo de reconhecimento (Ibidem, p. 253-255).

no terceiro parágrafo, quando se diz que “[...] a finalização da negociação acontecerá na segunda-feira [...]”.

Na matéria “Indústria do petróleo abre mercado para capixabas” (AG-3, 24.08.2004), temos “A produção de petróleo no Estado aumentará de 44 mil barris por dia para 380 mil até 2010” que aparece no *lead*, bem no início do primeiro parágrafo e reaparece no quinto parágrafo com “[...] a produção capixaba chegará a 380 mil barris por dia [...]. Hoje, a produção é de 44 mil barris por dia.”

Na matéria “Estado na frente de novo” (AT-5, 25.12.2004) existem sintagmas que se repetem em todo o texto e que remetem, no interior do próprio discurso, a um sentido de crescimento. São eles: “o maior aumento”, “maior crescimento”, “recorde”, entre outros. Há, portanto, uma relação de sinonímia entre esses sintagmas⁷⁹. Há ainda uma *repetibilidade* sintática que se estabelece ao nível da formulação, conforme os exemplos: “Para este ano, o aumento será da ordem de 25,3%, atingindo uma receita total de R\$ 3,628 bilhões” , no primeiro parágrafo; e “Neste ano, a arrecadação total vai superar a marca de R\$ 4,6 bilhões, o que significa um aumento de 25,3%, [sic]⁸⁰ [...]”, que aparece no sétimo parágrafo. Assim temos, na primeira, um (X que Y será Z) e, na segunda, um (X que Z será Y), nesse caso, Y corresponde ao valor percentual da arrecadação.

As repetições no eixo do intradiscurso também aparecem na matéria AG-5 (02.01.2005). O *lead* diz que “[...] puxado pelo setor de petróleo, que tende a continuar no topo pelo menos nos próximos dez anos”, informação que volta a ser enunciada no terceiro parágrafo quando o discurso modalizado aparece: “lembra que o setor petrolífero deverá manter a liderança nos investimentos na próxima década [...]”.

As repetições são, por essência, elementos constitutivos do jornalismo, tanto do ponto de vista do intradiscurso, ou seja, daquilo que se repete no próprio discurso construído, quanto pelas relações de paráfrases discursivas que são estabelecidas no eixo de um interdiscurso, ou seja, daquilo que “já está sempre aí”⁸¹.

⁷⁹ Cf. Capítulo 4.

⁸⁰ Há um erro no jornal, pois o percentual de crescimento neste último caso é de 26,3%.

⁸¹ Cf. Capítulo 4.

A regularização se apóia necessariamente sobre o reconhecimento do que é repetido. Esse reconhecimento é da ordem do formal, e constitui um outro jogo de força, este fundador. Não há, com efeito, nenhum meio empírico de se assegurar que este perfil gráfico ou fônico corresponde efetivamente à repetição do mesmo significante. É preciso admitir esse jogo de força simbólico que se exerce no reconhecimento do mesmo e de sua repetição (ACHARD, 2007, p. 16).

Acerca da ideia de novidade presente nos jornais, Soares afirma que “[...] ao contrário do que se propaga, o jornalismo não está ligado à busca do 'novo todo dia', mas a algo que se repete e, ao se repetir, torna-se uma referência permanente àquilo que faz o comum de todos” (1997, p.45). E completa dizendo, “as notícias interessantes não são aquelas absolutamente novas, mas as que repetem alguma coisa e, portanto, articulam-se a uma expectativa, dando continuidade à grande narrativa que vem sendo escrita” (SOARES, loc. cit.).

2.4 *Stratégie*, remontando os discursos

A partir da seleção e leitura dos jornais foi possível destacar a diferença do discurso entre ambos e também na forma como estruturam suas notícias. O jornal *AT* utiliza uma linguagem mais coloquial, os textos são pequenos e se agrupam em uma página, às vezes, com várias sub-retrancas.

O jornal *AT*, nas matérias referentes à cadeia produtiva do gás e petróleo, coloca os valores sempre em dólar e depois, entre parênteses, apresenta a quantia em reais, o que pode ser um elemento de contradição em sua estratégia discursiva. A palavra “País” é sempre apresentada com primeira letra em caixa alta. Há ainda uma mudança considerável referente à cor do jornal. Com o tempo, é possível notar que o jornal *AT* fica “menos vermelho”: as setas da linha-fina de Economia passam a ter a cor azul⁸².

⁸² Se considerarmos que no interdiscurso acerca do jornal circulam discursos sobre o jornal ser “vermelho” porque apresenta muitas matérias vinculadas a crimes brutais, inclusive com utilização de fotos expositivas de cadáveres na editoria de Polícia, podemos inferir que a mudança na editoria de Economia para o uso da cor azul pretende realizar um corte gráfico e um distanciamento daquilo que é veiculado nas outras páginas do noticiário.

No jornal *AT* é possível perceber que as manchetes são mais curtas (conforme mostrado no início deste capítulo), não apenas pelo tamanho do jornal que tem formato tabloide, mas pela ideia que é feita do leitor-presumido, ou seja, uma estratégia discursiva que permite a leitura rápida e direta do jornal exposto na banca.

Já o jornal *AG* trabalha num estilo mais clássico (formal/elitizado) conforme a cartilha dos grandes “jornalões” brasileiros. O jornal demonstra maior preocupação com a construção de seus enunciados, o que pode ser observado pela leitura de suas manchetes, que, em geral, não abrem mão do sujeito e de sua predicação. Isso é possível em primeiro lugar pelo próprio formato do jornal, que é *standard*, o que permite a construção de períodos mais longos; mas, do ponto de vista discursivo, está incutida aí uma estratégia de atrair leitores mais proficientes na leitura de notícias.

A forma de enunciar diferenciada de cada um dos jornais analisados pode ser verificada até mesmo pela escolha das pautas da editoria de Economia. De uma forma geral, o jornal *AG* privilegia notícias de caráter mais estrutural, ou seja, mais relativas ao que poderíamos chamar de macroeconomia regional: grandes projetos, investimentos públicos e estatais, exportação e importação, agronegócio, entre outros. Além disso, há grande número de matérias relacionadas aos governos estadual e municipais, arrecadação de ICMS, investimentos em infraestrutura portuária e rodoviária.

Há também muitos *fait divers*, mas mesmo esses estão direcionados, quase sempre, à área econômica⁸³. Vejamos abaixo o percentual temático⁸⁴ em *AG* nos anos analisados, já excluídas as matérias de caráter nacional.

⁸³ Em relação ao jornal *AG*, essa percepção de que os temas estão mais voltados a uma macroeconomia tem sido cada vez mais dissipado. A partir de suas reformulações iniciadas em 2004, como já dissemos, tem mantido a tendência de incluir cada vez mais conteúdos de comportamento econômico e de serviços.

⁸⁴ Os temas foram divididos da seguinte maneira: Governo/Municipais e Estadual: envolvem matérias sobre órgãos públicos, arrecadação, legislação e obras; Serviços ao Cidadão: envolvem matérias sobre concursos, prazos para IR e IPVA, cursos gratuitos, listas de aprovados, cronograma de pagamentos etc.; *Fait divers* – Comportamento: comportamento pessoal de empresários, empreendedorismo, casos curiosos etc.; Comércio/Varejo: envolvem matérias sobre vendas, descontos, promoções, inaugurações, desde que ligadas ao consumidor final; Macroeconomia Regional: envolvem matérias sobre grandes projetos, investimentos pesados, construções de indústria, fábricas etc., importação/exportação, petróleo e outras cadeias produtivas do Estado, entre outros; Trabalhadores/Greves: envolvem matérias sobre reivindicações trabalhistas, greves em geral, situação do trabalhador e aposentadoria.

Gráfico 1. A Gazeta – Percentual Temático

Já a editoria de Economia de *AT* traz matérias mais relacionadas a uma microeconomia, privilegiando, em especial, conteúdos de serviços, como vagas de emprego, potencialidades de pequenos investimentos, dicas de onde comprar barato etc.

Gráfico 2. A Tribuna – Percentual Temático

Em *AG* as matérias relacionadas à temática da macroeconomia regional chegam a 30% do total das matérias regionais publicadas entre os anos de 2003 e 2006. Já as matérias de serviços ao cidadão alcançam 17%, sendo acompanhadas de perto pelos *fait divers* que têm 18%. Já em *AT* as matérias sobre macroeconomia regional não passam de 19% das matérias regionais publicadas entre 2003 e 2006. A temática mais publicada nesse jornal diz respeito ao item serviços ao cidadão, com 33% das matérias publicadas.

As chamadas de capa também apontam essa diferença de estratégia do discurso. As chamadas de *AT*, por exemplo, costumam ser para matérias de serviço. Das nove matérias do *corpus* da pesquisa, apenas uma tinha chamada na capa, a matéria “Estado atrai novos negócios” (AT-9, 08.10.2006). A manchete na capa mostra uma fotografia dos três jovens entrevistados na matéria e o texto verbal “As áreas com melhores oportunidades de negócios”.

Nenhuma das outras sete matérias analisadas possui chamada de capa. Ao contrário, eram sempre substituídas por chamadas com outras temáticas em Economia. Uma delas não apresentava sequer chamada para esse caderno. Entre elas podem ser destacadas as chamadas “Paixão por carro custa caro” e “Inscrições só hoje para auxiliar de secretaria”, ambas publicadas em 14.02.2003; “Mais cinco hotéis na Grande Vitória”, publicada em 05.09.2003; “Especialistas reprovam cafezinho nas ruas” e “Taxa de marinha cai para morador do Centro”, ambas publicadas em 23.04.2004; “Câmara autoriza prefeitura a contratar mais 200 guardas” e chamada para a coluna “Panorama Econômico” da jornalista Míriam Leitão, publicadas em 25.12.2004; “Dez dicas para ganhar dinheiro com as festas de final de ano”, publicada em 16.11.2005 e, por último, “As datas de pagamento do servidor em 2006”, publicada em 22.12.2005.

Isso de alguma forma evidencia que o jornal dá maior ênfase àquilo que é atrativo para seu público leitor, considerado mais interessado em vagas de emprego, dicas de economia familiar, cronogramas de pagamento etc., e não em temas macroestruturais. É interessante reiterar – conforme descrito no capítulo de Introdução – que boa parte dos leitores do jornal compra o exemplar diretamente nas bancas (jornais avulsos). Logo, *AT* tende a privilegiar na capa o que pode ser interessante ao leitor que passa diante das bancas, ou seja, aquilo que pode ser vendável.

No caso de *AG*, das nove matérias analisadas, quatro eram manchetes principais da edição, outras três apareciam com chamada de capa, ainda que não destacada, e duas não tiveram chamada de capa, são elas: “Petróleo incrementa turismo em Linhares” (AG-7, 16.11.2005) e “Estado se torna referência no setor de cargas” (AG-9, 20.11.2006). A primeira foi substituída na capa por chamada para outra matéria, no caso, “Como fugir do

golpe virtual nas compras de Natal”, e a segunda foi substituída pela chamada da reportagem “Operadora dá celular e reduz tarifas”. Nos dois casos, a substituição foi para matérias “mais próximas” do cotidiano dos consumidores comuns. O jornal *AG* possui maior circulação entre assinantes, que recebem o jornal em casa.

A questão dos discursos diferentes dos jornais em questão não é nenhuma novidade para esta pesquisa (nem mesmo para seus atentos leitores). Em sua tese, Ferreira (2000) já havia comparado as estratégias discursivas dos dois jornais na década de 1990 e destacado, a partir daí, diferenças primordiais em seus discursos e, conseqüentemente no *contrato de leitura* que estabeleciam com seus leitores presumidos. A esse respeito, vale destacar que,

A noção de contrato coloca em relevo as condições de construção de um elo que une no tempo um veículo de comunicação aos seus ‘consumidores’. Como no caso de uma marca comercial, um veículo de comunicação deve administrar esta ligação no tempo, deve cuidá-la e fazê-la evoluir no interior de um mercado de discursos cada vez mais embaraçoso. O objetivo deste contrato de leitura é de construir e de preservar o *habitus* de consumo (VÉRON, 1991, p.168).

Segundo o pesquisador, já nas capas dos jornais é possível perceber a diferença. No jornal *AG* existe uma estrutura que aparece antes mesmo do evento enunciado, que surge como se quisesse controlar, organizar a “violência” do evento. Já o jornal *AT* construía sua primeira página sismográfica ou barroca, parecendo o nascer do impacto ou da fúria do evento (FERREIRA, 2000).

Assim, as vitrines desses dois jornais se encontram em posições discursivas diferentes e coerentes com seus formatos respectivos: standard e tablóide. A Gazeta com sua primeira página considerada séria, racional e a outra, de A Tribuna tida como sensacionalista, emotiva. Tais coerências se traduzem como pontos fortes em relação ao contrato construído junto aos seus leitores. Ressalta-se também que as notícias mais importantes da primeira página de “A Gazeta” estão ancoradas nas rubricas “Política”, “Economia”, tidas como rubricas marcadas por notícias tidas como racionais. Já a primeira página de “A Tribuna” explora também as notícias dessas duas rubricas, mas faz com insistência apelo aos eventos das rubricas “Polícia” e “Cidades”, reforçando assim seu elo assentado sobre os aspectos psicoafetivos (Ibdem, 2000, p. 7).

Para Ferreira, tais discursos revelam que os contratos de leitura eram diferentes para cada jornal e seu respectivo público. O jornal *AG* mantinha com seus leitores um elo que passava por um saber ou um real cultural; já no jornal *AT*, esse elo era “uma espécie de

contato com a realidade, como se seu 'real' fosse natural” (Ibidem, 2000, p. 7). Além disso, segundo ele, as diferenças observadas na primeira página (capa) se inscrevem em toda enunciação interior do jornal. Em *AG* isso fica evidente nos títulos “baseados no discurso indireto, principalmente, construídos pela estratégia do amálgama” (Ibidem).

Por mais que ambos os jornais tenham alterado, sobretudo, nos últimos 15 anos, suas estratégias discursivas, atualmente é parte do conhecimento comum que o jornal *AT* se inscreve num tipo de jornal mais voltado ao popular, enquanto que *AG*, conforme comentou um de seus jornalistas em reportagem publicada no livro *Impressões Capixabas*, “é lido por quem veste terno e gravata”.

É possível ainda estabelecer uma relação entre as estratégias discursivas de cada jornal e as campanhas publicitárias que circularam no período. Em relação ao jornal *AG*, as considerações sobre sua marca, o papel e o tipo de leitores com os quais pretende estabelecer seu contrato de leitura é reiterada, por exemplo, na campanha “A Gazeta faz parte da sua vida”, que circulou nos anos de 2005/2006 e que remonta ao sentido de tradição. Já o jornal *AT*, circulou no mesmo período com a publicidade “A Tribuna, o jornal que não se dobra”, cuja ideia era justamente criar um duplo sentido acerca de “dobrar-se”. Em outras palavras, não se dobra porque é tabloide, não precisando ser dobrado para ser lido (caso do formato *standard*) e não se dobra no sentido de não se curvar diante de imposições “extra-jornalísticas”, fazendo supor, portanto, que o seu concorrente teria amarras políticas e econômicas que não lhe permitiriam fazer um jornalismo sério e objetivo. Mas essas são considerações para uma outra pesquisa.

O objetivo deste capítulo foi, portanto, inserir o discurso dos jornais no discurso jornalístico, entendendo como o tipo, o gênero e as estratégias do discurso influenciam na forma como o discurso do crescimento é construído. Esta análise não seria possível sem entender o funcionamento do gênero notícia dentro do campo do jornalismo, ou seja, sem considerar que os materiais “[...] obedecem também a processos de construção onde se investem conceitos e obsessões dos seus produtores e onde se estabelecem as regras de escrita próprias ao gênero de que emana o texto (CHARTIER, 1990, p.63).

Portanto, a construção dos sentidos nos textos – resultados das análises – só pode ser considerado a partir da relação que estabelece com seu suporte, a saber, com os próprios jornais, que possuem maneiras diferentes de enunciar (ainda que a comparação dos sentidos construídos não seja alvo deste trabalho). Em outras palavras, este capítulo teve como função desconstruir a noção de texto ideal ou abstrato, cujos sentidos são constituídos num *a priori* universal, “desligado de qualquer materialidade”. Para isso foi necessário “[...] recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor” (Ibidem, p. 127).

Assim, inserindo o discurso analisado no gênero jornalístico, com suas coerções e estratégias, é possível passar nos próximos capítulos à análise das formações discursivas e ideológicas que compõem o imaginário do progresso no Estado do Espírito Santo.

CAPÍTULO 3

PAVIMENTOS DE MEMÓRIA: *CAMINHOS* DE HISTÓRIA

Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio.

Impossível falar de discurso e construção de sentido sem levar em conta o papel exercido pela memória. É a memória que articula as lembranças e também os esquecimentos, ambos necessários à articulação no discurso. A lembrança está na ordem do discurso dito, nas operações que realizamos (conscientemente) às vésperas de realizar qualquer construção discursiva. Os esquecimentos, por seu turno, estão na ordem do discurso dito antes, em outro lugar, às vezes até de outra maneira.

Esse “dito antes” é o que já está presente como “coisas do mundo”, enquanto enunciados concretos que se estabelecem por relação uns com os outros, numa rede de significações a qual se chama *interdiscurso*. Nas palavras de Pêcheux (1988, p. 162) “algo fala sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’”. Para o autor, o interdiscurso é um real exterior (Outro simbólico), aquilo que já foi dito. O intradiscurso, enquanto discurso-transverso, atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como ‘sujeito-falante’ com a formação discursiva que o interpela (Ibidem).

A memória vem apesar da vontade dos sujeitos, pois ela fala antes. Segundo Pêcheux (1988), o sujeito se constitui pelo esquecimento daquilo que o determina. Em outras palavras, pela filiação involuntária a uma determinada formação discursiva, fundadora da unidade imaginária do sujeito [*ego*]. O ego como imaginário – onde se realiza uma “distensão”: a relação imaginária do sujeito com a realidade. Trata-se, portanto, do *esquecimento nº 2*⁸⁵, que é realizado quando o sujeito-falante seleciona, no interior de uma

⁸⁵ O *esquecimento* número 1 foi apresentado no Capítulo 2 deste trabalho.

formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências, relações de paráfrase, enunciados etc., e não outros. Assim, o *esquecimento nº 2*, “é da ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro” (ORLANDI, 2007, p. 35).

O interdiscurso pode ser considerado, portanto, um eixo vertical que se impõe na anterioridade do dito e sua existência é exclusivamente articulada na existência de uma condição histórica de produção do discurso. Mapear estas condições históricas significa deixar emergir da conjuntura que se está mapeando aquele “todo complexo com dominante” do qual falou Pêcheux (1988, p. 162). Além dos sujeitos que falam no discurso, é preciso distinguir que o contexto imediato e o contexto sócio-histórico são condições fundamentais para o entendimento do sentido.

Conceder deste modo atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção do sentido (na relação de leitura, mas em muitas outras também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas, e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas (CHARTIER, 1990, p. 27).

Cabe ressaltar que a compreensão aqui exposta sobre o que são as condições de produção do discurso não se assemelha àquela segundo a qual ele é uma espécie de cena/cenário, situação ou teatro⁸⁶. Isso implica se distanciar “da irresistível atração que toda pesquisa, especialmente sobre a enunciação no discurso, parece ter por uma definição de CP em que domina a referência a uma situação psicossociológica da comunicação” (COURTINE, 2009, p. 51).

A abordagem aqui utilizada expressa as condições de produção segundo a existência histórica de um discurso que se materializa sempre numa articulação com uma memória – a *memória discursiva*. Assim, as condições históricas de produção do discurso são

⁸⁶ Segundo Courtine, “encontram-se traços dessa concepção em Maingueneau (1976, p.133-138), mas ela se origina na noção de pressuposição em Ducrot” (2009, p.52).

exatamente aquilo que permite o objeto discursivo aparecer. Não são condições internas ao discurso, nem tampouco externas a ele; estão, de alguma maneira, no limite do discurso.

Essa memória discursiva tomará a forma da repetição, que será estabelecida por efeitos de paráfrase e sinonímia⁸⁷. Por paráfrase discursiva é possível entender aquele retorno aos mesmos lugares do dizer, que geram, por assim dizer, certa estabilização. Do ponto de vista da pragmática, a paráfrase seria a relação de sinonímia entre sentenças. No entanto, apesar de esta pesquisa lançar mão de alguns recursos da Pragmática, conforme abordado no Capítulo 1, o conceito de paráfrase a ser articulado ao objeto será aquele proveniente da tradição da Análise do Discurso, que se estabelece enquanto paráfrase discursiva, constitutiva do efeito de sentido e da relação a um referente que implique esse efeito. Tal conceito pode ser apresentado segundo a definição de Henry:

[...] si le discours était entièrement déterminé du point de sa production et de son interprétation par la langue, il n'y aurait pas de place pour la notion de paraphrase discursive. Nous avons posé plus haut qu'il fallait considérer la paraphrase discursive comme étant constitutive des effets de sens. On peut alors expliquer que des formulations différentes quant à leur matérialité puissent être liées à un même effet de sens sans pour autant que ces différentes formulations puissent être considérés comme entretenant les uns avec les autres des rapports qui relèveraient de l'autonomie relative de la langue (comme ce qu'on appelle "paraphrase" au sens linguistique du terme). Il faut être clair sur ce point, la notion de paraphrase discursive est une notion "contextuelle" en ce sens que les paraphrases discursives dépendent des conditions de production et d'interprétation, c'est-à-dire des formations discursives diverses auxquelles le discours peut être rapporté pour en produire le sens (HENRY, 1975, p. 95).

Assim, se as paráfrases discursivas estão diretamente vinculadas às formações discursivas diversas, algumas delas aparecem nos jornais analisados como materialidades discursivas, ou seja, estão presentes na forma mesmo de se enunciar as notícias. A partir delas é possível percorrer o caminho do *objeto discursivo* ao *processo discursivo*.

⁸⁷ É possível estabelecer outros efeitos que constituem o aspecto do repetível para a memória discursiva, aquilo que lhe parece familiar ou “pré-construído”, como por exemplo, a *substitutibilidade* descrita por Pêcheux (1988). No entanto, voltaremos a atenção a esses dois efeitos: os parafrásticos e os sinonímicos.

3.1 Jogos de memória e paráfrases discursivas

A história recente do Estado do Espírito Santo foi marcada por uma série de turbulências, que vão desde o sucateamento das instituições, atrasos nos pagamentos, rolamento de dívidas, até o envolvimento de agentes públicos em esquemas de corrupção e crime organizado. Para se ter uma ideia, em 2002, o Ministério da Justiça⁸⁸ enviou ao Estado uma missão especial de combate ao crime organizado para investigar casos de violência e de desrespeito aos direitos humanos. Durante a missão, metade dos suspeitos investigados era de servidores ou autoridades públicas⁸⁹.

É importante lembrar um fato que ficou nacionalmente conhecido, o assassinato do juiz Alexandre Martins de Castro Filho, 32 anos, em 24 de março de 2003. Alexandre havia descoberto, dois anos antes, que seu superior hierárquico, o juiz titular da Vara de Execuções Penais (VEP) do Estado, integrava uma quadrilha especializada em mortes por encomenda. Da quadrilha faziam parte vários nomes de vulto da segurança pública estadual.

Mas o período também foi marcado pela articulação de setores da sociedade civil, em especial, entre os anos de 1999 e 2002, o que levou à constituição do Fórum Reage Espírito Santo. Havia ainda uma articulação por parte dos empresários, que lutavam contra a crise de investimentos e, por último, dos agentes públicos, forçados a se articular diante da impossibilidade de negociar economicamente por um Estado desacreditado – no início de 2003, o Estado acumulava um déficit de cerca de R\$ 1,2 bilhões⁹⁰.

Desse movimento por mudanças e da confluência de interesses, foi eleito, em 2002, o governador Paulo Hartung, à época no PSB, hoje no PMDB, com 54% dos votos válidos e com apoio de diversos segmentos da sociedade capixaba, o que caracterizou uma certa “retomada” da política local. Esse resultado se estabeleceu a partir da disputa regional entre

⁸⁸ A missão contava com a participação do Ministério Público Federal e da Polícia Federal.

⁸⁹ Não foi a primeira vez que autoridades públicas foram relacionadas ao crime no Estado. Entre os anos de 1980 e 1990 existiu a *Scuderie Le Coc*, associação com registro em cartório responsável pelo extermínio de centenas de pessoas, da qual faziam parte policiais civis, militares e federais, funcionários públicas, promotores, juízes, desembargadores, políticos, empresários e banqueiros do jogo do bicho.

⁹⁰ Cf. ESPÍRITO SANTO 2025: Plano de Desenvolvimento. Governo do Estado do Espírito Santo. Vitória: Secretaria de Estado de Economia e Planejamento, 2006.

dois grupos políticos e, conseqüentemente, entre dois discursos que se pretendiam hegemônicos na ocasião, ainda que, historicamente, não fossem antagônicos.

Grosso modo, os grupos estavam divididos entre uma elite política “conservadora”, ligada a partidos de direita – não apenas isso, eram ainda, dentro de seus próprios partidos, vistos como uma corrente política a ser superada –, e um grupo bastante heterogêneo que buscava a via do desenvolvimento socioeconômico regional, reunindo alas “progressistas”⁹¹ dos partidos de direita, mas também uma boa fatia das esquerdas. Esse segundo grupo tinha no Fórum Reage Espírito Santo – fundado em 1999 para combater o crime organizado no Estado – o lugar de organização do discurso da mudança.

Levando-se em conta a conjuntura nacional, vale ressaltar também a importância do discurso da mudança construído em torno da candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva à presidência em 2002, que se refletiu também nos estados da Federação. A campanha para a eleição de Lula ao posto de chefe-maior do Estado Nacional representou uma formação discursiva na qual palavras como “mudança” e “esperança” ganharam condição especial para seu aparecimento e se alternaram na construção de sentidos com outros enunciados como “otimismo”, “progresso” e “crescimento”. Somado a isso houve toda uma aderência social que interagiu regionalmente, mas que teve pregnância nacional e se desenvolveu em torno também de um projeto de futuro (redentor) para o qual rumaria o país.

Os sentidos construídos pelo movimento dos enunciados no interior de um discurso podem ser infinitos, desde que articulados pela relação que se estabelece no contexto de enunciação. Assim que, em fevereiro de 2003, foi possível ao jornal enunciar que “Com o mesmo otimismo está o governador do Estado, Paulo Hartung, que espera arrecadar mais de R\$ 300 milhões com a venda dos royalties de petróleo” (AT-1, 14.02.2003). Nessa matéria, cuja temática é a decisão sobre os *royalties* de petróleo no Espírito Santo, existem vários enunciados que marcam a presença no discurso de um “algo que está fora”, mas que se manifesta “dentro”.

⁹¹ As palavras *conservadora* e *progressistas* aparecem no texto entre aspas por fazerem referência ao jargão político, não estando suas significações em pauta aqui.

A palavra “otimismo” aparece precedida pela palavra “mesmo” que, neste caso, visa a retomar as palavras ditas pelo presidente do PT no Estado, João Coser, segundo as quais haveria um “[...] vento soprando a favor do Espírito Santo na capital brasileira”. Se a aproximação entre esses dois momentos do texto é realizada de forma direta, pelos aspectos da coesão textual que operam na utilização da palavra “mesmo”, do ponto de vista do discurso, há um sentido que se constrói em torno de uma aliança tácita: Otimismo => Estado => Brasil.

É nesse sentido que as matérias analisadas ganham destaque e podem ser *combinadas* num eixo de sentido verticalizado. Em outras palavras, evocam um “já sempre aí” do discurso. Entre os enunciados que chamam a atenção, além de “otimismo” encontra-se “progresso”, que emerge da citação direta do governador Paulo Hartung, que a opera em sentido de comparação com o Estado do Rio de Janeiro. Ao dizer “Não somos contra o progresso daquele estado”, é como se dissesse “que aquele estado não seja, portanto, contra o progresso do nosso”. Isso fica evidente na sentença imediatamente anterior em que Hartung introduz: “Nunca reclamamos do apoio dado pelo governo federal ao Rio de Janeiro [...]”.

Além disso, o fato de dizer que “nunca reclamamos” do apoio que o governo federal deu ao Rio de Janeiro “nem quando eles conseguiram antecipação de 20 anos de royalties” também aponta para o discurso de que “essa é a hora e a vez do Espírito Santo”, ideia-força usada nas peças das campanhas publicitárias institucionais do governo do Estado a partir de 2003. É estabelecida, portanto, uma relação de paráfrase discursiva. O mesmo poderia ser dito da palavra “esperançoso”, empregada na matéria AT-2 (10.06.2003), cuja temática trata do aumento da produção de petróleo pela Petrobras. A partir dela, há um eixo de sentido regulador posto em voga, pois, neste caso, funciona como “um nó em uma rede” (FOUCAULT, 2008) de outros discursos, isso porque:

- Em 2003 – “a esperança venceu o medo”; temática apresentada na campanha e assunção de Lula ao cargo de presidente da República;

- No Espírito Santo, a eleição de Paulo Hartung (guardadas as ressalvas de possíveis comparações) também acumula um saldo de esperança, devido à situação em que se encontrava o Estado em período imediatamente anterior;
- Em virtude da situação em que se encontrava o Estado do Espírito Santo – completamente quebrado e em crise institucional – a descoberta de novas fontes de petróleo e, conseqüentemente, o recebimento dos *royalties* delas provenientes eram, ao cabo, uma das poucas possibilidades de recuperação de curto prazo vislumbradas à época;
- Estabelecendo relações ainda mais longínquas de uma memória discursiva que opera pelo esquecimento, a adjetivação “esperançoso” ainda remete ao trecho do hino do Espírito Santo, que diz “Somos nós a falange do presente. Em busca de um futuro esperançoso”.

É possível dizer, portanto, que a eleição do governador Paulo Hartung está inserida numa lógica estadual e nacional de mudança, o que corrobora para a constituição de uma cadeia de significações acerca do progresso, da qual pretendemos tratar adiante. No âmbito regional, basta observar, por exemplo, as propagandas institucionais que passam a ser veiculadas a partir de 2003. O *slogan* “A HORA É ESSA” (assim mesmo em caixa alta) passa a fazer parte de todas as peças de propaganda.

Imagem 1 – Logo Espírito Santo – A HORA É ESSA

Peça Publicitária do Governo do Estado do Espírito Santo que circulou no início de 2003.

Fonte: Secretaria de Estado da Comunicação do Espírito Santo - SECOM

O *slogan* simboliza um marco inicial, funcionando como “mito fundador” que separa, na ordem do discurso, aquilo que está no plano do ontem e deve ser abandonado,

daquilo que está no plano do agora, o ponto de onde se deve partir. Cabe ressaltar aqui a importância ideológica em que se constitui o marco de fundação simbólica de algo, conforme alerta Bourdieu.

[...] o ato de magia social de tentar dar existência à coisa nomeada será bem-sucedido quando aquele que o efetua for capaz de fazer reconhecer por sua palavra o poder que tal palavra garante por uma usurpação provisória ou definitiva, qual seja o poder de impor uma nova visão e uma nova divisão do mundo social: *regere fines, regere sacra*, consagrar um novo limite (BOURDIEU, 2008, p. 111).

Muitas matérias utilizam esse marco inicial como marcadores no enunciado, promovendo assim uma cronologia do tempo histórico que remete ao marco de fundação simbólica da mudança. Esses marcadores datados implicam aquilo que Pêcheux (2007, p. 52) chamou de pré-construídos ou pressupostos.

[...] aquilo que face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Quando se enuncia “Com esse aumento na receita, o Estado pulou da 11ª posição no ranking de arrecadação de ICMS do País, em 2002 [...]” (AT-5, 25.12.2004), é possível no enunciado estabelecer uma relação de pressuposição de sentido instaurada pela utilização da locução adverbial de tempo “em 2002”. A simples introdução desse dêitico implica um processo de articulação de pré-construídos por meio da memória discursiva que localiza o leitor no momento histórico em que o Espírito Santo estava na 11ª posição.

Ao descrever a importância dos marcos cronológicos na fixação das derrotas dos adversários na política, a historiadora Capelato afirma:

A importância das datas decorre não tanto de uma transformação evidente, mas de uma intenção transformadora. Elas expressam um ajuste de contas com o tempo anterior cujas possibilidades consideram-se esgotadas. Expressam também que é necessário romper com vínculos do passado e investir num futuro, organizando-o a partir de um presente pleno de intenções (CAPELATO, 1989, p.19).

Assim, introduzir o dêitico “em 2002” confirma o sentido de que existe uma superação em curso “há dois anos” no Estado, levando em consideração o presente da enunciação. O que de fato aponta para uma formação discursiva segundo a qual o Estado começa a superar seus problemas a partir de 2003, com a eleição do governador Paulo Hartung. Não por acaso o discurso citado que aparece no box “O que disse José Teófilo”, que acompanha a matéria, traz a expressão “nos últimos dois anos” repetidas vezes.

O mesmo pode ser dito de AG-4 (25/12/2004). Apesar de o passado aparecer já no *lead* pelo uso do verbo “conseguir” flexionado no passado – “[...] o Governo do Estado conseguiu um aumento da receita própria em 30% [...]” – são as marcas do presente e do futuro que configuram o sentido do texto. Levando em consideração que o jornal tem data, que neste caso é o mês de dezembro do ano de 2004, o uso da sentença “O ano de 2004 marca um dos melhores desempenhos do fisco estadual [...]” remete o coenunciador ao presente, ou seja, o mesmo ano de 2004.

O conceito de paráfrase discursiva é, sem dúvida, de relevância para esta análise, na medida em que permite apontar para a exterioridade do enunciado, analisando as articulações de sentido que estão sendo operadas no eixo horizontal do intradiscurso. Neste caso, vale a pena elencar algumas das formulações contidas no texto analisado:

a) “Estado na frente de novo” (título); b) “Pelo segundo ano consecutivo, o Espírito Santo tem o maior aumento do País [...]”; c) “O Espírito Santo é o estado que registra maior crescimento em arrecadação [...]”; d) “Superamos Pernambuco, o que não é pouco”; e) “Neste ano, a arrecadação total do Espírito Santo vai superar a marca de [...]”; f) “Iremos trabalhar para ficar em 8º no ranking brasileiro”; g) “Os mesmos setores vão impulsionar os negócios, com destaque para a indústria petrolífera [...]”; h) “Nossa arrecadação evoluiu nesses últimos dois anos”; e i) “[...] E conseguir os recursos necessários para o desenvolvimento do Espírito Santo”.

A memória discursiva é simbolicamente “manipulada”, ou seja, trata-se de uma operação de legitimação da administração que toma posse a partir de 2003. O

coenunciador é, portanto, convidado a compactuar com o sentido que é construído sempre em relação a outros discursos.

Sobre a memória discursiva, é preciso deixar claro: não se trata de uma memória individual psicologizada, mas de uma memória que opera por meio dos pré-construídos, dos já ditos. Assim, a memória discursiva não deve ser nunca entendida como uma “esfera plana, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo” (2007, p.56). Ao contrário, Pêcheux afirma que a memória só consegue ser articulada como deslocamento, disjunções, retomadas e conflitos (Ibidem).

Vale lembrar a importância das propagandas institucionais que circulam também como “outros discursos”. (É claro que o *corpus* da pesquisa não compreende as propagandas institucionais, estando restrito ao que foi produzido pelos jornais analisados). No entanto, é importante apresentar o texto de uma das primeiras propagandas institucionais televisivas exibidas em 2003, que de alguma forma ilustra o discurso da época:

*Era uma casa aos pedaços, não tinha teto, não tinha chão
Uma casa abandonada, um mar de desilusão
Mas um dia a voz de todos trouxe o vento da mudança,
que ergueu as paredes da casa e nos devolveu a confiança
Botamos a mão na massa, em cada tijolo nosso coração
Abrimos portas e janelas, entrou a luz da reconstrução
As obras da casa não param, transformam o campo e a cidade
iluminam cada recanto, plantando prosperidade.
A gente aqui trabalha e confia,
nossa casa arrumada é a maior alegria.⁹²*

Trata-se da letra de uma canção que embala uma propaganda de TV. Nela os desenhos vão sendo montados de acordo com o desenrolar da canção. Não por acaso, as palavras “mudança”, “confiança”, “reconstrução” e “prosperidade” aparecem escritas no vídeo, uma forma de marcar a ideia que está sendo apresentada.

⁹² Cf. CAMPANHA CASA Arrumada. Governo do Espírito Santo. Propaganda Institucional de TV. Vitória: Secretaria de Estado da Comunicação (Secom), 2003. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=LVFQ5WsfOWY>>. Acesso em: 14 jan. 2010.

É interessante perceber como a propaganda marca uma passagem entre o que era uma “casa aos pedaços”, ou seja, um Estado marcado por anos e anos de descontrole do governo sobre a administração pública, de falta de investimentos públicos, com uma política de ascendência oligárquica e uma população com dificuldades de lidar com sua própria identidade, e uma “casa arrumada”, que é assimilada em relação a um imaginário do progresso.

Se por um lado não é prodigioso aceitar a economia como exclusiva moduladora desse imaginário, por outro, é o discurso da economia contemporâneo à época e presente nas manchetes dos jornais – com as descobertas de novas bacias de petróleo e gás natural e, conseqüentemente, o recebimento por parte da União dos *royalties* de petróleo – que se torna fundamental para a constituição desse imaginário.

A primeira bacia de petróleo descoberta pela Petrobras no Espírito Santo data do ano 1959, em Conceição da Barra, norte do Estado. No entanto, é no início do século XXI que as descobertas introduzem uma alteração significativa na economia capixaba. Primeiro, em 2001, com a descoberta do campo marítimo de Jubarte, no sul do Estado; depois, em 2003, com a descoberta do campo de Golfinho, que apresenta reserva de óleo leve (mais nobre) em águas profundas. Esses dois campos juntos levaram, em 2006, a uma produção recorde de 100 mil barris.

Além desses dois, houve ainda em 2003 a descoberta dos campos marítimos de Baleia Franca, Anã e Azul, na área conhecida como Parque das Baleias, no litoral sul do Estado. E em 2004 chegou ao Estado a Plataforma P-34 da Petrobras. Em 2005 houve ainda a descoberta do campo terrestre de Inhambu e do campo marítimo de Canapua e, em 2006, foram inauguradas plataformas, terminais de carga/descarga e gasodutos para dar vazão à crescente produção⁹³.

São essas “novas” oportunidades que, de alguma forma, agregam um sentido de prosperidade e mudança, conforme presentes na canção da propaganda e que aparecem nos jornais quando se enuncia que “Produção de petróleo aumenta” (AT-1, 14.02.2003). O

⁹³ Não estão sendo levadas em conta as descobertas posteriores ao ano de 2006 que incluem o pré-sal.

texto é amparado em um fato estatístico já vivido: “A Petrobras produziu 44.759 barris de petróleo no Espírito Santo no mês passado”. Apesar do embreante de tempo ser relativo ao passado, o sentido do texto dado pelo enunciado “aumento” designa uma projeção de futuro.

Nesse caso, o “mês passado” refere-se ao mês anterior à enunciação, havendo um passado mais antigo, com o qual é comparado, que é o “mês de dezembro de 2002”. Dessa forma, ainda que a embreagem localize o coenunciador para uma leitura do passado, é sobre o futuro que se está enunciando, pois esse “mês passado” que é retomado inclusive no segundo parágrafo do texto, com “No primeiro mês de 2003”, incide sobre um aumento da produção de petróleo que está em pleno curso. A tabela infográfica que acompanha a notícia ajuda também a construir o sentido pelo ranqueamento⁹⁴.

Encontram-se indícios desse discurso de prosperidade em vários dos textos analisados. Como em AG-2 (10.06.2003), que fala sobre o fato de a Petrobras triplicar a produção de petróleo no Espírito Santo. Nela aparece o enunciado “satisfeito” usado pelo governador Paulo Hartung para qualificar a reunião que teve com o presidente da Petrobras, José Eduardo Dutra, e o sintagma “audiência positiva”, que também qualifica a mesma reunião. Nessa matéria, aparece pela primeira vez – entre as análises – a proposição “província petrolífera do Espírito Santo”, que indica o local onde fica a BC-60, em Presidente Kennedy, município regional.

Conforme é possível perceber, o setor petrolífero emerge no discurso como “[...] segmento da indústria que mais irá crescer nos próximos anos”, uma vez que “O projeto da Petrobras prevê que, em 2010, a produção capixaba chegará a 380 mil barris por dia” (AG-3, 24.08.2004). O crescimento da produção de petróleo e gás natural é tido então como um marco histórico que coloca o Estado em posição privilegiada, o que é reforçado pelo enunciado “[...] o Estado é o mais promissor em função das últimas descobertas”, trecho modalizado em discurso segundo que indica a fala do gerente-geral da Petrobras no Estado, Márcio Felix Carvalho Bezerra. A mesma fonte reafirma o discurso quando diz “Tudo isso pode ampliar as possibilidades de negócios, inclusive aumentar em muito o número de

⁹⁴ Cf. ANEXO J – JORNAL AT-1 (14.02.2003)

fornecedores locais”. Nessa passagem está indicada também a abertura do mercado aos capixabas a partir das novas descobertas de petróleo e gás natural.

Como se pôde notar, existem várias formações discursivas que emergem dos discursos analisados e que dialogam em vias verticais com um “já dito”. O ato mesmo de se introduzir dados estatísticos acerca da cadeia produtiva do petróleo e gás natural já demarca (e demonstra) a articulação operada no âmbito desse interdiscurso. Ou seja, dessa apropriação de um objeto de um discurso do *outro* (pertencente ao todo complexo com dominante) para elaborar um discurso do *eu*, autêntico, porém não original na medida em que não “nasce” do sujeito que o (re)produziu. Tal operação de apropriação só pode ser realizada na existência de um sujeito discursivo. E é nessa instância que as formações discursivas se constroem na articulação com uma memória e pelas relações de substituições em paráfrases e sinonímias que vão sendo realizadas nos textos. Contudo, algumas delas, em virtude da operação evidente que realizam, tornam-se aqui singulares.

3.2 Relações de comparação: ranqueamentos

Com as descobertas das novas bacias de petróleo e gás natural, o Espírito Santo, que em 2002 era o 5º no *ranking* nacional da produção de petróleo e gás natural, passa a ser o 2º em 2006, o que incide diretamente sobre o montante dos recursos do Estado. Segundo dados do governo estadual, entre 2003 e 2006, o Espírito Santo conseguiu aumentar de menos de 1% para 12% os investimentos com receita própria⁹⁵.

Quando o jornal enuncia a posição do Estado do Espírito Santo, ele não a enuncia olhando para esse *ranking* como algo que lhe é exterior, pois o sujeito do discurso, neste caso, também está posicionado. Sua posição é aquela do “sujeito capixaba”, então quando fala do Espírito Santo no *ranking*, fala um pouco dele mesmo. Quanto a isso, vale ressaltar que todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si, como definiu

⁹⁵ ESPÍRITO SANTO 2025: Plano de Desenvolvimento. Governo do Estado do Espírito Santo. Vitória: Secretaria de Estado de Economia e Planejamento, 2006.

Bakhtin (2008)⁹⁶ em suas considerações acerca do *ethos*. O enunciador, deliberadamente ou não, efetua em seu discurso uma apresentação dele mesmo. Essa apresentação acontece, muitas vezes, à revelia dos parceiros, dos interlocutores.

Na leitura dos jornais foi possível enxergar a construção de uma identidade, ou seja, de um *ethos* discursivo que não aparece por uma apresentação literal, mas que emerge pelos indícios da construção discursiva. É possível inferir que se trata do *ethos* do próprio capixaba, ou seja, de uma identidade capixaba que *se abre como um acontecimento* na construção dos textos do caderno de Economia. Nos textos analisados, essa abertura é construída numa operação discursiva de *comparação* entre aquilo que é o Espírito Santo e aquilo que é o Outro.

É possível assim dizer que a relação de comparação ocorre quando o que justifica ou explica uma proposição X é a sua comparação com outra proposição Y. Neste caso, a proposição Y opera como índice de verdade. Assim, quando se enuncia “O Espírito Santo já é o segundo estado no ranking de reservas de petróleo, com 2,1 bilhões de barris, perdendo apenas para o Rio de Janeiro, que tem uma reserva estimada de mais de 10 bilhões de barris de petróleo” (AT-3, 05.09.2003), é o Estado do Rio de Janeiro que aparece como índice de verdade na comparação. O sentido que se constrói a partir daí é que perder “apenas” para esse estado significa situação privilegiada para o Espírito Santo.

Na matéria AT-5 (25.12.2004), o enunciado “Com esse aumento na receita, o Estado pulou da 11ª posição no ranking de arrecadação de ICMS do País, em 2002, para a nona colocação [...]”, o verbo “pular” flexionado no pretérito perfeito do indicativo aparece dando a ideia de realização de um movimento para superar um obstáculo. Tal sentido pode ser referendado no uso do verbo “superamos”, que aparece no enunciado “Daí o nosso crescimento de 25%, que é recorde em todo o País. Superamos Pernambuco, o que não é pouco”, que vem em sequência no 6º parágrafo.

⁹⁶ A retórica antiga designava a construção da imagem do enunciador no texto como *ethos*, como nos aponta Ruth Amossy (2005), no artigo *Da noção retórica de ethos à análise do discurso*. Segunda ela, a análise do discurso, sobretudo aquela ligada aos franceses, reposicionou tal concepção de *ethos*, definindo-o como a construção de uma imagem de si correspondente à finalidade do discurso.

Na construção desse sentido de superação é possível, ainda, notar a ênfase que é dada ao ato referencial de superar, que aponta obrigatoriamente para uma formação discursiva de crescimento. A utilização da expressão modalizadora “o que não é pouco”, que atua, neste caso, como um comentário sobre a própria fala da fonte entrevistada, deixa escapar o sentido de que o estado de Pernambuco é colocado em posição de grandeza, ou mesmo superioridade, e que, portanto, ultrapassá-lo no *ranking* dos estados torna-se um feito de relevância incomum. Nesse caso, Pernambuco passa a ser o índice de verdade.

A esse respeito, é possível considerar a constituição de um *ethos* capixaba que se manifesta na *relação de comparação*⁹⁷ com o outro. Temos presente um discurso de ranqueamento entre os estados da Federação, o que é possível notar em outras matérias.

O mesmo pode ser dito da matéria AT-7 (22.12.2005), cujo primeiro sentido construído pelo texto é o ranqueamento, que aparece já na linha-fina. Assim, a chegada da nova plataforma colocaria o Estado na posição de “segundo maior produtor de petróleo do País, atrás do Rio de Janeiro”. Se a notícia é construída a partir do fato da chegada da FPSO Capixaba, o eixo de sentido segue pelo enaltecimento das consequências desdobráveis a partir daí, neste caso, previsíveis, já que não se trata de um fato concreto. Nesse texto, é o Rio de Janeiro que aparece como índice de verdade (mais uma vez).

Em estudo recente realizado sobre a construção da identidade capixaba, Simonetti Junior. (2002) conclui que, nas formações discursivas em que a identidade capixaba aparece construída pelo jornalismo, o índice de verdade, o índice de valor positivo é sempre o Outro, portanto, uma proposição de valor positivo será justificada pela coincidência com os valores do Outro, e uma de valor negativo, pela discordância. Para Simonetti Junior, a identidade capixaba está assentada sobre uma dicotomia entre o que seria o desenvolvido e moderno (o Outro), e o que seria subdesenvolvido e provinciano⁹⁸

⁹⁷ Em seu estudo *O capixaba e o Outro*, Simonetti Junior considera três tipos de relações que caracterizam a relação do capixaba com o Outro: a) Relação de Comparação; b) Relação de Associação; c) Relação de Autoridade.

⁹⁸ Vale destacar que ser provinciano, neste caso, pode significar por um lado, pequeno e atrasado e, por outro, nostálgico e valorativo das tradições culturais.

(o capixaba). Para o autor, essa dicotomia está fundada no mito do atraso e na forma como a história é reincidentemente contada.

[...] a partir de como recontamos o nosso passado e imaginamos o nosso futuro, a identidade capixaba é posicionada encerrando uma impossibilidade, uma condenação ao atraso, e que a presença, sempre revivida deste mito, estabelece, hoje, uma tensão insolúvel entre modernidade e província. Desejamos a modernidade que nos é impossível, por que [sic] fomos condenados ao atraso, condenados a sermos provincianos. Se hoje a idéia de Província surge, às vezes, como idealização do passado, como nostalgia, isso acontece porque há um desejo de resolver o problema da impossibilidade de sermos modernos – devemos então aceitar a província como valor positivo –, no entanto essa província que surge da nostalgia não é mais que um passado idealizado e, portanto, também inacessível, e o ser provinciano com que nos defrontamos diariamente continua a ser visto como negativo. Desse modo, estabelecemos no “centro” do nosso discurso de identidade uma dupla impossibilidade: não podemos ser modernos (porque fomos condenados a ser provincianos) e não podemos viver na Província idealizada (porque já somos um pouco modernos). *De todo modo, o bom é sempre o Outro*: ou o Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Nova York, ou a Vitória idealizada da nostalgia. A identidade capixaba é, então, vivida como um devir, um vir-a-ser que não se realiza jamais, ou como algo fora do mundo, deslocado (SIMONETTI JUNIOR, 2002, p.53, grifo nosso).

O mito do qual ele fala é aquele segundo o qual o Espírito Santo não passou de uma categoria subalterna de província, destinada a servir de “barreira verde” para defender as Minas Gerais dos predadores em busca de ouro e riqueza. O Espírito Santo, apesar de ter sido tributário do processo de colonização portuguesa iniciado em 1535⁹⁹, permaneceu praticamente inexplorado até fins do século XIX, o que acarretou significativos impactos no seu desenvolvimento socioeconômico e cultural.

Conforme explica Silva (2002a), a descoberta de ouro e pedras preciosas das Minas, durante o século XVIII, trouxe consequências fundamentais para a formação e desenvolvimento da capitania do Espírito Santo, que passou a exercer o papel de “barreira de defesa natural” para impedir o acesso às minas. Do ponto de vista político, isso significou a ampliação do número de fortes ao longo da costa, remodelação dos já existentes e proibição de abertura de estradas ligando o Espírito Santo às Minas Gerais.

⁹⁹ Em geral, a história do Espírito Santo é contada a partir do ano de 1535 com a chegada de Vasco Fernandes Coutinho às terras brasileiras, ao local onde atualmente fica a cidade de Vila Velha. Sua nau desembarcou com 60 homens e 2 fidalgos e o nome da capitania foi escolhido porque a data do desembarque, dia 23 de maio, no calendário litúrgico da Igreja Católica, era o dia dedicado a 3ª pessoa da Santíssima Trindade.

Em 1718 a capitania do Espírito Santo ainda foi comprada pela Coroa e não teve mais donatários. Seu governo passou a ser exercido por capitães-mores, ficando subordinado administrativamente à capitania geral da Bahia e judicialmente à capitania do Rio de Janeiro. Em 1764, a província perdeu parte de seu território¹⁰⁰ para a Bahia, que estendeu seus limites até o Rio Doce, hoje município de Linhares, e passou a ser tutelada pelas forças militares do governo baiano, sendo fundada em 1764 pelo governo da Bahia a vila de São Mateus (atualmente município do norte do Espírito Santo).

Durante esse período, a província do Espírito Santo contava com apenas cinco vilas: Vitória (sede), Vila Velha, Guarapari, Nova Almeida e Benevente (atual Anchieta), e o contingente populacional em 1789 era de 17.493 habitantes¹⁰¹. Do ponto de vista econômico, afirma Silva (2002b), foi um período de extrema estagnação, desestruturação das fazendas jesuítas e de retorno dos índios catequizados às suas tribos de origem. Enquanto isso, o Brasil vivia o “ciclo do ouro” com seu centro dinâmico de economia situado nas Minas Gerais e sua capital política sediada no Rio de Janeiro. Esse é o mito fundador recontado pelo discurso da história do Espírito Santo.

É claro que o fato de existir um discurso anterior ao enunciado analisado permite fazer relações com esses outros discursos que se constituem enquanto memória. No entanto, isso não significa estabelecer relações de causalidade entre eles. As relações que se estabelecem em nível discursivo são muitas vezes inacessíveis ao analista, que reconhece as referências a partir da materialidade discursiva do que já foi dito, mas não pode, conforme alerta Foucault (2008), criar uma relação de determinação entre eles.

As condições para que apareça um objeto de discurso, as condições históricas para que dele se possa “dizer alguma coisa” e para que dele várias pessoas possam dizer coisas diferentes, as condições para que ele se inscreva em um domínio de parentesco com outros objetos, para que possa estabelecer com eles relações de semelhança, de vizinhança, de afastamento, de diferença, de transformação – essas condições, como se vê, são numerosas e importantes (FOUCAULT, 2008, p. 50).

¹⁰⁰ O território da capitania do Espírito Santo era composto de 50 léguas de terra na costa brasileira. As 50 léguas doadas seriam contadas a partir das 50 doadas a Pero de Campo Tourinho (Bahia). Posteriormente, seriam convencionados os limites entre os rios Mucuri (norte) e o Itapemirim (sul), pelos donatários da Bahia, Espírito Santo e do Rio de Janeiro, e homologado através de carta Régia.

¹⁰¹ Cf. OLIVEIRA, José T. de. *História do Estado do Espírito Santo*. Vitória: FCES, 1975.

Com isso, é possível dizer que o mito da estagnação econômica provocado pela condição de “barreira verde” é apenas *um* dos discursos que constituem o *a priori* histórico do objeto discursivo analisado. Mas que esse objeto, por sua vez, não preexiste em si mesmo, “mas existe sob as condições positivas de um feixe complexo de relações” (Ibidem). Assim, as relações de ranqueamento e a construção de um *ethos* capixaba operam a partir da realização *no* discurso, de um “não-dito”. Mas não de um “não-dito” imanente, sobrenatural, mas de um “não-dito” que em algum momento na historicidade do discurso se materializou.

Conforme já dito, esse sentido de ranqueamento e a construção de um *ethos* a partir de relações de comparação estão em várias das matérias analisadas. Entre elas:

- AG-4 (25.12.2004) que diz “O resultado positivo coloca o Espírito Santo na honrosa posição, pelo segundo ano consecutivo, de ter o maior percentual de crescimento de arrecadação de ICMS no país”, mais uma vez há um sentido euforizado pelo ranqueamento.
- AT-6 (16.11.2005) que diz “No ranking dos municípios brasileiros, Linhares é o sexto principal pólo moveleiro”, em que há o ranqueamento do município de Linhares em relação às outras cidades do país.

É interessante retomar, na esteira do que foi proposto no Capítulo 2, a noção de que o sujeito só se constitui a partir do olhar do Outro. A identidade não é senão uma relação de distinção entre aquilo que *é* e aquilo que *é outro*. Com isso, o que se vê nas matérias dos jornais é aquela ilusão primordial que tende a colocar o sujeito do discurso como autor primeiro de todo discurso, como se a afirmação da identidade capixaba fosse o resultado de um ato intencional do autor do discurso e não o resultado de um extenso conjunto de práticas sociais, que são também práticas discursivas (SIMONETTI JUNIOR, 2002).

O que se impõe, portanto, no discurso sobre a afirmação de uma identidade capixaba, é tão somente a relação de alteridade que se exprime com o semelhante direto (o outro, com “o” minúsculo), nesse caso, *espectrado* na figura dos “outros” estados e, portanto, das “outras” identidades, relação essa que já está presente no Outro (com “O”

maiúsculo para designar o significante simbólico) antes mesmo da enunciação discursiva. “Para dizer a verdade, não há lá mais do que uma amostra luminosa da entrada do indivíduo numa ordem cuja massa o suporta e o acolhe sob a forma da linguagem, a sobreimpõe, na diacronia assim como na sincronia, a determinação do significante à do significado” (LACAN, 1978, p. 53).

3.3 O discurso do *novo*

Uma das formações discursivas presentes no *corpus* refere-se ao fato de o Estado estar passando por um novo ciclo de desenvolvimento, inaugurado pelas novas descobertas de poços de petróleo e gás natural. Essa formação discursiva que trata do “novo” emerge em relação direta *no* intradiscorso (eixo horizontal) com outras formações discursivas, conforme explicitado no decorrer deste capítulo.

O Estado que “mais cresce no país” pelo segundo ano consecutivo e que tem uma “província petrolífera” que abre um “corredor de progresso para os capixabas” precisa contar com “novos projetos”, “novos empresários”, “novos negócios” etc. É assim que emerge a matéria “Estado atrai novos negócios” (AT-9, 08.10.2006), que tem como um dos eixos de sentido a “novidade”¹⁰². Assim, tudo que é novo é tido como bom.

Novos negócios que só podem ser efetivados e só puderam constituir-se em sucesso porque foram encabeçados por uma “Nova geração de empresários” que apostou no Espírito Santo. Essa nova geração de empresários é “jovem” e está “aproveitando o boom econômico” proporcionado pela “ascensão no mercado petrolífero”.

A promoção do “novo” como um discurso constitutivo de uma sociedade que se pretende forjar, seja por aspectos políticos, econômicos ou simbólicos, não é original desta análise. Capelato, ao analisar a instauração do “Estado Novo” na imprensa paulista da época, afirmou que “os artífices” da política estadonovista viam nessa instauração a “superação definitiva do atraso, o fim do caos, da anarquia, da improvisação, da irracionalidade [...]” (1989, p. 210).

¹⁰² Foi possível notar outro fio condutor do discurso, a saber, o do *crescimento*. Cf. Capítulo 4.

Havia, no período analisado pela autora, uma ideia muito bem promovida pelos getulistas de que 1937 era um marco de concretização do progresso. Getúlio Vargas era, portanto, o promotor desse progresso. Toda a dúvida e todas as incertezas acerca do desenvolvimento do país foram aos poucos sendo substituídas pela crença no futuro (CAPELATO, 1989) e termos como “nova política” e “nova educação” passaram a se constituir no vocabulário de uma época.

Não se trata, porém, de estabelecer relações de comparação entre os períodos ou entre as políticas citadas (algo que certamente redundaria em leviandade), mas de apresentar exemplos de como, em alguns momentos da história, o discurso do “novo” emerge para por fim ao passado, estabelecer um marco fundante e criar uma perspectiva no futuro. Interessante que, no eixo do interdiscurso, o “novo” foi o tema trabalhado pelas peças publicitárias do governo estadual a partir de 2006. O *slogan* “UM NOVO ESPÍRITO SANTO” é exemplo disso.

Imagem 2 – Logo UM NOVO ESPÍRITO SANTO

Peça Publicitária do Governo do Estado do Espírito Santo que circulou no início de 2007.

Fonte: Secretaria de Estado da Comunicação do Espírito Santo - SECOM

Outra propaganda institucional televisiva, exibida em 2006, também se enquadra na formação discursiva do novo, como se percebe no texto abaixo.

*O Espírito Santo bateu um recorde em 2006
Teve o maior crescimento de empregos com carteira assinada do Brasil
Com atração de novos negócios e expansão dos já existentes
Investimentos em infraestrutura e capacitação profissional
Mais de 31 mil empregos foram criados
Isso é fruto da união dos capixabas, que hoje vivem num Estado sério, confiável e
pronto para crescer ainda mais
Pode comemorar, este é o Novo Espírito Santo (grifo nosso) ¹⁰³*

¹⁰³ Cf. CAMPANHA Um Novo Espírito Santo. Governo do Estado. Propaganda Institucional, 2006.

Para um Novo Espírito Santo é necessário um novo ciclo de desenvolvimento. É assim que toma forma o discurso de que o Estado estaria passando por um 3º ciclo de desenvolvimento, que teria sido iniciado ainda no final dos anos 1990 para só ganhar corpo, de fato, a partir de 2003. Ainda que, do ponto de vista da ciência histórica, pouco se tenha dito a respeito, tendo em vista a incipiência do distanciamento temporal atual, é possível encontrar nas recorrências do discurso jornalístico os indícios que remetem a tal formação discursiva.

A esse respeito, é o próprio governador Paulo Hartung que ratifica a ideia, em entrevista a um jornal local¹⁰⁴, ao afirmar que “nós estamos vivendo um outro ciclo de desenvolvimento, que nós estamos caracterizando como o terceiro ciclo de desenvolvimento do nosso Estado” (A FORÇA do Espírito Santo, 2007).

É importante salientar que as características presentes no discurso correspondem ao efeito de uma conjuntura histórica determinada, que permite a circulação de enunciados específicos, o que não quer dizer que seja determinante ou impositiva, na medida em que está circunscrita em formações discursivas diversas, ora coincidentes, ora conflitantes. Com isso, é possível apontar para o fato de que os enunciados em circulação em uma formação discursiva específica estão diretamente correlacionados às condições históricas de produção do discurso. Além disso, conforme afirma Kucinski, “no jornalismo econômico os ciclos expansivos sempre ganham uma sobrevida e as crises são em geral subestimadas” (2000, p. 188). Isso porque, segundo o autor, destacar as crises seria admitir as “disfunções do sistema”.

Ora, a existência de um 3º ciclo de desenvolvimento prevê a existência lógica de outros dois antecedentes. O discurso da história refere-se ao 1º ciclo do desenvolvimento como sendo aquele instaurado a partir do final do Século XIX. Após longo período de estagnação da economia capixaba, que durou quase todo o período colonial, o Espírito Santo, que se constitui como Estado em 1889, vê a emergência da cafeicultura, ou o início do chamado “ciclo do café”, no século XIX. Conforme os autores pesquisados, o café

¹⁰⁴ Cf. A FORÇA do Espírito Santo. Jornal ES TV 1ª Edição, 2007.

encontrou em terras capixabas terreno fértil para se desenvolver e transformou-se no primeiro impulso para um período de desenvolvimento que se estende até 1930.

Não obstante, do ponto de vista político, é de onde emergem as tradicionais oligarquias rurais, ou seja, as oligarquias mercantis-exportadoras, que se consolidam hegemônicas na condução política do Espírito Santo (SILVA, 1995). Tradição que se considera fator de influência, se não política, pelos menos cultural, até os dias atuais; de onde surgiram sujeitos históricos significativos, como o coronel, que figurou o chamado coronelismo, presente também em outros estados brasileiros. Segundo a autora, trata-se de um período em que política e economia estão vinculadas a uma elite prioritariamente agrária, que se sustentou até meados da década de 1950, sobretudo, na região sul do Estado.

Já o 2º ciclo de desenvolvimento estará diretamente ligado aos “grandes projetos”, em especial os desenvolvidos durante a década de 1970 e início da década de 1980 do século XX. O declínio contínuo da monocultura cafeeira, que implicou, inclusive, na década de 1960, na erradicação de cafezais improdutivos, levará o Estado do Espírito Santo a buscar novos caminhos para o desenvolvimento de sua economia, iniciando um processo de diversificação dos setores produtivos. Fato que encontrará eco na política econômica nacional – a essa altura controlada pelo regime militar – que busca alternativas para burlar os efeitos do declínio do chamado “milagre econômico brasileiro” e do primeiro choque do petróleo em 1973.

Vale ressaltar que esses dois “ciclos de desenvolvimento” são marcados por intransitivas diferenças na política regional, estando o segundo vinculado ao capital externo nacional e estrangeiro investido no setor industrial. A política ficava, portanto, mais vinculada a um aparato técnico urbano do que às oligarquias rurais de outrora.

Retomando o que fora analisado logo acima sobre o enunciado “novo” – que traz muito mais sentidos aos capixabas do que apenas efetuar um marco de transição entre dois governos – é possível reintroduzir o que estaria sendo enunciado em 2006. Quando na matéria AT-9 (08.10.2006) um dos entrevistados, Marcos Pegoretti, 36 anos, diz “No início, a empresa tinha apenas 10 funcionários. Cinco anos depois já tínhamos um efetivo de mais

de 200 pessoas”, constrói-se um sentido que remete o coenunciador ao que seria “no início”, sendo que este início fica marcado no enunciado como sendo *há cinco anos*.

A fala no texto da outra entrevistada, a empresária Maria Cecília Zon Rody, 41 anos, corrobora com o sentido ao dizer que “Há quatro anos, os projetos eram desenvolvidos no Rio de Janeiro [...]”. Nesse caso, é possível reconhecer dois passados: um que é enfatizado como um passado ruim, de perdas, “cuja construção civil amargou prejuízos durante três anos e começa agora a ter saldo positivo”; e outro que é euforizado como um momento a partir do qual as coisas “começam” a melhorar.

Levando em conta que a matéria foi publicada quase no final de 2006, é possível localizar “há quatro anos” como sendo em 2002, ou seja, no governo anterior. O sentido é construído em legitimação do governo em vigor em 2006, sempre comparado ao governo anterior, que não é mencionado no discurso a não ser como um passado a ser superado, um passado que não quer ser lembrando a não ser que seja para significar a importância do presente; a importância do “novo”. Há, portanto, um posicionamento ideológico *no* discurso¹⁰⁵; uma tentativa de instaurar um marco fundador de uma nova visão de mundo.

¹⁰⁵ A questão da *ideologia* constitui-se ainda como grande polêmica dentro dos estudos da comunicação. O termo ideologia surge em razão de alguns filósofos, entre os quais Destutt de Tracy, no século XIX, buscarem uma palavra para designar o ofício daqueles que se dedicavam aos estudos das idéias. É a partir daí que surge o termo *idéologie* (francês) para designar a ciência das idéias. Napoleão Bonaparte teria chamado esse grupo de filósofos de *idéologues* (ideólogos) por defenderem os ideais republicanos, o que para Napoleão seria uma “deformação da realidade”. Talvez venha daí o germe da idéia de ideologia como algo que desqualifica o discurso do outro que aparece na frase “Você está sendo ideológico”, repetidamente usada pelo senso comum. Vem daí também a noção de ideologia proposta por Karl Marx. Porém esse, em sua análise centrada na materialidade da vida, iria propor justamente, que essa condição idealizada de consciência, seria uma falseamento da verdade, uma falsa-consciência para usar os termos usados por ele. Marx inverte, portanto, a noção construída na França. A ideologia de Marx seria, portanto, uma forma de encarar a vida, não como é ela é na concretude dos fatos (essência), mas como aparece (aparência) nas idéias daqueles que as projetam como ideal. Essa deformação é o que permitiria a reprodução do modo de produção e suas relações de produção, mantendo o domínio de uma classe sobre outra. Se por um lado existem correntes teóricas que estabelecem o sujeito como “ser” assujeitado pela ideologia, e, portanto, completamente determinado pelas relações de força que o antecedem no âmbito simbólico (numa referência à teoria althusseriana), por outro há uma “certa” celebração por parte de outros campos teóricos, que vêem no sujeito, autonomia e independência suficientes para “escolher”, a sua maneira, as formas de ressignificar o *conteúdo* das mensagens midiáticas. A ideia do assujeitamento, a partir de uma tradição althusseriana está ligada a ideia de *Ideologia* (*ideologia em geral*) como um *cimento social* que precede a constituição do sujeito, e, portanto, se impõe de uma forma segundo a qual “ele não pode escapar” é algo que ainda encontra eco em algumas tendências das ciências humanas e sociais, em especial, aquelas vinculadas à tradição.

Assim o novo contrapõe-se ao que é velho, atrasado, provinciano, oligárquico. Opera-se uma memória discursiva que vê no passado um limite a ser transposto, uma ideia a ser destituída de valor. *Mudança, crescimento e prosperidade* instauram-se como verdades históricas e empenham-se na instituição de um discurso fundado na eleição de um novo governador no final de 2002.

3.4 O deslize do contraditório

Todo discurso é um elo na cadeia de outros discursos, disse Bakhtin. Como foi possível perceber, os discursos não aparecem sozinhos, mas sempre atrelados a outros discursos circulantes na sociedade. No entanto, tais discursos não podem ser tomados como pontos fixos, ou como cadeias lineares de construção de sentido. Há sempre algo que escapa, reforçando ou contradizendo o discurso. Os lapsos da memória discursiva são também determinantes para se compreender os “já-ditos”, pois mesmo os lapsos não são nunca individuações autonomizadas de uma memória psicológica, mas sempre um deslize daquilo que também atravessa o sujeito, mas que, muitas vezes, lhe escapa no discurso.

Numa análise sobre o método arqueológico de análise do discurso, Foucault (2008) fala justamente dessa proposta, que tem início a partir das leituras não totalizantes, e que se conduz como um dos traços mais essenciais da nova ciência¹⁰⁶, que seria o “deslocamento do descontínuo”. Durante muito tempo, era prática, entre os historiadores do discurso, excluir de suas análises aquilo que pudesse ser considerado “negativo” na leitura, ou seja, que não corroborava com o sentido do que estava sendo descrito. Para o autor, as discontinuidades (o avesso, o fracasso, o lapso da memória discursiva) passam a ser entendidas não como algo a ser retirado, mas como o que, no discurso, valida a própria análise.

¹⁰⁶ Foucault fala em “história nova”, num diálogo com os estudos que estavam sendo propostos desde a Escola dos Anais (1929), tanto na História, quanto na Filosofia e na Filosofia da História. Em outras palavras, trata-se de uma crítica ao método global, ou seja, da história como um lugar de “continuidades ininterruptas” onde o sujeito é forjado em sua consciência como originário de “todo o devir e toda a prática” (2008, *passim*).

Baseados na ideia de que “o *eu* não é senhor nem mesmo em sua própria casa” (FREUD, 1974a), ou seja, na noção de um sujeito cindido que é atravessado por um inconsciente¹⁰⁷, os pesquisadores do discurso, em especial Authier-Revuz (1995), falam sobre heterogeneidade constitutiva do discurso como uma determinação que escapa à vontade do sujeito (AMORIM, 2004). “Essa heterogeneidade discursiva, feita de trechos e fragmentos, interessa na medida em que nela podem ser determinadas as condições concretas de existência das contradições pelas quais a história se produz, sob a repetição das memórias ‘estratégicas’” (PÊCHEUX, 2009, p. 25).

Conforme visto no Capítulo 1, a maioria das matérias analisadas – quiçá todas – apresenta enunciados que dizem respeito a um futuro próximo, ainda que muitas delas usem como balizador um fato ocorrido. De qualquer forma, são evidentes as construções que apregoam um sentido de futuro, ora valorizado pelo emprego de verbos no futuro do indicativo ou por locuções adverbiais de tempo, ora valorizado pelo próprio conteúdo do enunciado, que fala de algo *por vir*¹⁰⁸.

Por outro lado, nem sempre esse sentido é construído sem deslizar em contradições do próprio discurso, que emergem também pela utilização de expressões que dão ideia de incerteza, de dúvida, ou mesmo de contrariedade. Essas expressões emergem como um deslize do contraditório que também se opera por meio de uma memória discursiva.

É o que acontece quando se enuncia na linha-fina da matéria a informação “A estatal vai aumentar a produção [...]” e na sequência do texto deixa-se dizer que “A estatal pretende aumentar sua produção [...]” (AT-2, 10.06.2003). Há, neste caso, um deslize de sentido que pode ser averiguado pela passagem do uso dos verbos “ir” e “aumentar” no presente do indicativo e no infinitivo, respectivamente, dando a ideia de futuro afirmativo, que ocorre na primeira proposição; e o uso do verbo “pretender” no presente, na segunda proposição, que traz o sentido de algo que “pode vir a ser”, mas não necessariamente será.

Ora, há, portanto, um deslize de sentido no primeiro caso, fruto, por um lado, de uma prática do discurso jornalístico que ao pretender dar conta do “real” opera

¹⁰⁷ Cf. Capítulo 2.

¹⁰⁸ Cf. Capítulo 4.

articulações discursivas sempre na afirmativa, e, por outro, pode representar no discurso a emergência de uma *vontade* que se materializa na língua e se articula com a história. Esse deslize de sentido é localizado, no primeiro caso, justamente porque a palavra “pretender”, que aparece no segundo enunciado é, de certo modo, mais adequado ao eixo do “fio condutor” do texto.

Na matéria AT-3 (05.09.2003) também é possível verificar esse sentido de dúvida. O sentido de expectativa como algo ainda “não certo” aparece no deslize do contraditório, quando o enunciado diz que “Apesar de ainda não ter sido divulgado, os técnicos da Petrobras acreditam que no local há uma reserva entre 250 milhões a 400 milhões de barris”. Esse trecho traz uma disforia em relação ao restante do enunciado¹⁰⁹, pois acarreta um sentido de dúvida, de algo que ainda não é tomado como certo. O uso do verbo “acreditar”, por seu turno, revela um sentido de espera, vontade, desejo de que assim seja.

Em AG-5 (02.01.2005), a matéria trabalha a positividade do fato de o petróleo ser responsável pelo “novo boom” de investimentos no Estado, projetando tais investimentos para um futuro de dez anos. Porém, algumas proposições contidas no texto pressupõem a existência de incertezas a esse respeito. No intertítulo “Fase”, o enunciado diz “A maior parte dos investimentos levantados pelo Ipes (54%) está no estágio de decisão”.

Na sequência, o texto explica que a fase de decisão se refere ao momento em que “[...] os investidores ainda estão analisando os estudos de viabilidade econômica”. No mesmo parágrafo, a matéria explica que 23% estariam na fase de execução e outros 23% na fase das oportunidades (os investidores ainda não teriam decidido pela implantação de projetos). Percebe-se que o texto começa alardeando os números de investimentos previstos, na proposição “[...] ordem de R\$ 35,795 bilhões até 2009”, e depois alerta para o fato de que apenas 23% desses possíveis investimentos estão realmente na fase de execução; os outros, mesmos os 54% que estão em fase de decisão, não passariam, portanto, de especulação, ou de crença numa perspectiva econômica apontada para o futuro.

¹⁰⁹ Cf. Capítulo 1.

a) Alguma ironia

De uma forma bem generalizada, a ironia como um tipo de discurso é utilizada para dizer o contrário daquilo que se deseja, ou seja, lançar mão de uma mensagem que se pretende seu oposto. Nada mais contraditório em termos de discurso do que o deslize pela ironia, que permite pela abertura do eixo semântico, pela ambiguidade do enunciado, a emergência de uma multiplicidade de interpretações.

A ironia – na forma como se distingue atualmente¹¹⁰ – estaria atrelada às transformações culturais ocorridas após o Renascimento¹¹¹, quando o “riso positivo” será considerado degradante e o tom sério e autoritário ganhará *status* e legitimidade. Bakhtin relaciona essas transformações à emergência da filosofia racionalista e à estética do classicismo. O riso, conforme diz o autor, não desaparece, “continua a viver e a lutar por resistência”, mas se introduz em outros gêneros, será travestido em sarcasmo, deboche, ironia. O riso e sua tradição cômica tornam-se “componentes estilísticas dos gêneros sérios, principalmente o romance” e passam a viver nos limites da cultura oficial (2008, p. 88).

Se tomado o discurso jornalístico como parte de uma cultura oficial nas sociedades contemporâneas, é possível inferir que a ironia só poderá existir em seu limite. Não por acaso, as mais contundentes ironias estão empregadas no gênero opinativo, nos comentários, nas análises, ou seja, na borda do discurso jornalístico. No gênero notícia tal

¹¹⁰ A ironia, enquanto instrumento da retórica, é datada ainda do período socrático e, ao longo dos séculos, construiu também sua história, sendo estudada por inúmeros autores, entre os quais é possível citar: Soren Kierkegaard (*O conceito de ironia: constantemente referido a Sócrates*); D.C. Muecke (*Ironia e o Irônico*) e Beth Brait (*Ironia em perspectiva polifônica*). Mas não é intenção desse trabalho resgatar os aspectos históricos do conceito, apenas introduzi-lo como categoria de análise, a partir de Mikhail Bakhtin.

¹¹¹ “A época de Rabelais, Cervantes e Shakespeare marca uma mudança capital na história do riso. Em nenhum outro aspecto, a não ser na atitude em relação ao riso, as fronteiras que separam o século XVII e seguintes da época do Renascimento, são tão bem marcadas, tão categóricas e nítidas. [...] A atitude do Renascimento em relação ao riso pode ser caracterizada, da maneira mais geral e preliminar, da seguinte maneira: o riso tem um profundo valor de concepção do mundo, é uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo, que percebe de forma diferente, embora não menos importante (talvez mais) do que o *sério*; [...] A atitude do século XVII e seguintes em relação ao riso pode ser caracterizada da seguinte maneira: o riso não pode ter uma forma universal de concepção do mundo; ele pode referir-se apenas a certos fenômenos *parciais* e parcialmente típicos da vida social, a fenômenos de caráter negativo; o que é essencial e importante não pode ser cômico; a história e os homens que a encarnam (reis, chefes de exército, heróis) não podem ser cômicos; o domínio do cômico é restrito e específico [...] apenas o tom sério é adequado” (BAKHTIN, p. 57-58).

recurso é menos usado, em primeiro lugar, pelo caráter de objetividade que esse gênero alcançou, e também pelo fato de que a ironia só pode ser assim interpretada nas condições históricas de sua produção e no contexto de sua enunciação.

É possível inferir uma ironia na análise do discurso da matéria AG-2 (10.06.2003). A matéria começa dizendo “O governador Paulo Hartung disse ter voltado 'satisfeito' do encontro com o presidente da Petrobras, José Eduardo Dutra, ontem, na sede da estatal, no Rio de Janeiro.” Ao ler o texto a partir dessa perspectiva, é possível encontrar indícios de um sentido que se pretendia camuflado, mas que transgride a ordem do discurso proposto. Aberturas para essa interpretação são feitas pelo uso da palavra “satisfeito”, em modalização autonímica entre aspas.

Ora, é sabido que as aspas no jornalismo servem para indicar que a palavra foi dita pela fonte em questão, nesse caso, o governador Paulo Hartung, e com isso isentar o jornalismo daquilo que está sendo dito. Mas na forma como empregada nessa matéria, isoladamente, pode indicar um contraste pela ironia.

Assim, a palavra “satisfeito” entre aspas poderia indicar uma suposta satisfação, e não uma satisfação de fato. Se levarmos em conta o uso popular, a palavra “satisfeito” ainda poderia indicar que as necessidades básicas foram satisfeitas, mas que poderia ter sido muito melhor, assim como se diz “estou satisfeito” ao negar receber mais comida.

É bom deixar claro que não se trata de o jornalista ter optado deliberadamente pela ironia, uma vez que ela pode ter emergido no discurso “sem que isto estivesse em suas intenções”, mas determinada pelo modo como o jornalista foi afetado “pela língua e pela história” (ORLANDI, 2007, p. 30).

Essa possível interpretação não é tida, no entanto, de forma despropositada. Na leitura do texto é possível encontrar os indícios de um discurso de insatisfação. Um deles é reconhecido no uso da palavra “apesar” já no segundo parágrafo: “[...] apesar de o presidente da Petrobras ter preferido não detalhar o planejamento financeiro da empresa para Hartung.” Ao que parece, esse detalhamento era esperado pelo governador do Espírito

Santo e pela comissão capixaba que se reuniu com o presidente da empresa no Rio, mas não foi concretizado.

Além disso, o fato de existirem novas descobertas que “não entraram no cronograma da estatal” e por isso não foram anunciadas, corrobora com o sentido de que os frutos colhidos nessa reunião poderiam ter sido melhores. Essa derivação de sentido também aparece no box lateral que mostra a agenda do governador, que irá ao Rio de Janeiro novamente, dessa vez para pedir informações à Agência Nacional do Petróleo (ANP) sobre as empresas que têm direito de explorar as bacias no Espírito Santo e sobre os *royalties* de petróleo a serem recebidos pelo Estado.

b) Alguma discordância

“Confiando” é o termo que inicia o texto em AG-7 (16.11.2005). O verbo confiar por si já permite uma série de interpretações a partir de sua utilização e do contexto. A opção por utilizá-lo flexionado no gerúndio, permite dizer que o processo ao qual ele faz referência continua em curso. É um acontecimento que não se encerra no passado. Além disso, ao dizer que tal confiança é “nos prognósticos de crescimento que o petróleo e o gás anunciam para Linhares [...]”, é como se o enunciador introduzisse um sentido contrário, o da “desconfiança”. Assim, por mais que o enunciado tente construir uma positividade sobre os incrementos em Linhares (município citado no texto), há algo que escapa ao sentido euforizado, que introduz desconfiança àquilo que está sendo enunciado.

Afinal, o que é confiar? Confiar significa tomar algo duvidoso (ou questionável) como certo. Pode também ser tomada como fé ou como esperança, partindo de uma fiança que se dá a algo ou alguém. No enunciado, a fiança é dada aos “prognósticos”, palavra que também se insurge contra o que vinha sendo construído em termos de intradiscurso. Essa *insurgência* ocorre porque fica evidente que o futuro é apenas prognosticado, mas não pode ser dado como certo. Ao que parece, o jornalista enunciador fez questão de aplicar ao texto um distanciamento lógico, restabelecendo-se como sujeito no discurso e colocando-se criticamente diante do discurso do crescimento econômico que enuncia e que é

produzido por condições históricas nas quais o petróleo e o gás natural se apresentam como baluartes desse crescimento.

Esse posicionamento aparece em outras passagens do texto como, por exemplo, em “Os empresários locais também já perceberam que chegou o momento de apostar no anunciado crescimento”. Ao dizer “anunciado crescimento”, o jornalista se distancia mais uma vez do próprio discurso, infligindo à narrativa um ponto cego em que não deixa claro quem “anuncia o crescimento”. É como se dissesse no popular “o que dizem por aí”. Ora, “o que dizem por aí” nada mais é do que discursos entrelaçados numa rede de significação interdiscursiva. É como se, de alguma forma, o jornalista quisesse dela se ausentar, porém não pelo apagamento de seu sujeito discursivo, mas por meio de um distanciamento crítico posto no discurso. Mas a ausência é, evidentemente impossível, pois o simples fato de remeter-se a uma rede discursiva, de dizer de sua existência, já o implica dentro do discurso.

Além disso, na sequência do enunciado há um outro parágrafo que diz “Na verdade, os empresários locais estão tentando acompanhar a velocidade do crescimento linhareense”. O uso da expressão “na verdade” introduz um sentido de contrariedade ou explicação ao que fora dito imediatamente antes. Nesse caso, não há elementos que permitam dizer que se trata de uma explicação. Logo, o que emerge é um sentido de contrariedade, ainda que parcial, que se evidencia pela escolha do verbo “tentar” no gerúndio: “tentando”, então, dá a entender que os empresários perceberam que o “momento de apostar no anunciado crescimento chegou”, porém, para isso estão “tentando acompanhar a velocidade do crescimento”.

c) O discurso do meio ambiente

Em meio ao discurso referente à cadeia produtiva do petróleo e gás natural, como prevenir a existência do discurso do meio ambiente? O acontecimento discursivo é algo que irrompe a suposta normalidade do discurso. Não existe o previsível, pois há sempre algo que escapa, que na via de estabelecer suas relações com “pré-ditos” se estabelece com

“pré-ditos” *outros*. Assim é que foi possível encontrar, em meio ao discurso do crescimento econômico, o discurso da sustentabilidade. Conforme diz Pêcheux:

O campo da análise de discurso, ao contrário, se determina pelo dos espaços discursivos não estabilizados logicamente, derivando dos domínios filosófico, sócio-histórico, político ou estético, e logo também o dos múltiplos registros do cotidiano não estabilizado (cf. a problemática dos “universos de crença”, a dos “mundos possíveis” etc.) (PÊCHEUX, 1999, p. 11).

A madeira é eleita a grande vilã, sendo reiteradamente contraposta à energia de gás natural e elétrica, consideradas “melhores” por serem menos poluentes (AG-6, 28.08.2005). Porém existe um discurso que atravessa o eixo principal, que é a ideia de *crescimento para o futuro*. Esse crescimento não é da ordem da preservação ambiental, mas da ordem do crescimento econômico (ainda que no eixo do intradiscurso seja possível perceber a emergência – contraditória – dessas duas ordens discursivas atuando conjuntamente). No texto em questão, o Espírito Santo é mostrado como tendo “folga” em relação à produção e ao consumo de energia elétrica, ou seja, o Estado encontra-se em “situação confortável” em relação a essa produção.

O uso do gás natural como fonte de energia surgiria assim como uma contrapartida à queima de madeira, que segundo a matéria é usada no consumo residencial, sobretudo, em residências rurais. Mas não é isso que emerge ao final do texto, quando se diz que “A folga de 772 MW é boa e garante o fornecimento para os grandes projetos que pretendem se instalar no Estado [...]”. Ora, é o discurso do crescimento econômico que emerge aqui e que quase nada tem a ver com a extinção do uso de madeira pelas residências rurais. O que se procura, portanto, é aumentar a produção de energia para que o Estado possa dar conta dos grandes projetos econômicos em curso desde 2003. Aliás, sobre o sintagma “grandes projetos”, vale a pena destacar que ele dialoga com um “sempre já aí” do discurso que diz ser o período analisado, iniciado em 2003, uma nova época de “grandes projetos”, num diálogo interdiscursivo com o que representaram para o Espírito Santo os grandes projetos de impacto da década de 1970.

A matéria traz, portanto, o discurso de preservação do meio ambiente atrelado ao discurso da energia limpa, ou seja, a possibilidade de o desenvolvimento econômico vir em conjunto com um crescimento sustentável. Se por um lado isso aparece interdito no âmbito do discurso do petróleo – visto que esse não é renovável e é altamente poluente – por outro, ele pode ser considerado sim como estabilizado no âmbito do interdiscurso, na medida em que a preservação do meio ambiente é um dos temas centrais no seio da opinião pública deste início de século XXI. É um movimento contraditório que emerge então do acontecimento discursivo nessa matéria.

À guisa de uma conclusão provisória, o objetivo deste capítulo não foi remontar a uma cronologia do discurso da história, estabelecendo uma relação de linearidade a partir daquilo que é contado pelos livros, mas, a partir do que vem escrito nos jornais, operacionalizar relações de ruptura e continuidade com esse discurso, que age sempre como um “já dito”. O objetivo não era, a partir de uma remontagem de parte do discurso da história, inferir as formações discursivas como determinadas, mas perceber que estas só existem em função de um discurso anterior. Não é a perspectiva resgatar a “história linear”, entendida como uma sucessão de fatos que determinariam o acontecimento discursivo em questão, ao mesmo tempo em que se distanciando do mito adâmico, como se o discurso do crescimento fosse surgir por força espontânea, sem manter relação com outros discursos, o sujeito e a história.

Destarte, não se pretendeu perseguir um sentido da história do Espírito Santo – ir atrás de uma “história encoberta” – mas compreender os processos de significação, neste caso, o processo de significação que produziu o imaginário social do progresso nesses primeiros anos do século XXI. Em outras palavras, há uma tênue, porém inequívoca, diferença entre “uma História que pretensamente determina o acontecimento discursivo” e um “acontecimento discursivo que gera sentido a partir de uma história”. Para isso, basta lembrar que o discurso, enquanto acontecimento

[...] é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou

não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo [...] (PÊCHEUX, 2006, p.56).

O que este capítulo pôde mostrar foi *como* alguns discursos são articulados em torno de formações discursivas distintas, porém, de forma alguma concorrentes. A ideia de um 3º ciclo de desenvolvimento, como aparece destacada no âmbito de um “já dito”, corrobora também a noção do “novo”. Esse, por sua vez, só pode existir enquanto discurso na relação comparativa com o velho, o que deve ser abortado, esquecido e lembrado somente na condição de memória discursiva. Logo, a marcação cronológica desse “novo” corrobora também a ideia de mudança. Se em um dado momento o “marco inicial” aponta para um discurso de mudança, em outro, o que se vê é a gradativa substituição desse discurso da mudança pelo discurso do *crescimento*, tema que terá centralidade no Capítulo 4, a seguir. Além disso, vale ressaltar o fato desse *crescimento* não estar presente apenas no discurso da Economia, mas operando pelas formações discursivas mostradas, uma ideia de *progresso* que atravessa todos os discursos.

CAPÍTULO 4

DO *PROGRESSO*, OU O FUTURO COMO PROMESSA

Por um paradoxo apenas aparente, o discurso que leva a crer é aquele que priva do que impõe, ou que jamais dá aquilo que promete.

Conforme dito na Introdução deste trabalho, um dos objetivos desta pesquisa é entender como os jornais enunciam o crescimento econômico num determinado período histórico e como isso se constitui num imaginário social do progresso, que em muito se compara àquele progresso moderno, segundo o qual há, no limiar da espera, um futuro redentor. Para tanto, a análise baseou-se nos discursos construídos pelos dois jornais em circulação no Estado do Espírito Santo, a saber, *A Gazeta* e *A Tribuna*. Ao longo da análise discursiva de 18 textos jornalísticos, foi possível mapear como o discurso do progresso aparece nas páginas desses jornais.

Para chegar aos mapeamentos citados, foi necessário um longo trabalho de descrição do material que condissesse com a perspectiva do critério de exaustividade proposto pela AD. O objetivo era entender, na instância da língua operada pelo sujeito atravessado pela história, como o uso sistemático de enunciados eufóricos iam construindo o sentido de crescimento. Assim, a partir das formações discursivas encontradas na instância daquilo “que pode e deve ser dito”, buscou-se operacionalizar uma formação ideológica reinante. Falaremos de *formação ideológica*

[...] para caracterizar um elemento [...] suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições* [...] em conflitos umas com as outras (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p.166, grifo do autor).

No Capítulo 3 foi possível mapear algumas das formações discursivas que emergem desses jornais como “um conjunto complexo de atitudes e de representações”, pois as formações ideológicas “comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas*” (Ibidem, p.166). Assim, foram encontradas algumas formações discursivas, destaca-se aquela que enuncia o *novo* como uma espécie de “novo momento histórico”; a formação discursiva que se constrói numa relação de comparação com os outros estados da federação, que funcionam como índices de verdade; e as articulações em torno de um marco fundador, evidenciado pelos marcadores cronológicos, que atribuem sentido de *mudança* a partir de uma datação, o que corrobora com o discurso do *crescimento* econômico como sendo um “fenômeno” vinculado aos anos em análise, a saber, o período que começa em 2003 e vai até 2006. Assim, a partir das análises e dos agrupamentos dos sentidos, tem-se:

Gráfico 3. Mapa do Discurso do Progresso

Além disso, ficou evidenciado durante a leitura das matérias que, em grande parte, esses enunciados euforizantes apresentam o verbo “crescer” como núcleo sintagmático principal, o que levou a estabelecer a palavra *crescimento* com uma formação discursiva de

referência na pesquisa. A palavra *crescimento* emerge em suas variações lexicais (substantivo, verbo, adjetivo) e em suas substituições semânticas (quando a palavra aparece substituída por outra com sentido semelhante), ou seja, desenvolve uma relação de hiperonímia que é estabelecida no próprio contexto discursivo, o que se demonstra no uso da palavra “triplicou”, cujo sentido é englobado – ainda que não se limite – por uma ideia de crescimento. A palavra *crescimento* aparece numa cadeia de sintagmas que a faz emergir como um enunciado reinante, ou seja, exerce uma relação de hiperonímia com outras palavras no enunciado.

Admitiremos (como hipótese lexicológica) que o que caracteriza a palavra é sua unidade, sua identidade a si mesma, que permite reconhecê-la em seus diferentes contextos. De outro modo, colocarei aqui a palavra como uma unidade simbólica cujo reconhecimento a identificação permite definir em termos de repetição. Cada nova co-ocorrência dessa unidade formal fornece então novos contextos, que vêm contribuir à construção do sentido de que essa unidade é o suporte. [...] No caso do crescimento, a hipótese de análise que utilizei constitui em supor que “crescimento” é um termo operador que comanda um certo número, fixo, de posições. O aparecimento em diversos textos das diferentes posições me permite fazer um inventário delas e estabelecer suas regularidades, e me permite em seguida designar, lá onde elas são explicitamente instanciadas, os tipos de implícito por que elas clamam (ACHARD, 2006, p. 14).

As operações de substituição acontecem quando “[...] a possível substituição de elementos em um contexto discursivo determinado funda uma relação de sinonímia entre esses elementos (ser substituível = ter o mesmo sentido no processo discursivo considerado)” (COURTINE, 2009, p.188). Assim, os sintagmas “*triplicou*”, “*elevou*”, “*aumentou*”, “*faturou*”, “*subiu*”, “*ganhou*”, “*rendeu*”, “*bateu recorde*”, “*ficou acima*”, “*dobrou*”, “*ascensão*”, “*incremento*”, entre outros, aparecem para ocupar o lugar da palavra “crescimento” nas matérias. A partir daí foi possível traçar a relação hiperonímica entre os termos, conforme mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 4. Relação Hiperonímica do Crescimento

Assim o crescimento ganha um sentido próprio, recorrente pelas operações de substituição que são realizadas nos textos. Já os sintagmas que estão na base da cadeia de sentido são aqueles que não podem aparecer isoladamente, mas sempre em acordo com um referente. Em outros termos, quando se enuncia “Estado cresce”, o verbo crescimento constitui sentido concreto, tomado em si mesmo em relação a seu referente; já quando se enuncia “Estado ficou acima” ou “Estado faturou” é necessário uma construção discursiva que estabeleça um referencial em relação “ao que se faturou” ou “ao que se ficou acima”.

É tomada como categoria a hiperonímia e não a sinonímia simplesmente porque na hiperonímia existe uma relação vertical de substituição. Ou seja, o termo englobante¹¹² “crescimento” abarca os sentidos dos outros termos, construindo uma cadeia de significação no eixo vertical ou interdiscursivo. Com isso, é possível designar a palavra “crescimento” como constituinte de uma formação discursiva do crescimento, sendo, portanto, os demais termos, elementos constitutivos daquilo que “pode e deve ser dito” no interior do discurso.

A ideia de crescimento, retomando algumas considerações, não é algo que se limita ao que fora enunciado nos dois jornais de circulação regional no Espírito Santo. Ela abarca uma complexa rede de discursos que se entrecruzam no campo social, ora como discurso jornalístico, ora como discurso institucional do Estado e, às vezes, emerge em propagandas de empresas privadas, como mostra a imagem abaixo:

¹¹² Na linguística, o termo englobante é chamado de hiperônimo. Aqui o estamos tomando do ponto de vista do processo discursivo.

Imagem 3 – Propaganda Companhia Vale do Rio Doce

Fonte: Jornal *A Tribuna*, Editoria de Economia, pág.33, 22.12.2005

Nessa imagem existem dois elementos fundamentais que direcionaram o estudo do *corpus*: o primeiro diz respeito ao próprio enunciado “crescimento”, já o segundo, à ideia de futuro. Quando se diz “Gerar riquezas é crescer com o Espírito Santo”, está implícita a existência de um pré-construído segundo o qual o “Espírito Santo cresce”. Nesse caso, a propaganda da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) apoia-se em um discurso que “já está aí” e tenta afirmar-se a partir desse discurso.

A outra construção verbal que aparece no enunciado é “Porque neste pedaço do Brasil o amanhã é agora”, na qual a noção de futuro é materializada no presente, ou seja, há um percurso a ser percorrido, um horizonte de espera, que fica evidente, sobretudo, pela utilização da imagem de uma criança que deve crescer e *ser* o próprio futuro. Apesar disso, esse futuro é projetado no “agora”. É um futuro sempre presente.

Sem dúvida, a recorrência dessa ideia de futuro nas matérias analisadas foi o que levou a pesquisa a buscar nas categorias de anterioridade e posterioridade o discurso construído por meio de uma distinção entre um passado (a ser superado) e um futuro (a ser conquistado). Já o enunciado *crescimento* opera o sentido dessa distinção na medida em que “crescer” significa ir de um estágio qualquer para outro maior. Trata-se de um verbo que constrói noção de movimento, mas de um movimento ascendente.

Essa construção de sentido é referida pelo enunciado “crescimento”, que aparece em diversas construções dos textos analisados: “injeção de recursos”, “crescerá 125%”, “incremento”; “elevará a produção”, entre outros que aparecem em AG-1 (27.04.2003). Nessa matéria há, ainda, uma estabilidade no uso do enunciado “projetos”, que é citado reiteradas vezes como forma de garantir uma asserção de que o futuro pode ser ainda melhor, tendo em vista que os projetos estão sendo implementados ou em continuidade.

Os projetos previstos “têm potencial” para garantir um aumento na produção, geração de emprego, melhor aproveitamento da produção, eficiência no transporte e, em última instância, crescimento econômico para o Estado. O fato de o “vento” estar a favor do Espírito Santo em Brasília, enunciado que emerge dessa matéria, como fora mostrado anteriormente¹¹³, acrescenta o sentido de euforia que se estabelece pela proposição “a favor”, indicando a possibilidade da antecipação dos *royalties* de petróleo pela União. É disso que se trata.

Em 2003, ano de circulação da notícia, o Estado do Espírito Santo recebeu da União R\$ 59.278.535,24 – aproximadamente R\$ 60 milhões de reais. Já em 2006, o valor pago ao Estado foi de R\$ 96.611.916,56 – aproximadamente R\$ 97 milhões de reais¹¹⁴. O “ouro negro” é, portanto, o que garante o *crescimento*, primeiro, pela própria elevação da produção e depois pela abertura “do mercado para os capixabas” (AG-3, 24.08.2004).

O enunciado “ouro” carrega uma série de implícitos. O primeiro deles é a própria instância de paralelismo com o produto mineral ouro, de grande valor nas sociedades contemporâneas, e o segundo, por meio de uma articulação da memória discursiva que remete ao “ciclo do ouro”, que, conforme já fora tratado em capítulos anteriores, rendeu ao Estado de Minas Gerais o privilégio de ter como “barreira verde” o Estado do Espírito Santo. Assim, o sintagma “ouro negro” é apropriado, na medida em que dialoga com o *slogan* de que “A HORA É ESSA” de o Estado do Espírito Santo ter o seu próprio “ciclo do ouro”, nesse caso, do “ouro negro”. Esse sintagma aparece em outras matérias, como em,

¹¹³ Cf. Capítulo 3.

¹¹⁴ Cf. PARTICIPAÇÕES governamentais e de terceiros. Agência Nacional do Petróleo. Brasil. Disponível em <<http://www.anp.gov.br/?id=518>>. Acesso em: 7 abr. 2010.

por exemplo, AG-8 (08.10.2006). Nela o enunciado diz: “apesar do petróleo, o município ainda é essencialmente agrícola e está buscando alternativas no fortalecimento desta atividade para não depender do ‘ouro negro’”. Aqui a expressão se encontra já incorporada na formação discursiva do crescimento, diferente de antes (na matéria de 2004), em que se apresentava como elemento de destaque, ponto de atenção na construção da matéria, quase sempre como linha-fina, recurso tipográfico ou legenda de fotografia.

A ideia de um “período do ouro”, do “ouro negro”, coaduna-se com a noção de que o Estado estaria passando por um 3º ciclo de desenvolvimento ou por um “novo ciclo histórico”, como emerge no texto “Palavra do Governador”¹¹⁵. Esse novo ciclo é euforizado pelos jornais como sendo um “bom” momento do Estado, o que positiva o novo em contraposição ao velho e colabora para a construção de uma noção de pertencimento.

Há, portanto, um “espírito de consagração” que emerge em enunciados tais como “Bom Momento”, “Bom Demais” (AG-4, 25.12.2004), que dão a pista do fio condutor do discurso operacionalizado em virtude da existência de um imaginário do crescimento. Abaixo é reproduzida a imagem que circulou junto com essa notícia no jornal *AG*:

Imagem 4. Fotografia José Teófilo

Fonte: Jornal *A Gazeta*, Editoria de Economia, pág.11, 25.12.2004.

¹¹⁵ Cf. ESPÍRITO SANTO 2025: Plano de Desenvolvimento. Governo do Estado do Espírito Santo. Vitória: Secretaria de Estado de Economia e Planejamento, 2006.

Nesse caso, o enunciado verbal não pode ser analisado sem levar em conta o papel da fotografia. Em muitas matérias analisadas, a fotografia era tida como ilustração, pois não remetiam ao enunciado verbal. Algumas eram retiradas de arquivo do jornal, como no caso da matéria que fala sobre a nova plataforma de extração. Já nesta notícia, a fotografia cumpre um objetivo informativo primordial, que vem a se juntar ao efeito de sentido proposto pelo texto analisado e pelos outros textos que compõem a página. As imagens funcionam como operadores da memória e possuem uma eficácia simbólica e semântica. A observação de uma imagem possibilita o desenvolvimento de uma atividade de produção de significação. A imagem permite uma integração entre materialidade e sentido.

Assim, a fotografia do secretário de Estado da Fazenda, José Teófilo, com as mãos unidas em forma de oração, aparentemente a nos dizer “Graças a Deus!”. Isso aparece ainda no enunciado “respira aliviado o secretário”, que aparece ao final do penúltimo parágrafo do texto da notícia. Neste caso, não importa se era esse ou não o teor da conversa que ele mantinha com o jornalista no momento da tiragem da fotografia, mas sim o processo de construção de sentido que se realizou com o discurso verbo-visual. Além disso, nessa matéria, passado e futuro estão separados por uma ideia de presente segundo a qual, “por muito trabalho de planejado e equilíbrio”, o que é ruim pode ser superado.

De um modo geral, as matérias euforizam o fato de que o perfil dos investimentos no Estado do Espírito Santo mudou, passando do setor industrial ao setor petrolífero (AG-5, 02.01.2005). O setor de energia seria considerado o melhor tipo de investimento e o que pretende atrair maior valor em reais para o Estado, e estaria, portanto, no “topo”, e com tendência a permanecer lá. Isso ocorre mesmo quando as matérias não têm como eixo discursivo a cadeia produtiva do petróleo e gás natural.

A matéria AT-6 (16.11.2005), por exemplo, apresenta a seguinte manchete “Linhares é o 6º do País em móveis”. O texto descreve e convida os leitores para participarem de um seminário de projeto do simpósio “O Futuro do Trabalho no Espírito Santo”. Ao longo do texto, mais do que falar do setor moveleiro, o que se constrói

enquanto eixo de sentido é o crescimento da economia, o que pode ser inferido pela proposição “[...] auxiliando a manter o desenvolvimento econômico capixaba”.¹¹⁶

Vale destacar que o uso do verbo “manter” traz a ideia de que “algo já existe”, neste caso, o desenvolvimento econômico capixaba, que precisa ser mantido. Note-se que a ideia de um “desenvolvimento em curso” não foi citada diretamente em nenhuma parte do texto, mas constrói seu sentido em referência ao “já dito”, que, nesse caso, está presente na manchete e no *lead* da notícia, para citar aqui o eixo do intradiscurso, e é corroborada pela imagem do binóculo que olha para o futuro, e pela seta vermelha que ascende rumo a esse.

Imagem 5. Ifongráfico Binóculo/Crescimento

Fonte: Jornal *A Tribuna*, Editoria de Economia, pág. 28, 16.11.2005

É preciso considerar, no nível das transformações sócio-históricas que ocorriam no Estado do Espírito Santo, entre os anos de 2003 e 2006, que os discursos operam em virtude dessa conjuntura. É apenas em função disso que é possível construir as análises numa perspectiva diacrônica. Assim, como fora afirmado no Capítulo 3, se nos anos de 2003 e 2004 há o imperativo do discurso da mudança, baseado nas marcações do tempo e na fundação do novo, nos anos de 2005 e 2006 o que impera é o discurso do crescimento.

Não por acaso emerge, em 2005, o enunciado “Produzir mais e melhor” (AT-8, 24.04.2006), que revela mais uma vez que já existe “algo sendo produzido”. É importante destacar a escolha da palavra “mais”, que na condição de advérbio de intensidade constrói o sentido de que a produção já existe, porém precisa crescer, ou seja, agrega valor ao verbo

¹¹⁶ Trata-se aqui de uma estratégia discursiva utilizada pelo jornal. Utilizam-se dados do crescimento do setor moveleiro de Linhares para atrair o leitor com uma manchete que coloca o município na 6ª posição do setor. No entanto, o que se pretendia divulgar, conforme nos mostra a matéria, era o evento “Futuro do Trabalho no Espírito Santo”, do qual a própria empresa jornalística é promotora. Com isso o jornal afasta o gênero publicitário presente na notícia, enfocando por outro lado (inversão do *lead*) e se autorreferenciando como legitimado para tratar do assunto em questão.

“produzir”; da mesma forma o enunciado “melhor”, como advérbio de modo, qualifica a produção que precisa ser aumentada. O enunciado *crescimento* aparece também na linha-fina da notícia que afirma “Seminário ‘O Futuro em Debate’ vai discutir formas de crescimento da qualidade de vida no Espírito Santo”, sentido reiterado no *lead*.

Do ponto de vista discursivo, o implícito trabalha então sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado, enquanto cada discurso, ao pressupô-lo, vai fazer apelo a sua (re)construção, sob a restrição “no vazio” de que eles respeitem as formas que permitem sua inserção por paráfrase [...] (ACHARD, 2007, p. 13)

Da mesma forma, se o Estado do Espírito Santo teve um “crescimento expressivo” que gera competitividade ao setor de transporte no presente [da enunciação] e aponta para um cenário positivo no futuro, é porque houve, nos anos anteriores, investimento em logística (AG-9, 20.11.2006). O futuro, mais uma vez positivado, será garantido pela “ampliação das grandes plantas industriais já instaladas no Estado, e projetos em andamento e, principalmente, pela indústria petrolífera, envolvendo petróleo e gás natural”. A indústria petrolífera é tida aqui como carro-chefe desse “futuro glorioso” e sintagmas como “importante distribuidor”, “setor competitivo”, “crescimento expressivo”, “incremento contínuo” emergem com certa naturalidade¹¹⁷.

¹¹⁷ Um dado interessante na matéria AG-9, de 20.11.2006, é que a Transcares (entidade representativa das empresas e que avaliza as principais informações da matéria) possui 130 empresas associadas, enquanto a Ascames (entidade dos caminhoneiros), que não possui interlocutor apresentado na matéria, possui 500 associados, entre empresas e autônomos. No decorrer da matéria, a ANTT (entidade nacional) afirma que a maior parte da “[...] frota do Espírito Santo pertence a autônomos, com 23.643 veículos”. Esse dado mostra como a Transcares ocupa posição de destaque, na visão do jornal, apesar de não ser ela a maior representante dos transportadores no Estado. Aqui está presente, mais uma vez, um aspecto da estratégia discursiva (Cf. Capítulo 1) do jornal (uma *formação ideológica* própria) que coloca como fonte principal “a voz oficial” por entender que o coenunciador do jornal (o leitor) prefere ouvir a voz das empresas à voz dos caminhoneiros.

4.1 O futuro como promessa

Segundo os historiadores, a noção de tempo e temporalidade também tem uma história. Nas sociedades gregas antigas, a história era vista a partir de uma lógica cíclica¹¹⁸ como “um passado absoluto cujo modelo, a um só tempo obrigatório e inimitável, inspira aos homens uma incurável nostalgia das origens” (BURGUIÈRE, 1999, p.133). Em contrapartida, os antigos judeus detinham uma concepção da história como sendo linear e colocavam o tempo, ou melhor, a evolução, no centro de sua visão (JULLIARD, 1999).

Apesar das diferentes noções do tempo e da história, Julliard alerta ao fato de não ser possível opor uma concepção cíclica do tempo (herdada dos gregos) a uma concepção linear (herdada dos judeus), como foi feito durante anos. Isso porque, apesar de os gregos terem a concepção do contínuo recomeçar (tema do eterno retorno), eles também tinham uma concepção de tempo como uma sucessão orientada (tema da irreversibilidade). “A pátria de Hesíodo e de Tucídides não pode ser estranha à própria noção de história”, diz o historiador (1999, p.108).

Segundo os autores, ainda que já houvesse a noção do tempo com sucessão, é apenas com o “triunfo do cristianismo” que se realizará a passagem a uma história entendida como “etapista”, ou seja, quando as sociedades passam a priorizar o valor imperativo do futuro sobre o passado e sobre o presente. A humanidade passa a construir-se calcada na promessa de um futuro melhor, de uma redenção. “O espaço de experiência é abolido na força de injunção do horizonte de espera” (BURGUIÈRE, 1999, p.133).

¹¹⁸ Segundo Burguière, “[...] de Hesíodo a Platão e de Platão a Políbio circula uma mesma visão da história em que a marcha da humanidade está calcada no movimento da natureza: as sociedades nascem, desabrocham e entram em decadência para morrer. Se há nessa história cíclica um movimento de deriva que proíbe um simples retorno ao idêntico, é uma deriva destruidora; após a idade de ouro, a idade de bronze” (1999, p.133). Para os gregos antigos, o tempo e a história se desenvolviam de uma forma cíclica, o que caracterizava o eterno retorno. Entre os gregos, o ponto de partida da civilização teria sido uma era dourada de perfeição e simplicidade depois da qual os homens decaíram. A partir da queda poderia ocorrer a ascensão, numa condição de melhoria gradual da vida, numa forma de prosperidade. Porém, isso ocorreria na forma de grandes ciclos e não na busca de um fim (meta) único. Em outras palavras, um período de ouro era sempre sucedido por um de decadência e assim por diante. Apesar, no entanto, da ideia de ciclicidade do tempo e da história, alguns historiadores identificam já na Grécia Antiga um potencial pensamento de evolução, na medida em que, a cada ciclo, ainda que houvesse períodos de ascendência e decadência, os homens estariam mais próximos de uma autonomia em relação a Cronos (criador da primeira era dourada) e a Zeus (sucessor e criador da era prateada). Assim, os homens estariam aptos a aplicar seu próprio conhecimento em razão da evolução, distanciando-se da imposição de uma força externa. Tal pensamento é atribuído aos *epicuristas*.

É a redenção, a promessa etérea de um lugar onde a humanidade conviveria em paz e felicidade – o Éden (onde, diga-se de passagem, apenas teriam lugar os justos, perseverantes e abnegados) – o que move as sociedades numa marcha pelo “novo”. A essa tradição cristã da busca pelo paraíso soma-se também a tradição judaica que entendia o tempo como algo linear. Em outras palavras, a forma como as sociedades ocidentais lidam com o tempo foi derivada dessa tradição judaico-cristã.

O Renascimento não rompe com essa visão judaico-cristã de uma história redentora voltada para o futuro, “mas acrescenta um terceiro pólo à dupla polarização da memória e da espera: o presente, ou antes, a modernidade [...] está aqui em germe, consubstancial à história, a idéia de progresso como dinâmica construtora” (BURGUIÈRE, 1999, p.134). O futuro é visto segundo uma concepção em que um fato é sucedido por outro e por outros sucessivamente, e que esses fatos, olhados de fora (ou a partir do lugar do presente), são enquadrados numa espécie de todo homogêneo, harmônico, que assim é chamado propriamente de História, ou marcha histórica. E “é essa visão de um tempo orientado, laicizado, que predomina no século XIX” (JULLIARD, 1999, p. 108).

Um dos primeiros a questionar essa ideia de marcha inexorável da humanidade foi Benjamin (1994)¹¹⁹. Num de seus aforismos, o filósofo faz uma analogia com o quadro de Paul Klee, *Ângelus Novus*, para definir a visão do progresso como sendo uma tempestade que impele o anjo da história irresistivelmente para o futuro, sendo compreendido, portanto, como uma norma histórica, um dado “natural” de evolução das sociedades.

Benjamin não criticou apenas essa visão de progresso como também a visão que se tinha da própria história como um lugar vazio e homogêneo, que seria substancialmente sendo preenchido pela marcha da humanidade. Segundo ele, “a ideia de um progresso da humanidade na história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo

¹¹⁹ As críticas ao modelo de história linear encontraram eco em muitos historiadores durante o século XX, em parte influenciados pelas ideias trazidas por Benjamin, em parte fruto das crises dos modelos historiográficos baseados na narração dos grandes feitos e, ainda, na crítica sistemática que vinha sendo desenvolvida em relação ao método positivista de análise que, a essa altura, já fazia parte do debate que se desenvolvia na França, com autores como Lucien Febvre e Marc Bloc, fundadores, em 1929, da revista *Les Annales d'Histoire Économique et Sociale*, que ficou conhecida posteriormente como Escola dos *Annales*.

vazio e homogêneo. A crítica da idéia de progresso tem como pressuposto a crítica da idéia dessa marcha” (1994, p. 229).

O ideal de história como um “lugar” homogêneo e vazio que é preenchido pela massa dos fatos é um dos baluartes do pensamento positivista que encontra adeptos, em especial, a partir do século XVIII. O nome mais representativo do Positivismo, o filósofo Augusto Comte, acreditava que o conhecimento teria passado por três grandes etapas: a teológica, na qual os fenômenos eram atribuídos ao divino; a metafísica, na qual as mudanças da natureza eram atribuídas a forças abstratas; e a científica, onde o homem estaria pronto para explicar os fenômenos por meio da ciência. Essa estrutura da história construída em etapas exerceu influência sobre grande parte dos filósofos da época¹²⁰.

Destarte, o que esta pesquisa buscou mostrar é como a promessa de um “futuro glorioso”, que emerge como “constitutivo” da sociedade ocidental de origem judaico-cristã, repete-se em perspectiva nas práticas discursivas no dia-a-dia. No caso das matérias analisadas, a ideia da promessa, ou do futuro como uma promessa, pode ser observada em vários textos. É possível mesmo dizer que em todas as matérias há um eixo semântico que se estabelece pela expectativa de um crescimento futuro.

O horizonte da espera aparece no texto a partir da utilização de enunciados tais com “promessa”, “expectativa”, “previsão”, “futuro”, “esperança”, “aposta”, entre outros. É o que ocorre, por exemplo, quando se enuncia que “O governo estadual espera arrecadar mais de R\$ 300 milhões com a venda dos *royalties* de petróleo que será produzido no Espírito Santo nos próximos quatro anos” (AT-1, 14.02.2003). Apesar de ser um texto jornalístico e, por isso, ter uma vida efêmera do ponto de vista do consumo, as marcas do “hoje” na enunciação são subordinadas a uma relação de ausência, de um “algo” que não está ali presente, pois se estabelece pela “espera” projetada no futuro. Assim,

¹²⁰ Esse pensamento influenciou muito o historiador alemão Leopold von Ranke (1795-1886) e seu método de escrever a história baseado em leitura crítica de fontes primárias e no uso de documentos oficiais e fontes escritas como forma de ter primazia na pesquisa (rankeanismo). Nessa concepção da história, o historiador tinha como função ocupar-se da realidade. Concepções positivas influenciaram, inclusive, a obra de Karl Marx, que mesmo introduzindo o materialismo à história e revelando a crítica ao pensamento hegeliano (a partir do materialismo, segundo o qual os modos de produção social da vida é que determinam, em última instância, o todo social), não conseguiu escapar por completo às influências da história enquanto um processo linear de desenvolvimento das sociedades.

Antes podíamos discutir se o futuro existe como tempo, uma vez que ele ainda não é; ou, se é, é como projeto do presente. Agora, não. Por efeito da aceleração tecnológica, o futuro se libera da causalidade linear e torna-se o valor maior. O que verdadeiramente vale ainda não veio, mas já está chegando. O que vale está sempre em anúncio. Para a presença, o futuro está sempre anunciado ao presente e, com isso, antecipando-se a ele, o que faz explodir a concepção clássica de que uma causa antecede um efeito; que, portanto, uma causa é sempre passado de um efeito, ou o efeito, visto do lado da causa, é seu futuro (AMARAL, 2003, p. 20).

Na matéria AG-1 (27.04.2003) há também uma construção de sentido pela projeção no futuro. Ainda que a manchete traga o verbo “investir” no presente do indicativo, “Petrobras investe 600 milhões no ES”, basta começar a lê-la para perceber essa projeção. Isso ocorre, primeiro, pela utilização de “vai investir”, que substitui “investe” no decorrer do texto; segundo, pelas flexões dos verbos no futuro do indicativo e pelo uso de sintagmas que geram sentido de uma espera no *por vir*.

Assim temos: “Os recursos serão destinados [...]”, “A meta da estatal é processar [...]”, “A realização das obras deverá gerar ainda [...]”, “[...] a Petrobras dará um incremento de 64% na produção [...]” e “[...] conforme expectativa da empresa”, que [re]inserem o sentido de “espera”. Em outras palavras, é o acontecimento futuro que emerge nas notícias como fio condutor do discurso.

A manchete de AG-2 (10.06.2003) afirma que “Petrobras triplica a produção no Estado”, utilizando o verbo “triplicar” no presente do indicativo. No entanto, esse aumento em três vezes será realizado ao longo de três anos, conforme mostra o texto em seu decorrer, demonstrando algo que é da ordem da previsão. A previsibilidade sobre o futuro ainda aparece em outros sintagmas como “investimento previsto”, “a expectativa é de”, etc.

Já o que se espera – e, portanto, é da ordem da expectativa – é que, a partir da exploração dos 30 novos poços pela Petrobras, a produção do petróleo saia *daqueles* atuais 44 mil barris para eventuais 200 mil barris de óleo por dia (AT-3, 05.09.2003). Conforme já dito, nesse caso há uma relação evidente com uma projeção de um futuro melhor em que haverá “3 mil empregos” gerados e “200 mil barris de petróleo por dia” sendo produzidos, o que só será possível em virtude de um investimento “da ordem de US\$ 2,5 bilhões (R\$ 7,3 bilhões)” como fica evidente em AT-4 (23.04.2004). Nessa matéria, ainda que o fato seja a

assinatura do acordo para a construção de uma refinaria, há uma projeção para um tempo ainda *por vir*, que fica assentada nas construções frasais do texto: “[...] assina no mês de junho com o governo do Estado o contrato oficial para a implantação da refinaria no Porto de Ubu, em Anchieta.” O mês de junho é projetado no *lead* como uma data “prevista” para a assinatura do contrato.

Além disso, esse é um investimento seguro e promissor tendo em vista “que uma das maiores seguradoras do mundo, a Heath Lambert Group, já garantiu a participação no projeto”. É interessante aqui a inferência à grandiosidade do projeto a partir da referência feita pelo uso do adjetivo “maiores”, que atribui valor à seguradora em questão. Em outras palavras, se o Espírito Santo torna-se um dos maiores em produção de petróleo e gás, nada mais “natural” que uma das maiores seguradoras do mundo esteja presente nesse projeto.

Outros elementos que aparecem no texto corroboram com a perspectiva de um *por vir*, como, por exemplo, o uso do sintagma “A previsão é de que a partir de março de 2008 [...]” e, depois, pelas expressões “demandará investimentos” e “estará concluída”, que se utilizam dos verbos flexionados no futuro do indicativo.

No discurso narrado diretamente nessa matéria, há um lapso, que transgride a fronteira entre o presente (da enunciação) e um futuro, dado pelas informações do texto. “Nos próximos três meses, a partir de março, quando foi assinado o protocolo de intenções, está sendo agendada uma visita do presidente do grupo ao Estado para a assinatura do contrato”. Se, por um lado, o discurso citado inicia projetando um futuro de três meses (contados a partir de março), por outro, no próprio discurso, posto em gerúndio, há a indicação de algo da ordem do presente.

Assim, o que mostram as matérias é que o futuro aparece como uma promessa, pois é “para o próximo ano” que serão garantidos “investimentos da ordem de R\$ 300 milhões” (AG-4, 25.12.2004). Nessa matéria, o verbo “garantir” aparece flexionado no futuro do indicativo: “garantirá”. Assim, quando se diz que o crescimento “[...] puxado pelo petróleo, que tende a continuar no topo [...]” ou que o Estado “[...] prevê investimentos da ordem de R\$ 35,793 bilhões até 2009” (AG-5, 02.01.2005), os verbos “tender” e “prever” atualizam

um sentido de presente, mas já instituem uma guinada ao futuro. Nesse caso, é como se futuro e presente se confundissem, ocorrendo uma espécie de “totalitarismo do futuro-presente” (AMARAL, 2003, p.24).

O futuro aparece construído em locução adverbial de tempo, como em “nos próximos cinco anos” (AG-5, 02.01.2005). Essas marcas, que emergem umas em relação às outras, explicitam uma tendência a construir o fio condutor do discurso na medida de uma comparação, ou seja, um passado a ser encerrado, um presente de previsões que se cumprirá numa promessa de futuro. Assim, a ideia de que “o que verdadeiramente vale ainda não aconteceu” materializa-se nas notícias analisadas.

E o que dizer do futuro se ele já aparece estampado na manchete do jornal? Existe uma clara relação com uma projeção de “futuro glorioso”, que será garantido pelo “planejamento”, conforme o enunciado “O Espírito Santo vai atualizar as informações [...] e reunir dados para um trabalho futuro de planejamento energético” (AG-6, 28.08.2005). Esse tipo de construção é encontrado ao longo de todo o texto como, por exemplo, em “A atualização dos dados será feita [...]”. Além disso, o uso do enunciado “aposta”, na manchete da notícia AT-6 (16.11.2005), também demonstra esse “vir a ser” futuro. Ainda do ponto de vista do conteúdo, isso aparece também em proposições como “O Futuro do Trabalho no Espírito Santo”, que remete ao seminário que irá traçar as metas do futuro.

Essa lógica temporal é mais do que o boato, que não tem responsabilidade. Aqui, trata-se de uma outra instância de realidade, a virtual, que diz: o futuro existe e no futuro as coisas se passarão de tal maneira; isso produz um efeito sobre o presente, provando que, no futuro, as coisas realmente se passariam desse modo (AMARAL, 2003, p.21).

A projeção para o futuro pode ser vista ainda quando se diz “[...] o Estado passará a ocupar a posição de segundo maior produtor de petróleo do País, atrás do Rio de Janeiro” ou em “Equipamento da Petrobras vai colocar o Estado em segundo lugar no ranking da produção de petróleo” (AT-7, 22.12.2005). Proposição reiterada em diversas passagens do texto a partir da utilização do verbo no futuro do indicativo, por conjunções adverbiais etc.: “[...] chegará ao Espírito Santo [...]”; “[...] abril do próximo ano [...]”; “[...] passará a

ocupar a posição [...]”; “[...] será responsável pela produção [...]”; e “A previsão é de que a produção do [...]”.

Assim, há uma prevalência dos verbos no futuro em detrimento de dêiticos marcadores do passado¹²¹, como em “o novo hotel terá”; “sua categoria será equivalente”; “terá cerca de 10 mil metros quadrados”, que aparecem em AG-7, (16.11.2005). O que se pode perceber é que, pelas marcas no discurso, existem construções lexicais que corroboram o sentido de futuro. A fórmula do futuro construída a partir da utilização do verbo “ir” no presente do indicativo mais verbos no infinitivo – característica usual nos textos jornalísticos – também dá pistas dessa construção, como em “vai discutir”, “vão abordar” (AT-8, 24.04.2006), que aparecem como um futuro próximo. O uso dos dêiticos, em especial os adjuntos adverbiais de tempo, constrói uma *expectativa* no futuro que se incorpora ao discurso como elemento de positividade, como assertividade do discurso.

Por outro lado, o futuro aparece não apenas pelas marcas lexicais do texto, mas também pelo eixo de sentido que se constrói a partir de tais marcas. Além das marcas, ele aparece em proposições como “O mesmo brilho nos olhos de esperança de num [sic] futuro melhor vivem hoje os habitantes [...]” (AG-8, 08.10.2006). Dessa forma, o futuro é tido como uma *promessa*, quando se diz que é possível prevê-lo na medida em que “[...] já prevêem dobrar o faturamento nos próximos anos”, que emerge em AT-9 (08.10.2006).

Não por acaso, no ano de 2006, foi lançado pelo governo do Estado do Espírito Santo o “Espírito Santo 2025: Plano de Desenvolvimento”, documento que, apesar de não fazer parte do *corpus* da pesquisa, pode auxiliar no reconhecimento dos indícios dessa promessa de futuro. No introito do documento, há um texto chamado “Palavra do Governador”¹²², que tem como diretiva não apenas introduzir o documento, como também se dirigir aos seus leitores (coenunciadores) com as ideias que se estabelecem nesse marco discursivo. Assim, dele destaca-se o seguinte trecho:

¹²¹ Cf. Capítulo 1.

¹²² Cf. ANEXO S – Palavra do Governador.

O *futuro já está escrito*. Suas linhas passam a compor nossos projetos e nossos sonhos. Num *momento de perspectivas tão promissoras*, como nunca se viu no Espírito Santo, este plano sinaliza um caminho concreto para a *efetivação de um horizonte de prosperidade compartilhada*, com a inclusão social e respeito ao meio ambiente. Ou seja, temos vento a favor e este essencial “plano de vôo”, pois, segundo o filósofo, não há vento favorável para aquele que não sabe aonde quer ir (ESPÍRITO SANTO 2025, 2006, p.8-9, grifo nosso).

O fato de se dizer que o “futuro já está escrito” recompõe uma ordem discursiva que se apresentou nas matérias analisadas. É como se elas não discorressem sobre o fato presente (ou fato realizado: passado), mas se projetassem para esse “caminho concreto para efetivação de um horizonte de prosperidade”. Assim, as palavras movimentam-se no interior do discurso como se estivessem elas próprias a remontar o horizonte de prosperidade, o progresso da humanidade, à espera de que tudo, enfim, terá um “final glorioso”.

4.2 O progresso como vontade

Quando se pensa em progresso, quase que automaticamente se estabelece a noção mais comum de algo relativo ao desenvolvimento da sociedade, visto de uma forma linear e numa linha ascendente. A partir dessa relação, torna-se possível afirmar que a noção contemporânea de progresso desenvolve-se *pari passu* à construção de uma história linear e também com a consolidação da História como ciência das transformações humanas¹²³.

Dupas (2006, p.74), ao falar sobre as transformações e mutações pelas quais passou a ideia de progresso ao longo do desenvolvimento da humanidade¹²⁴, afirma que “o que definitivamente consolidou a ideia contemporânea de progresso foi a revolução provocada por Darwin com sua *A origem das espécies*, publicada após muita hesitação em 1859”. Desse ponto de vista, é interessante apontar, segundo as considerações de Dupas, que

¹²³ A História enquanto ciência das transformações humanas e sociais nasce no período de auge do racionalismo, ou da sedimentação da ciência, enquanto mecanismo da verdade. Época em que o cientificismo foi reconhecido e legitimado como o único e exclusivo critério da verdade, substituindo as formas anteriores de conhecimento.

¹²⁴ A perspectiva de traçar uma história do progresso se refere a uma história do Ocidente. Ainda que durante as leituras tenham sido encontradas referências ao que estava sendo desenvolvido no Oriente, seria tarefa que excederia os limites dessa pesquisa reunir bibliografia de uma história oriental.

O progresso, assim como hoje é caracterizado nos discursos hegemônicos de parte dominante das elites, não é muito mais que um mito renovado por um aparato ideológico interessado em nos convencer que a história tem um destino certo – e glorioso – que dependeria mais da omissão embevecida das multidões do que da sua vigorosa ação e da crítica de seus intelectuais (2006, p.290).

E de como essa visão teológica do mundo – que emerge a partir da fusão do modo como os judeus sentiam o tempo e da forma como os cristãos imaginavam a vida – movimentava os discursos para garantir o progresso como algo inexorável, um lugar determinado para onde a sociedade caminha.

O enunciado *progresso* aparece poucas vezes nos discursos analisados, no entanto, seu sentido é recorrente nos textos. Entre as matérias em que ele aparece está a AT-1 (14.02.2003), nas palavras do próprio governador do Espírito Santo, Paulo Hartung, ao dizer que “Não somos contra o progresso daquele estado”, em referência ao Rio de Janeiro, conforme já trabalhado no Capítulo 3. Vale dizer que nessa matéria o enunciado *progresso* vem acompanhado pelo enunciado *otimismo*, que corrobora a construção do sentido.

A respeito dessa suposta não-presença do enunciado *progresso* nos discursos dos dois jornais, vale a pena retomar as palavras de Foucault:

[...] a história de um conceito não é, de forma alguma, a de seu refinamento progressivo, de sua racionalidade continuamente crescente, de seu gradiente de abstração, mas a de seus diversos campos de constituição e de validade, a de suas regras sucessivas de uso, a dos meios teóricos múltiplos em que foi realizada e concluída sua elaboração (2006, p.5).

Destarte, é possível inferir a possibilidade de o discurso do progresso ainda estar presente como imaginário social no Estado do Espírito Santo. Não obstante, é interessante o fato de haver um “retorno” enunciativo da palavra *progresso*, que aqui é utilizada induzindo a um sentido de positividade.

O progresso aparece como sendo da ordem da estrutura técnica, ou na possibilidade instaurada no discurso de um crescimento econômico. Mas aparece também como promessa de bem-estar para a população. “Expectativa de mudança com mais emprego e

renda”, diz o chapéu da matéria AG-8 (08.10.2006), corroborando uma ideia de progresso moderno. Ao que parece, está implícito nesse enunciado aquele progresso que emerge a partir dos ideais da modernidade. O progresso que ascende junto ao Iluminismo, a crença na modernidade libertadora, baseada na ciência e na técnica¹²⁵. Segundo Dupas,

O progresso é uma das “idéias modernas”, uma idéia falsa bastante especial: através dela, sub-repticiamente já se dá por resolvido o problema da civilização, como se o que virá depois será necessariamente melhor do que o que veio antes, num surto determinista de otimismo temporal destituído de qualquer fundamento (DUPAS, 2006, p.270).

Nesse sentido é que as palavras “esperança” e “futuro” emergem no segundo parágrafo da matéria AG-8 (08.10.2006) e dão a tônica do discurso, construindo um sentido que é reiterado ao longo de todo o texto. A esperança no futuro vem do desenvolvimento da atividade petrolífera, sobretudo, no norte do Espírito Santo, onde se institui um “corredor de progresso”, sintagma que aparece distinguindo as matérias da edição do Caderno de Economia em que tal enunciado acontece. Tal sintagma é usado para agrupar em torno de um eixo comum as matérias que foram publicadas na edição. Ou seja, funciona como marca de um especial (ou como uma grande reportagem) que tem em vista abordar vários pontos dentro da mesma temática.

Assim, o “surto determinista de otimismo temporal” emerge nos discursos dos jornais até mesmo quando, por conta do discurso-transverso, o que vem à tona é um dado negatizado, como quando se diz que os municípios que compõem o “corredor de progresso” estão sofrendo mudanças, algumas boas, outras “nem tanto” (AG-8, 08.10.2006). O “nem tanto” aparece para exprimir uma comparação entre o município de Linhares – “que além da indústria de petróleo” e de ter “o sexto maior pólo moveleiro do país, além de

¹²⁵ Segundo Dupas, o desenvolvimento da noção de progresso está estritamente ligado à noção corrente de história enquanto evolução das sociedades humanas. Neste caso, o desenvolvimento das ciências é, sem sombra de dúvida, sua maior fundamentação. Para o cientista social, a popularização da ciência, um dos ícones desses séculos, “marcou o sucesso definitivo de uma doutrina geral do progresso” (2008, p.40). Para o autor, a teoria do progresso esteve, de uma forma ou de outra, presente na maioria das reflexões filosóficas – norteou a dialética de Hegel, a metafísica de Kant e o positivismo de Comte – e nos postulados científicos – na astronomia de Galileu, na física newtoniana, sendo coroada pela obra de Charles Darwin, *A origem das espécies*, segundo o autor, obra que “consolidou a idéia contemporânea de progresso”.

empresas de suco e polpa de frutas” – com o município de Macaé, ao sul do Estado do Rio de Janeiro, que, segundo a matéria, sofreu impactos negativos com a indústria do petróleo e gás. “Tendo em vista sempre o que ocorreu em Macaé [...] o prefeito de Linhares, José Carlos Elias, disse ‘Precisamos ampliar e melhorar todos os serviços públicos: educação, saúde e transporte, além de reforçarmos o combate à violência e à prostituição, inclusive infantil’”. O implícito tem como referência o fato de o município de Macaé ter sofrido com os problemas apontados pelo prefeito de Linhares. O que indica que a instalação de novas indústrias petrolíferas na região precisa levar em conta essas *questões* para que a mudanças sejam boas e não estejam limitadas ao crescimento econômico.

Otimismo, esperança, crescimento são enunciados que vêm para instaurar a ideia-força de que existe uma opção pelo progresso. Eles caminham juntos na construção de um “futuro redentor”, que é euforizado quando se diz “O cenário futuro é otimista com projeções de incremento contínuo, alavancado pela ampliação da produção das grandes plantas industriais já instaladas no Estado, e projetos em andamento e, principalmente, pela indústria petrolífera, envolvendo petróleo e gás natural” (AG-9, 20.11.2006).

Deste modo, o enunciado *crescimento* com o qual se buscou trabalhar neste capítulo é materializado no discurso dos jornais e se converte em um poderoso instrumento de produção de imaginários sociais – neste caso, o imaginário social do progresso – permitindo que distintos grupos sociais elaborem critérios de interpretação e identificação com o mundo que os rodeia. Assim, o imaginário se constitui como um meio pelo qual a comunidade pode atingir suas aspirações. É também um campo fértil para elaboração dos medos e de suas esperanças. No imaginário social estão delineados as identidades e os objetivos de um povo. Ele é o “local” onde serão organizados seu passado, presente e futuro. Conforme as palavras de Baczko:

O imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida colectiva. As referências simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem à mesma sociedade, mas definem de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as decisões internas e as instituições sociais, etc. Assim, o imaginário social é, pois, uma peça efectiva e eficaz do dispositivo de controlo da vida colectiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder (1985, p.309-310).

Em outras palavras, o imaginário social é o “lugar [...] das representações do mundo social – que, à revelia dos actores sociais, traduzem suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como *pensam que ela é*, ou *como gostariam que fosse*” (CHARTIER, 1990, p. 19, grifo nosso).

O discurso do progresso, difundido sobretudo nos anos analisados, atua, portanto, no imaginário social dos capixabas. Esse imaginário social é operacionalizado pela formação discursiva do crescimento econômico, mas justamente por atuar naquilo que é simbólico, legitima “verdades” que atravessam o âmbito da economia. É como se o crescimento – da ordem da Economia, com seu discurso próprio, vocabulários específicos, emprego de números e jargões –, correspondesse ao progresso – da ordem do desenvolvimento da sociedade, o que envolve fatores culturais, subjetivos e identitários.

Antes, porém, de seguir para as vias mais conclusivas do caminho adotado na pesquisa, é preciso fazer um parêntese, ainda que extemporâneo, a respeito da inclusão da categoria de “imaginário social” neste trabalho. A genealogia dos estudos do imaginário social está alinhada ao surgimento da corrente da história das mentalidades, que marcou um irromper de preocupações cujas respostas encontravam-se em determinadas investigações das micronarrativas cotidianas, fossem elas no campo político, cultural ou social. Essas narrativas, umas de forma mais precisa e apreensível que outras, expunham a construção, competente e detalhada, de determinados mundos imaginários.

Segundo Chartier (1991, p. 176-177), essa nova abordagem emerge do rompimento, ou melhor, do “deslocamento sob a forma de renúncia”, com relação a alguns paradigmas dominantes, a saber, o projeto de uma história total, a definição territorial dos objetos de pesquisa, e o primado conferido ao recorte socioeconômico para explicação de fenômenos culturais. Os pesquisadores manifestavam uma preferência pelas questões periféricas em detrimento dos temas centrais, optando pelo “estudo do inverso do vivido”, ao invés das contradições macroestruturais.

É claro que, durante muito tempo, a corrente de análise que se baseava nos estudos do imaginário foi bastante criticada. Primeiro, por não apresentar uma matriz teórica de

referência, conforme explica Pesavento (1995); segundo, por ter sido o imaginário considerado, no início, como sendo algo da ordem do “ilusório”, da “invenção”, do “quimérico”, conforme diz Baczko (1985). Assim, “a operação científica era concebida como uma operação de “desvendamento” e de “desmistificação” (Ibidem, p.297).

Ora, o fim do conceito de totalidade e dos dogmatismos e a emergência dos estudos do imaginário não podem ser entendidos como fim de um esquema de referências (PESAVENTO, 1995). Por isso, não é possível deixar de inscrever o conceito de imaginário social, assim como o conceito de memória discursiva, numa tradição materialista dos estudos do discurso, conforme dito na Introdução.

Em outras palavras, ainda que o imaginário social seja algo aderido ao sujeito, e esse, por sua vez, seja atravessado por um inconsciente que o determina, é nas materialidades discursivas que se apreendem os sentidos que estão sendo construídos. É na produção da vida social, nas formas concretas de interação com o simbólico, enfim, nas práticas sociais que são reiteradamente exercidas e que são também discursivas, que se “deixam ser vistos” os imaginários sociais¹²⁶.

No Espírito Santo, o discurso do progresso aparece nos jornais diários como uma espécie de consenso estabelecido. Mas não se trata do consenso como uma conciliação de fato, já que o discurso, como “local do embate, do jogo, da violenta batalha em busca do poder” (FOUCAULT, 1996), não se estabelece como um lugar de conciliação. O consenso, por assim dizer, aparece como sendo “forjado”, como um discurso proveniente de posições relativamente bem marcadas na conjuntura histórica regional. De outro modo,

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p.17).

¹²⁶ Como afirma Pesavento, se por um lado, “uma coisa é entender [...] que existem complexos imaginários que subvertem as condições ditas estruturais da vida coletiva; outra é retomar uma discussão, a nosso ver, inócua e ultrapassada, sobre a primazia dos níveis ou instâncias da realidade” (1995, p.17). Ou seja, imaginário e concretude compõem o mesmo “real” e se estabelecem sempre de forma dialética, o que coloca a questão da primazia como ultrapassada. Por outro, talvez a perpetuação desse debate, no âmbito da filosofia, seja o transcendental no humano, a eterna busca a um ponto de origem insondável, inalcançável, mas que é, ao mesmo tempo, ponto de partida e de chegada de todo o conhecimento humano.

É o que se deixa mostrar em AT-9 (08.10.2006), quando sobre a superfície da fotografia da matéria enuncia-se “Eles apostaram no Estado”. O que é apostar senão tomar como partido uma vontade de que aquilo sobre o qual se apostou se inscreva na realidade? E é nessa medida que a noção de imaginário social permitiu trabalhar com uma espécie de *vontade* que aparece materializada no discurso. Dessa forma, se, por um lado, o progresso aparece como discurso forjado *a priori*, por outro, encontra aderência nessa *vontade* social, constituindo-se enquanto imaginário coletivamente apropriado.

Ao que parece, as palavras-chave do léxico da Economia “[...] são sempre e ao mesmo tempo descritivas e prescritivas”, conforme afirma Bourdieu (2008, p.124). O discurso da mudança no Espírito Santo e, por consequência, o discurso do crescimento que acaba dele derivando, avança e interage, portanto, sobre a *vontade* que já está posta como estrutura fundamental dos sujeitos contidos nos discursos analisados. Eles operam por meio de palavras que descrevem, mas também prescrevem, o estatuto da mudança e do crescimento, o que permite sua eficácia simbólica. Assim:

A eficácia do discurso performativo que pretende fazer acontecer o que enuncia no próprio ato de enunciá-lo é proporcional à autoridade daquele que o enuncia: a fórmula “eu o autorizo a partir” constitui *eo ipso* uma autorização quando aquele que a pronuncia está autorizado a autorizar, tem autoridade para autorizar (BOURDIEU, 2008, p. 111).

Ao passo que essa eficácia simbólica

[...] das palavras se exerce apenas na medida em que a pessoa-alvo reconhece quem a exerce como podendo exercê-la de direito, ou então, [...] quando se esquece de si mesma ou se ignora, sujeitando-se a tal eficácia, como se estivesse contribuindo para fundá-la por conta do reconhecimento que lhe confere (BOURDIEU, 2008, p.95).

É nessa medida que o enunciado “crescimento” se destaca nas matérias, não apenas por informar sobre algo da ordem da Economia, mas por traduzir algo que é da ordem do vivido, ou seja, o movimento de espera pelo futuro e a *vontade* que se tem de construir o

“algo novo”. Mas o fato preeminente é que o sujeito, ao aderir à eficácia simbólica, também estaria contribuindo para efetivá-la, como numa busca, involuntária, por sua efetivação.

Nesse sentido, como fora feito em outras partes do trabalho, vale a pena inserir aqui o trecho do texto “Uma Carta do Futuro: O Espírito Santo em 2025”¹²⁷. O texto, que compõe o documento “Espírito Santo 2025: Plano de Desenvolvimento”, apresentado em 2006, faz uma pequena brincadeira ao supor que o Estado já estaria em 2025 e que, de lá, alguém enviaria uma carta contando como estaria a região passados dezenove anos:

Estamos em 2025. O Espírito Santo acaba de se tornar um dos primeiros estados do Brasil a conquistar um padrão de vida semelhante àquele experimentado pelas nações mais desenvolvidas. A população capixaba se orgulha de ter erradicado a pobreza e de viver em um estado precursor de um modelo de desenvolvimento que se diferencia pela qualidade de seu capital humano, pela capacidade competitiva de suas empresas e por instituições públicas eficientes e reconhecidas (ESPÍRITO SANTO 2025, 2006, p.23, grifo do autor).

Como se pode perceber, o movimento das palavras no interior dos discursos analisados reflete e refrata, portanto, um movimento na ordem da vida, conforme dito por Chartier, talvez não como ela seja de fato, mas “com se gostaria que ela fosse”. Daí a importância de se levantar não apenas os discursos dos jornais, mas remontar às outras construções da narrativa cotidiana que encontram ressonância nos coenunciadores ligados por um imaginário social comum, o do progresso.

Se, por um lado, não é possível estabelecer uma relação de comparação entre o que é dito nos jornais e o que é veiculado pela propaganda institucional do Estado, por outro, não se pode reconhecer o acontecimento discursivo jornalístico desamparado do que se constrói nas redes discursivas que atuam numa mesma conjuntura.

Assim é o Espírito Santo de 2025, motivo de orgulho de todos os capixabas. Resultado das ações estratégicas empreendidas por toda a sociedade que, acima de tudo, confiou e soube trabalhar na construção de seu futuro. É cada vez melhor viver no Espírito Santo! (ESPÍRITO SANTO 2025, 2006, p.24).

¹²⁷ Cf. ANEXO T – Uma Carta do Futuro

Como na matéria AT-9 (08.10.2006) foi possível distinguir o sentido dado ao enunciado “apostar”, é possível inferir no enunciado citado acerca do termo “confiou”, algo que é da ordem da esperança, ou seja, da espera, de que aquilo em que se confia possa realmente acontecer. De fato, o verbo confiar é parte da ordenação discursiva capixaba, estando inscrito, inclusive, em sua bandeira, que traz o lema “Trabalha e Confia”. Logo, é aí que se posiciona o discurso ao dizer que o orgulho é resultado “das ações [...] empreendidas” por quem “confiou e soube trabalhar na construção de seu futuro”.

Em outras palavras, a “confiança”, a “esperança”, a “promessa”, a “aposta” num futuro de *crescimento* e prosperidade é algo que se institui como *vontade*. E, em conformidade com o que foi descrito no Capítulo 3, consolida um imaginário social do progresso, transformando-se em importante instrumento de dominação. Sobretudo porque, na lógica de sua aderência – de sua penetração no campo social –, também estão inseridos um marco fundador, um período histórico e, portanto, os agentes sociais desse período, presentificados como sujeitos nos discursos jornalísticos.

De todo modo, esse processo de dominação simbólica, operado por meio dos discursos, não deve ser entendido como premissa de passividade, ou seja, que o sujeito (coenunciador dos discursos jornalísticos) é dominado porque se constitui num organismo passivo, sem conteúdo e incapaz de questionar sua própria condição de existência. O processo de dominação que se opera pela formação ideológica reinante é muito mais complexo e envolve aspectos objetivos, como por exemplo, a situação socioeconômica à qual pertencem os sujeitos, suas relações, sua identificação etc., e também aspectos subjetivos relacionados à interpelação inconsciente, à ativação da memória pessoal e coletiva, à identidade etc.

Para os estudos da comunicação, portanto, as formações ideológicas não podem ser encaradas de uma maneira simplista, como se o sujeito recebesse tudo o que traz a mídia e assimilasse sem resistência. Nesse sentido, podemos inferir, inclusive, que as “resistências” aparecem também nos discursos jornalísticos analisados, sobretudo, quando há um deslize do contraditório, ou seja, quando o discurso-outro se instaura sem a concordância prévia do sujeito que o enuncia, conforme já abordado.

Por isso, nesta pesquisa as formações ideológicas são postas na medida em que operam num imaginário social a (re)produção ou manutenção de uma relação de poder. Ou seja, a ideologia presente nos discursos tende a se apresentar como um interesse pretensamente universal, comum ao conjunto da sociedade, quando, na verdade, serve apenas a interesses particulares (BOURDIEU, 1998). E é justamente quando o discurso adere, ou seja, quando ele se constitui em um imaginário social coletivamente apropriado, que uma formação ideológica *reina*.

Por outro lado, se há pregnância social do discurso do progresso, ou seja, se ele se realiza enquanto imaginário social, é porque “o mundo social é também representação e vontade; existir socialmente é também ser percebido, aliás, percebido como distinto” (BOURDIEU, 2008 p.112). Isso leva à conclusão de que o imaginário do progresso se constrói apenas na medida em que se estabelece também como *crença* num futuro melhor. Ou seja, não se faz por meio de uma imposição, mas se apoia na perspectiva de futuro que os sujeitos do discurso (enunciadores e coenunciadores) revelam. Em outros termos, há sempre presente elementos de reconhecimento e identificação. A mídia, operando por meio de discursos, atua na organização desses elementos que compõem a vida cotidiana, e tende a encontrar, a partir deles, uma aderência social para o discurso veiculado.

À GUIA DE CONCLUSÃO:

OUTROS CAMINHOS

Ora, é preciso entender outra coisa do que a que se diz. O discurso produz então efeitos, não objetos. É narração, não descrição. É uma arte do dizer.

Quando Julliard (1999) perguntou “Desde quando o progresso ficou louco?” sua intenção parecia ser questionar a noção corrente no interior das sociedades do progresso técnico como algo que iria garantir de fato o triunfo da beleza e da alegria para as sociedades humanas; que o progresso iria, por assim dizer, “dissipar definitivamente os dois flagelos do gênero humano: a estupidez e a maldade” (p.107).

A questão proposta por Julliard parte de uma reflexão em princípio muito simples: como uma sociedade que atingiu tamanha eficiência técnica, colocando a ciência e a tecnologia a seu serviço, tendo alcançado um nível de desenvolvimento jamais antes visto no decorrer da história, poderia consentir o uso de tal tecnologia para fins tão cruelmente desumanos como no caso das duas grandes guerras que abalaram o século XX? Como um século de tamanha riqueza científica, como fora o século XX, poderia consentir a ascensão do nazismo na Alemanha? Sem falar nos outros regimes fascistas que emergiram na Espanha e na Itália, do autoritarismo de Estado na União Soviética, e dos sem-número de genocídios em massa no continente africano ao longo do século.

Para Julliard, assim como para muitos críticos do progresso, fatos como os citados desnudam a tese segundo a qual o progresso técnico-científico iria assegurar não somente o bem-estar da humanidade, mas ainda, a sua transformação moral. Para ele, “que o país de Goethe, de Beethoven e Einstein seja também o inventor de Dachau e Auschwitz, eis o que vem arruinar os fundamentos do novo evangelho pregado por Condorcet” (1999, p.108). Não foi por acaso que, na visão do historiador, o fim do século XX apareceu como um recurso à falta de fé no desenvolvimento das sociedades humanas. A sociedade teria se

tornado ateia, segundo ele, “atéia acerca de tudo: acerca do futuro, da idéia de Bem e talvez de si mesma” (Ibidem, p.109).

Tais considerações servem aqui como base ao debate, ainda que, segundo ele, tenhamos renunciado “à idéia de que esse progresso material e mesmo social pudesse por si só forjar um mundo novo e, com mais forte razão, um homem novo” (Ibidem, p.110), e que, em sua visão, a ideia de progresso já não tenha mais a mesma aderência como no auge da razão, uma vez que o progresso se tornou imensamente modesto.

Tal modéstia não põe fim à ideia de progresso, já que ela sobrevive enquanto imaginário socialmente apropriado. Por outro lado, em pleno século XXI o progresso já não aparece como um discurso mobilizador, como fora outrora, sobretudo no final do século XIX com os ideais positivistas. Ele já não é enunciado como “marcha inexorável da história”. Ao passo que, ainda assim, a ideia de progresso parece permanecer viva. Ela pode ser vista num anúncio publicitário de TV ou numa campanha política eleitoral; está no discurso do Estado, da economia (no mercado); está presente no senso comum, nos ditos populares, e se reproduz na proporção que se estabelece a linha da história.

Uma propaganda recente veiculada nas TVs do Espírito Santo revela que a ideia de progresso ainda se faz presente na sociedade capixaba. Trata-se de uma campanha institucional do Governo do Estado para falar dos investimentos que foram realizados para recuperar as estradas estaduais e, com isso, abrir passagem às “carretas cheias de progresso”, conforme letra transcrita abaixo:

*Passo a vida transportando sonhos
eu tenho notícias boas pra dizer
As novas estradas do Espírito Santo
estão em todo o canto
dá gosto de ver!
Subo montanhas
atravesso vales
nosso destino agora é crescer
Vejo riachos, pontes e pessoas
que coisa linda é a flor do ipê!
Vejo carretas cheias de progresso
vejo crianças aprendendo a ler
Mas quando eu vejo os namorados juntos, aí me dá
... saudades de você!*

*Estradas construídas e recuperadas por todas as regiões. Nunca se fez tanto em terras capixabas. Este é o Novo Espírito Santo. Governo do Estado.*¹²⁸

Foi a partir das considerações apontadas mais acima que se buscou, ao longo do trabalho de pesquisa, examinar o discurso do progresso que se estampa nas páginas dos jornais *A Gazeta* e *A Tribuna*, no Estado do Espírito Santo. Nesse percurso, montou-se uma amostragem que pudesse dar conta de levantar os indícios desse discurso que estava sendo presentificado nos cadernos de Economia. Após mapeamento de todas as matérias publicadas em tais cadernos ao longo dos anos de 2003 a 2006, foi possível construir um *corpus* de análise que contou com 18 matérias dos dois jornais citados, selecionadas pelas manchetes que apresentavam algum enunciado valorativo no sentido de “crescimento, futuro, prosperidade”.

Os resultados apontam para a construção do imaginário social do progresso. Em outras palavras, ainda que o enunciado concreto *progresso* já não faça parte do discurso cotidiano dos jornais, os cadernos de Economia, em especial, estão impregnados por esse sentido, fazendo com que o progresso esteja ainda bastante vivo enquanto imaginário social. Se o progresso desapareceu enquanto tema “aparente”, existem indícios de que a ideia de progresso permanece sendo reiterada nos jornais, neste caso, transversalizada pelo discurso do *crescimento*. Em outros termos, a ideia do progresso continua a ser, em pleno século XXI, o baluarte do desenvolvimento capitalista (DUPAS, 2006).

Não se trata de uma cruzada contra o progresso, mas de manter, conforme afirma Dupas, “[...] uma visão crítica sobre a direção do progresso”; “ser capaz, justamente, de separar dele o seu elemento de discurso hegemônico; ou seja, ter competência para observar o conteúdo estratégico de adição de valor” (2006, p. 286). Esse “conteúdo estratégico de adição de valor” é apontado aqui como formações ideológicas que atravessam o discurso e, determinam, pelas formações discursivas em operação, aquilo que pode ser dito.

¹²⁸ CAMPANHA Estradas Recuperadas – Governo do Espírito Santo. Propaganda Institucional de TV. Vitória: Secretaria de Estado da Comunicação (Secom), 2009. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=SLfmOxV4mz0>>. Acesso em: 14 jan. 2010

Não obstante, mesmo sendo o baluarte do desenvolvimento, é pertinente levar em consideração que o progresso no Espírito Santo, reiterado pelo recebimento dos *royalties* de petróleo, pelo “milagre” das contas saneadas, dos salários em dia, dos novos investimentos, das grandes indústrias, não reverberou nas condições objetivas da vida dos capixabas. A sociedade capixaba continuou – no período analisado – sem perceber os verdadeiros benefícios desse tal desenvolvimento econômico, que parece estar mais bem fundamentado no imaginário social¹²⁹.

Assim, retornamos ao início desta pesquisa, quando por ocasião, questionamos: como é possível o discurso do progresso emergir quando as condições do desenvolvimento ditas “reais” não estão “adequadas” ao que se enuncia? [Embora saibamos da impossibilidade de se apreender “real” do vivido, tendo em vista que os sentidos que estão sendo construídos socialmente são sempre passíveis à falha e ao equívoco (PÊCHEUX, 2006, p. 53)]¹³⁰.

Ortiz, ao retratar a condição de “atraso” do desenvolvimento socioeconômico do Brasil, considerado um país de periferia em relação aos países ditos centrais, afirmou que “a necessidade de se superar o subdesenvolvimento estimula uma dualidade da razão que privilegia o pólo da modernização” (2006, p.36). Ao analisar o discurso desenvolvimentista que circulava na década de 1950, ele concluiu que “sem ideologia do desenvolvimento não há desenvolvimento” (Ibidem). Numa analogia despretensiosa a essa análise, é possível inferir que o Espírito Santo, durante os anos de 2003 a 2006, operacionalizou a ideia de progresso confiando na perspectiva de que “não há progresso sem ideologia do progresso”.

Neste caso, por se tratar de um Estado periférico dentro do Brasil, isso ocorreu na forma de um reposicionamento de sua condição em relação aos outros estados da federação (o que outrora o país buscou fazer em relação a outros países). Em outras palavras, “[...]”

¹²⁹ RIBEIRO, Edivan G. *Impacto dos Royalties do Petróleo no PIB per capita dos Municípios do Estado do Espírito Santo no Período de 1999 a 2004*. 2008. 42 f. Dissertação (Mestrado em Contabilidade) – Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia E Finanças (Fucape), Vitória, 2008

¹³⁰ “O ponto crucial é que, nos espaços transferenciais da identificação, constituindo uma pluralidade contraditória de filiações históricas (através das palavras, das imagens, das narrativas, dos discursos, dos textos etc...), as “coisas-a-saber” coexistem assim com objetos a propósito dos quais ninguém pode estar seguro de ‘saber do que se fala’, porque esses objetos estão inscritos em uma filiação e não são o produto de uma aprendizagem [...]” (PÊCHEUX, 2006, p.55).

sublinhar a existência deste ‘itinerário intelectual coletivo’, que implica numa obsessão, evidentemente com fundamento social, em se criar uma imagem na contraposição com o outro” (2006, p.183). No caso do Espírito Santo, é um reposicionamento político e econômico, mas que se reflete na cultura, em especial, na constituição de uma identidade regional, o que resgata o fato de que “[...] não importa que não se possa falar de uma identidade capixaba, una e estável. Se todos, ou muitos, acreditarem nesta identidade, ela surtirá efeitos reais” (SIMONETTI JUNIOR, 2002, p.43).

O que existe, portanto, é mais da ordem da *vontade* que é estabelecida a partir de um contrato tácito entre aqueles que escrevem os textos dos jornais e aqueles que são vistos como sujeitos “universais” do discurso, como “corpo social” ao qual se destinam os textos. E “[...] é essa vontade que se antecipa que, a meu ver, nos países [estados] de periferia se encontra ligada estreitamente à construção da identidade nacional [regional]” para fazer um paralelo concreto ao comentário de Ortiz (2006, p.34). A vontade à qual o autor se refere é a vontade de modernidade, que nos anos 1950 amparou a construção de uma identidade brasileira.

Assim temos, de um lado, a formação discursiva da instauração do *novor* da política nova, do Novo Espírito Santo, reconhecido nas figuras públicas que passam, a partir de 2003, a circular no espaço da política (restaurado), como deixam evidentes as matérias dos jornais (está aí incutido o discurso da mudança). Conforme Ortiz (2006), não só os políticos, mas também os meios de comunicação costumam primar pelo que é mais moderno, que carregue em si um significado de mudança e que coloque como encerradas as diretrizes de um passado.

O discurso do *novo*, que aparece nos textos pelas marcas linguísticas do tempo (embreantes dêiticos), foram fortuitamente descobertos ao longo da pesquisa, pois não estavam previstos, nem indicados. É que ocorre, por exemplo, em AG-9 (20.11.2006) em que a proposição “nos últimos anos” localiza o coenunciador ao período em que o Estado passa a ter um “crescimento expressivo” e, que aponta – pelo fato de o jornal ter sido publicado em 2006 – que os “últimos anos” implicam um período recente, e, portanto, legitimador do poder político da ocasião.

É nesse sentido, portanto, que o poder simbólico (atuando a partir de um imaginário social) cumpre a função política de instrumento de legitimação da dominação, contribuindo para assegurar o domínio de um grupo sobre outro. Em outros termos, é somente na medida em que tem “como sua função lógica e gnosiológica a ordenação do mundo e a fixação de um consenso a seu respeito, é que a cultura dominante preenche sua função ideológica – isto é, política –, de legitimar uma ordem arbitrária” (BOURDIEU, 2005, XII).

Em muitos casos, um circuito de elementos do imaginário social – neste caso o do progresso – pode ser produzido ou apropriado por circunstâncias políticas específicas ou, ainda, por uma bem calculada arquitetura do poder. Ou seja, produzindo práticas sociais nos mais diversos campos e instruindo comportamentos políticos que pretendem construir o mundo segundo uma visão acerca dele, como parece ocorrer no discurso analisado.

De todo modo, é importante destacar que não se trata de uma demanda “manipulada”, ou de intenção deliberada da imprensa de funcionar como dispositivo que atua para efetivar uma dominação *a priori* determinada, mas de “[...] práticas coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação combinada de um maestro” (Ibidem, p. 40); operações arbitrárias, orquestradas na linguagem pelo sujeito do discurso, que é atravessado pela ideologia.

A efetivação ocorre por efeito da vontade, porque o mundo é também representação e vontade (BOURDIEU, 2008). Em outras palavras, “[...] são os condicionamentos não conscientes e interiorizados que fazem com que um grupo ou uma sociedade partilhe, sem que seja necessário explicitá-los, um sistema de representações e um sistema de valores” (CHARTIER, 1990, p.41).

Além disso, as matérias mostram que o sentido da *mudança* (como transição) é referendado pelo discurso do *crescimento*, instaurado enquanto nova visão de mundo e construído pela prática de nomear e datar os acontecimentos no jornal. Com isso pode-se concluir que o jornalismo organiza o cotidiano, atribuindo valor sobre aos “fatos” enunciados; *dá a ver* uma realidade que poderia ficar para sempre desconhecida. Em outros

termos, “vivemos num mundo organizado, vale dizer, o que é e não permitido se constrói a partir dessa organização exercida pelas relações de poder” (GOMES, 2000, p.17), nesse caso, relações de poder instauradas no discurso.

Dito isso, que o campo jornalístico, seu gênero, sua estrutura e suas estratégias exercem um papel de mediador da realidade. Pois, na qualidade de instituição social, possui capacidade para intervir não apenas na produção de informação, mas também na produção de cultura, já que construir uma narrativa é construir um sentido sobre o mundo. “Com efeito, o que os mass-media emitem [...] são os imaginários sociais, as representações globais da vida coletiva, dos seus agentes e autoridades, os mitos políticos, os modelos formadores de mentalidades e de comportamentos” (BACZKO, 1985, p. 32).

Funcionando como um mecanismo de produção social de sentido, o discurso jornalístico tanto pode servir para a manutenção do corpo social, quanto para os rearranjos da memória coletiva. Isso porque as verdades não são fixas, elas são históricas e podem mudar de acordo com a correlação de forças existente na sociedade. Em outras palavras, a construção dos sentidos e as verdades históricas estão em disputa.

Em relação aos jornais analisados, interessante lembrar a semelhança, conforme visto no Capítulo 1, entre os aspectos de suas fundações. Ambos nascem independentes, passam a ser parte da vida política no Espírito Santo, estando inclusive, juridicamente ligados a partidos ou aos poderes locais em alguns períodos históricos, para depois se consolidarem como empresa jornalística de capital privado propriamente.

Por outro lado, no que se refere a esta pesquisa, tais considerações serviram mais para traçar um perfil histórico dos jornais do que para analisá-los a partir de tais premissas. Até porque, muitas mudanças ocorreram tanto do ponto de vista gráfico, quanto editorial nos últimos anos, o que certamente, colocou o jornalismo desses veículos num circuito de produção mais profissional, ou seja, mais adequado aos aportes deontológicos do campo.

Assim, acerca dos dois jornais analisados, foi possível compreender que eles possuem estratégias discursivas diferenciadas. Isso fica evidente, por exemplo, pelo formato dos jornais e pelos seus enquadramentos temáticos. Enquanto o jornal *AG*

mantinha, na editoria de Economia, matérias mais voltadas à macroeconomia, infraestrutura estadual e grandes empreendimentos, *AT* buscava ir ao encontro do leitor mais despojado, que em geral, compra o jornal na banca de revista. A partir do mapeamento das matérias (987 no total), constatou-se nas edições analisadas que o jornal *AG* apresentava 30% de matérias com temática a respeito da macroeconomia regional, enquanto em *AT* esse percentual era de 19%; já em relação às matérias de serviços ao cidadão, *AT* apresentava 33% de notícias, contra 17% de *AG*.

Na ordem do discurso, foi possível examinar a especificidade que aparece nos cadernos de Economia. Primeiro, pela temática que é tratada, mas também pelas diferenças nos enquadramentos da notícia, pois ao que parece “a imprensa econômica abre seus melhores espaços a notícias consideradas positivas sobre o desempenho da economia e reluta em aceitar as adversidades econômicas” (KUCINSKI, 2000, p.188). Além disso, há uma priorização das fontes oficiais, que falam em nome de grandes empresas estatais, multinacionais, de órgãos governamentais, e o uso contínuo de especialistas, o que de fato reposiciona os sujeitos do discurso, na medida em que se trata de um discurso autorizado.

Em tempo, se por um lado a pesquisa permitiu desmontar o processo de construção do sentido do progresso que estava nos jornais analisados, por outro, ela não se furtou à tarefa de deixar emergir as disjunções que afetam o sentido; disjunções que são condizentes com a prática de análise proposta aos materiais. Isso porque, longe de se estabelecer um ponto final, o que vem à tona são *outros* caminhos possíveis. Em outras palavras,

[...] dar fundamento ao que já existe, em lugar de nos tranquilizarmos com esse retorno e essa confirmação final, em lugar de completar esse círculo feliz que anuncia, finalmente, após mil ardis e igual número de incertezas, que tudo se salvou, sejamos obrigados a continuar fora das paisagens familiares, longe das garantias a que estamos habituados, em um terreno ainda não esquadrinhado e na direção de um final que não é fácil prever (FOUCAULT, 2006, p.44).

As “paisagens familiares” foram postas à prova. O que dizer de um discurso que está sempre sendo atravessado pelo discurso-outro? Não por acaso foi possível inventariar alguns desses discursos-outros que, operando pela língua e pela história, constroem deslizes muitas vezes contraditórios. É o caso, por exemplo, do discurso da preservação do

meio ambiente, que, apesar de estabilizado no campo social, aparece nos textos sob a forma “de um licenciamento ambiental” que precisa ser garantido para que as empresas possam se instalar no Espírito Santo, gerando emprego e renda, sem que com isso haja degradação do meio ambiente. Ou como aparece em AG-6 (28.08.2005), como prerrogativa da busca pelo uso cada vez maior de energias limpas em detrimento das energias poluentes.

Encontramos caminhos outros, que vêm em direção daquilo que é postulado na contradição da evidência de uma univocidade de sentidos. Cada passo dado em direção ao sentido impôs ao trabalho novas aberturas, ainda que conclusões provisórias sejam possíveis. É assim que se verificou, por vezes, quando o deslize é operado por uma construção do enunciado que tende a “escorregar” sempre daquilo que está “pretensamente” enunciado, como ocorre nas matérias que afirmam algo dado como certo no título e depois relativizam o dado como certo nos parágrafos interiores, como em AG-2 (10.06.2003).

“Longe das garantias a que estamos habituados”, foi possível agrupar as construções discursivas em torno de eixos parafrásticos, ainda que se tenha a clareza de que outros métodos de análise, assim como outras filiações epistêmicas, certamente teriam levado à construção de sentidos diferentes. Assim, na busca pelo progresso, encontrou-se também o futuro, que aparece marcado pela flexão dos verbos, mas também pela euforização que se constrói nos enunciados e materializa a “marcha inexorável da histórica”, da qual falou Benjamin (1994).

Alias, passado e futuro foram categorias centrais nas análises. A partir dos conceitos de anterioridade e posterioridade buscou-se perceber como o tempo era marcado no discurso, e quando ele era positivado ou negativado. Assim foi possível perceber que o futuro é quase sempre positivado (euforizado); aparece como uma promessa, uma expectativa, um horizonte de espera. Mas, para além de tratar do que é enunciado nos jornais, do ponto de vista do sentido (o que já foi considerado no Capítulo 4), nos parece justo intuir sobre o que representa no resultado das análises, certa ruptura com o jornalismo “tradicional”.

De certo modo, o jornalismo, sobretudo o de economia, desprende-se da antiga dinâmica de reportar o passado para dedicar-se cada dia mais na previsão de um futuro. Não se trata mais de enunciar o passado no presente, reportando o fato que acabou de acontecer no ontem. Mas de produzir sentidos, no presente, de um futuro que é incerto, ainda que alguns acreditem ser previsível. Um futuro que aparece como narrável no presente e que se torna o próprio presente: “a compreensão do futuro como um tempo verdadeiro” (AMARAL, 2003, p.20).

Ao que parece antecipar os fatos está se transformando numa tendência que vem se mostrando cada vez mais eficaz no jornalismo atual. Não se trata mais de falar do fato acontecido, mas de antecipar, pela tese, o fato que virá. Assim, através de cenários imaginados, de possibilidades de um futuro projetado, manipular o presente e, com isso, determinar o futuro. Em desfecho, escrever o futuro nos jornais parece remeter àquele “velho desejo” de controlar o acaso e o efêmero, de impedir o irromper do acontecimento.

REFERÊNCIAS¹³¹

BIBLIOGRAFIA: GERAL

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. Indústria Cultural. O Iluminismo como Mistificação das Massas. In: COSTA LIMA, Luiz (Org.). *Teoria da Cultura de Massa*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

AMARAL, M. T. D. Sobre o tempo: considerações intempestivas. In: DOCTORS, Marcio (Org.). *Tempo dos Tempos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p.15-32.

AMARAL, M. T. D. *Filosofia da Comunicação e da Linguagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: MEC, 1977.

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: _____. (Org.) *Imagens de si no Discurso*: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005. p.9-28.

AMORIM, Marília. *O Pesquisador e seu Outro*. Bakhtin nas Ciências Humanas. 1ª Ed. São Paulo: Musa Editora, 2004.

ANDERSON, Perry. *O fim da história*: de Hegel a Fukuyama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*: palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AUTHIEZ-REVUZ, J. *Ces mots qui NE vont pas de soi*. Boucles réflexives et non-coïncidences du dire. Tome 1. Paris: Larousse, 1995. (Collection Sciences du Language)

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. *Enciclopédia Einaudi (Antropus-Homem)*. v.5. Portugal: Imprensa Nacional / Casa da Moeda. Ed. Portuguesa, 1985. p. 296-332.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 12ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

_____. Discurso na vida e discurso na arte. Tradução de Cristóvão Tezza para uso didático. ORIGINAL: VOLOSHINOV, V. N. Discourse in life and discourse in art (concerning sociological

¹³¹ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

poetics). In: BAKHTIN, Mikhail. *Freudianism. A marxist critique*. New York: Academic Press, 1976.

_____. *Problemas da Poética de Dostoievski*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 6ª Ed. São Paulo – Brasília: Hucitec – UnB, 2008

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 2007.

_____. *Para uma crítica da Economia Política do Signo*. São Paulo: Martins Fontes, 1972. (Coleção Arte & Comunicação)

BARBOSA, P. L. N. O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. In: GREGOLIM, M. R. V. (Org.) *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003. (Coleção Olhares Oblíquos)

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do Discurso. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística II*. Princípios de análise. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008. p.187-219.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1)

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Cia Editora Nacional: Edusp, 1976.

_____. *O Vocabulário das Instituições Indo-européias*. v.1. Campinas: Ed. Unicamp, 1995a.

_____. *O Vocabulário das Instituições Indo-européias*. v.2. Campinas: Ed. Unicamp, 1995b.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. *O poder simbólico*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. 2ª Ed. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. *As regras da arte*. Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (Org). *Bakhtin conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, Beth. Estilo. In: _____. (Org.) *Bakhtin conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

BURGUIÈRE, André. A história tem um sentido? In: *Café Philo: as grandes indagações da filosofia* (Le Nouvel Observateur). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p.132-136.

CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAPELATO, M. H. R. e PRADO, M. L. *O Bravo Matutino: Imprensa e Ideologia, o jornal O Estado de S. Paulo*. 1ª Ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

_____. *Os arautos do liberalismo: Imprensa Paulista (1920-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *A invenção do cotidiano*. Artes de Fazer. 11ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

CHARADEAAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: Bertrand Brasil: Difel Difusão Editora, 1990. (Coleção Memória e Sociedade)

_____. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. v.5, nº11. p.173-191, jan./abr. 1991.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: Edufscar, 2009.

DUPAS, G. *O mito do progresso: ou o progresso como ideologia*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Editora UNESP: Boitempo, 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UnB, 2001.

FERREIRA, G. M. *Le contrat de communication des deux quotidiens "A Gazeta" et "A Tribuna" de la ville de Vitória (Espírito Santo-Brésil) de 1988 à 1993*. 1997. 170f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Instituto Francês de Imprensa e Comunicação, Universidade de Paris, Paris, 2007.

FIORIN, J. L. A linguagem em uso. In: _____. (Org.). *Introdução à Linguística*. I: Objetos teóricos. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008a. p.165-186.

FIORIN, J. L. Pragmática. In: _____. (Org.). *Introdução à Linguística*. II: Princípios de Análise. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008b. p.161-185.

FONSECA, F. C. P. *O Consenso forjado: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *Arqueologia do saber*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *Microfísica do poder*. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego. Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974a. (caps. II-III, VI-VII e XI).

_____. O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974b.

GOMES, M. R. *Poder no Jornalismo*. 1ª Ed. São Paulo: Hacker Editores, 2003

_____. *Repetição e Diferença nas reflexões sobre comunicação*. São Paulo: Annablume, 2001.

_____. *Jornalismo e Ciências da Linguagem*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

GRAMSCI, Antonio. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

_____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

GREGOLIN, M. R. F. V. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. 2ª Ed. São Carlos: Claraluz, 2006.

_____. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Revista Comunicação Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 4. nº 11, p.11-25, nov. 2007.

_____. Bakhtin, Foucault, Pêcheux. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

GRILLO, S. V. C. Esfera e Campo. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Confrontos e confluências entre a sociologia da linguagem de Bourdieu e teorias lingüísticas. *Revista Horizontes*. Bragança Paulista, v.20, nº1, p.49-58, 2002.

GUILHAUMOU, Jacques. *Linguística e História: percursos analíticos de acontecimentos discursivos*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2009.

HALL, Stuart. Codificação/Decodificação. In: SOVIK, Liv (Org.) *Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HENRY P. Constructions relatives et articulations discursives. *Langages*, Paris, v. 9, nº 37, p. 81-98, 1975.

_____. Os fundamentos teóricos da 'Análise Automática do Discurso' de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Frçoise; HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pechêux. Campinas: Editora Unicamp, 1993. p. 13-38. (Coleção Repertórios)

JAMESON, Frederic. Pós-modernidade e Sociedade de Consumo. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, nº12. p.16-26. jun. 1985.

JULLIARD, Jacques. Desde quando o progresso ficou louco? In: *Café Filo*: as grandes indagações da filosofia (Le Nouvel Observateur). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999. p.107-112.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalismo Econômico*. 2ª Ed. São Paulo: Edusp, 2000.

LACAN, Jacques. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. O Estádio do Espelho como formador da função do eu. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 96-103.

LENE, Hérica. O jornalismo e a construção do verdadeiro no campo econômico: uma análise à luz das reflexões bakhtiniana e foucaultiana sobre discursos. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*. v. 8, nº 3. p.212-222. set/dez 2006.

LIPPMAN, Walter. *Public Opinion*. (1922). Sioux Falls: Nu Vision Publications, LLC, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

MARCUSE, Herbert. *Ideologia da sociedade industrial*. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações*. Comunicação, cultura e hegemonia. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.

_____. *Cartografias Culturales: de la sensibilidad y la tecnicidad*. Texto do curso Novas Sensibilidades: entre Urbanias e Cidades realizado na Escola de Comunicações e Artes da USP, São Paulo, 2008.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. *História das Teorias da Comunicação*. 6ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 5ª Ed. Campinas: Pontes, 2007.

_____. Michel Pêcheux e a Análise do Discurso. *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista, nº 1, p 9-13, jun. 2005.

_____. O Próprio da Análise de Discurso. *Revista Escritos: Discurso e Política*. Campinas: Laboratório de Estudos Urbanos Labeurb/Nudecri/Unicamp, nº 3, p.17-22, 1998.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. Cultura Brasileira e Indústria Cultural. 5ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 4ª. Ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre... [et. al.]. *Papel da Memória*. 2ª Ed. Campinas: Pontes, 2007.

_____. O estranho espelho da Análise do Discurso. In: COURTINE, J.-J. *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: Edufscar, 2009. p.21-26.

_____. A Análise de Discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p.311-319. (Coleção Repertórios)

_____. Sobre os contextos epistemológicos em Análise do Discurso. *Revista Escritos*. Campinas: Laboratório de Estudos Urbanos Labeurb /Nudecri/Unicamp, nº 4. p.3-15, 1999.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p.163-246. (Coleção Repertórios)

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. Há uma via para a Linguística fora do logicismo e do Sociologismo? *Revista Escritos*. Campinas: Laboratório de Estudos Urbanos Labeurb/ Nudecri/Unicamp, nº 3, p. 6-18, 1999.

PENNA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. Rio de Janeiro: Contexto, 2005.

PESAVENTO, S. J. Em busca de uma outra história: Imaginando o Imaginário. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Contexto/ANPUH, v. 15, nº 29, p. 9-27, 1995.

ROBIN, Régine. *História e Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

ROSSI, Clovis. *O Que é Jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos).

ROUDINESCO, Elisabeth. *A análise e o arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. 4ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

SOARES, R. L. *Margens da comunicação: discurso e mídias*. São Paulo: Anablume, 2009.

_____. *Imagens veladas, imagens re-veladas: narrativas da Aids nos escritos do jornal Folha de S. Paulo*. 1997. 230 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: Nelson Traquina. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Editora Vega, 1993, p. 85-112.

VERON, Eliseo. Les médias en réception: les enjeux de la complexité. *Médias pouvoirs*. Paris, Bayard Presse, n° 21, janv./févr./mars. 1991.

_____. El análisis del “Contrato de Lectura”, un nuevo método para los estudios de posicionamiento de los soportes de los media. *Les Médias: Experiences, recherches actuelles, applications*. París: IREP, 1985.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. 4ª Ed. Lisboa: Presença, 1995. (Coleção Textos de Apoio).

BIBLIOGRAFIA: ESPÍRITO SANTO

ARRUDA, Patrícia; BOURGUIGNON, Juliana; REZENDE, Letícia. A Gazeta: uma longa história de tradição e transformações. In: MARTINUZZO, J. A. (Org.); colaboradores Ananda Bisi... [et al.]. *Impressões Capixabas: 165 anos de jornalismo no Espírito Santo*. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005, p. 67-101.

BITTENCOURT, Gabriel. *A formação econômica do Espírito Santo* (o roteiro da industrialização). Rio de Janeiro: Cátedra, 1987.

ESPÍRITO SANTO 2025: Plano de Desenvolvimento. Governo do Estado do Espírito Santo. Vitória: Secretaria de Estado de Economia e Planejamento, 2006.

FELISBERTO, C. R. M. *Políticas de Desenvolvimento Local no Espírito Santo: uma análise dos incentivos fiscais e financeiros*. 1999. 210 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1999.

GOMES, Helder. *Potenciais e Limites às Políticas Regionais de Desenvolvimento no Estado do Espírito Santo: o apego às formas tradicionais de intermediação de interesses*. 1998. 167 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1998.

NUNES, Guido; TETE, Gleyson; VIANNA, George. A Tribuna: memórias de um jornal sem registros. In: MARTINUZZO, J. A. (org.); colaboradores Ananda Bisi... [et al.]. *Impressões Capixabas: 165 anos de jornalismo no Espírito Santo*. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005, p. 103-123.

OLIVEIRA, José Teixeira de. *História do Estado do Espírito Santo*. 2ª Ed. Vitória: Fundação Cultural do Espírito Santo, 1975.

RIBEIRO, Edivan G. *Impacto dos Royalties do Petróleo no PIB per capita dos Municípios do Estado do Espírito Santo no Período de 1999 a 2004*. 2008. 42 f. Dissertação (Mestrado em Contabilidade) – Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia E Finanças (Fucape), Vitória, 2008.

ROCHA, Haroldo C.; MORANDI, Ângela M. *Cafeicultura e grande indústria: a transição no Espírito Santo (1955-1985)*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1991.

SEBRAE. *Estudo da Cadeia Produtiva do Petróleo e Gás Natural do Espírito Santo*. Vitória: Atcom Comunicação Design Ltda., 2007.

SILVA, M. Z. *Espírito Santo: Estado, interesses e poder*. Vitória: FCAA/SPDC, 1995.

_____. Retrospectiva Histórica: O Espírito Santo na Federação Brasileira. Unidade III: aula 9. *Disciplina Realidade Socioeconômica e Política Regional (CSO: 02038)*. Vitória: UFES / CEG/DCSO, 2002a.

_____. Retrospectiva Histórica: O Espírito Santo na Federação Brasileira. Unidade III: aula 10. *Disciplina Realidade Socioeconômica e Política Regional (CSO: 02038)*. Vitória: UFES/CEG/DCSO, 2002b.

SIMONETTI JUNIOR, João Carlos. *O Capixaba e o Outro: representação da identidade cultural no jornalismo impresso do Espírito Santo*. 2002. 172 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

VASCONCELLOS, J. G. M. A construção dos imaginários de Vitória. *Vitória: trajetórias de uma cidade*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1993.

REFERÊNCIAS NA INTERNET:

DINES, Alberto. A mídia como campo de batalha. Palestra proferida em 25/3/2010 no Memorial da América Latina, em São Paulo (SP), no seminário Liberdade de Expressão e Direito à Informação nas Sociedades Contemporâneas, coordenado pela jornalista e professora da USP Cremilda Medina. Disponível em < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=583JDB001> > Acesso em: 21 abr. 2010.

FERREIRA, A. C. F. O Conceito de Interdiscurso na Semântica da Enunciação. Em <http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/interdiscurso/anaclaudiaferreira.pdf>. Acesso em: 12 set. 2007.

FERREIRA, G. M. O posicionamento discursivo de “A Gazeta” e “A Tribuna”: uma explicação para entender a evolução de suas tiragens. *GT 11 - Discurso y Comunicación - Congreso da Alaic - Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación*. Porto Rico, 2000. Disponível em <http://www.eca.usp.br/alaic/gt11.htm> > Acesso em: 14 mar. 2009.

GOVERNO do Estado do Espírito Santo. Página oficial do governo na Internet: <http://www.es.gov.br/site/home/index.aspx>. Acesso em: 4 mai. 2009.

LENE, Hérica. A narrativa jornalística da Gazeta Mercantil: as marcas e o estilo diferenciado do mais tradicional jornal de economia de negócios do Brasil. In: Núcleo de Pesquisa Jornalismo XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 4., 2002, Salvador, *Anais...* Salvador: Intercom,

2002. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_NP2LENE.pdf. Acesso em: 21 jan. 2010.

MORAES, Dênis de. Notas sobre o imaginário social e hegemonia cultural. *Gramsci e o Brasil*. Disponível em <http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv44.htm>. Acesso em: 21 set. 2006.

PARTICIPAÇÕES governamentais e de terceiros. Agência Nacional do Petróleo. Brasil. Disponível em < <http://www.anp.gov.br/?id=518>>. Acesso em: 7 abr. 2010.

UTILIZAÇÃO de Royalties do Petróleo na Promoção do Desenvolvimento Local. SEBRAE. Disponível em: < http://www.ba.agenciasebrae.com.br/download_anexo.kmf?cod=x20vjg53ct > Acesso em: 05 mar. 2010.

VÍDEOS NA INTERNET

A FORÇA do Espírito Santo: o desenvolvimento produtivo na Grande Vitória. TV gazeta. Jornal ES TV 1ª Edição. 27 nov. 2007. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=yac7AJFvxEI&feature=related>>. Acesso em: 5 mar. 2010.

CAMPANHA Casa Arrumada – Governo do Espírito Santo. Propaganda Institucional de TV. Vitória: Secretaria de Estado da Comunicação (Secom), 2003. Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=LVFQ5WsfOwY>>. Acesso em: 14 jan. 2010.

CAMPANHA Estradas Recuperadas – Governo do Espírito Santo. Propaganda Institucional de TV. Vitória: Secretaria de Estado da Comunicação (Secom), 2009. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=SLfmOxV4mz0>>. Acesso em: 14 jan. 2010.

CAMPANHA Um Novo Espírito Santo – Governo do Espírito Santo. Propaganda Institucional de TV. Vitória: Secretaria de Estado da Comunicação (Secom), 2006. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=EDGMjCYXLYI&feature=related>>. Acesso em: 14 jan. 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Tabela da Amostragem

TABELA A – AMOSTRAGEM

	Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
Jan/2003					1ª quinta, dia 02/01		
Fev/2003						2ª sexta, dia 14/02	
Mar/2003							3º sábado, dia 15/03
Abr/2003	4º domingo, dia 27/04						
Mai/2003		1ª segunda, dia 05/05					
Jun/2003			2ª terça, dia 10/06				
Jul/2003				3ª quarta, dia 16/07			
Ago/2003					4ª quinta, dia 28/08		
Set/2003						1ª sexta, dia 05/09	
Out/2003							2º sábado, dia 11/10
Nov/2003	3º domingo, dia 16/11						
Dez/2003		4ª segunda, dia 22/12					
Jan/2004			1ª terça, dia 06/01				
Fev/2004				2ª quarta, dia 11/02			
Mar/2004					3º quinta, dia 18/03		
Abr/2004						4ª sexta, dia 23/04	
Mai/2004							1º sábado, dia 01/05
Jun/2004	2º domingo, dia 13/06						
Jul/2004		3ª segunda, dia 19/07					
Ago/2004			4ª terça, dia 24/08				
Set/2004				1ª quarta, dia 01/09			
Out/2004					2ª quinta, dia 14/10		
Nov/2004						3ª sexta, dia 19/11	
Dez/2004							4º sábado,

							dia 25/12
Jan/2005	1º domingo, dia 02/01						
Fev/2005		2ª segunda, dia 14/02					
Mar/2005			3ª terça, dia 15/03				
Abr/2005				4ª quarta, dia 27/04			
Mai/2005					1ª quinta, dia 05/05		
Jun/2005						2ª sexta, dia 10/06	
Jul/2005							3º sábado, dia 16/07
Ago/2005	4º domingo, dia 28/08						
Set/2005		1ª segunda, dia 05/09					
Out/2005			2ª terça, dia 11/10				
Nov/2005				3ª quarta, dia 16/11			
Dez/2005					4ª quinta, dia 22/12		
Jan/2006						1ª sexta, dia 06/01	
Fev/2006							2º sábado, dia 11/02
Mar/2006	3º domingo, dia 19/03						
Abr/2006		4ª segunda, dia 24/04					
Mai/2006			1ª terça, dia 02/05				
Jun/2006				2ª quarta, dia 14/06			
Jul/2006					3ª quinta, dia 20/07		
Ago/2006						4ª sexta, dia 25/08	
Set/2006							1º sábado, dia 02/09
Out/2006	2º domingo, dia 08/10						
Nov/2006		3ª segunda, dia 20/11					
Dez/2006			4ª terça, dia 26/12				

Ao todo foram contabilizados 48 meses, o que equivale a 48 exemplares de cada jornal, A Gazeta e A Tribuna, totalizando 96 exemplares para amostragem.

APÊNDICE B – Cadeia produtiva do petróleo e gás

TABELA B – CADEIA PRODUTIVA DO PETRÓLEO E GÁS

JORNAL A GAZETA						
	DATA	DIA	TÍTULO		TIPO	PÁG.
1	14/02/2003	Sexta	IPCA de janeiro é o maior do Plano Real	Nacional	Princ.	Pág. 9
2	15/03/2003	Sábado	IPCA recua para 1,57% em fevereiro	Nacional	Princ.	Pág. 10
3	15/03/2003	Sábado	ANP lança edital para petróleo	Regional	Norm.	Pág. 10
4	27/04/2003	Domingo	Petrobras investe 600 milhões no ES	Regional	Princ.	Pág. 10
5	05/05/2003	Segunda	CST negocia com indústria de calcário	Regional	Princ.	Pág., 8
6	10/06/2003	Terça	Petrobras triplica produção no Estado	Regional	Princ.	Pág. 9
7	10/06/2003	Terça	Dutra vem ao ES analisar refinaria	Regional	Sub	Pág. 9
8	10/06/2003	Terça	Distribuidoras perdem na Justiça	Regional	Norm.	Pág. 9
9	28/08/2003	Quinta	Refinaria terá decisão técnica	Regional	Princ.	Pág. 7
10	05/09/2003	Sexta	Australianos vão investir no Estado	Regional	Norm.	Pág. 9
11	16/11/2003	Domingo	Estado quer exportar álcool para o Japão	Regional	Princ.	Pág. 11
12	06/01/2004	Terça	Estado ganha batalha judicial	Regional	Princ.	Pág. 7
12	06/01/2004	Terça	Hartung aponta erro jurídico	Regional	Sub	Pág. 7
12	06/01/2004	Terça	Alckmin quer ICMS no ES	Regional	Sub	Pág. 7
15	06/01/2004	Terça	CPI apurou rombo de R\$ 10 bilhões por ano	Regional	Princ.	Pág. 8
16	06/01/2004	Terça	Distribuidores estranham liminar	Regional	Sub	Pág. 8
17	06/01/2004	Terça	Sebrae eleva volume de recursos para o ES	Regional	Princ.	Pág. 9
18	06/01/2004	Terça	Impostos deixarão gasolina e gás mais caros este ano	Nacional	Norm.	Pág. 10
19	11/02/2004	Quarta	Guia para investir em Vitória	Regional	Princ.	Pág. 9
20	18/03/2004	Quinta	Obras em empresas geram R\$ 25 bi	Regional	Princ.	Pág. 8
21	18/03/2004	Quinta	Doação de área para Pirelli sem data definida	Regional	Norm.	Pág. 11
22	23/04/2004	Sexta	Contrato de refinaria em dois meses	Regional	Princ.	Pág. 10
23	13/06/2004	Domingo	Arrecadação cai em maio	Regional	Princ.	Pág. 8
24	13/06/2004	Domingo	Fornecedores sonham grande	Regional	Princ.	Pág. 12
25	13/06/2004	Domingo	Sebrae orienta quem almeja Petrobras	Regional	Sub	Pág. 12
26	19/07/2004	Segunda	Taxa de juros básicos deve ser mantida em 16%	Nacional	Norm.	Pág. 14
27	24/08/2004	Terça	Indústria do petróleo abre mercado para capixabas	Regional	Princ.	Pág. 11
28	24/08/2004	Terça	Licitação do Campo de Golfinho será até o final deste ano	Regional	Sub	Pág. 11
29	24/08/2004	Terça	Chances para micro e pequenos	Regional	Sub	Pág. 11
30	01/09/2004	Quarta	Estado tem situação melhor que a do país	Regional	Norm.	Pág. 13
31	01/09/2004	Quarta	Impasse em leilão afasta verbas	Nacional	Norm.	Pág. 15
32	14/10/2004	Quinta	Petroleiros definem hoje paralisação	Nacional	Norm.	Pág. 17
33	14/10/2004	Quinta	Grupo tcheco pode montar fábrica de pneus no Estado	Regional	Princ.	Pág. 19
34	25/12/2004	Sábado	ES tem recorde de receita e volta a investir em 2005	Regional	Princ.	Pág. 11
35	25/12/2004	Sábado	"Ralos" fechados, fiscalização rigorosa e mais contribuintes	Regional	Sub	Pág. 11
36	02/01/2005	Domingo	Petróleo muda perfil dos investimentos no Espírito Santo	Regional	Princ.	Pág. 18
37	27/04/2005	Quarta	Governo quer pacto para tornar produtos mais competitivos	Nacional	Norm.	Pág. 13
38	05/05/2005	Quinta	Pirelli começa obra de fábrica em Vila Velha	Regional	Princ.	Pág. 16
39	10/06/2005	Sexta	Petrobras descarta racionamento, mas anuncia medidas para não faltar gás	Nacional	Princ.	Pág. 27
40	10/06/2005	Sexta	Lula cobra mais ousadia da estatal	Nacional	Norm.	Pág. 27
41	28/08/2005	Domingo	Estado aposta na energia limpa do gás natural para o futuro	Regional	Princ.	Pág. 24
42	28/08/2005	Domingo	Gasoduto virtual amplia oferta	Regional	Sub	Pág. 24

43	28/08/2005	Domingo	Rede de gás é ampliada de norte a sul do Estado	Regional	Norm.	Pág. 24
44	28/08/2005	Domingo	Vôos de carga do exterior só esperam pista do aeroporto	Regional	Princ.	Pág. 27
45	11/10/2005	Terça	Postos têm dez dias para justificar aumento da gasolina	Regional	Princ.	Pág. 13
46	11/10/2005	Terça	Varig, Gol e TAM aumentam tarifas em 15%	Nacional	Norm.	Pág. 14
47	16/11/2005	Quarta	Petróleo incrementa turismo em Linhares	Regional	Princ.	Pág. 17
48	22/12/2005	Quinta	Produtor quer escoar café na Litorânea Sul	Regional	Princ.	Pág. 27
49	06/01/2006	Sexta	Governo pode reduzir imposto para impedir aumento no preço do álcool	Nacional	Norm.	Pág. 15
50	11/02/2006	Sábado	Empresas terão investimento de R\$ 48,7 milhões	Regional	Norm.	Pág. 20
51	19/03/2006	Domingo	Seminário debate setores em alta na economia capixaba	Regional	Princ.	Pág. 23
52	19/03/2006	Domingo	Pólo de granito de Nova Venécia atrai multinacionais	Regional	Princ.	Pág. 25
53	02/05/2006	Terça	Bolívia nacionaliza petróleo e ocupa campo da Petrobras	Nacional	Princ.	Pág. 14
54	02/05/2006	Terça	"Foram medidas unilaterais e não amistosas"	Nacional	Sub	Pág. 14
55	14/06/2006	Quarta	Inscrição para curso gratuito de petróleo é adiada	Regional	Norm.	Pág. 11
56	20/07/2006	Quinta	Juro básico cai para 14,75%, a menor taxa em 20 anos	Nacional	Princ.	Pág. 20
57	25/08/2006	Sexta	"Não há lugar em que um governo não se meta na questão do petróleo"	Nacional	Princ.	Pág. 20
58	25/08/2006	Sexta	Índios bolivianos não querem sabotar gás brasileiro, diz Gabrielli	Nacional	Entre.	Pág. 20
59	08/10/2006	Domingo	Petróleo abre novo corredor de progresso no Estado	Regional	Princ.	Pág. 21
60	08/10/2006	Domingo	Prioridade da agenda do desenvolvimento é infra-estrutura básica	Regional	Princ.	Pág. 22
61	08/10/2006	Domingo	Só passa uma coisa na cabeça dos estudantes: "Petrobrás nos aguarde"	Regional	Princ.	Pág. 23
62	08/10/2006	Domingo	Gerente alerta: é preciso planejar o crescimento	Regional	Sub	Pág. 23
63	20/11/2006	Segunda	Estado se torna referência no setor de cargas	Regional	Princ.	Pág. 15
64	20/11/2006	Segunda	Indústria petrolífera motiva setor	Regional	Sub	Pág. 15

Foram ao todo 64 matérias selecionadas, sendo 48 matérias regionais e 16 nacionais ligadas à temática da cadeia produtiva do petróleo e gás natural. As marcadas em verde foram aquelas selecionadas para análise.

JORNAL A TRIBUNA						
	DATA	DIA	TÍTULO		TIPO	PÁG.
1	14/02/2003	Sexta	Decisão sobre royalties na 2ª	Regional	Princ.	Pág. 23
2	14/02/2003	Sexta	Produção de petróleo aumenta	Regional	Sub	Pág. 23
3	14/02/2003	Sexta	Lista da ANP de 2003 não tem postos do Estado	Nacional	Norm.	Pág. 23
4	27/04/2003	Domingo	Profissões rendem com piso	Regional	Princ.	Pág. 24
5	27/04/2003	Domingo	Mercado é melhor no interior	Regional	Sub	Pág. 25
6	05/05/2003	Segunda	Cronograma de servidor sai nesta semana	Regional	Princ.	Pág. 10
7	05/05/2003	Segunda	Revolução no rateio de ICMS entre os municípios	Nacional	Norm.	Pág. 10
8	05/05/2003	Segunda	Imposto da gasolina sob investigação	Nacional	Princ.	Pág. 11
9	10/06/2003	Terça	Petrobras explora novos poços	Regional	Princ.	Pág. 21
10	10/06/2003	Terça	Tribunal cassa liminar de distribuidora	Regional	Norm.	Pág. 21
11	28/08/2003	Quinta	Dinheiro para setor de rochas	Regional	Princ.	Pág. 26
12	28/08/2003	Quinta	Decisão sobre refinaria sai neste ano	Regional	Sub	Pág. 26
13	05/09/2003	Sexta	Estado ganha novos hotéis	Regional	Princ.	Pág. 18
14	05/09/2003	Sexta	Petrobras prepara 30 poços	Regional	Princ.	Pág. 23
15	16/11/2003	Domingo	Japão de olho no álcool capixaba	Regional	Princ.	Pág. 29
16	06/01/2004	Terça	Justiça bloqueia combustível	Regional	Princ.	Pág. 19
17	06/01/2004	Terça	Decisão anterior à Lei Kandir	Regional	Sub	Pág. 19
18	06/01/2004	Terça	Hartung recebe apoio	Regional	Sub	Pág. 19
19	06/01/2004	Terça	Empresa nega negociação	Regional	Sub	Pág. 19
20	18/03/2004	Quinta	Medida garante mais dinheiro para estados	Nacional	Norm.	Pág. 25

21	18/03/2004	Quinta	Parceria fortalece construções	Regional	Princ.	Pág. 28
22	18/03/2004	Quinta	Grandes projetos criam empregos	Regional	Norm.	Pág. 28
23	23/04/2004	Sexta	Refinaria sai em junho	Regional	Princ.	Pág. 26
24	19/07/2004	Segunda	Fiscal ferido em plataforma	Regional	Norm.	Pág. 10
25	24/08/2004	Terça	Prefeituras descobrem roubos	Regional	Princ.	Pág. 21
26	24/08/2004	Terça	Estado será segundo maior em petróleo	Regional	Norm.	Pág. 23
27	14/10/2004	Quinta	Setor de petróleo é tema de seminários	Regional	Norm.	Pág. 25
28	19/11/2004	Sexta	Estado bate recorde de arrecadação	Regional	Norm.	Pág. 25
29	25/12/2004	Sábado	Estado na frente de novo	Regional	Princ.	Pág. 18
30	15/03/2005	Terça	Shell anuncia fase de investimentos	Regional	Princ.	Pág. 26
31	10/06/2005	Sexta	Crise na Bolívia afeta oferta de gás	Nacional	Princ.	Pág. 25
32	16/07/2005	Sábado	Bolsa, curso e emprego	Regional	Princ.	Pág. 27
33	16/07/2005	Sábado	Petrobras anuncia a nova sede na 2ª	Regional	Norm.	Pág. 31
34	28/08/2005	Domingo	Fiscalização em postos é reforçada	Regional	Princ.	Pág. 25
35	28/08/2005	Domingo	Profissões com vaga garantida	Regional	Princ.	Pág. 26
36	11/10/2005	Terça	Ministério Público dá ultimato para postos	Regional	Princ.	Pág. 22
37	11/10/2005	Terça	Preço mais alto no Estado	Regional	Sub	Pág. 22
38	11/10/2005	Terça	Leilão da ANP terá recorde de empresas	Nacional	Norm.	Pág. 22
39	16/11/2005	Quarta	Linhares é o 6º do país em móveis	Regional	Princ.	Pág. 28
40	16/11/2005	Quarta	Viver no Brasil está mais caro para gringos	Nacional	Norm.	Pág. 29
41	22/12/2005	Quinta	Plataforma chega ao Estado em abril	Regional	Princ.	Pág. 33
42	06/01/2006	Sexta	Passagem de ônibus intermunicipal sobe	Regional	Norm.	Pág. 26
43	06/01/2006	Sexta	Governo prevê falta de álcool nos postos até maio	Nacional	Norm.	Pág. 26
44	06/01/2006	Sexta	Donos de flex criticam aumento	Regional	Norm.	Pág. 26
45	24/04/2006	Segunda	Cursos e estágios para quem é jovem	Regional	Princ.	Pág. 11
46	24/04/2006	Segunda	Produzir mais e melhor	Regional	Princ.	Pág. 13
47	02/05/2006	Terça	Bolívia toma petróleo e gás	Nacional	Princ.	Pág. 21
48	02/05/2006	Terça	Petrobras vai reagir contra ato na Bolívia	Nacional	Princ.	Pág. 22
49	02/05/2006	Terça	Lula convoca reunião	Nacional	Norm.	Pág. 22
50	14/06/2006	Quarta	Petrobras prorroga inscrição	Regional	Princ.	Pág. 21
51	14/06/2006	Quarta	Dicas para investir em bancos	Nacional	Princ.	Pág. 22
52	14/06/2006	Quarta	Terrenos de R\$ 1 milhão são leiloados	Regional	Princ.	Pág. 23
53	20/07/2006	Quinta	Juros são os menores desde 1986	Nacional	Norm.	Pág. 28
54	02/09/2006	Sábado	Petrobras muda área financeira	Nacional	Norm.	Pág. 31
55	08/10/2006	Domingo	Estado atrai novos negócios	Regional	Princ.	Pág. 28
56	08/10/2006	Domingo	Dez melhores áreas para ganhar dinheiro	Regional	Princ.	Pág. 29
57	08/10/2006	Domingo	Construção cresce e gera nova empresa	Regional	Entre.	Pág. 35
58	20/11/2006	Segunda	Gasolina com mais álcool a partir de hoje	Regional	Princ.	Pág. 15
59	26/12/2006	Terça	Falta de gás compromete setor elétrico	Nacional	Princ.	Pág. 23

Foram ao todo 59 matérias selecionadas, sendo 44 matérias regionais e 15 nacionais ligadas à temática da cadeia produtiva do petróleo e gás natural. As marcas em cinza foram aquelas selecionadas para análise.

APÊNDICE C – Todas as matérias

TABELA C – TODAS AS MATÉRIAS

JORNAL A GAZETA		
A GAZETA 2003		
DATA	DIA	TÍTULO
02/01/2003	Quinta-feira	Palocci anuncia nomes da equipe econômica
		Investidores ainda temem calote
		Ciro confirma volta da Sudene e cria grupo de trabalho
		Bancários iniciam nova campanha
		Meirelles prevê uma 'inflação declinante'
		Receita deve ampliar fiscalização
		Empresas esperam dólar estável até reformas estruturais
		Empresário vê risco de desabastecimento
		Setor elétrico terá um novo modelo
		Erros de empresas atrasam restituições
		Computadores isentos de IPI
14/02/2003	Sexta-feira	Banestes vai fechar agências e postos
		Fernando Herkenhoff assume hoje
		Fernando Vaz é cônsul do Marrocos
		Tribunal de Contas fiscalizará Ceasa
		Estado não define nome para Sudene
		Greve prejudica exportações
		Pressão para liberar venda da Garoto
		IPCA de janeiro é o maior do Plano Real
		Cresce a pressão por aumento do mínimo para R\$ 240
		Caixa recua e admite desistir de processos sobre FGTS
		Vasp quer participar de acordo Varig-TAM
		Intervenção do BC não contém alta do dólar
		Acordo com FMI não sofrerá alteração
15/03/2003	Março	Operadora de turismo pede falência na Justiça
		Procon intensifica atendimento ao público
		Governo poderá reduzir alíquota do PIS/Pasep em 30%
		Receita alerta para e-mail falso do IR
		Movimento em feira de calçado cresce 30%
		Hartung defende centro de café do ES
		IPCA recua para 1,57% em fevereiro
		ANP lança edital para petróleo
		Capixabas fecham negócios em SP
		Carrefour triplica investimentos
		Bacalhau 'salgado' neste ano

	Chocolate e ovos de todos os tipos
27/04/2003 Domingo	Petrobras investe 600 milhões no ES
	Samarco elevará produção de pelotas em 1 milhão de toneladas
	Receita alerta para fim de prazo para o IR
	BC multa bancos em 178 milhões
	Hortomercado será reestruturado pela Seag
	Jovens batalham por inserção no mercado de trabalho
	Previdência privada cresce 64%
	Empresas também colaboram
	Fundos fechados têm R\$ 180 bi
	Déficit vem crescendo a cada ano
05/05/2003 Segunda-feira	ES terá fábrica de fraldas em 60 dias
	Setor fatura US\$ 760 milhões por ano no Brasil
	CST negocia com indústria de calcário
	Empresas cobram compulsório da luz
	Missão do FMI avalia acordo de US\$ 30 bi
	Brasil e Argentina discutem moeda para Mercosul
10/06/2003 Terça-feira	Quase 3 mil capixabas já estão na malha fina
	Bancada discute terreno de marinha com Guido Mantega
	Assembléia aprova lei que beneficia microempresas
	Junta Comercial terá novos vogais
	Petrobras triplica produção no Estado
	Dutra vem ao ES analisar refinaria
	Distribuidoras perdem na Justiça
	Correção do FGTS é facilitada por decreto
	BB lança seguro de vida para mulheres
	Caravana contra a fome em Guarapari
	Procon Estadual divulga pesquisa do Dia dos Namorados
	Promoção faz vendas subirem 40%
	Paulo Henrique prevê crescimento
16/07/2003 Quarta-feira	Crédito do FGTS rende R\$ 790 milhões ao país
	Palocci diz que não há meta de juros para este ano
	Evento imobiliário ressalta parceria entre corretores
	Novas adesões à greve dos servidores federais
	Montadoras negociam plano emergencial com Governo
	Seca prejudica a próxima safra de café
	Pronaf crescerá 150% no Estado
	Declaração de Isento pela Internet
	Feira da Acaps lança bebidas e alimentos
	Estado na rota das empresas espanholas
	Tarifas públicas seguram as vendas
28/08/2003 Quinta-feira	Refinaria terá decisão técnica
	Estado pleiteia R\$ 74 milhões para construção de rodovia
	Codesa contesta Vale sobre dragagem da baía
	Modular e Constrular movimentam 12 milhões
	Capixabas lotam agências do INSS

	BC recolhe moedas de R\$ 1 antigas em 90 dias
	Postagens de cartas subirá até 24%
	STJ muda regras para reajuste na telefonia fixa
05/09/2003 Sexta-feira	Indústria frustrada com a reforma
	Analistas apontam dificuldades
	Lula diz que política econômica do país não é a dos seus sonhos
	Ipea prevê crescimento de apenas 0,5% este ano
	Prefeitos cobram dívida da Escelsa
	Exportação de mamão da Gaia cresce 25%
	Grupo AlphaVille constrói na Serra
	Australianos vão investir no Estado
	Decisão sobre Garoto só sai em outubro
	Protesto fecha três agências bancárias
	Portuários entram em greve dia 10
	Jovens mães e chefes de família
	"No início fiquei desnorteada"
11/10/2003 Sábado	Vale e CST abrem novas vagas para jovens
	Bancários do BB rejeitam proposta e ameaçam greve
	Escelsa suspende contrato
	Dirceu diz que tabela do IR não será corrigida
	Reajuste na loteria é criticado
	Capixaba vive melhor
	População do país fica mais velha
	Países voltam a se unir contra protecionismo
	Negociação com FMI é retomada
	Propostas para tornar rodovias mais eficientes
	Ferrovias vão investir R\$ 2,5 bilhões
	Procon lança guia de preços e serviços
	Caixa ainda não opera o crédito para construção
	Relatório traz mais críticas às agências
	Lojas cheias na véspera do Dia das Crianças
16/11/2003 Domingo	Sobra crédito para começar negócio
	País vive retomada e economia ganha R\$ 31,6 bilhões
	Ceia terá importados até 34% mais baratos
	Telefone popular só para baixa renda
	Rombo de R\$ 3,1 bi na Previdência devido a fraudes
	INSS melhora atendimento a aposentados
	Mudam regras dos fundos de pensão
	Como é caro envelhecer
	Pagar para se aposentar
	Risco de vida encarece serviços
	Saúde fica seis vezes mais cara
	Bom-humor para vencer a dificuldade
	Estado quer exportar álcool para o Japão
	Exportação de café cai 45% no Estado
22/12/2003 Segunda-feira	Mais verba para as prefeituras

Fundo facilita novos negócios
Dicas para uma ceia de Natal
Moeda de R\$ 1,00 perde valor
INSS vai recadastrar aposentados
Portuários devem para TVV hoje

A GAZETA 2004

DATA	DIA	TÍTULO
06/01/2004	Terça-feira	Estado ganha batalha judicial
		Hartung aponta erro jurídico
		Alckmin quer ICMS no ES
		Juiz diz estudar processo
		CPI apurou rombo de R\$ 10 bilhões por ano
		Distribuidores estranham liminar
		TA Oil acusou Governo passado
		Sebrae eleva volume de recursos para o ES
		Resultados ficaram acima da meta
		BB sofre tentativa de fraude
		Rótulo é obrigatório para produtos da Ceasa
		Mais de 1,7 mil vagas na Sedu
		Concurso para Guarda Municipal
		Infraero abre inscrição dia 14
		Impostos deixarão gasolina e gás mais caros este ano
		Convocados 244 professores na Serra
		Fruta chinesa muda cenário de cafezais
		Cada árvore produz até 300 quilos por ano
		Consórcio com as lavouras de milho e café
11/02/2004	Quarta-feira	Lula decidirá futuro da Garoto
		TAM e Varig adiam fusão
		Greve de médicos do INSS prejudica 3,5 mil
		Estado tem 153 mil CPFs cancelados
		Sebrae cria fundo de previdência
		Guia para investir em Vitória
		Granito raro é atração da Feira do Mármore
		Governo quer valorizar produto
		Crescimento da indústria é o menor desde 1998, diz CNI
		Bradesco compra Bando do Maranhão por R\$ 78 milhões
		Liminar contra Cofins em Curitiba
18/03/2004	Quinta-feira	Obras em empresas geram R\$ 25 bi
		Reunião do caso Garoto é adiada pelo Cade
		Fim da fusão de Varig e TAM é anunciada e desmentida
		Crédito barato para aposentados
		Revisão deve ser paga em duas parcelas

	Schin processa AmBev e Pagodinho
	Doação de área para Pirelli sem data definida
	Cai número de cheques sem fundos
	Copom reduz juros para 16,25% ao ano
	Café terá novo selo de qualidade
23/04/2004 Sexta-feira	Habitação terá R\$ 140 milhões
	Greve do INSS não afeta serviços on-line
	Governo admite fazer concessões
	Calote é recorde em março
	"Voador" pode estar com os dias contados
	Capixaba deixa declaração para última hora
	Contrato de refinaria em dois meses
	"Gestão Empresarial" em nova fase
	GM faz recall de 27,8 mil carros por problema de fabricação
	Copom diz que juro exige mais cuidado
01/05/2004 Sábado	Codesa quer concluir dragagem em 120 dias
	Aracruz capta US\$ 175 milhões em títulos de exportação
	Plantio de eucalipto tem parecer favorável
	FGTS integral para aposentados
	Aumento de até 4,56% é aprovado
	Teto da Previdência é de R\$ 2.466,24
	Mercado desigual e inacessível
	Novo mínimo esfriou comemoração
	Capixaba corre para declarar no último dia
	Banestes: amanhã é dia decisivo
13/06/2004 Domingo	Arrecadação cai em maio
	País quer tarifa menor entre pobres
	Comércio mundial deve crescer 8,6%
	Fornecedores sonham grande
	Certificado ISO pode custar até R\$ 30 mil
	Sebrae orienta quem almeja Petrobras
	O homem que nasceu para vender
	"O cliente é o patrão. Sem ele não tem salário"
	Usuário quer linha sem assinatura
	Bancos abrem crédito para GranExpoES
19/07/2004 Segunda-feira	Empresa paga para provar que pagou
	Mudança na lei de microempresas ameniza situação
	Taxa de juros básicos deve ser mantida em 16%
24/08/2004 Terça-feira	Indústria do petróleo abre mercado para capixabas
	Licitação do Campo de Golfinho será até o final deste ano
	Chances para micro e pequenos
	Varig estimula negócios entre americanos e capixabas
	Feira de rochas movimentou Cachoeiro
	Revisão de benefícios para 79 mil capixabas
	Lojista aposta no fim de semana e do mês para vender mais

	Morador pode pedir isenção da taxa
	Teoria que ajuda a prática das lavouras
01/09/2004 Quarta-feira	Economia brasileira tem maior crescimento desde 2000
	Estado tem situação melhor que a do país
	Audiência pública do caso Garoto está ameaçada
	Controvérsia marca julgamento do caso
	Impasse em leilão afasta verbas
	Porto de Vitória terá nova linha
	Estado reduz multa para empresas
	Número de cheques sem fundos cai no mês de julho
	Caixa facilita concessão de crédito comercial
14/10/2004 Quinta-feira	Bancários suspendem a greve e voltam ao trabalho
	Reajuste da categoria será definido pela Justiça
	Petroleiros definem hoje paralisação
	INSS muda regra de auxílio-doença para evitar fraudes
	Vale do Rio Doce adia pagamento a acionistas
	Aposentadorias podem ser negociadas mais uma vez
	Brasil cai em ranking de competitividade
	Grupo tcheco pode montar fábrica de pneus no Estado
	China permite turismo para o Brasil
	Vasp paga taxa da Infraero antecipada para pode voar
19/11/2004 Sexta-feira	Pequenas no tamanho, mas gigantes na eficiência
	Empregados da Braspérola fazem protesto
	Nestlé investirá na Garoto em 2005
	Clima na empresa é de apreensão
	Bandes e Banestes têm R\$ 32 milhões no Banco Santos
	Executivos discutem fomento
	Lessa deixa MNDES e Mantega assume
	Leilão de café especial rende R\$ 176 mil
25/12/2004 Sábado	ES tem recorde de receita e volta a investir em 2005
	"Ralos" fechados, fiscalização rigorosa e mais contribuintes
	Promessa de ano novo: reduzir mais as taxas
	Estado tem menor calote do Pronaf
	Dívida de empresas cai 16,4% este ano
	Previdência privada: garantir o futuro está ainda mais vantajoso
	Vocação para Mamãe Noel e para realizar bons negócios
	"A miséria humana é barra pesada"

A GAZETA 2005

DATA	DIA	TÍTULO
02/01/2005 Domingo		Petróleo muda perfil dos investimentos no Espírito Santo
		157 projetos em quatro anos geraram 20,7 mil empregos

	Orçamento: receita para não passar 2005 no sufoco
	Transportes terão R\$ 6,6 bi
	Comércio da Região Serrana faz entrega de prêmios
14/02/2005 Segunda-feira	Bancos disputam folha de pagamento de prefeituras
	Rentabilidade maior e menos inadimplência fazem a diferença
	Folha de Vitória é a mais cobiçada
	Mudanças podem afetar agricultura familiar capixaba
	Funcionários da Garoto farão protesto contra decisão do Cade
15/03/2005 Terça-feira	Wal-Mart vai recrutar 400 trabalhadores a partir de abril
	Loja de Vitória terá 65 mil produtos
	Jovens brigam mais por direitos
	Espírito Santo participa de campanha nacional de marca de sabão em pó
	Empresários querem proibir alta de imposto
	Leão caça sonegadores em Revistas e TV
	Sinal verde para produção orgânica no Estado
	Agricultor prefere evitar uso de veneno
	Café inaugura selo de certificação
	Encontro vai discutir uso de investimentos
	Produtores se preparam para vender safra de tangerina
	Municípios querem elevar arrecadação no campo
27/04/2005 Quarta-feira	Equipe de Lula declara guerra a juro alto
	Governo que pacto para tornar produtos mais competitivos
	Bairros de Vitória ficam livres da taxa de marinha com nova lei
	Futuro do Maxiplace ainda será definido
	Cade pode decidir hoje compra da Garoto
	Férias vendidas não ficam livres de IR
	Plantações de frutas cítricas são fiscalizadas
	Segunda cota do IPTU de Vila Velha vence dia 7
05/05/2005 Quinta-feira	1,5 mil continuam no páreo por vaga no Wal-Mart
	Prefeitura confirmará interesse de rede em nova loja
	Espírito Santo terá programa federal de qualificação
	Senador tenta anular decisão sobre a Garoto
	Pão de Açúcar vende ações a grupo francês
	Pirelli começa obra de fábrica em Vila Velha
	Banestes transforma nove postos de atendimento em agências
	Linhares terá crédito mais barato
	Sicoob tem R\$ 585 mil para produtor
	BC decreta liquidação do Banco Santos
	Alerta sobre créditos para aposentados
10/06/2005 Sexta-feira	Lei da Falência: Processos insolúveis agora são coisa do passado
	Brasil perde US\$ 9 bilhões com pirataria
	Caixa incentiva casa popular
	BR 101 só será privatizada em 2006
	Servidores do INSS decidem manter greve
	Setor de supermercados está em expansão no ES

	Obra de nova loja do Perim gera 250 vagas
	Petrobras descarta racionamento, mas anuncia medidas para não faltar gás
	Lula cobra mais ousadia da estatal
	Governo adia anúncio da MP do Bem em uma semana
	Milionários no país crescem 7,1% e somam 98 mil pessoas
16/07/2005 Sábado	Apenas 568 imóveis se livram da taxa de marinha em Vitória
	Ligação de fixo para celular subirá 7,99%
	Cheques em fundos somam R\$ 1,5 bilhão
	Consulta de lotes da malha fina é liberada
	Frio eleva produção de morango, caqui e alho
	Empresas da construção civil ganham estímulo para crescer
	Indústrias farão ato contra operação Daslu
	Ministro diz que não cederá a pressões dos grevistas do INSS
	Audidores param as atividades
	A arte que sobreviveu aos desafios da vida
	"Eu acho que todo mundo tem que lutar pelos seus sonhos"
28/08/2005 Domingo	Estado aposta na energia limpa do gás natural para o futuro
	Gasoduto virtual amplia oferta
	Rede de gás é ampliada de norte a sul do Estado
	Funcionários da CST votam para definir futuro
	Exportações vão garantir o PIB
	Franquias se tornam opção de negócio e criam empregos
	Ramo conta com empresários experientes
	Vôos de carga do exterior só esperam pista do aeroporto
	Juiz tem que autorizar negócio
	Quem dá mais? Ônibus e avião disputam passageiros
	Passagens aéreas a partir de R\$ 50,00
05/09/2005 Segunda-feira	Vaga em extinção: estágios de ensino médio caem até 60% em 4 anos
	Carga horária motiva queda
	Distinção gera problema social
	INSS cria central de aposentadoria no Estado
	TCU quer que Anatel explique altas do telefone
11/10/2005 Terça-feira	Postos têm dez dias para justificar aumento da gasolina
	Procon faz blitz nas lojas do pólo da Glória
	Bancários avaliam hoje propostas dos banqueiros
	Americano e israelense ganham Nobel de Economia
	Justiça manda BB indenizar cliente em R\$ 71 milhões
	Varig, Gol e TAM aumentam tarifas em 15%
	Estudos sobre pimenta podem ajudar a dobrar produção do ES
	Produtor cria soluções para manejo
	Pinheiros quer por fim aos mamoeiros de quintal
16/11/2005 Quarta-feira	Câmara analisa lei que reduz imposto da microempresa
	Codesa ameaça fechar Capuaba
	Petróleo incrementa turismo em Linhares
	Compra de Natal pela Internet: cuidado com o golpe virtual

	Consumidor deve ficar de olho no crédito de PC popular
	EUA e Brasil disputam rede mundial de computadores
	Gerdau compra siderúrgica e entra no mercado europeu
	Rede Carone inaugura loja inteligente em Vitória
22/12/2005	Quinta-feira
	Mudança no perfil de ações lota varas trabalhistas no Estado
	Professora demitida por ser gay ganha indenização de R\$ 20 mil
	Justiça foi ágil no caso da Braspérola
	Produtor quer escoar café na Litorânea Sula
	VarigLog fecha ano com faturamento 12% maior
	Risco-país bate novo recorde e cai 12 pontos
	Fazenda define valor de Referência
	Serviço de auxílio à lista 102 volta a ser gratuito
	Valor máximo da habilitação será de R\$50 de redução de filas
	Justiça libera novos contratos de telefonia
	Motorista poderá pagar carnê do IPVA em 3 bancos

A GAZETA 2006

DATA	DIA	TÍTULO
06/01/2006	Sexta-feira	Produto chinês invade o ES: importações cresceram 19%
		Setor de confecção sobre com preços mais baixos
		Prazo para aderir ao Simples vai até dia 31
		BB quer elevar crédito ao comércio exterior
		Telemar descumpre regra nacional e recusa suspensão da assinatura telefônica
		Governo pode reduzir imposto para impedir aumento no preço do álcool
11/02/2006	Sábado	Declaração de Imposto de Renda deste ano será mais segura
		CST abre inscrição para trainee
		Produção industrial do ES cresce abaixo da média nacional
		Novos shoppings no Centro e Vila Rubim
		Empresas terão investimento de R\$ 48,7 milhões
		De mecânico de aeronaves a dono de três lojas de sucesso
		"Meu plano é continuar em ascensão"
19/03/2006	Domingo	TV digital vai revolucionar relações de consumo
		Governo ainda está indeciso sobre o melhor modelo
		Interatividade mudará padrões da propaganda brasileira
		Seminário debate setores em alta na economia capixaba
		Fim do fator previdenciário pode gerar enxurrada de processos na Justiça
		Advogada diz como pais separados podem declarar gastos dos filhos
		Pólo de granito de Nova Venécia atrai multinacionais
24/04/2006	Segunda-feira	Capixaba aplica em fundos multi sem medo de riscos
		Bolívia expulsa empresa brasileira
		Estado distribui 1 milhão de mudas e garante palmito
		Varig espera transferir ações
02/05/2006	Terça-feira	O mapa da fortuna: comece agora a juntar seu primeiro R\$ 1 milhão

	Bolívia nacionaliza petróleo e ocupa campo da Petrobras
	"Foram medidas unilaterais e não amistosas"
	Fruticultura no Estado dará grande salto em produção
	Pólo de pêsego entra em atividade a partir de junho
14/06/2006 Quarta-feira	Crédito para casa própria cresce 104% e bate recorde
	Inscrição para curso gratuito de petróleo é adiada
	Bahia boicota galinhas do Espírito Santo, e aves encalham nas granjas
	Justiça americana dá folga à Varig e libera aviões até o dia 21
	Volta dos torcedores preocupa agência
20/07/2006 Quinta-feira	Lula veta FGTS para doméstica, mas amplia férias e desconta IR
	Golpe do crédito fácil chega ao interior
	Faça as contas para não levar um produto e pagar dois
	Cheque sem fundos cresce 19% no semestre
	Justiça aceita denúncia contra diretores do InvestVale
	Metalúrgica abre na Serra fábrica de peças para ferrovia
	Juro básico cai para 14,75%, a menor taxa em 20 anos
	Yara compra Fertibrás por R\$ 278 milhões
	Mil empresas caem na malha fina do ISS
	Prefeituras apertam fiscalização
	ES é líder em recolhimento de embalagens de agrotóxicos
25/08/2006 Sexta-feira	Cliente com nome limpo na praça poderá pagar juro 20% mais baixo
	Comércio da Grande Vitória prepara megaliquidação
	BNDS amplia limite de crédito no cartão para equipamentos
	Carga tributária já atinge 37% do PIB
	Agência vai redistribuir 56 horários de vôos em SP
	"Não há lugar em que um governo não se meta na questão do petróleo"
	Índios bolivianos não querem sabotar gás brasileiro, diz Gabrielli
	Leilão atrasa novas linhas de energia
	Sebrae-ES dá consultoria de beneficiamento
02/09/2006 Sábado	Redução do juro básico não traz alívio para o bolso do consumidor
	PIB eleva expectativa da taxa Selic
	Médico do INSS é agredido por negar auxílio-doença
	TAM desconta 80% na passagem de ida; a volta é grátis
	País precisa plantar mais para evitar apagão florestal
	Sam's Club recebe 3,6 mil consumidores no 1º dia de abertura
	Ele vê longe: de vendedor de cocada a dono de óticas
	"Meu caminho estava traçado como comerciante"
08/10/2006 Domingo	Petróleo abre novo corredor de progresso no Estado
	População teme que crescimento econômico prejudique a cultura popular
	Prioridade da agenda do desenvolvimento é infra-estrutura básica
	Só passa uma coisa na cabeça dos estudantes: "Petrobras no aguardo"
	Gerente alerta: é preciso planejar o crescimento
	Aposentados: antecipar benefício tende a ser vantajoso
	"Mulher-sanduíche": saiba como planejar as finanças e o futuro
20/11/2006 Segunda-feira	Estado se torna referência no setor de cargas

	Indústria petrolífera motiva setor
	ICMS cresce 20% e sinaliza aquecimento
	Mercado imobiliário vive melhor momento econômico
	Operadoras dão celular e reduzem tarifa para atrair cliente no Natal
26/12/2006	Terça-feira
	Boleto do IPVA chega em janeiro
	Troca de presentes pode render novas vendas
	Estado é referência na criação de manga-larga marchador
	O reinado de Herdade Capricho
	Cavalo bom para patrões e peões há 200 anos

JORNAL A TRIBUNA

A TRIBUNA 2003

DATA	DIA	TÍTULO
02/01/2003	Quinta-feira	José Ignácio não cumpre cronograma
		Vai começar a distribuição dos boletos do IPVA
		Vila Velha ganha sete salas de cinema este mês
14/02/2003	Sexta-feira	Paixão por carro custa caro
		Vendas estáveis no mês de janeiro
		Banestes vai fechar agências deficitárias
		Marrocos quer parceria no Estado
		Stella Barros pede falência em São Paulo
		Caixa admite novo acordo para o FGTS
		Unibanco fecha 2002 com lucro
		Decisão sobre royalties na 2ª
		Produção de petróleo aumenta
		Lista da ANP de 2003 não tem postos do Estado
		Caminhoneiros param as atividades no TVV
		Inflação aumenta e ameaça meta anual
		Horário de verão acaba à meia-noite de amanhã
		Empresa autorizada a prestar serviço de telefonia
		Crise EUA-Iraque provoca maior alta do dólar em dois meses
15/03/2003	Sábado	Promoções na venda de carro
		Feira atrai empresários
		Inaugurado centro para profissionais do setor de transportes no Estado
		Cresce movimentação de café nos portos
		Sai lista final da PMV
		Cesan vai abrir concurso para preencher 14 vagas
		Anunciadas 5 mil vagas para a Polícia Federal
		Receita alerta sobre programa via e-mail
		Governo vai rever alíquota do PIS/PASEP
27/04/2003	Domingo	Prazo para IR termina às 20 horas de quarta

	INSS cobra encargos de fundos municipais
	Servidor corre para se aposentar
	Mercadante defende mudanças trabalhistas
	Teto maior no setor privado
	Supermercado vende mais e lucra menos
	Investimento para todo tipo de público
	Regra é oferecer novidades
	Produtor aprova programa do milho
	Vida dura para empregadas
	Cursos qualificam profissionais
	Profissões rendem com piso
	Engenheiros fazem pesquisa
	Crescem opções para formação no Estado
	Mercado é melhor no interior
05/05/2003 Segunda-feira	Cronograma de servidor sai esta semana
	Proposta para salários atrasados
	Alerta para 2ª parcela do IPVA
	Revolução no rateio de ICMS entre os municípios
	Relator quer aumentar CPMF
	Imposto da gasolina sob investigação
10/06/2003 Terça-feira	Petrobras explora novos poços
	Tribunal cassa liminar de distribuidora
	PMV quer posse de terrenos
	Fazenda convoca devedores
	Primeiro lote do IR vai beneficiar 14.262
	Estado decide mudar Junta Comercial
	FGTS de quem entrou com ação será liberado
	Dólar cai e fecha em R\$ 2,86
	Nova regra para medir o gasto de energia
	Produção da indústria tem queda de 4,2%
16/07/2003 Quarta-feira	Crédito vai elevar vendas de imóveis
	BB reduz taxas de juros
	Agricultura recebe financiamento
	Safra de conilon tem queda de 45%
	Mais R\$ 237 milhões na praça
	Dinheiro chega em boa hora
	Caixa libera parcela do FGTS
	Novidades para o varejo
	Novo Centro de Convenções de Vitória vai custar R\$ 35 milhões
	EUA reduzem previsão de crescimento
	Preços da General Motors sobem 2,5%
	Corte de ponto para grevistas
	Servidor unifica movimento
	Lula prepara pacote para setor de transportes
	Empresas vão pagar salários para mães

	Ministro lança programa para qualificação
28/08/2003 Quinta-feira	Produtor quer elevar consumo de carne
	Ford anuncia troca de parafuso de Explorer 97
	Envio de carta vai ter aumento de até 24%
	Carrefour vai abrir novas lojas no Estado
	Codesa garante obras de dragagem da baía
	Vale aprova lucro extra para acionista
	Bandes coloca imóveis de devedores à venda
	STJ concentra ações sobre alta de telefonia
	Dinheiro para setor de rochas
	Decisão sobre refinaria sai neste ano
	Aberta Feita do Mármore
	Bancos antecipam o 13º
	Moeda de R\$ 1 sem aro dourado sai de circulação
	Cresce falsificação de R\$ 50
	Microcrédito começa hoje
05/09/2003 Sexta-feira	Estado ganha novos hotéis
	Previstos 25 lançamentos em cinco anos
	Boa Praça e Epa trocam dados para negociação
	Mamão ganha mercado externo
	Exportação salva montadoras
	Petrobras prepara 30 poços
	Bancários paralisam agências
	Europa parte para ataque contra o Brasil
	Pobres sofrem mais com taxa de inflação
	Devedor do IPVA vai para cadastro negativo
11/10/2003 Sábado	Receita abre concurso
	Serra tem 19,5 mil candidatos para seleção na área de Saúde
	Inkra vai contratar 366 profissionais
	Prazo para auxiliar de consultório
	Inscrições para casa própria
	Motéis a partir de R\$ 15
	Cade vai discutir fusão da Garoto
	Ibama multa Aracruz em R\$ 300 mil
	Lançamentos com descontos
	Vagões reduzem crescimento
	Estado vai ganhar metrô em 2010
16/11/2003 Domingo	Lula agora quer o fim do imposto sindical
	Fundo público para financiar os sindicatos
	Presidentes se tornam eternos
	Linha popular só para programas sociais
	Novos condomínios na cidade
	AlphaVille na Serra
	Arbes diz que recusa de cheques prejudica clientes
	Futuro sem aposentadoria

	O drama do jardineiro
	Inquéritos contra fraudadores
	Regras para aposentadoria especial
	Último prazo na Justiça
	Associação desperta jovem empreendedor
	Grupo criado nos EUA em 1919
	Japão de olho no álcool capixaba
22/12/2003 Segunda-feira	Aposentados vão ter que se recadastrar
	Quadrilhas não dão trégua
	Receita libera lote extra amanhã
	Chácara Von Shilgen em discussão
	Bens da Braspérola vão a leilão no dia 9 de janeiro
	Moeda de R\$ 1 perde a validade

A TRIBUNA 2004

DATA	DIA	TÍTULO
06/01/2004	Terça-feira	Justiça bloqueia combustível
		Decisão anterior a Lei Kandir
		Hartung recebe apoio
		Empresa nega negociação
		Lançada linha telefônica para recados
		Danos na rede provocaram apagão dia 1º em Guarapari
		Confusão na estréia do Estatuto do Idoso
		Facilidade para comprar moradia
		Brasileiro no comando da Fiat
		Montadoras anunciam preços
		Vendas de veículos sobem em dezembro
		Desconto no IR para que paga doméstica
		Mercado de bom humor derruba cotação do dólar e risco-Brasil
		Bancos abrem crédito para contas de janeiro
11/02/2004	Quarta-feira	Lula entra no caso Garoto
		Nestlé e políticos vão recorrer ao Supremo
		Senado vai receber Cade para explicação
		Abraço simbólico emociona
		Rocha de Nova Venécia é destaque
		Fazenda dá prazo para pagar IPVA sem multa
		Bradesco arremata Banco do Maranhão
		Nova rodada de reajuste de automóveis
		Exportação de café tem queda de 35%
		Audiência para definir local do BNB
		Estado libera diferenças de professores
		São Mateus contrata pessoal
		Fiscais recorrem contra limite para salários

	Receita Federal cancela 152.898 CPFs de contribuintes no Estado
18/03/2004 Quinta-feira	Treze mil livres de desconto
	Projeto entra em pauta na 2ª
	Governo propõe trégua até sexta aos fiscais
	Suspensa ação que corrige aposentadoria
	Ação contra contratação de 899
	Cheques sem fundo tem alta de 12%
	União deve R\$ 743,1 bi em títulos
	Medida garante mais dinheiro para estados
	Parceria fortalece construções
	Injeção extra para o setor
	Grandes projetos criam empregos
	Italianos têm de deixar o controle da Brasil Telecom
	BC surpreende e reduz juros
	Schincariol vai processar Zeca Pagodinho por quebra de contrato
23/04/2004 Sexta-feira	Receita espera por 167 mil declarações
	Mantido descontos para sindicatos
	Sai hoje o valor do novo mínimo
	GM convoca 27.831 donos de veículos
	Ação para despejar invasores
	Paralisados 32 mil processos
	Rodada de negociação fracassa
	Refinaria sai em junho
	Taxa de marinha cai para 2 mil
	Especialistas dão notas baixas para café servido nas ruas
	Quem busca acha qualidade
01/05/2004 Sábado	Profissões dos sonhos
	Homenagens para o dia do trabalhador
	Carro com som de boate
	Primeiro loto sai no dia 15 de junho
	Contrato vai ser suspenso
	Estudo define como a pedra será retirada
13/06/2004 Domingo	Um centavo eleva desconto
	Caso diferente para imposto
	Reggiani vai ter fábrica de vinagre
	Honório e Mário fazem história
	INSS corta benefícios de assistência
	Herdeiros adotam nova rotina
	Atividade desde os 15 anos
	Negócios exigem maratona
	Esporte e lazer contra o estresse
	Pensando na empresa
	Inovação amplia negócios
	Vagas limitadas em seminário do dia 16
	Sai tabela do ICMS dos municípios

19/07/2004 Segunda-feira	Atendimento muda com reforma no INSS
	Fiscal ferido em plataforma
	Carteira para mais de 26 mil
	Informática de graça em Vila Velha
24/08/2004 Terça-feira	Prefeituras descobrem roubos
	Dinheiro da Braspérola em 30 dias
	Estado libera folha extra
	Embraer investe nos EUA
	Disputa milionária na Fiesp
	Bancários ameaçam fazer protesto e parar amanhã
	Servidor marca greve para dia 13 na Codesa
	Vale fecha contrato
	Estado será segundo maior em petróleo
	Punição para loja que negar desconto
	União cobra até R\$ 30 mil de taxa
	Herdeiros mudam comércio
01/09/2004 Quarta-feira	Banco do Brasil leiloa imóveis
	Cai devolução de cheques no Estado
	Cooperativas lançam nova poupança hoje
	Brasil reage e cresce
	Crescimento faz sobrar vagas
	Muda programa primeiro emprego
	Obra da CST em nova fase
	Programa atinge crianças
	Brasil tem direito de punir americanos
	Prefeituras definem IPTU
14/10/2004 Quinta-feira	Sai lei que limita área para Wal-Mart
	CST lança obras para terminal de barcas
	Herdeiros brigam por 25 anos
	Empregado da Garoto faz assembleias hoje
	Pedida nova revisão para aposentadorias
	IBGE reconhece alterações
	Auxílios terão mudanças
	Vale aprova extra para os acionistas
	Setor de petróleo é tema de seminários
	Empresas aéreas têm que pagar dívidas
	Comércio livre de etiqueta de preço
	Brasil cai na lista de países competitivos
	Greve agora só no Banestes
	Banco diz que vai chamar a polícia
	TST vai julgar movimento
19/11/2004 Sexta-feira	Aposentados debaixo da chuva
	Consulta só em fevereiro
	Servidores acham reajuste uma piada
	Prefeitos preparam redução de despesas

	Motoristas não vão poder parcelar dívidas
	Estado bate recorde de arrecadação
	Bandes tem 11 milhões no Banco Santos
	Penedo pede tranquilidade
	Clientes recorrem à Justiça
	Ivan Zurita garante que venda da Garoto é boato
	BR-101 vai ser privatizada
	Receita prepara as mudanças no IR de 2005
25/12/2004 Sábado	Estado na frente de novo
	Aplicação de recursos chega a 8%
	Optantes do Simples tem até dia 30 para acertos
	Mais 200 vagas para guarda
	Serra atrai pelo menos 150 novas empresas
	Comércio virtual cresce 40% no Natal

A TRIBUNA 2005

DATA	DIA	TÍTULO
02/01/2005	Domingo	Guia para emprego em 2005
		Época é ideal para buscar novas vagas
		Cursos abrem o mercado
		Ano começa com sinais de crescimento
		Boas lembranças de 2004
		Pedágio na BR eleva custos
		Bebidas vão ficar mais caras
		Especialistas avaliam o prazo
		Ministério dos Transportes vai ter R\$ 6,6 bi
		Dinheiro para ampliação de portos aumenta
		Crescem serviços para consultoria
		Interesse nasceu no Cefet
14/02/2005	Segunda-feira	Previdência inicia cadastro de aposentado
		Analistas apostam em alta na taxa de juros
		Reta final para montagem da Feira do Mármore e Granito
		Termina parceria entre GM e Fiat
		Custo de manutenção de carro sobe
		Equipamentos sem data para desembarque
15/03/2005	Terça-feira	Caixa fará acordo com 4 mil
		"Chamaram para o acordo"
		STJ diz que não livrou inquilinos de imposto
		Banestes leiloa 89 imóveis no Estado
		Shell anuncia fase de investimentos
		Começa hoje feira do setor têxtil no Estado
		BNDES aprova crédito para estaleiro
		Cooperativas de laticínio ganham prazo

	Movimento cresce em financeiras
	Anatel anuncia arrocho no setor de telefonia
27/04/2005 Quarta-feira	Curso tem bolsa de R\$ 150
	Turmas vão ter até 20 alunos
	Prefeituras lançam programas
	Projeto para comprar Garoto
	Vendido o terreno do Maxiplace
	Declaração do IR de graça
	Dica de Lula é contestada
	Empresários não aceitam as críticas
	Voto contra desespero verbal
	Definido o projeto do computador popular
	Pacote facilita investimentos
	BANDES faz empréstimo para bares
05/05/2005 Quinta-feira	Micro popular sai na quinta
	BC decide liquidar o Banco Santos
	Liderança esmagadora
	Pesquisa engloba 1,2 milhão
	A Tribuna é preferida em todas as classes
	Classifácil é o mais lido
	Cursos para 4.635 no Estado
	Prefeitura terá centro para trabalhadores
	Wal-Mart aplica provas hoje
	Franceses no controle do Pão de Açúcar
	Fórum mostra projetos na área de educação
10/06/2005 Sexta-feira	Crise na Bolívia afeta oferta de gás
	Governo quer negociar valor dos precatórios
	Serra abre 375 vagas em cursos
	Oportunidades para turismo
	Embaixada incentiva estudantes
	Empresa seleciona para intercâmbio
	Novo plano para casa própria
	Instituições fazem inscrição
	Comerciários aderem ao programa
	Cohab inicia construção em julho
	Evangélicos vão construir shopping
	Roupas para mulher religiosa
16/07/2005 Sábado	Hoje é dia de briga pelo menor preço
	Wal-Mart prevê mais de 20 mil consumidores
	Promoções para 1.830 carros
	INSS eleva arrecadação com ações
	Bolsa, curso e emprego
	Trabalho na indústria perde o fôlego
	Bancos notificam por demora em fila
	Ligação para celular vai aumentar amanhã

	Reta final para a PM
	Ministério Público entra com ação e denuncia esquema
	Deboche em empresa vira ação judicial
	Cariacica contrata para educação
	Petrobras anuncia a nova sede na 2ª
	Caixa amplia o serviço de penhor
	Pequenas construtoras têm recursos
	Eliana volta à Polícia Federal
	Marinho quer negociar alta de preços
	Descartadas negociações
28/08/2005 Domingo	Crise não abala investidor
	De transporte à metalurgia
	Exportações puxam economia
	Rede Tribuna destaca o turismo
	Prazo menor para acertar as contas
	Atenção ao mercado é segredo do sucesso
	De empregado a patrão
	Fiscalização em postos é reforçada
	Profissões com vaga garantida
	Disciplinas prontas para setor público
	Abertas 396 vagas amanhã
	Móveis da idade da pedra
05/09/2005 Segunda-feira	Oferta de estágio cresce neste mês
	Novidades para os pés em feira
	Sine abre 292 vagas de emprego hoje
	Novas lojas contratam 760
	INSS agiliza processos com central
	Aprovada lei do abono em Vitória
	Anatel tem que explicar reajustes
11/10/2005 Terça-feira	Novo programa para negociar dívidas
	Centrais se unem e preparam protesto
	Indústria têxtil pede proteção contra concorrentes chineses
	Ministério Público dá ultimato para postos
	Preço mais alto no Estado
	Leilão da ANP terá recorde de empresas
	Cadastro para novas moradias em Vitória
	Foco de aftosa deixa pecuarista em alerta
	Seleção para trabalhar na África
	Aracruz tem lucro no trimestre
	Bancários mantêm greve
	Lotéricas ficam lotadas
	Indenização milionária para cliente de banco
	Advogada recomenda a ação
16/11/2005 Quarta-feira	Abertas 743 vagas de estágio
	Chance para Ministério Público

	Prefeituras vão pagar 13º em única parcela
	Prefeitos garantem recursos
	Colatina vai liberar R\$ 5,4 milhões
	Dinheiro extra no fim do ano
	Cursos e lucros de 200%
	Ganhos com sonorização
	"Há oportunidades para todos"
	Conta de celular vira salário
	Linhares é o 6º do país em móveis
	Ameaça de fechar o porto
	Área sob suspeita de aftosa é reduzida
	Viver no Brasil está mais caro para gringos
	Liberação de cargas fica mais rápida
22/12/2005	Quinta-feira
	Domésticos têm 20 dias de férias
	Mais de 31,8 mil deixam PIS na Caixa
	INSS mantém veto a cartões
	Definidas tarifas da conta de telefone
	Plataforma chega ao Estado em abril
	Desemprego fica estável e renda sobe
	Estado vai receber verba da Lei Kandir
	Governo vai barrar os calçados chineses
	IPVA de R\$ 5,6 mil em 2006
	Arrecadação dobra em três anos
	Supermercados reduzem projeção para faturamento
	Feriadão de Ano Novo na prefeitura
	Estado libera cronograma
	Decisão sobre aumento do mínimo fica para ano que vem
	Trabalhadores saem ganhando
	Corte na taxa de juros chega ao consumidor
	Setor de imóveis busca novos bairros
	Bradesco compra o Banco do Ceará

A TRIBUNA 2006

DATA	DIA	TÍTULO
06/01/2006	Sexta-feira	Shopping prepara expansão
		Ponte Seca terá investimentos
		União agiliza análise de negociações
		Lojas de olha em turistas
		Até Daslu faz liquidação
		Aposentados ganham praça para cadastro
		Sine de Vila Velha de portas fechadas
		Safra cai, mas IBGE prevê recuperação
		Crédito para casa sem juros

	Estado entrega escrituras
	Prefeitura cria salas para acesso à internet
	Cresce total de fraudes pela rede
	Sai dinheiro para rodovias
	Passagem de ônibus intermunicipal sobe
	Governo prevê falta de álcool nos postos até maio
	Donos de flex criticam aumento
11/02/2006	Sábado
	Venda de carros usados cresce 35%
	Feira mostra granitos que são raros
	Hora do acerto com o Leão
	Vale vende sua cota em usina para Furnas
	Cariacica convoca professores
	Vagas para recém-formados
19/03/2006	Domingo
	Começam Seminários Tribuna
	Lojistas vão entregar prêmio na terça-feira
	Europeus fazem nova oferta para TV Digital
	Americanos contra-atacam
	Estado tem serviço de cartório 24 horas
	Plantio de florestas terá incentivo
	Imposto paga dívida com INSS
	Indenização por maus serviços
	Vôo cancelado na lua-de-mel
	Juizado tem 42 mil ações sobre consumo
	Empresas preparam equipes
	Consultor recebe R\$ 6 mil
	Banco de dados ajuda consumidores
	Lei estimula concorrência
	Instituto tenta barrar reajuste de remédios
24/04/2006	Segunda-feira
	Cursos e estágios para quem é jovem
	Árabes atrás de rochas ornamentais
	Sucos Mais aumenta a produção
	Produzir mais e melhor
	INSS vai investigar fraudes
	Decisão sobre bairro Chico City amanhã
02/05/2006	Terça-feira
	Bolívia toma petróleo e gás
	Petrobras vai reagir contra ato na Bolívia
	Lula convoca reunião
	Obras trazem 4 mil empregos
	Prefeituras definem prioridades
	União libera dinheiro para casas no Estado
	Mudanças com novo mínimo
	Receita começa a receber as declarações atrasadas
	Negros terão cotas para qualificação
	Agência de energia muda atendimento
	Direito de greve para servidores

	Ato vira protesto pela Varig
14/06/2006 Quarta-feira	Petrobras prorroga inscrição
	Bandes libera gabarito
	Motoristas são qualificados
	Dicas para investir em bancos
	Juros dos bancos caem
	Terrenos de R\$ 1 milhão são leiloados
	INSS fecha agências mais cedo hoje
	Abertas vagas em obras
	Shopping define novas lojas
	Bingão vai dar lugar a hotel e apartamentos
	Obras na Serra vão abrir 300 empregos
20/07/2006 Quinta-feira	Estado abre cursos gratuitos
	Disputa para morar no Centro
	Mudanças para domésticos
	Pesquisa mostra gastos do público gay
	Prejuízo de R\$ 13 mil com golpe
	Alerta para facilidades demais
	Empresa aérea vai a leilão hoje
	Brasil tem mais dólares que dívida
	Mundo respira aliviado
	Juros são os menores desde 1986
	Ninguém fica satisfeito
25/08/2006 Sexta-feira	FGTS garante novo crédito
	Bancos se antecipam
	Medidas saem na terça que vem
	Crédito para moradia fica livre da TR
	Prédio do INSS liberado para Vitória
	Sancionada lei que muda IPTU de Vitória
	Lojas vão dar descontos de até 70%
	Sebrae treina vendedores
	Setor têxtil ganha crédito do BNDES
	BB eleva os recursos para cafeicultura
	Declaração de isento começa no dia 1º
	Receita parcela dívidas até dia 15
	Cobrança de impostos nos País é recorde
	Celulares em novo mercado
	Empresas pedem reajuste
	Recall de baterias de laptop
	Desemprego é o maior em 15 meses
	Empresário Marcelo Nader morre aos 62
02/09/2006 Sábado	União vai contratar 45,9 mil
	Autorizadas 669 vagas
	Proposta para elevar mínimo
	Fim de semana de promoções

	Wal-Mart faz festa na inauguração
	Feijão derruba custo da cesta básica
	Pedreiro bate em médico do INSS
	Descoberta fraude em Minas
	Dicas para evitar doença do trabalho
	Qualificação reduz risco de hipertensão
	Atrativo para elevar venda de carros
	Vale tem aval para comprar nova empresa
	Petrobras muda área financeira
	Plano florestal da Aracruz vai crescer 10%
	Facilitadas ações para revisar FGTS
	Balanço comercial tem saldo recorde e acumula US\$ 29,6 bi
	Lula mantém previsão de PIB
08/10/2006 Domingo	Disputa por casa na Serra
	Secretário defende saneamento até 2024
	Temporada de reforma de casas
	Estado atrai novos negócios
	Gêmeos viram empresários de rochas
	Frutas abrem mercado para investimentos
	Dez melhores áreas para ganhar dinheiro
	Disputa por profissionais
	Vale quer vender parte das usinas
	Eike Batista garante obras de siderúrgica
	Assembléia define rumos de greve hoje
	Rumos para economia
	Construção cresce e gera nova empresa
	Empreendedorismo no sangue
	Aposentados recebem o IR de volta
	Goiaba ganha novos mercados
	Produção em ritmo acelerado
20/11/2006 Segunda-feira	Chances de estágio hoje
	Lojas fazem promoção de olho no 13º
	Inclusão de café na merenda escolar
	Estado é referência nacional
	Dinheiro para obras de saneamento
	Bancada define verbas
	Gasolina com mais álcool a partir de hoje
	Inflação abaixo de 4,5% em 2007
26/12/2006 Terça-feira	Reajuste para 35 mil servidores em 2007
	IPVA de até R\$ 25 mil
	Demitida por recusar o uso de maquiagem
	Falta de gás compromete setor elétrico
	Cem milhões de celulares este ano

ANEXOS

10

Vitória (ES),
domingo,
27 de abril de 2003

ECONOMIA

A GAZETA

Estado receberá investimentos da Petrobras para aumentar a produção e o escoamento de petróleo e gás natural este ano. Governo quer transformar o antigo Hortomercado, que está abandonado, na Praia do Suá, em um mercado-modelo. Previdência privada tem crescimento de 64%.

Petrobras investe 600 milhões no ES

Com a injeção de recursos, a produção de gás natural no Estado crescerá 125%

GUSTAVO BELESA

A Petrobras vai investir R\$ 600 milhões no Espírito Santo, ao longo deste ano. Os recursos serão destinados para a execução de vários projetos, sobretudo os que elevarão a produção de petróleo e gás natural, a partir de 2005.

A meta da estatal é processar 80 mil barris de óleo por dia e 2,7 milhões de metros cúbicos de gás. A realização das obras deverá gerar ainda mil vagas de empregos, conforme as expectativas da empresa.

Com isso, a Petrobras dará um incremento de 64% na produção de petróleo e de 125% no processamento de gás natural, no Espírito Santo. Atualmente, a produção registrada por dia é de 48,8 mil barris de petróleo e 1,2 milhão de metros cúbicos de gás natural.

Empregos

A geração de empregos, explica o gerente geral da Unidade de Negócios do Espírito Santo (UN-ES), Márcio Félix Bezerra, ocorrerá nas empresas ganhadoras das licitações e nos fornecedores

de produtos e serviços. "Essas vagas surgirão no Estado e em outras regiões vizinhas, como os Estados da Bahia e do Rio de Janeiro, por exemplo", destacou.

Os recursos para o investimento deste ano, conta Bezerra, foram definidos na semana passada, quando a presidência apresentou o Planejamento Estratégico da Petrobras, para o período que vai deste ano 2007. Nos próximos quatro anos, serão destinados US\$ 34,3 bilhões, em todo o país.

"Ao longo dos próximos anos, a UN-ES vai receber mais investimentos. Os recursos deste ano serão direcionados na preparação dos diversos campos de petróleo e gás para produzir mais, além de melhorar o sistema de escoamento da produção", destacou.

Aprovados

Bezerra revelou ainda que os projetos no Espírito Santo já estavam aprovados pela presidência da empresa, mas foram efetuados alguns ajustes em todo o orçamento, devido às condições deterioradas do mercado financeiro.

Os principais fatores considerados para a realização dos ajustes foram a volatilidade do câmbio e dos preços internacionais do petróleo, além das mudanças nas conjunturas econômica e política, tanto no cenário internacional, quanto

dentro do país.

Entre os projetos previstos para começarem neste ano estão a implantação de uma plataforma fixa de produção de gás nos campos de Peró e Cangaço, na Foz do Rio Doce, onde existe uma megajazida de aproximadamente 20 bilhões de metros cúbicos.

Gasoduto

A Petrobras já completou o lançamento do gasoduto marítimo (52,5 km) e se prepara para iniciar as obras na parte terrestre (3,7 km). Outro projeto é a construção da Unidade de Tratamento de Gás de Cachimbas (UTGC), em Povoação, distrito de Linhares.

O início da produção de gás está previsto para meados de 2004. A vazão inicial será de 600 mil a 1,4 milhão de metros cúbicos por dia, dependendo da demanda do mercado capixaba. O sistema tem potencial para transportar até 5 milhões de metros cúbicos por dia de gás.

Mar e terra

A estatal também dará continuidade ao projeto de produção em Jubarte, no Sul do Estado, onde atualmente são processados 20 mil barris por dia. O objetivo é preparar o campo para receber uma plataforma de maior porte, a P-34, que substituirá o navio-sonda Seillean e elevará a produção para 50 mil barris por dia.

Paralelo a Jubarte, a empresa prepara o plano de desenvolvimento de Cachalote, onde foi encontrada uma reserva de 300 milhões de barris de petróleo.

Já os projetos de construção da estação de tratamento de óleo, do campo terrestre de Fazenda Alegre, em Jaguaré, e do terminal de escoamento no Norte Capixaba, em São Mateus, estão atualmente em processo de licitação para contratação das empresas responsáveis pelas obras.

A previsão da Petrobras é que ainda no primeiro semestre deste ano os contratos estejam assinados. A estação e o novo terminal permitirão um melhor aproveitamento do óleo produzidos e mais eficiência no transporte do petróleo até os navios petroleiros.

Gildo Loyola/Agência

Plano

Diversos campos de petróleo e gás natural da Petrobras no Estado irão receber recursos, este ano, para aumentar a produção e o escoamento.

Aplicação

Veja como serão aplicados os R\$ 600 milhões que a Petrobras vai investir neste ano no Espírito Santo

Construção da estação de tratamento de petróleo e do terminal de escoamento da produção do Norte Capixaba. Investimentos em Jaguaré e São Mateus.

Construção de plataforma fixa em Peró, na foz do Rio Doce. Essa plataforma contará com um gasoduto de 52 quilômetros.

Aumento da produção do campo de Jubarte, dos atuais 20 mil barris por dia para 50 mil barris. A plataforma Seillean (navio-sonda) será substituída pela P-34.

Sistema de produção, processamento e escoamento de gás natural dos campos de Peró e Cangaço, no Norte do Espírito Santo. A reserva é avaliada em 20 bilhões de metros cúbicos de gás.

A Gazeta Ed. de Arte

Eng. Manços Perdigão Di Cavalcanti

(Missa 7º Dia)

Hélia (esposa), Manços, Marcus, Henriette, Marcello e Hélia (filhos), netos, genros e noras convidam para Missa de 7º dia, que será celebrada amanhã, dia 28/04/2003, às 18h30min, na Igreja Santa Rita de Cássia, Praia do Canto.

Desde já agradecem a todos que comparecerem a este ato de fé cristã.

Vitória (ES), terça-feira, 10 de junho de 2003 - 9

A GAZETA

Petrobras triplica a produção no Estado

Empresa diz que até 2006 serão 125 mil barris de petróleo por dia no ES

GUSTAVO BELESA

O governador Paulo Hartung disse ter voltado "satisfeito" do encontro com o presidente da Petrobras, José Eduardo Dutra, ontem, na sede da estatal, no Rio de Janeiro. Acompanhado do secretário de Desenvolvimento Econômico, Júlio Bueno, Hartung foi informado de que a empresa produzirá mais 80 mil barris de petróleo por dia, nos próximos três anos, triplicando a produção dos atuais 44 mil para 125 mil barris diários, até 2006.

O investimento previsto é da ordem de US\$ 1 bilhão. Até 2010, a expectativa é de que esse volume chegue a US\$ 6 bilhões (cerca de R\$ 18 bilhões), apesar de o presidente da Petrobras ter preferido não detalhar o planejamento financeiro da empresa para Hartung. "Existem várias descobertas no Estado, mas são recentes e ainda não entraram no cronograma de projetos da estatal", salientou o secretário Júlio Bueno.

Royalties

Com o aumento da produção, o Governo do Estado e os municípios onde se localizam os campos de petróleo e gás natural receberão mais R\$ 300 milhões por ano, em

Projetos

José Eduardo Dutra disse ao governador que a empresa vai investir US\$ 6 bilhões

tributos. Neste ano, prefeituras e Governo devem receber R\$ 60 milhões, cada um, segundo avaliação de consultores da área petrolífera.

De acordo com Bueno, o aumento do pagamento de tributos para o Espírito Santo leva em conta o repasse de royalties do petróleo e da participação especial dos grandes campos produtores, como o terrestre de Fazenda Alegre, no Norte do Estado, e os marítimos de Jubarte e Roncador, no Litoral Sul.

Geologia

"A audiência foi positiva. A Petrobras tem sido muito

transparente com o Governo capixaba e acredito que novas descobertas serão anunciadas nos próximos dias", destaca Hartung, ressaltando das quatro novas perfurações a serem feitas pela estatal até agosto.

"A Petrobras conseguiu entender a geologia do Estado e o nível de acerto nas perfurações tem crescido. De cada dez perfurações, pelo menos em três são descobertos petróleo", destacou Bueno. Ele revelou que o incremento da produção se dará pelo campo de Jubarte, localizado no bloco BC-60, em frente ao município de Presidente Kennedy. Aquela região foi

AGENDA

Hartung pede informações

O governador Paulo Hartung volta hoje ao Rio de Janeiro para um encontro com o diretor-geral da Agência Nacional do Petróleo (ANP), Sebastião do Rego Barros, às 15h30. Hartung vai pedir informações sobre a exploração de petróleo no Espírito Santo. Segundo sua assessoria, ele quer saber quantas empresas têm direito de explorar terra e mar capixabas, o prazo de concessão dessas áreas e volume de investimento no Espírito Santo. "O governador quer se preparar juridicamente para receber os royalties e recursos da atividade petrolífera", informou a assessoria do Governo.

denominada de "província petrolífera do Espírito Santo" pela empresa, por ter reservas de 2,1 bilhões de barris.

Segundo a Petrobras, a plataforma P-34 foi escolhida para elevar a produção de Jubarte, no início de 2006. A embarcação passará por uma reforma, no próximo ano, e em seguida será levada para o campo, aumentando a produção de 14 mil barris por dia para 80 mil barris. "Após esta etapa, a Petrobras colocará uma plataforma de grande porte no BC-60, para colocar em atividade o campo de Cachalote e aumentar a produção de Jubarte", diz Bueno.

Dutra vem ao ES analisar refinaria

O presidente da Petrobras, José Eduardo Dutra, estará em Vitória, no final deste mês, para conhecer as atividades da empresa e discutir investimentos e construção de uma refinaria de petróleo no Espírito Santo. De acordo com o governador Paulo Hartung, a visita ocorrerá nos dias 30 de junho e 1º de julho.

Com a vinda de Dutra, o

Governo do Estado espera confirmar a participação da estatal na elaboração de um estudo técnico de construção da refinaria no Espírito Santo. "Dutra ficou espantado com nossa proposta. Informamos a ele que existe um investidor privado - o nome não foi revelado - interessado neste empreendimento e pedimos que a estatal participe do projeto", disse o secretário de De-

envolvimento, Júlio Bueno.

De acordo com ele, na proposta a estatal será parceira do investidor privado para elaborar um projeto de viabilidade da refinaria. Neste documento constarão informações técnicas, como a qualidade do óleo a ser refinado, local onde será construída a refinaria, equipamentos e investimentos necessários. O projeto exigirá US\$ 3 mi-

lhões de investimento.

"O recurso está garantido, faltando a Petrobras confirmar a participação", afirmou Bueno. A dependência da estatal, explica Bueno, se deve às grandes jazidas que foram descobertas pela empresa no litoral do Estado. "O presidente da empresa ficou de estudar nossa proposta e vai responder posteriormente", disse Bueno.

A GAZETA **Economia**

Vitória (ES), terça-feira
24 de agosto de 2004
Editora: Elaine Silva
ecferreira@redgazeta.com.br
3321-8327

"OURO NEGRO" ELEVÇÃO DA PRODUÇÃO DE ÓLEO NO ESTADO IRÁ TRAZER MAIS SETE PLATAFORMAS PARA EXPLORAÇÃO ATÉ 2010

Indústria do petróleo abre mercado para capixabas

ÓLEO EM DEBATE. Da esquerda para a direita, José Renato Ferreira, Júlio Bueno, Márcio Félix, Victor Martins e José Antônio de Figueiredo, no evento do Prominp. FOTOS: GILDO LOCHA

Programa nacional irá capacitar empresas e mão-de-obra para atuar no Estado

DENISE ZANDONADI

A produção de petróleo no Estado **aumentará** de 44 mil barris por dia para 380 mil até 2010, exigindo para isso investimentos de R\$ 18 bilhões neste período por parte da Petrobras. As atividades **exigirão** pelo menos mais sete plataformas para os campos já descobertos. Neste ano, somente em impostos, taxas e royalties a estatal deixará para Estado e município,

R\$ 550 milhões.

Todas estas informações, mais o fato de que 30% dos 5 mil fornecedores da Petrobras – 1,5 mil empresas – são capixabas, mostram que a indústria, prestadores de serviço e a mão-de-obra do Estado precisam receber treinamento e qualificação para ampliar a participação no segmento da indústria que mais deverá crescer nos próximos anos.

Esta necessidade é que **levou** o Ministério de Minas e Energia a implantar o Fórum Regional do Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural (Prominp) no Espírito Santo. O Estado foi o terceiro, dos 13 onde há atividade petrolífera, a receber o Fórum Regional. "O projeto é definir as prioridades e começar a trabalhar

para suprir a demanda", explicou o coordenador executivo do Prominp nacional, José Renato Ferreira de Almeida, no lançamento do programa no Estado, ontem.

Estudos. Em nível nacional, o programa já elaborou 47 projetos e constatou, por exemplo, que a indústria do petróleo precisa de 118 tipos de trabalhadores em toda a cadeia de exploração, produção e fornecimento de máquinas, equipamentos e serviços. "O setor precisa de 892 itens entre máquinas e equipamentos, o que mostra a amplitude do negócio", disse ele.

O projeto da Petrobras prevê que, em 2010, a produção capixaba chegará a 380 mil barris por dia, o que mostra

o crescimento nos próximos anos. Hoje, a produção é de 44 mil barris por dia. Para o gerente-geral da Petrobras no Estado, Márcio Félix Carvalho Bezerra, o Prominp poderá dar um **"tempero" capixaba** à lista de fornecedores da companhia e de outras empresas petrolíferas.

Segundo ele, o Norte do Rio de Janeiro já está saturado em termos de capacidade para algumas segmentos. Além disso, **o Estado é o mais promissor em função das últimas descobertas.** "Tudo isso pode ampliar as possibilidades de negócios, inclusive aumentar em muito o número de fornecedores locais".

Naval. A necessidade de mais um dique seco no país para a indústria naval, segun-

do o secretário de Desenvolvimento Econômico e Turismo, Júlio Bueno, é outro ponto positivo para os capixabas. "Temos a área ideal para isso que é Barra do Riacho, em Aracruz. Para efetivar o negócio o Governo federal precisa acelerar a preparação do processo licitatório para os quatro módulos", ressaltou.

Para o superintendente estadual da Organização Nacional da Indústria de Petróleo (Onip), Victor Martins, com o Prominp e a instalação da entidade em Vitória, **podrá** haver mais qualificação para fornecedores e mais treinamento para a mão-de-obra. Hoje, por exemplo, a partir das 9 horas, acontece o terceiro encontro entre fornecedores do setor de petróleo, promovido pela Onip.

OPORTUNIDADES EM MIAMI

Varig estimula negócios entre americanos e capixabas

Uma missão com empresários capixabas e paulistas viaja hoje para conhecer a estrutura logística da Variglog em Miami, Flórida, e para conhecer empresários americanos. O grupo também terá o vice-governador do Estado, Lelo Coimbra. São 15 pessoas, que partem de Vitória e cumprem intensa agenda até sexta.

A oportunidade será aproveitada para que o Espírito Santo seja apresentado a 80 empresários americanos, em um evento de relacionamento internacional, segundo explica, o representante da Variglog, Fábio Nielsen. Para ele, "será bom momento de divulgarmos nosso Estado e buscar novos investidores".

A apresentação do Espírito Santo, suas potencialidades econômicas, logísticas e turísticas ficará por conta do vice-governador, Lelo Coimbra e do próprio Fábio Nielsen. Um dos objetivos dessa missão é promover maior aproximação e integração entre empresários americanos e brasileiros.

Além disso, oficialmente, a Variglog vai apresentar a estrutura logística do grupo em Miami, de onde saem semanalmente dois voos cargueiros RC 8987, para Vitória, com capacidade para transportar 25 toneladas cada. As aeronaves chegam sempre às segundas e quintas-feiras pela manhã no aeroporto de Goiabeiras.

De acordo com a programação, haverá visita ao Porto de Miami e depois ao aeroporto internacional da cidade. A organização da missão está a cargo do diretor da Variglog, Jack Severa e pela gerente geral da empresa, Lori Escobar.

A GAZETA

Economia

Vitória (ES), sábado
25 de dezembro de 2004
Editora: Elaine Silva
ecferreira@redgazeta.com.br
3321-8327

BOM MOMENTO DEPOIS DE MAIS UMA DÉCADA, SERÃO INVESTIDOS R\$ 300 MILHÕES NO ANO QUE VEM

ES tem recorde de receita e volta a investir em 2005

Estado lidera crescimento de arrecadação no país, com alta de 25% no ICMS

Meta para 2005 é ampliar valores, mas com promessa de redução de imposto

BOM DEBATE. José Teófilo: "A inflação foi de 6,7% e a arrecadação cresceu 26,3%".

RITA BRIDI

O ano de 2004 marca um dos melhores desempenhos do fisco estadual: sem elevar impostos, o Governo do Estado conseguiu um aumento da receita própria em 30%, o que garantirá, para o próximo ano, investimentos da ordem de R\$ 300 milhões com recursos próprios. Há mais de uma década que o Estado não contava com tal volume de recursos para investimentos.

O incremento do ICMS, em comparação com 2003, foi de 25%. O resultado positivo coloca o Espírito Santo na honrosa posição, pelo segundo ano consecutivo, de ter o maior percentual de crescimento de arrecadação de ICMS no país.

As boas notícias não param por aí. O Espírito Santo - todos os números indicam os resultados de janeiro a novembro deste ano - é hoje

EVOLUÇÃO DA RECEITA (R\$ MILHÕES)			
Item	2003	2004	%
Arrecadação total	3.662,5	4.626,0	26,3
Receita própria	3.202,0	4.163,0	30
ICMS (total)	2.896,0	3.628,0	25,3
ICMS (importação)	793,4	1.196,0	50,1
ICMS (liquido)	1.329,0	1.635,0	23

Fonte: Sefaz

a 9ª arrecadação de ICMS do país. Está bem próximo de Goiás, que ocupa a oitava posição no ranking nacional.

O Espírito Santo, que em 2003, conseguiu ultrapassar o Estado do Ceará no ranking da arrecadação de ICMS, neste ano, deixou Pernambuco para trás. Pelo segundo ano consecutivo, depois de uma década de déficits, o Estado fecha o ano com orçamento superavitário. Até novembro o superávit era de R\$ 465 milhões.

Os números, segundo o secretário estadual da Fazenda, José Teófilo Oliveira, são resultado de um trabalho planejado com orçamento equilibrado. A conquista do equilíbrio das finanças é mesmo para comemorar. Principalmente para um Governo que herdou dívidas da ordem de R\$ 1,2 bilhão de administrações passadas. Desse valor, cerca de R\$ 1 bilhão já foram pagos.

A arrecadação total do Estado teve crescimento de 26,3% neste ano. Foram R\$ 3,6 bilhões em 2003 contra R\$ 4,6 bilhões neste ano. "Estamos fechando o ano muito bem. Melhor até do que se pensava, com boa receita e redução acentuada dos gastos", destacou Teófilo.

Surpresa. A boa notícia para os cofres do Estado e dos municípios foi o crescimento de 50,1% da receita do ICMS de importação. A alta na receita do Fundap beneficiou os governantes. A expectativa é o fechar o ano com R\$ 1,2 bilhão de arrecadação, um recorde para o sistema.

Segundo Teófilo, no início do ano, a projeção de crescimento da receita era de cerca de 15% e o incremento foi de quase o dobro. A inflação projetada era de 5%, com crescimento de 10% em termos reais. "A inflação foi de 6,7% e a arrecadação cresceu 26,3% e esse dado é muito bom", respira aliviado o secretário.

Em 2003, o primeiro ano da administração, foram parcos R\$ 49 milhões de investimentos com recursos próprios. Para este ano foram orçados R\$ 126 milhões, com R\$ 80 milhões realizados. Para 2005 os investimentos com recursos próprios estão estimados em R\$ 300 milhões e em R\$ 500 milhões em 2006.

INADIMPLÊNCIA EM QUEDA

Estado tem menor calote do Pronaf

O Espírito Santo tem a terceira menor inadimplência do país em operações de financiamento do Banco do Brasil (BB) através do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Apenas 1,66% do volume aplicado pelo BB no financiamento da agricultura familiar está em situação de atraso no Estado.

Só dois Estados - Goiás com 1,34% e Rio Grande do Sul com 1,04% - possuem indicadores menores. A média nacional de inadimplência é de 3,07%. O saldo aplicado pelo BB no Estado é de R\$ 113,49 milhões, enquanto a inadimplência está em R\$ 1,88 milhão.

O recurso tem sido utilizado em operações de custeio e financiamento. O custo varia conforme a finalidade e a renda do produtor: os menores encargos estão nas operações de investimento para produtores com renda bruta anual de no máximo R\$ 2 mil (Pronaf B), que têm a operação corrigida em 1% ao ano. O custo mais elevado é reservado para as operações de investimento para produtores com renda anual superior a R\$ 60 mil (Pronaf E), que arcam com a correção de 7,25% ao ano.

Uma das características do Pronaf é contemplar o produtor adimplente com um desconto, seja na taxa de juros ou no saldo devedor. No caso do Pronaf B, por exemplo, quem toma o empréstimo e paga em dia tem desconto de 25% sobre o saldo devedor, o que faz com que o produtor pague ao banco um valor menor que o emprestado.

PESQUISA DA SERASA

Dívida de empresas cai 16,4% este ano

SÃO PAULO. A inadimplência das empresas caiu 16,4% até novembro, na comparação com o mesmo período do ano passado, segundo pes-

■ É a arrecadação própria mais as transferências de recursos feitas pela União, como o Fundo de Participação dos Estados (FPE), os repasses da Lei Kandir e dos royalties do petróleo

ANEXO E – JORNAL AG-5 (02.01.2005)

18

A GAZETA

Economia

Vitória (ES), domingo
2 de janeiro de 2005
Editora: Elaine Silva
ecferreira@redgazeta.com.br
Tel.: 3321-6327

FUTURO SETOR DE ENERGIA, BASICAMENTE O PETRÓLEO, TEVE INCREMENTO DE 84% NOS INVESTIMENTOS PREVISTOS

Petróleo muda perfil dos investimentos no Espírito Santo

Levantamento do Ipes mostra que serão investidos R\$ 35 bilhões até 2009

RITA BRIDI E DENISE ZANDONADI

O perfil dos investimentos no Espírito Santo mudou. A indústria, setor que há algum tempo vinha atraindo o maior volume de recursos, perdeu terreno para o setor de energia, puxado pelo petróleo, que tende a continuar no topo pelo menos nos próximos dez anos. Os dados são do levantamento feito pelo Ipes, que prevê investimentos da ordem de R\$ 35,793 bilhões até 2009.

Mesmo com a desvalorização do dólar, o volume de recursos para os projetos que deverão ser implantados no Espírito Santo, nos próximos cinco anos, é 40% superior ao valor apurado em novembro de 2003, que totalizou R\$ 25,5 bilhões. Para o período 2004/2009, estão programados 404 projetos, com a geração de 64.128 empregos diretos.

O coordenador de Economia e Desenvolvimento do Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves (Ipes), Flávio de Oliveira Bueno, lembra que o setor petrolífero deverá manter a liderança nos investimentos na próxima década e, ainda, atrair outros projetos. A construção de um estaleiro, no Porto de Barra do Riochão, é um dos exemplos.

Fase. A maior parte dos investimentos levantados pelo Ipes (54%) está no estágio de decisão. Ou seja, os investidores ainda estão analisando os estudos de viabilidade econômica. Encontram-se em estágio de execução 23% dos investimentos. O mesmo percentual é para os investimentos que estão no estágio de oportunidade, em que os investidores ainda não decidiram pela implantação dos projetos.

Em comparação com o levantamento feito pelo Ipes em novembro de 2003, o setor de comércio e serviços registrou crescimento de 92% no valor dos investimentos. Para o período estão previstos investimentos da ordem de R\$ 1,535 bilhão. Os mais significativos são o centro de convenções em Vitória, o resort em Três Prais, Guarapari, hotéis, supermercados, prédios residenciais e investimentos em telefonia celular.

• O setor de energia, basicamente o petróleo, teve incremento de 84% nos investimentos previstos, segundo Bueno, virão de programas na área florestal (formação e manutenção de florestas), ações de educação ambiental de várias empresas.

O setor de transportes, avançado por investimentos em estradas e o terminal de barcas da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST) teve incremento de 24% nos investimentos programados de R\$ 1,236 bilhão. O setor da indústria, mesmo ultrapassado pela área de petróleo, continua com investimentos elevados. São R\$ 12,2 bilhões. Para computar o valor dos investimentos previstos, o Ipes considerou os projetos de valor igual ou superior a R\$ 1 milhão.

SUPORTE. Uma das empresas em expansão no Estado é a Brasil Supply, que faz abastecimento de plataformas de petróleo, em operação

e Desenvolvimento do Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves (Ipes), Flávio de Oliveira Bueno, lembra que o setor petrolífero deverá manter a liderança nos investimentos na próxima década e, ainda, atrair outros projetos. A construção de um estaleiro, no Porto de Barra do Riochão, é um dos exemplos.

Fase. A maior parte dos investimentos levantados pelo Ipes (54%) está no estágio de decisão. Ou seja, os investidores ainda estão analisando os estudos de viabilidade econômica. Encontram-se em estágio de execução 23% dos investimentos. O mesmo percentual é para os investimentos que estão no estágio de oportunidade, em que os investidores ainda não decidiram pela implantação dos projetos.

Em comparação com o levantamento feito pelo Ipes em novembro de 2003, o setor de comércio e serviços registrou crescimento de 92% no valor dos investimentos. Para o período estão previstos investimentos da ordem de R\$ 1,535 bilhão. Os mais significativos são o centro de convenções em Vitória, o resort em Três Prais, Guarapari, hotéis, supermercados, prédios residenciais e investimentos em telefonia celular.

• O setor de energia, basicamente o petróleo, teve incremento de 84% nos investimentos previstos, segundo Bueno, virão de programas na área florestal (formação e manutenção de florestas), ações de educação ambiental de várias empresas.

O setor de saneamento teve incremento de 73%, com investimentos de R\$ 417,8 milhões. O valor refere-se à implementação do programa Águas Limpas, que prevê obras de tratamento de esgoto e de água em vários municípios do Estado.

O incremento de recursos da área de meio ambiente foi de 55%, e o volume previsto é de R\$ 412,3 milhões. Os investimentos, segundo Bueno, virão de programas na área florestal (formação e manutenção de florestas), ações de educação ambiental de várias empresas.

O período de janeiro de 2000 a novembro de 2004, os 157 projetos implementados no Espírito Santo totalizaram investimentos da ordem de R\$ 7,5 bilhões e foram responsáveis pela geração de 20,7 mil empregos diretos. Foi em 2000, que os técnicos do Ipes iniciaram o acompanhamento dos investimentos no Estado.

O período de janeiro de 2000 a novembro de 2004, os 157 projetos implementados no Espírito Santo totalizaram investimentos da ordem de R\$ 7,5 bilhões e foram responsáveis pela geração de 20,7 mil empregos diretos. Foi em 2000, que os técnicos do Ipes iniciaram o acompanhamento dos investimentos no Estado.

157 projetos em quatro anos geraram 20,7 mil empregos

O coordenador de Economia e Desenvolvimento do Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves (Ipes), Flávio de Oliveira Bueno, ressalta que o volume de dinheiro investido no período é grande. A tendência, explica, é o Espírito Santo manter-se por um período como boa opção para os investidores.

No período, o segmento da indústria ainda liderava em volume de investimentos. Foram R\$ 4,3 milhões de investimentos, distribuídos por 36 projetos, que geraram 5.897 postos de trabalho. O setor de energia, com R\$ 1,8 bilhão, ficou na segunda posição. Foram implementados 15 projetos e gerados 460 empregos.

INVESTIMENTOS				
PREVISTOS	REALIZADOS			
Setor	Setores	Nº de Projetos	Nº de Empregos	Total do Investimento (R\$)
Energia	Indústria	36	5.897	4.315,9
Indústria	Agronegócio	15	1.345	66,0
Term. e armazéns	Energia	14	460	1.861,3
Comércio e serviços	Controle/Serviço e Lazer	61	11.099	810,3
Transporte	Terminal Portuário/Aeroporto e Armazenagem	6	273	25,2
Saneamento	Meio Ambiente	6	25	82,7
Meio Ambiente	Saúde	9	1.891	156,8
Agronegócio	Educação	4	-	15,6
Saúde	Transporte	4	-	180,0
Educação	Saneamento	2	-	2,2
Irrigação/barragem	Total	157	20.791	1520,5
Total				

Fonte: Ipes

24

Economia

BALANÇO ENERGÉTICO DESAFIO É DA RECÉM-CRIADA AGÊNCIA DE SERVIÇOS PÚBLICOS DE ENERGIA DO ESPÍRITO SANTO (ASPE)

Estado aposta na energia limpa do gás natural para o futuro

Planejamento vai garantir que seja extinto o uso de madeira como fonte de energia

RITA BRIDI
rbridi@redgazeta.com.br

O Espírito Santo vai atualizar as informações sobre as fontes de energia que são utilizadas e reunir dados para um trabalho futuro de planejamento energético, que possa atender a todas as regiões. Um dos desafios é substituir as fontes poluentes de energia pelas não-poluíntes. E uma das opções é o gás natural produzido aqui mesmo.

A atualização dos dados se-

rá feita pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea) em parceria com a Agência de Serviços Públicos de Energia do Espírito Santo (Aspe). O convênio já foi assinado e o balanço energético deverá estar concluído até o final do ano, informa a diretora-geral da Aspe, Maria Paula Martins.

Os dados disponíveis são os de 2000 e a atualização é necessária para que se refaça o mapa energético de todo o Estado, com identificação

das diferentes fontes de energia que são utilizadas nas várias regiões.

Lenha. Uma das preocupações da diretora da Aspe é o consumo de lenha como fonte de energia. "O consumo é bastante acentuado", destaca. A queima de lenha, destaca, traz duplo dano ao meio ambiente: a queima aumenta a emissão de dióxido de carbono na atmosfera e há retirada clandestina de madeira.

Dados levantados pela Se-

cretaria Estadual de Agricultura, em 2003, apontavam o consumo de 336 mil metros cúbicos de madeira para o setor residencial. O levantamento apontou que 20% das residências rurais utilizam madeira como fonte de energia e que o consumo anual de uma residência é de 14 m³ de lenha.

Há também a utilização de madeira como fonte de energia, na secagem dos grãos de café, na indústria cerâmica. O presidente da Associação dos Municípios do Espírito Santo

(Amunes), e prefeito de Colatina, Guerin Balestrassi, disse que na sua região é elevado o consumo de madeira como fonte de energia.

A lenha, destacou, é bastante utilizada pelas indústrias de cerâmica e pelas lavanderias, para o aquecimento das caldeiras. A Aspe não dispõe de dados atualizados a respeito da utilização de madeira como fonte de energia, mas as informações preliminares dão conta de que é muito usada, principalmente

pelo baixo custo.

A energia elétrica é a fonte de energia mais ofertada e também a mais consumida no Estado. A oferta é de 2.421 MW para atender à demanda de 1.649 MW. A folga de 772 MW é boa e garante o fornecimento para os grandes projetos que pretendem se instalar no Estado, destaca Maria Paula.

Ela lembra que o Espírito Santo ficou em situação confortável após a conclusão, em março último, da linha de transmissão de Ouro Preto a Vitória. A subestação que será construída em Areinha, Viana, aumentará a confiabilidade do sistema, explica.

Gasoduto virtual amplia oferta

Gás natural é comprimido e levado de caminhão até o local onde não há dutos

Enquanto a atualização do balanço energético não fica pronta e o planejamento das ações futuras não sai, o gasoduto virtual foi a alternativa encontrada para formar mercado e criar na população o hábito do consumo de gás natural. E isto é possível, mesmo em regiões que a rede de distribuição tradicional – os gasodutos – ainda não chegou.

A experiência começa a ser levada a três cidades do interior do Estado: Colatina, e Linhares, no Norte, e Cachoeiro de Itapemirim, no Sul. No chamado gasoduto virtual o gás natural é comprimido e transportado até o local onde será disponibilizado para consumo.

O gás natural comprimido (GNC), explica a diretora da Aspe, em vez de chegar ao consumidor pelos tubos dos gasodutos, chega em recipientes. O produto pode ser utilizado como fonte de energia nas indústrias, nas residências e também nos postos de combustível para abastecer os veículos.

Maria Paula explicou que os contratos já assinados com a BR Distribuidora totalizam,

MAIS GÁS. Como a produção de gás natural irá dobrar no próximo ano, a Petrobras, por meio de sua subsidiária, a BR Distribuidora, pretende investir R\$ 90 milhões para ampliar a rede de gás natural no Estado. FOTO: CARLOS ALBERTO DA SILVA

"O cálculo do preço do gás é baseado em uma cesta de óleo internacional. Não há qualquer regulação por parte do Estado. O preço livre é um absurdo"

MARIA PAULA MARTINS
Diretora-geral da Aspe

Rede de gás é ampliada de norte a sul do Estado

Petrobras investirá no crescimento do gasoduto entre Vitória, Vila Velha, Linhares e Anchieta

Nos próximos três anos estão previstos investimentos da

de petróleo no Campo de Golfinho, em Aracruz – neste campo tem petróleo e gás – prevista para o segundo semestre do próximo ano a produção diária de gás saltará para 6 milhões de metros cúbicos. E o quadro futuro é muito otimista, lembra Maria Paula. Em 2010, data estima-

ENERGIA DE SOBRA

2.421 MW

É a capacidade de energia ofertada, que representa situação confortável. O consumo é de 1.649 MW, e a folga é suficiente para atender novos projetos

ANEXO G – JORNAL AG-7 (16.11.2005)

A GAZETA Vitória (ES), quarta-feira, 16 de novembro de 2005 **ECONOMIA** | 17

NEGÓCIO NÚMERO DE LEITOS DA REDE HOTELEIRA VAI CRESCER

Petróleo incrementa turismo em Linhares

Empresa baiana investe R\$ 3 milhões na construção de hotel na região

ZENILTON CUSTÓDIO
zcustodio@redgazeta.com.br

LINHARES. Confiando, sobretudo, nos prognósticos de crescimento que o petróleo e o gás anunciam para Linhares, a rede hoteleira local entrou em ritmo de expansão.

Já no próximo ano a oferta de leitos poderá passar de 725 para cerca de 1.000.

A principal novidade fica por conta de um empreendimento de R\$ 3 milhões da empresa baiana BHS Hotéis Ltda. O investimento está relacionado com a construção

de um hotel em uma área de 26 mil metros quadrados, à margem da rodovia BR 101, no bairro Canivete.

De acordo com Walter Maia Júnior, da CDA, empresa responsável pela elaboração do projeto, o novo hotel terá uma oferta de 120 apartamentos e sua categoria será equivalente a de um estabelecimento de quatro estrelas. Os recursos, informou, estão sendo captados junto ao Banco do Nordeste.

O novo hotel linharenses, previsto para entrar em funciona-

mento no próximo ano, terá cerca de 10 mil metros quadrados de área construída. A proposta principal é de atender à demanda gerada pelo turismo de negócios. Com área localizada nas imediações do aeroporto e próxima à rodovia federal, os investidores planejam também tirar proveito do turismo de passeio.

Demanda. Os empresários locais também já perceberam que chegou o momento de apostar no anunciado crescimento. Mas este não é o caso

de Jadir Marinho, do Hotel Conceição, um complexo que conta com quadra de tênis, campo de futebol sintético e com um auditório com capacidade para 300 pessoas. Para ele, que está ampliando o número de apartamentos, já há algum tempo o quadro de hotéis não atendia à demanda.

Na verdade os empresários locais estão tentando acompanhar a velocidade do crescimento linharenses. O Hotel Virgínea por exemplo, foi construído a apenas oito anos. Entretanto, contando com 51 aparta-

tamentos e localizado no centro comercial e financeiro da cidade, já não atende à clientela mais exigente. Os proprietários já iniciaram a construção de um novo hotel.

"O que estamos precisando é de uma rede hoteleira com melhor infra-estrutura", comentou a gerente Rosângela Agrioli. O novo estabelecimento, revelou, terá entre 86 e 90 apartamentos, com acomodações mais sofisticadas e serviços adicionais (restaurante, piscina, sauna e auditório) que não são oferecidos no hotel Virgínea.

NÃO SÓ A TRABALHO. Dona de belas paisagens e lagoas, Linhares cresce com o turismo de negócios. FOTO ALBERTO GONÇALVES/IMAGIÇÃO

A GAZETA

Economia

21
Vitória (ES), domingo
8 de outubro de 2006
Editora: Elaine Silva
ecferreira@redgazeta.com.br
3321-8327

CRESCIMENTO ECONÔMICO DESENVOLVIMENTO ACELERADO TRAZ EXPECTATIVA DE MUDANÇAS, COM NOVAS EMPRESAS, MAIS EMPREGO E RENDA AO NORTE DO ESTADO

Petróleo abre novo corredor de progresso no Estado

◆ Região Norte já vive o "boom" que aconteceu na cidade carioca de Macaé

◆ Em Linhares, terrenos do Centro podem custar até R\$ 1 milhão

◆ São Mateus recebeu mais seis cursos superiores, que incluem engenharias

DENISE ZANDONADI
dzandonadi@redgazeta.com.br

"Nós queremos vocês." A frase, dita no início de agosto aos alunos do Centro Universitário do Norte do Espírito Santo (Ceunes), ligado à Ufes, que começavam o curso de Engenharia do Petróleo, deixou os estudantes com os olhos brilhando. Principalmente porque quem falou foi um profissional da Petrobras durante palestra aos "calouros".

O mesmo brilho nos olhos de esperança de um futuro melhor vive hoje os habitantes de alguns municípios do Norte onde a atividade petrolífera traz mudanças: novas empresas, mais emprego e renda. O petróleo levou para São Mateus, por exemplo, mais seis cursos superiores incluindo Engenharia de Petróleo, de Produção e Computação. A região que engloba os

municípios de Aracruz, Linhares, Jaguaré e São Mateus vem passando por mudanças em função da instalação de empresas ligadas à cadeia produtiva do petróleo e da atividade em si. O município de Linhares, na verdade, é o que vem passando por mais transformações, algumas boas e outras nem tanto. A cidade conta hoje com

empresas que se instalaram nos últimos dois anos, principalmente na área de serviços, como lavanderias, mais hotéis, locação de veículos, agências de publicidade, novas agências bancárias e restaurantes que geram mais emprego, renda e tributos.

Mas, por outro lado, viu disparar os preços dos imóveis, terrenos e mesmo serviços. No centro da cidade, um lote que custava R\$ 100 mil há dois anos hoje chega a R\$ 1 milhão. O valor do aluguel de imóveis triplicou e não há vagas nos 12 hotéis da cidade.

O município tem, além da indústria do petróleo, o sexto maior pólo moveleiro do país, além de empresas de suco e polpa de frutas. Por estar incluído na região da Sudeste, as empresas que se instalam não só em Linhares, mas todos os municípios do Norte, recebem diversos incentivos

◆ **Agências.** O crescimento não só da indústria do petróleo, mas de outros setores, já levou para o Norte profissionais, como publicitários, que vislumbram novas oportunidades.

blicos: educação, saúde e transporte, além de reforçarmos o combate à violência e à prostituição, inclusive, infantil", preocupa-se ele.

São Mateus, por ter instalações e produção de petróleo há 50 anos, se ressentiu menos da transformação que vem ocorrendo no vizinho município de Linhares.

Jaguaré, apesar da produção em terra na Estação Fazenda Alegre, não muitas empresas de petróleo instaladas. Como assegura o prefeito do município, Rogério Feitani, apesar do petróleo, o município ainda é essencialmente agrícola e está buscando alternativas no fortalecimento desta atividade para não depender do "ouro negro".

Aracruz, cujo repasse de royalties aumentou de menos de R\$ 500 mil para R\$ 2,2 milhões do início deste ano até setembro, tem situação mais

tranquila. Apesar de o campo de Golfinho abranger parte do seu litoral, não tem instalações e empresas ligadas ao setor.

Mesmo assim, as cidades começam a fazer o planejamento estratégico prevendo que a produção de petróleo crescerá muito no Norte, podendo afetar de várias formas não só a economia, mas também a estrutura social dos municípios.

◆ **Hotéis.** Linhares tem hoje 12 hotéis com ocupação esgotada na maior parte do tempo. Outros três empreendimentos estão sendo construídos para suprir a demanda.

◆ **Alojamento.** Por falta de acomodação em Linhares e pela dificuldade de transporte, a empresa de São Paulo Engevix preferiu construir alojamento no próprio canteiro de obras.

VALORIZAÇÃO. No centro de Linhares, um lote que custava R\$ 100 mil há dois anos hoje chega a R\$ 1 milhão. O valor do aluguel de imóveis triplicou, e não há vagas nos 12 hotéis da cidade. FOTOS: OLIVIO LOPES

MORADIA. Um alojamento está sendo construído na área do Terminal de Gás de Cacimbas, em Povoação, localidade de Linhares, para abrigar mais de mil trabalhadores que estarão no local

A GAZETA **Economia**

Vitória (ES), segunda-feira
20 de novembro de 2006
Editora: Elaine Silva
ecferreira@redgazeta.com.br
Tel.: 3321-8327

NEGÓCIOS FUTURO ECONÔMICO DO ESTADO ESTÁ ATRAINDO VÁRIAS EMPRESAS

Estado se torna referência no setor de cargas

CAMINHÕES. O Espírito Santo tem 40.074 veículos de transporte, sendo que os municípios com maior número de caminhões são Serra, Cachoeiro de Itapemirim, Cariacica e Vila Velha. FOTO DIVULGAÇÃO

A frota do Estado é a nona maior do país, que possui 1,558 milhão de veículos de carga

RITA BRIDI
rbridi@redgazeta.com.br

O Espírito Santo é um importante distribuidor de cargas para os grandes centros de consumo do país. E a logística montada para o transporte das mercadorias, principalmente as importadas, tornou o setor competitivo para o atendimento à demanda local e também na atração das transportadoras, que buscam o Estado para montar sua sede, ou abertura de filiais.

Nesse quadro de economia aquecida, o setor de transportes de cargas tem registrado crescimento expressivo nos últimos anos. O cenário futuro é otimista com projeções de incremento contínuo, alavan-

tos em andamento e, principalmente, pela indústria petrolífera, envolvendo petróleo e gás natural.

O volume de carga transportado atualmente é difícil computar. O diretor do Sindicato das Empresas de Transportes de Cargas do Espírito Santo (Transcarg), José Geraldo Valadão, explica que algumas cargas têm pouco peso e mais volume, como é o caso de tecidos. Outras, como os itens de linha branca (eletrodomésticos), têm mais peso.

Mas, o mercado do transporte rodoviário de cargas, destaca, é crescente e a tendência é que continue se expandindo. O Transcarg computa cerca de 130 empresas no seu quadro de associados. A Associação de Camioneiros do Espírito Santo (Ascames), com sede em Iconha, tem 500 associados, entre empresas e autônomos.

FROTA. De acordo com dados da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), o Espírito Santo tem 40.074 veículos de trans-

porte de carga. São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina são os Estados que possuem as maiores frotas.

Os dados da ANTT mostram que a maior frota do Espírito Santo pertence a autônomos, com 23.643 veículos. Os números totais do país também apontam maior frota dos autônomos. São 883.352 veículos dos autônomos contra 666.773 carros das empresas transportadoras.

Os municípios com maior número de caminhões, são Serra, Cachoeiro de Itapemirim, Cariacica e Vila Velha. Os dados do Departamento Estadual de Trânsito (Detran) são de 2005.

A Grande Vitória, segundo Valadão, concentra o maior número de empresas transportadoras de cargas. O presidente da Ascames, Cláudio Valiati, destaca que, no interior, Iconha é a cidade que sedia o maior número de empresas, cerca de 40. A Jolivan, uma das maiores transportadoras do país, com filiais em 22 Estados, tem sua matriz em Iconha. Outra trans-

TRANSPORTADORES E FROTA DE VEÍCULOS

Transportador	Empresas		Cooperativas		Autônomos		Total
	Registros	Veículos	Registros	Veículos	Registros	Veículos	
Acre	301	1.438	0	0	1.232	1.543	1.533
Alagoas	531	2.510	5	5	5.249	6.665	5.785
Amapá	57	215	0	0	46	55	103
Amazonas	459	8.071	0	0	1.524	2.244	1.983
Bahia	3.710	15.143	15	32	21.048	26.285	24.773
Ceará	1.638	9.852	6	7	11.111	14.930	12.755
Distrito Federal	854	5.379	7	44	6.363	8.174	7.224
Espírito Santo	2.767	16.300	13	131	18.585	23.643	21.365
Goiás	2.929	16.466	8	21	24.959	33.071	27.896
Maranhão	1.389	5.533	3	48	5.428	6.894	6.820
Mato Grosso	1.814	17.490	6	48	12.101	20.574	13.921
Mato Grosso do Sul	1.483	9.300	9	38	9.137	13.598	10.629
Minas Gerais	17.500	75.423	93	1.486	105.714	127.694	123.307
Pará	2.214	7.543	14	27	7.017	8.429	9.245
Paraíba	692	2.824	15	48	7.823	9.389	8.530
Paraná	12.391	78.069	67	670	74.574	104.417	87.032
Pernambuco	2.388	11.386	12	34	23.742	29.623	26.142
Piauí	854	3.758	10	13	4.086	5.190	4.950
Rio de Janeiro	9.465	39.551	39	312	43.533	53.405	53.037
Rio Grande do Norte	1.096	3.664	6	11	6.424	7.607	7.526
Rio Grande do Sul	15.497	70.695	132	1.765	65.519	84.617	81.148
Rondônia	1.154	5.883	12	301	4.953	6.466	6.119
Roraima	106	392	1	175	846	1.125	953
Santa Catarina	14.965	66.493	65	1.656	37.441	49.080	52.471
São Paulo	29.777	189.015	80	1.030	182.080	227.259	211.887
Sergipe	758	2.706	4	5	6.217	7.362	6.979
Tocantins	572	1.674	4	17	3.168	4.013	3.744
Total	127.311	666.773	626	7.924	689.920	883.352	817.857

Fonte: Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) - Dados do dia 01/11/2006

Indústria petrolífera motiva s

Abastecimento das plataformas vai contribuir para aquecer o setor de transporte rodoviário

O comércio exterior, com destaque para as importações, deve continuar como o maior mercado para o transporte de cargas no Estado nos próximos anos. Entretanto, a área de petróleo e gás, com a intensificação da atividade de produção, deverá ampliar sua importância para o segmento.

O diretor do Transcarg, José Geraldo Valadão, aposta nisso. O abastecimento das plataformas para atender às necessidades das pessoas

que trabalham no mar e as peças de reposição para os equipamentos utilizados na produção de petróleo e gás, são demandas que contribuirão para aquecer o setor de transporte rodoviário, acredita.

A atividade da indústria petrolífera será o maior alavancador para os transportadores nos próximos anos, acredita o presidente da Associação dos Camioneiros do Espírito Santo (Ascames), Cláudio Valiati. A construção do gasoduto Cabiúnas (RJ) a Vitória, já aumentou a oferta de trabalho para os transportadores que movimentam os tubos.

A construção, já iniciada, do segundo mineroduto da Samarco, para o transporte de

minério das minas na (MG) para a em Anchieta, é o nidade para o se lação do porto d em Ubu e outr aquecerá o m transporte de cam Valiati.

A construção Litorânea Sul, q riacica a Cachoe mirim, com um Porto de Ubu, ta mentará o setor. estrada de ferro via Centro-Atlân tir de Cachoeir rim - vai criar mercado para os dores rodoviári rão as cargas d giões até a ferro o presidente da

O NÚMERO

2.767

empresas transportadoras estão registradas no Estado, conforme a Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT). As cooperativas totalizam 13 registros e o número dos registros de autônomos somam 18.585. A frota das empresas soma 16.300 carros no Estado. Já

Integrantes da chapa de Dr. Nascif agora estão com Genêl da Chapa Azul

Decisão sobre royalties na 2ª

Os caminhoneiros estão na estrada que dá acesso ao TVV

Caminhoneiros param as atividades no TVV

Os caminhoneiros que atacam o Terminal de Vila Velha (TVV) estão parados desde às 6 horas da última quarta-feira. A categoria exige o pagamento de 30% sob o valor do Índice Geral de Preços de Mercado (IGP-M) no frete.

Segundo o presidente do Sindicato dos Transportadores Rodoviários Autônomos de Bens do Estado do Espírito Santo (Sindtrans), Sebastião Rodrigues, as empresas prometam o repasse e não cumpriram.

“Em agosto do ano passado, a categoria se reuniu com os empresários e ficou acertado que o repasse não estaria sendo cumprido”, disse Rodrigues.

Segundo ele, mais de 200 caminhões já estão parados em frente ao TVV. O presidente da Cooperativa dos Caminhoneiros do Estado do Espírito Santo (Cooperargas), Valdo Luiz de Paula, ressaltou que durante o encontro com o empresário, ficou acordado que quando o índice de reajuste do diesel chegasse a 10%, seria passado automaticamente para o valor do frete.

“Népoço ficou acordado que o IGP-M seria repassado a cada seis meses. Isso deveria ter acontecido no início deste mês,

com o não pagamento a categoria teve uma perda de aproximadamente 30% no valor do frete”, explicou o presidente da Cooperargas. Ele destacou ainda que desde o último dia 3, a categoria tenta um acordo com os empresários.

No início da manhã, um princípio de tumulto foi registrado pela categoria. Um caminhoneiro tentou furar o cerco e teve o para-brisa quebrado por pedras atiradas pelos manifestantes.

Já o secretário-geral do Sindicato das Empresas de Transporte de Cargas (Transcargas), Mauro Sérgio Amorim Motta, informou que em agosto foram repassados 12% de reajuste para o frete e em janeiro deste ano, mais 12%.

Segundo o secretário, hoje, às 9 horas, haverá uma rodada de discussões entre os empresários e o acordo a decisão será realizado o anúncio para os caminhoneiros que estão parados na frente do TVV.

“Com essa economia difícil, os valores não estão sendo repassados pelas empresas que contratam os serviços. Há realmente uma dificuldade de repassar os valores para os caminhoneiros”, disse Motta.

Paulo Hartung disse ontem que lamenta as declarações de Rosinha Garotinho sobre o apoio dado ao Espírito Santo

O governo estadual espera arrecadar mais de R\$ 300 milhões com a venda dos royalties de petróleo que será produzido no Espírito Santo nos próximos quatro anos. O marteio final da negociação com o governo federal será batido na próxima segunda-feira.

De acordo com o presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) no Espírito Santo, João Coser o “vento continua soprando a favor do Espírito Santo na capital brasileira”.

De acordo com fontes ligadas

ao governo federal a finalização da negociação acontecerá na segunda-feira e será anunciada ou por Palocci ou pelo ministro da Casa Civil, José Dirceu.

Com o mesmo otimismo está o governador do Estado, Paulo Hartung, que espera arrecadar mais de R\$ 300 milhões com a venda dos royalties de petróleo.

Segundo Hartung, o ideal para o Estado seria a antecipação dos royalties. Porém como a equipe técnica do Ministério da Fazenda sugeriu a compra dos ativos dos royalties, o governo estadual aceitou a decisão.

Com a venda dos royalties

para o governo federal, o Espírito Santo não terá direito a receber o excedente da produção estimada pelo estudo da Agência Nacional do Petróleo (ANP).

Quanto ao pronunciamento da governadora do Rio de Janeiro, Rosinha Mathias (PSE), que reclamou que o governo do Espírito Santo está sendo beneficiado pela União, Hartung lamentou o comentário da governadora.

Lamento que um estado vizinho e que historicamente sempre foi parceiro do Espírito Santo nas questões políticas e econômicas não tenha sensibilidade para entender o drama do nosso Estado”, ressaltou Hartung.

O governador afirma ainda que o estado do Rio de Janeiro sempre foi apoiado pela União.

“Nunca reclamamos do apoio dado pelo governo federal ao Rio de Janeiro, nem quando eles conseguiram antecipação de 20 anos de royalties. Não somos contra o progresso daquele estado”.

Lista da ANP de 2003 não tem postos do Estado

SÃO PAULO – Nenhum posto de combustível do Espírito Santo consta na lista de estabelecimentos autuados pela Agência Nacional do Petróleo (ANP) em janeiro deste ano por problemas de qualidade nos combustíveis. A relação, divulgada na internet, inclui os postos que foram pegos vendendo combustível “batizado” entre 1999 e 2003 no País.

Somente no ano passado, a agência aumentou o número de postos fiscalizados em aproximadamente 40%. Foram autuados 9.694 postos, sendo que 1.320 foram interditados. Ação no Estado, em 2002, resultou na autuação de oito postos, cujos nomes constam no site da agência. A maioria dos postos já trocou o combustível.

A lista completa dos postos autuados e interditados está disponível no site da agência, no endereço (<http://www.anp.gov.br>).

A ANP colhe amostras de combustíveis em cerca de 6.600 estabelecimentos por mês – cerca de 20% dos postos espalhados pelo país – por meio de convênios com universidades e laboratórios de pesquisa.

Produção de petróleo aumenta

A Petrobras produziu 44.769 barris de petróleo no Espírito Santo no mês passado, o que representou um aumento de 8,2% em relação ao mês de dezembro de 2002, quando foram produzidos 41.366 barris por dia, de acordo com dados divulgados ontem pela empresa sobre a produção em todo o Brasil e no ex-

terior. A produção de gás chegou a 1.382 mil metros cúbicos por dia.

No primeiro mês de 2003, a estatal produziu cerca de 1,594 milhão de barris de petróleo ao dia, além de 45,667 milhões de metros cúbicos de gás ao dia. A produção cresceu 11,6% em relação ao mês anterior.

PRODUÇÃO EM JANEIRO

Produtor	Petróleo barris/dia	Gás mil m³/dia
Rio de Janeiro	1.383.670	9.099
R. G. de Mello	80.872	3.250
Aracruiz	68.002	4.837
Dakota	30.423	5.215
Sergipe	41.947	2.004
Esprito Santo	44.769	1.382
Cover	18.818	367
Alagoas	2.224	2.025
Paraná (petróleo)	1.440	111
São Paulo	1.335	128
Total Brasil	1.964.122	40.476
Argentina	72.280	—
Colômbia	1.871	174
Bolívia	1.871	216
Costa Rica	15.254	200
Estados Unidos	1.193	801
Total exterior	112.349	5.488
Total Petrobras	1.964.122	40.476

ARACRUZ CELULOSE S.A.

CNPJ/MF 42.157.511/0001-61 - SOCIEDADE DE CAPITAL ABERTO

ATA DE REUNIÃO DA DIRETORIA

Data, hora e local: dia 17 de janeiro de 2003, às 9h, na sede social, à Rodovia Aracruz/Barras do Riocho, km 25 (Fábrica), na Sala de Reuniões da Presidência. Quorum: Regularmente convocados, compareceram à reunião os seguintes integrantes da Diretoria: Carlos Augusto Lira Aguiar, Diretor Presidente, João Felipe Casalede e Walter Lúcio Nunes, Mesa Diretoria; Assumiu a Presidência da Mesa diretora dos Trabalhos o Sr. Carlos Augusto Lira Aguiar, Diretor Presidente da Companhia, tendo José Luiz Braga, Diretor Jurídico da Companhia, como Secretário. Sumário: Decidiu-se estabelecer uma filial da Companhia no Município de Nanuque, no Estado de Minas Gerais, a ser localizada à Rodovia Nanuque/Montanha, km 8 - s/nº, na localidade de Córrego Limeiro - CEP 39860-900. Encerramento: Unanimemente aprovada a matéria submetida à deliberação e nada mais havendo a ser tratado, a reunião foi encerrada com a lavratura desta ata, que vai assinada pelos presentes, Aracruz, 17 de janeiro de 2003. (ass.) Carlos Augusto Lira Aguiar, Presidente da Mesa - Diretor Presidente; José Luiz Braga, Secretário; João Felipe Casalede e Walter Lúcio Nunes. Confere com o original. Extraída do documento próprio. José Luiz Braga - Secretário. Junta Comercial do Estado do Espírito Santo - Certificado o registro em: 23/01/03 - sob o nº 030051320 - Protocolo: 030051320 - Maria das Graças Gomes Oliveira - Secretária Geral. Secretário. Junta Comercial do Estado de Minas Gerais - Certificado o registro em: 04/02/03 - sob o nº 2905252 - #Aracruz Celulose S.A.# - Protocolo: 037125907. Augusto Pimenta de Portillo - pela Secretaria Geral.

ANEXO K – JORNAL AT-2 (10.06.2003)

A TRIBUNA - VITÓRIA-ES - TERÇA-FEIRA - 10/06/2003

21

ECONOMIA

Petrobras explora novos poços

A estatal vai aumentar a produção de 44 mil para 124 mil barris diários. O presidente da empresa visitará o Estado neste mês

A Petrobras deverá anunciar em breve a descoberta de uma nova reserva de petróleo no Estado. Atualmente, a estatal está explorando seis poços no BC-60 e já está fazendo mais quatro perfurações próximas ao local, no litoral capixaba, conforme anunciou o governador Paulo Hartung.

"Estou esperançoso de que sejam anunciadas novas descobertas de petróleo no Estado nos próximos dois meses", ressaltou o governador, no último domingo, antes da reunião com o presidente da Petrobras, José Eduardo Dutra.

A estatal pretende aumentar sua produção no Estado, no decorrer dos próximos três anos, em 80 mil barris de petróleo por dia, passando dos atuais 44 mil para 124 mil barris de óleo diários.

A informação foi do secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico e Turismo, Júlio Bueno, que esteve ontem, acompanhando Hartung, em uma audiência com o presidente da Petrobras, no Rio de Janeiro.

Dutra estará visitando o Estado nos dias 30 de junho e 1º de julho, a convite do governador, para acompanhar de perto o trabalho da estatal nos campos capixabas e conhecer as três novas descobertas no litoral Sul,

que somam uma reserva de 500 milhões de barris de petróleo.

Nareunião, o presidente da estatal voltou a afirmar a expectativa de investir nos próximos anos um montante de US\$ 6 bilhões (R\$ 18 bilhões) para a exploração e prospecção dos campos no Estado. Porém, o plano estratégico ainda está sendo definido.

O secretário Bueno também pediu apoio a Dutra para o projeto da Companhia Estadual de Gás, projeto que deverá estar concluído no final do próximo mês.

Durante a reunião, o governador entregou ao presidente da Petrobras o estudo de viabilidade econômica para a instalação de uma refinaria no Estado, que demandaria recursos da ordem de US\$ 2 bilhões (R\$ 6 bilhões), com capacidade de produção de 200 mil barris por dia.

José Eduardo Dutra explicou a proposta de investimentos de R\$ 18 bilhões

Tribunal cassa liminar de distribuidora

O presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Alemer Ferraz Moulin, conseguiu ontem cassar mais uma liminar de combustível, concedida no último dia 26 para as empresas All Victor Oil e Dismar Comercial Ltda.

O recurso havia sido concedido na Comarca de Santa Teresa, pelo juiz Marco Antônio de Souza. A partir de agora, de acordo com a procuradora-geral do Estado, Gladys Bitran, uma comunicação será encaminhada para a Secretaria de Estado da Fazenda (Sefaz) e para a Petrobras.

Um dado interessante é de que uma destas empresas que haviam conseguido a liminar tinha a razão social denominada com o uma perfumaria e não como uma empresa distribuidora de combustível.

No ano passado, seis empresas distribuidoras de combustíveis haviam conseguido por meio de recursos judiciais a liberação para não pagarem ICMS.

PMV quer posse de terrenos

A Procuradoria da Fazenda irá analisar durante os próximos 180 dias os 15 processos da Prefeitura Municipal de Vitória que pede a cessão de áreas pertencentes hoje à União, denominadas de terrenos de marinha.

Entre os pedidos do órgão municipal estão: a Praça Otto, Praça do Índio, praça Pio XII, a Unidade de Saúde do Forte de São João e o Mercado da Vila Rubim.

A Prefeitura, que teve o seu nome incluso no último dia 26 no Cadastro Informativo de Créditos não Quitados (Cadin) pelo não pagamento da taxa de ocupação de terrenos de marinha – uma dívida no valor de R\$ 2 milhões –, saiu ontem da dívida ativa e, assim, poderá agora voltar a receber da União recursos da ordem total de R\$ 53 milhões.

Este montante era referente ao Programa Habitar Brasil, do BID, do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) e do projeto Terra fase II.

Fazenda convoca devedores

A Secretaria de Estado da Fazenda (Sefaz) está intimando 2.838 contribuintes que não apresentaram os documentos de apuração do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) referentes ao primeiro trimestre de 2003.

A decisão será publicada no Diário Oficial de amanhã, em um caderno especial com o Edital Subser 04 com os nomes das empresas que estão sendo convocadas a apresentar os documentos que faltam.

Os 2.838 contribuintes inscritos no cadastro da Sefaz deverão apresentar os documentos de Apuração do ICMS, até o próximo dia 23. Para cada documento em atraso será cobrada uma multa de 90 VRTE (R\$122,80).

Os contribuintes que persistirem na omissão dos dados deste semestre, receberão um auto de infração no valor de 300 VRTE (R\$ 409,32) por documento e a inscrição será suspensa.

A REFINARIA NO ESTADO

- Investimento:** US\$ 2 bilhões (R\$ 6 bilhões)
- Produção:** 200 mil barris dia
- Localização:** Sul do Estado, no Porto de Ubu; ou no Norte do Estado, no Portocol. Há a possibilidade de ficar em um dos municípios que conta com incentivos da Sudene.
- Capital:** a Petrobras seria a sócia-minoritária, necessitando, portanto, de um investidor privado.
- Processo:** 70% de petróleo pesado (nacional) e 30% de óleo leve (importado).
- Empregos:** na operação, de 1 mil a 2 mil empregados. Já durante a cons-

trução, o número pode chegar a 10 mil.

- Construção:** a expectativa é de que o projeto, caso seja aprovado para o Estado, inicie suas obras a partir de janeiro do ano que vem.

- Operação:** a refinaria deverá começar a operar em um prazo de três a quatro anos, após as obras.

- Reservas no Estado:** de 2,3 bilhões de barris de óleo.

- Produção:** as perspectivas é de que o Estado, a partir de 2008, tenha um pico de produção de 350 mil barris por dia de petróleo.

Petrobras prepara 30 poços

Serão investidos ainda neste ano até US\$ 80 milhões de um total de US\$ 600 milhões que a empresa programou para o Estado

A Petrobras vai perfurar cerca de 30 novos poços até o final deste ano, sendo 10 no mar e entre 15 e 20 em terra. O investimento previsto pela estatal para estas operações será entre US\$ 60 milhões (R\$ 175 milhões) e US\$ 80 milhões (R\$ 234 milhões).

A informação foi passada na manhã de ontem pelo gerente de suporte técnico da Petrobras no Estado, Nery De Rossi, ao ressaltar que este montante faz parte dos investimentos de US\$ 600 milhões (R\$ 1,7 bilhão) previstos pela estatal no Espírito Santo até o final deste ano.

O gerente geral da Unidade de Negócios de Exploração e Produção no Espírito Santo (UN-ES),

Márcio Félix Carvalho Bezerra, ressaltou que os poços em terra serão perfurados na região de Jaguaré – onde está localizado um dos maiores campos petrolíferos no Estado, na Fazenda Alegre (Fal) – e São Mateus.

Já em mar, uma das promessas é o BES-123, localizado no Norte do Estado, na direção dos municípios de Aracruz e Fundão. Após a descoberta de indícios de óleo na região, a Petrobras está em fase de exploração e, nesta semana, já perfurou um novo poço. A previsão é de que sejam realizadas pelo menos mais duas perfurações.

A expectativa da estatal, de acordo com o anúncio feito na última quarta-feira pelo diretor de Exploração e Produção, Guilherme

Estrella, é de antecipar a produção no BES-123, com uma estimativa de extração de 100 mil barris de óleo leve por dia.

Apesar de ainda não ter sido divulgado, os técnicos da Petrobras acreditam que no local há uma reserva entre 250 milhões a 400 milhões de barris.

Este projeto prevê ainda a construção de um gasoduto, visando uma produção diária de 3 a 4 milhões de metros cúbicos de gás.

Uma nova perfuração já começou também no Campo de Jubarte, que, de acordo com o gerente de Ativo de Produção de Jubarte e Cachalote, Bento Daher, contará na primeira fase do projeto – que será realizada pela plataforma P-34 – com mais quatro novos poços perfurados.

Hoje, a produção no campo é de 20 mil barris por dia e, a partir de 2005, atingirá o número de 45 mil barris. A previsão é de que, somando a produção de BES-123 e nos campos em terra, a produção capixaba alcance o patamar de 200 mil barris de óleo por dia.

Marcos Sales – 19/04/2002

Plataforma de petróleo: novos investimentos no Estado

SAIBA MAIS

- A Petrobras irá perfurar cerca de 30 poços no Estado, sendo 10 em mar e entre 15 e 20 em terra. O investimento total previsto oscila entre US\$ 60 milhões (R\$ 175 milhões) e US\$ 80 milhões (R\$ 234 milhões).
- Entre os principais campos hoje estudados pela estatal está o de Jubarte,

que produz 20 mil barris de petróleo, e o BES-100, que tem uma reserva estimada entre 250 e 400 milhões de barris de óleo leve.

- A Petrobras já firmou o compromisso de antecipar a produção de petróleo no Estado, a partir de 2005, quando serão produzidos 200 mil barris por dia de

óleo. Atualmente, a produção é de 44 mil barris de petróleo.

- O Espírito Santo já é o segundo estado no ranking de reservas de petróleo, com 2,1 bilhões de barris, perdendo apenas para o Rio de Janeiro, que tem uma reserva estimada de mais de 10 bilhões de barris de petróleo.

Bancários paralisam agências

Os funcionários dos bancos Itaú, Bradesco e Unibanco da avenida Nossa Senhora da Penha, na Praia do Canto, paralisaram ontem suas atividades, aderindo ao movimento nacional da categoria para as negociações salariais.

De acordo com o presidente

Europa parte para ataque contra o Brasil

GENEIRA – A União Europeia (UE) passa ao ataque explícito contra o Brasil. Ontem, em uma conferência de imprensa em Bruxelas, o Comissário de Agricultura da UE, Franz Fischler, acusou o Brasil, China e Índia de estarem “em outra órbita” ao propor um acordo de eliminação

Pobres sofrem mais com taxa de inflação

SÃO PAULO – O País viveu, nos últimos quatro anos, uma “recessão dos pobres”, segundo o boletim “Política Econômica em Foco”, divulgado ontem pelo Cecon, da Unicamp.

As famílias que sobrevivem com até dois salários mínimos, além de serem atingidas pela

Devedor do IPVA vai para cadastro negativo

Depois de prorrogar por duas vezes o prazo para que os contribuintes do Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores (IPVA) colocassem o pagamento do tributo em dia, a Secretaria de Estado da Fazenda (Sefaz) vai enviar o nome dos devedores para o Cadin.

O envio deverá ocorrer até o final desta quinzena, se-

lo atraso é de 20% mais 1% de juros ao mês.

DEVEDORES

Um levantamento realizado pela secretaria no primeiro semestre deste ano apontou que cerca de 111.741 proprietários de automóveis deviam o imposto – 50.630 na Grande Vitória e 50.630 no interior. Porém, nesse uni-

Refinaria sai em junho

CRONOGRAMA

- **junho deste ano:** assinatura oficial do contrato definitivo para a implantação da refinaria
- **entre maio e dezembro:** desenvolvimento do estudo econômico-financeiro de Marketing e Business Plan
- **entre setembro de 2004 e junho de 2005:** conclusão do pacote de engenharia
- **dezembro de 2005:** início da execução do projeto
- **março de 2008:** inicia produção, com previsão de 200 mil barris de petróleo por dia
- **julho de 2010:** conclusão da planta industrial

Investimento: US\$ 2,5 bilhões (R\$ 7,3 bilhões)
Empregos: 3 mil diretos
Local: Porto de Ubu (Anchieta)

Executivos ingleses assinaram no Palácio Anchieta o acordo para construção da refinaria

A produção deverá começar em março de 2008, criando 3 mil empregos em Anchieta

O grupo inglês Arabian Gulf Oil (Agol), de capital árabe, assina no mês de junho com o governo do Estado o contrato oficial para a implantação da refinaria no Porto de Ubu, em Anchieta. A previsão é de que a partir de março de 2008 inicie a produção de 200 mil barris de petróleo por dia. O secretário de Estado do Desenvolvimento Econômico e Turismo, Julio Bueno, divulgou ontem a proposta de cronograma do grupo. A refinaria, que irá gerar cerca de 3 mil empregos diretos, demandará investimentos da ordem de US\$ 2,5 bilhões (R\$ 7,3 bilhões), e estará concluída em julho de 2010.

CARTA

A carta de intenção dos investidores com o governo estadual foi assinada no último dia 24 de março. De acordo com o cronograma, a partir de dezembro do ano que vem terá início a execução do projeto.

“Nos próximos três meses, a partir de março, quando foi assinado o protocolo de intenções, está sendo agendada uma visita do presidente do grupo ao Estado para a assinatura do contrato”, destacou o secretário.

Entretanto, o governo estadual ainda estuda quais serão os incentivos fiscais que serão oferecidos aos investidores. Além disso, será necessário discutir, junto à Secretaria de Estado do Meio Ambiente (Seama), o processo de licenciamento ambiental para a instalação da refinaria.

Bueno lembrou ainda que entre os próximos meses de maio e dezembro será realizado o estudo econômico-financeiro de Marketing e Business Plan do empreendimento.

Entre as novidades, segundo o secretário, é que uma das maiores seguradoras do mundo, a Heath Lambert Group, já garantiu a participação no projeto.

A Agol pretende comprar 100% do óleo produzido em Bahrén e ainda exportar derivados. A intenção do grupo é criar uma zona de processamento voltada para a exportação dos derivados do petróleo. O grupo conta hoje com três refinarias, instaladas no Oriente Médio e Cingapura.

Quando você abre a porta da sua empresa para a Junior Achievement, ela abre as portas para milhares de estudantes.

Fundada nos Estados Unidos em 1919, a Junior Achievement é a mais antiga organização de educação econômica e de negócios, reconhecida mundialmente. Mantida pela iniciativa privada e pelo trabalho voluntário, a Junior atua no Espírito Santo desde 2001. E por seus programas já passaram mais de 10 mil jovens, de 40 escolas públicas e privadas. Neste primeiro semestre de 2004, estamos presentes em 15 escolas públicas e 7 privadas, formando nada menos que 4.560 alunos. Para que esses números continuem crescendo, a Junior Achievement precisa de você. Abra as portas da sua empresa e seja mais um mantenedor. Investir em educação é um ótimo negócio para todos.

Siga estes exemplos, seja um Mantenedor da Junior Achievement, uma instituição que está presente em mais de 112 países.

Logos de empresas mantedoras: AQUINTO, Itapua, CINE, SODIA, COOMEX, GOMEX, SEBRAE ES, COBRAR, VIVA, DADALCO, ESCISA, Ind. Anchieta Pipeman, REAL CAPT, TELEMAR, LIDER, JUV, TRIBUNA, SANARCO, AGUARDANCA, STOR, BRASIL.

Apoiar: Fabavi • Faesa • PriceWaterhouseCoopers • Terra • UVV

Junior Achievement Espirito Santo
www.ajes.org.br
(27) 3324-0295

ECONOMIA

Estado na frente de novo

Pelo segundo ano consecutivo, o Espírito Santo tem o maior aumento do País na arrecadação de impostos

AINE DINIZ

O Espírito Santo é o estado que registra maior crescimento em arrecadação de Impostos sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) no País. Para este ano, o aumento será da ordem de 25,3%, atingindo uma receita total de R\$ 3,628 bilhões.

A informação é do secretário de Estado da Fazenda, José Teófilo Oliveira, ao ressaltar que, quando o assunto é imposto, o Espírito Santo está na frente de todos os estados brasileiros, pelo segundo ano consecutivo.

Com esse aumento na receita, o Estado pulou da 11ª posição no ranking de arrecadação de ICMS do País, em 2002, para a nona colocação, passando o estado de Pernambuco.

Entre os setores que contribuíram para esses números, estão: energia elétrica, comunicação, café e indústria.

Teófilo ressalta, entretanto, que o destaque ficou por conta do Fundoparao Desenvolvimento das Atividades Portuárias (Fundap), cuja arrecadação cresceu 50%: de R\$ 793,4 milhões, em 2003, para R\$ 1,19 bilhão, neste ano.

"Daí o nosso crescimento de 25%, que é recorde em todo o País. Superamos Pernambuco, o que não é pouco. Agora estamos nos aproximando de Goiás, que pelo tamanho e dimensão econômica, será um marco importante", destacou o secretário.

Neste ano, a arrecadação total do Espírito Santo vai superar a marca de R\$ 4,6 bilhões, o que significa um aumento de 25,3%, se comparado ao ano passado, que foi de R\$ 3,662 bilhões.

Sobre a receita própria, Teófilo informou que houve um crescimento de 30%, passando de R\$ 3,2 bilhões, em 2003, para R\$ 4,16 bilhões, registrados neste ano.

Para 2005, o secretário acrescentou que a arrecadação não será superior a deste ano. Os números deverão crescer cerca de 15%, levando em conta uma inflação de 5%.

"Já crescemos bastante, agora o ritmo vai diminuir um pouco. Iremos trabalhar para ficarmos em oitavo no ranking brasileiro de ICMS. Os mesmos setores irão impulsionar os negócios, com destaque para a indústria petrolífera, que já está dando uma contribuição importante", lembrou.

José Teófilo: números mostram que Estado passou para o nono lugar no ranking de arrecadação

Aplicação de recursos chega a 8%

O governo do Estado está alcançando a sua meta de investimento, como previsto em seu planejamento estratégico. O secretário de Estado da Fazenda, José Teófilo Oliveira, destacou que a aplicação de recursos da ordem de R\$ 300 milhões já representa 8% da receita estadual.

A meta do governo é aplicar, até o final do mandato de Paulo Hartung, pelo menos, 10% de sua arrecadação.

O secretário acredita, entretanto, que esse percentual será superado em 2006, quando o Estado pretende investir um montante aproximado de R\$ 600 milhões com recursos próprios.

"Os números representam claramente que o Espírito Santo recuperou sua capacidade de investir. Ainda é um número relativamente pequeno, mas para o ano que vem isso já representa um bom resultado", destacou Teófilo, ao lembrar que neste ano foram investidos R\$ 120 milhões pelo governo.

O destaque para o próximo ano ficará por conta do reajuste, aprovado dentro do Orçamento de 2005, para o funcionalismo público, o que representa um montante de R\$ 110,6 milhões.

De acordo com o secretário, isso só foi possível por causa do

aumento na arrecadação.

"O reajuste acontecerá porque contamos com recursos. O magistério é um caso especial, porque pela Constituição Federal somos obrigados a destinar 25% da nossa receita de impostos e cerca de 60% desse dinheiro tem que ser gasto com folha do pessoal", explicou.

Porém, Teófilo informou que ainda não há um indicativo de quando serão repassados os novos recursos aos servidores. As negociações serão conduzidas pelo vice-governador do Estado, Leão Coimbra, abrangendo todas as categorias, a partir do próximo ano.

O QUE DISSE JOSÉ TEÓFILO

"Nossa arrecadação evoluiu nesses últimos dois anos. Assim, os recursos destinados aos servidores também cresceram e é por isso que iremos fazer o aumento salarial em algum momento de 2005."

■ ■ ■

"Ao andar pelas ruas, percebemos que a população está pedindo mais e melhores serviços públicos. Não existe mágica nem discurso que resolva essa equação, somente recursos para investimentos."

"A nossa fiscalização está conseguindo fazer sua missão: tratar bem o contribuinte e conseguir os recursos necessários para o desenvolvimento do Espírito Santo."

■ ■ ■

"O Espírito Santo é o estado que mais cresceu na arrecadação de ICMS no País nos últimos dois anos. Hoje nós somos o nono estado brasileiro em arrecadação. Isso é um avanço."

DESEMPENHO DO ICMS

ESTADOS	ACUMULADO NO ANO
1º São Paulo	R\$ 37.391.053
2º Rio de Janeiro	R\$ 10.802.072
3º Minas Gerais	R\$ 10.701.331
4º Rio Grande do Sul	R\$ 7.706.162
5º Paraná	R\$ 6.482.478
6º Bahia	R\$ 5.876.107
7º Santa Catarina	R\$ 4.427.055
8º Goiás	R\$ 3.248.988
9º Espírito Santo	R\$ 3.009.573
10º Pernambuco	R\$ 3.000.959

Fonte: Secretaria de Estado da Fazenda (Sefaz)

EVOLUÇÃO DA RECEITA DO ESTADO

ITENS	2003	2004	VARIÇÃO
Receita própria	R\$ 3,202 bilhões	R\$ 4,163 bilhões	30%
ICMS (total)	R\$ 2,896 bilhões	R\$ 3,628 bilhões	25,3%
ICMS (importação)	R\$ 793,4 milhões	R\$ 1,196 bilhão	50,1%
ICMS (líquido)	R\$ 1,329 bilhão	R\$ 1,635 bilhão	23%
Arrecadação total	R\$ 3,662 bilhões	R\$ 4,626 bilhões	26,3%

Fonte: Secretaria de Estado da Fazenda (Sefaz)

Optantes do Simples têm até dia 30 para os acertos

BRASÍLIA – As micro e pequenas empresas, optantes do Simples (Sistema Integrado de Pagamento de Impostos e Contribuições das Microempresas e das Empresas de Pequeno Porte), que solicitaram parcelamento de débito junto à Receita Federal, têm até o dia 30 deste mês para concluir o pedido de repactuação da dívida.

Para isso, precisam enviar à Receita Federal informações relativas ao valor do débito a ser parcelado e, se for o caso, incluir dívidas não-declaradas à Receita por ocasião do pedido de parcelamento.

De acordo com a Receita, cerca de 135 mil empresas fize-

ram o pedido de renegociação, mas, até agora, apenas 24 mil, ou seja, 17,7% concluíram o processo. A adesão ao parcelamento dos débitos do Simples pôde ser feita até o dia 30 de setembro.

Na ocasião, para confirmar o pedido, o contribuinte teve que fazer o pagamento da primeira parcela de, no mínimo, R\$ 50.

Quem aderiu ao programa recebeu uma correspondência em que consta a senha de acesso à internet, para que possa prestar as informações devidas ao Fisco para concluir o pedido.

Caso a empresa ainda não tenha recebido o comunicado

com a senha de acesso ao sistema, é preciso procurar uma unidade da Receita Federal para obter o código.

Após o envio das informações à Receita, a empresa ainda terá que solicitar ao banco uma autorização para débito em conta das parcelas.

Enquanto isso não for feito, o contribuinte continuará recebendo o documento de cobrança no endereço informado para correspondência.

A Receita Federal alerta as empresas para que conclua a renegociação antes do final do prazo. Caso contrário, poderão ser excluídas do programa de parcelamento.

ANEXO O – JORNAL AT-6 (16.12.2005)

28

Luz Paulo - 02/05/2006

Móveis capixabas são mostrados e vendidos em outros estados

Linhares é o 6º do País em móveis

Maioria dos móveis fabricados no Espírito Santo é vendida para fora do Estado. O assunto será debatido em seminário na Findex

As vendas dos produtos finais do setor moveleiro se concentram, na maioria, fora do Espírito Santo: aproximadamente 70% são comercializadas com empresas de outros estados contra 29% vendidos no próprio Estado, e apenas 0,3% destinam-se ao exterior.

No ranking dos municípios brasileiros, Linhares é o sexto principal pólo moveleiro do Brasil, segundo o Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incap).

O evento será debatido no seminário do projeto "O Futuro do Trabalho no Espírito Santo", realizado pela Assembleia Legislativa, com o apoio da Rede Tribuna de Comunicação, que acontece amanhã, às 14 horas, no auditório da Findex. Haverá uma palestra e duas mesas-redondas que terão a participação de profissionais e empresários do setor.

A palestra será dada pelo diretor-presidente da Movelel, Domingos Sávio Rigoni, e as mesas-redondas terão os temas: "RH e Mão-de-Obra: Qualificações Necessárias" com a participação do gerente de Recursos Humanos da Movelel, Amauri Scussante, do diretor-presidente da Rimo, Luiz Rigoni, e do presidente do Sindicato deleiras, Alvaro Miranda.

É o "Fornecimento e Oportunidades de Negócios", com a presença do presidente do Sindimóveis, Ortêmio Locatelli Filho; do presidente do Sindimol, Edmilse Guidini, e do presidente da Panamoveis, Paulo Joaquim Nascimento.

Os temas Petróleo e Gás, Vestuário e Moda, Agronegócio, Rochas Ornamentais, Construção Civil e Turismo ainda estarão em discussão dentro dos seminários do Projeto até o fim de dezembro para criar políticas públicas de qualificação profissional e empresarial auxiliando a manter o desenvolvimento econômico capixaba.

Serão feitas também pesquisas científicas, com a coordenação de professores da Ufes e do Sebrae, para identificar os elementos que necessitam de melhoria.

O debate será ampliado e a população capixaba vai discutir os resultados das pesquisas e as propostas de políticas públicas durante o Simpósio "O Futuro do Trabalho no Espírito Santo", que será realizado em março de 2006.

ECONOMIA

A TRIBUNA - VITÓRIA-ES - QUARTA-FEIRA - 16/11/2005

PAINEL \$A

Desaceleração atinge setor químico

O desaquecimento da economia mostra mais um sinal. As vendas médias em dólares das empresas atacadas de produtos químicos tiveram uma queda de 3,6% em outubro em comparação com o mês anterior.

O faturamento em reais dessas empresas também registrou queda, de 4,9%. A informação é de Rubens Medrano, presidente da Associação Brasileira de Distribuidores de Produtos Químicos e Petroquímicos.

De acordo com Medrano, o comportamento das vendas reflete a desaceleração em diversas linhas industriais. "Essa situação decorre da dificuldade do comércio em quantificar com

precisão o que deverá ocorrer no mercado interno no final do ano. As facilidades oferecidas pelo crédito consignado já deram mostras de arrefecimento."

Segundo Medrano, isso atrasou as encomendas do comércio, em consequência, reduziu as compras de matérias-primas e insumos para a produção. Ele também reclama das elevadas taxas de juros e da recomposição muito lenta do rendimento médio real.

Na opinião de alguns associados da entidade, a demanda está reprimida desde o mês de setembro, quando as vendas do setor tiveram variação perto de zero.

A previsão para as vendas em

dólares neste mês, segundo Medrano, aponta para um crescimento de 2%. Para o presidente da entidade, o aumento pode decorrer de um mês de outubro muito abaixo da expectativa.

O comportamento das vendas até o mês de outubro leva a instituição a prever que o setor deverá encerrar o ano com crescimento próximo de 10%, se for admitida a desaceleração registrada na produção industrial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Apesar dessa alta, 70% dos entrevistados disseram esperar que o último trimestre de 2005 será mais fraco do que o registrado no ano passado.

Reclamações

O consumidor que é abordado ou liga para centrais de atendimento de todo o País terá um canal para fazer reclamações sobre os serviços.

Trata-se do site do programa brasileiro de auto-regulamentação do setor de relacionamento com clientes e consumidores (www.probare.org).

As reclamações podem envolver serviços como call center, help desk, SAC e telemarketing. É o primeiro tipo de serviço de ouvidoria exclusiva para o setor de tele-atendimento no Brasil.

Captção de eventos

A Embratur acaba de confirmar a vinda de mais três eventos internacionais para o Brasil. Neste ano, já são 24 os eventos conquistados com o apoio da entidade. Juntos, eles deverão atrair cerca de 22 mil visitantes estrangeiros para o Brasil até 2012.

A expectativa é de que eles gerem cerca de 150 mil pernites e US\$ 16 milhões. Para 2005, a meta é confirmar a vinda de 30 eventos. Segundo a Embratur, o participante desses eventos gasta por dia, em média, US\$ 106,46.

Pré-escola

Criança que frequenta pré-escola tem 14% mais chances de conseguir boa colocação no mercado de trabalho do que as demais.

A informação estará no seminário "Educação da Primeira Infância", do Centro de Políticas Sociais da FGV, com participação do Prêmio Nobel de Economia James Heckman, hoje, no Hotel Glória, no Rio de Janeiro.

Na ocasião, será apresentada pesquisa inédita com dados brasileiros, como o crescimento da taxa de frequência na pré-escola de quatro a seis anos. A presença chega a 68% das crianças brasileiras. Já entre zero e três anos, a frequência é de apenas 11%.

Consultoria recorde

A Natura ultrapassou a marca de 500 mil consultoras (vendedoras) no Brasil e na América Latina. Ao todo, são 509 mil revendedoras autônomas que atuam para a marca no Brasil, no Chile, na Argentina, no Peru e no México.

No Brasil, o volume médio de negócios gerado por consultoras nos nove primeiros meses deste ano foi de R\$ 8.476. Segundo Pedro Villares, diretor-geral da operação no Brasil, o trabalho das consultoras permite à empresa ampliar sua

capilaridade.

Hoje, a Natura possui operações em mais de cinco mil municípios no Brasil. "A venda de cosmético requer pessoas treinadas para apresentar o produto ao consumidor."

De acordo com ele, é possível, por meio das consultoras, ampliar mais facilmente o canal de vendas. Em 2005, o aumento deve ficar em 20%. Segundo o executivo, a empresa não pretende rever esse método de vendas.

Publicidade digital

Overture, empresa do grupo Yahoo! especializada na venda de links patrocinados em sites de buscas, decidiu reduzir seus preços no Brasil.

Segundo Guilherme Ribenboim, presidente da empresa, a decisão nada tem a ver com o desbarque do rival Google no Brasil.

"Nós achamos que nosso mercado já está amadurecido e que era hora de pulverizar nossos serviços. Achamos muito

bom para o segmento a chegada do Google."

O modelo de cobrança é feito de acordo com a quantidade de cliques. O menor valor passou de R\$ 0,15 para R\$ 0,05. Guilherme diz que o serviço é bastante procurado por profissionais liberais, co-

mo dentistas e médicos. O serviço de entrega de flores pela internet é também um dos mais procurados.

ANEXO P – JORNAL AT-7 (22.12.2005)

A TRIBUNA - VITÓRIA-ES - QUINTA-FEIRA - 22/12/2005

ECONOMIA

33

Plataforma chega ao Estado em abril

**Equipamento da Petrobras
vai colocar o Estado em
segundo lugar no ranking
da produção de petróleo**

A plataforma FPSO Capixaba, que está sendo construída em Cingapura, chegará ao Espírito Santo na primeira quinzena de abril do próximo ano e, com o empreendimento, o Estado passará a ocupar a posição de segundo maior produtor de petróleo do País, atrás do Rio de Janeiro.

O assunto surgiu na tarde de ontem, durante encontro entre o governador Paulo Hartung e o diretor de Exploração e Produção da Petrobras, Guilherme Estrella, e o gerente-geral da Unidade de Negócios de Produção no Estado, Márcio Félix, que chegaram de Cingapura.

O FPSO Capixaba será responsável pela produção de 100 mil

barris de petróleo diários e 3,5 milhões de metros cúbicos de gás natural do Campo de Golfinho, localizado no Norte do Estado, próximo aos municípios de Fundão e Aracruz.

Segundo dados da assessoria de imprensa da Petrobras, após chegar ao Estado, a plataforma ficará ainda atracada por cerca de 10 dias na baía de Vitória.

A previsão é de que a produção do denominado primeiro módulo de Golfinho tenha início no mês de maio.

O FPSO Capixaba está sendo convertido, a partir do navio-petroleiro Stena Congress, em Cingapura.

O FPSO Capixaba ficará por 10 dias na baía de Vitória

Gerar riquezas é crescer com o Espírito Santo. Porque neste pedaço do Brasil o amanhã é agora.

Para a Companhia Vale do Rio Doce, participar do desenvolvimento do Estado é gerar riquezas. Riquezas que ultrapassam fronteiras e ligam o Espírito Santo ao mundo. Que se transformam em crescimento e qualidade de vida. E que trazem mais oportunidades para cada cidadão. Presente há seis décadas no Espírito Santo, a Vale vai investir até 2008 mais de 2 bilhões de reais na construção da Ferrovia Litorânea Sul e de uma nova usina de pelotização. Realizada em parceria com o Governo do Estado, a Ferrovia Litorânea Sul é uma nova e moderna linha ferroviária que ligará a Grande Vitória a Cachoeiro de Itapemirim, impulsionando ainda mais a economia capixaba.

É assim que a Vale abre caminhos para o desenvolvimento e contribui para o crescimento de um Estado onde o futuro já começou.

www.cvrj.com.br

**Companhia
Vale do Rio Doce**

ANEXO Q – JORNAL AT-8 (24.04.2006)

A TRIBUNA - VITÓRIA-ES - SEGUNDA-FEIRA - 24/04/2006

ECONOMIA

13

Produzir mais e melhor

Seminário "O Futuro em Debate" vai discutir formas de crescimento da qualidade de vida no Espírito Santo

Interessados em participar de um debate sobre o desenvolvimento de projetos para os Arranjos Produtivos Locais (APLs) do Estado poderão estar presentes, na próxima quarta-feira, no seminário "O Futuro em Debate", que vai discutir 11 temas voltados para o crescimento da qualidade de vida no Espírito Santo.

O encontro acontece no auditório da FGV, em Santa Luzia, Vitória. O projeto é realizado pela Rede Tribuna de Comunicação, com apoio do Espírito Santo em Ação e patrocínio do Banestes, Banco de Desenvolvimento do Estado (Bandes) e Companhia Espírito-Santense de Saneamento (Cesasa).

O primeiro debate, marcado para às 9 horas, vai abordar o tema "Agregação de valor à produção, diversificação econômica, adensamento das cadeias produtivas".

Especialistas vão abordar aumento da capacidade de inovação tecnológica nas cadeias de

petróleo, siderurgia, biotecnologia, rochas ornamentais, agropecuária e saúde, além da importância da qualificação profissional e outros tópicos.

EDUCAÇÃO

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) já começou a discutir o assunto levantado pelo presidente da Philips do Brasil, Marcos Magalhães, durante o Fórum de Responsabilidade Social, realizado pela Rede Tribuna de Comunicação na semana passada.

Na palestra de abertura do evento, Marcos Magalhães criticou o método construtivista, utilizado por 60% das escolas brasileiras, ao apontar os números da Educação no País: 40% dos alunos repetem de ano ou abandonam o colégio no período da primeira a oitava série.

O MEC está discutindo o retorno do método tradicional – também denominado de fônico – e a extinção do modelo construtivista, adotado em meados dos anos 80.

Marcos Magalhães fez críticas ao método construtivista

SEMINÁRIOS

- Quarta-feira** – O tema é "Agregação de valor à produção, diversificação econômica, adensamento das cadeias produtivas". De 9 às 12 horas, no auditório da FGV. De 14 às 17 horas, no auditório da FGV, acontece o debate "Inserção do desenvolvimento".
- Quinta-feira** – Seminário com o tema é "Desenvolvimento da rede de cidades". De 9 às 12 horas, no auditório da FGV.
- 28 de abril** – O tema é "Redução das desigualdades e erradicação da pobreza". De 9 às 12 horas, no auditório da FGV. De 14 às 17 horas, no auditório da FGV, acontece o seminário "Desenvolvimento do capital humano".
- 30 de maio** – O tema do seminário é "Desenvolvimento da logística". De 9 às 12 horas, no auditório da FGV. De 14 às 17 horas, no auditório da FGV, ocorre a palestra "Recuperação e conservação de recursos naturais".
- 4 de maio** – Palestra com o tema "Inserção regional". De 9 às 12 horas, no auditório da FGV. De 14 às 17 horas, no auditório da FGV, acontece a palestra "Redução e controle da violência".
- 5 de maio** – O tema do seminário é "Fortalecimento da identidade e melhoria da imagem corporativa". De 9 às 12 horas, no auditório da FGV. De 14 às 17 horas, no auditório da FGV, acontece a palestra "Qualificação e robustez das instituições corporativas".

EXIJA QUALIDADE. EXIJA SEGURANÇA. EXIJA BATERIAS ORIGINAIS MOTOROLA.

Não coloque a sua segurança e a do seu celular em risco: compre os acessórios originais Motorola. Verifique a originalidade do produto através da identificação do logotipo Motorola, selada na lateral da embalagem. E esta deve sempre estar escrita em português. Outro detalhe importante é o selo holográfico da própria bateria. Todos os serviços autorizados Motorola possuem equipamentos com luz negra que atestam a originalidade e a qualidade dos produtos. A Motorola disponibiliza urnas para coleta de baterias usadas em todos os seus serviços autorizados. Informe-se em www.motorola.com.br

Central de Atendimento Motorola
Capitão e Agente Metropolitan
4002 1244
Preencha o formulário
0800 773 1244
www.motorola.com.br

Estado atrai novos negócios

Nova geração de empresários mostra onde é melhor fazer investimentos hoje no Estado

ALINE DINIZ

Aproveitando o boom econômico no Espírito Santo, novos empresários surgem no cenário capixaba, fecham contratos milionários com empresas nacionais e internacionais e já prevêem dobrar o faturamento nos próximos anos.

Esta nova geração é jovem e com empresas abertas nos últimos 10 anos. A partir de suas experiências, eles mostram as áreas onde estão as melhores chances de negócios hoje no Estado e onde é melhor apostar.

É o caso, por exemplo, do empresário Marcos Pegoretti, 36 anos, da Columbia Engenharia, uma empresa fornecedora de serviços para a indústria petrolífera, que possui fábricas na Serra e em Fundão.

No início, a empresa tinha apenas 10 funcionários. Cinco anos depois, já tinham um efetivo de mais de 200 pessoas", lembra.

A ascensão no mercado petrolífero veio nos últimos anos, com o crescimento do setor no Estado, o que para a Columbia Engenharia significou fechar contratos de parcerias com empresas internacionais.

"Nosso crescimento anual é de 70%. Outras oportunidades estão surgindo no Golfo do México, Venezuela e Colômbia", disse Pegoretti.

Seguindo a ideia de apostar em um mercado crescente, a empresária Maria Cecília Zon Rody, 41 anos, resolveu investir no setor da construção civil, após parceria com a Mello Afonso, formando a Incortel.

Há quatro anos, os projetos eram desenvolvidos no Rio de Janeiro, porém, por conta do crescimento do mercado capixaba – cuja construção civil amargou prejuízos durante três anos e começa agora a ter saldo positivo –, a Incortel iniciou um trabalho de lançamentos de novos hotéis.

A previsão é de que, a partir de 2007, a empresa, que fechou recentemente uma parceria com a Cyrela – uma das maiores construtoras do País –, o faturamento tenha um incremento superior a 50%.

"Antes, o preço do imóvel era mais baixo. Agora, há casos de preços mais elevados do que no eixo Rio-São Paulo", lembrou Cecília, que começa a investir também no setor residencial e comercial.

Outro empresário que começa a colher os frutos é Rafael Abreu, 30 anos, um dos sócios da Tecmaran, empresa da área da Tecnologia da Informação que conta com nove funcionários.

"Estamos trabalhando com uma tecnologia que é pioneira no Brasil".

ELES APOSTARAM NO ESTADO

ANTONIO MOURA/AT

CONSTRUÇÃO/HOTÉIS

"A Incortel, que é uma fusão da Precisão Engenharia e da Mello Afonso, foi formada há quatro anos, com o principal objetivo de desenvolver projetos hoteleiros. Começamos atuando no Rio de Janeiro, porém, mudamos o foco para o Espírito Santo por causa das projeções de oportunidades.

Já temos três lançamentos em Vitória e planos para o interior do Estado, em 2007. O grande passo foi conquistado com o contrato assinado com a Cyrela".

Maria Cecília Zon Rody, 41 anos, da Incortel

PETRÓLEO

"Após trabalhar em uma empresa de manutenção, resolvi abrir a Columbia Engenharia, há 11 anos, para aproveitar as oportunidades do setor petrolífero. O boom aconteceu a partir de 2000 e conto hoje com mais de 200 empregados e cinco fábricas instaladas na Serra e em Fundão.

As oportunidades que já surgiram nos fizeram firmar parcerias internacionais, com empresas da França, Estados Unidos, Noruega, Índia, Venezuela e Canadá".

Marcos Pegoretti, 36 anos, da Columbia Engenharia

TECNOLOGIA/INFORMÁTICA

"A empresa foi aberta em 1993, com foco em consultoria, mas a partir de 1998, o trabalho ficou voltado para Tecnologia da Informação. Comecei como estagiário, em 1997 saí da empresa e retornei um ano depois como diretor de Marketing e, hoje, sou um dos sócios.

Desde 2000 somos distribuidores no Brasil e na América do Sul de um software, criado na Inglaterra, que tem como foco a programação da produção. A Tecmaran trabalha com três a quatro projetos simultaneamente".

Rafael Abreu, 30 anos, da Tecmaran

Gêmeos viram empresários de rochas

Depois de atuarem por anos como trabalhadores braçais, os irmãos gêmeos José Antônio e José Geraldo Guidoni, 45 anos, resolveram arriscar e abrir uma empresa de extração e beneficiamento de rochas ornamentais, que hoje exporta para países das Américas do Sul, Central e Norte, Europa, Ásia e África.

"Resolvemos fazer uma pesquisa para saber se o mercado demandava este investimento", disse José Antônio, ao falar da Mineração Guidoni, que está há 14 anos em São Domingos do Norte.

Antes de ingressar no ramo de rochas ornamentais, ele contou que atuou como trabalhador braçal e depois começou a desenvolver projetos na área de irrigação de café e de frutas.

Mesmo com as exigências do mercado, o empresário revela que não fala inglês – frequenta as 14 feiras mundiais por ano acompanhado de intérpretes – e só tem o segundo grau completo.

Sempre trabalhei com tecnologia de ponta. Fiz várias viagens para Itália, Espanha – que é o berço do granito –, relatei com pessoas da área. Hoje, meu hobby é trabalhar".

As projeções apontam um crescimento nos negócios para os próximos anos. Na Mineração Guidoni, que possui 571 funcionários, 78% da produção é exportada. A previsão é de que a empresa cresça acima de 42% neste ano.

Frutas abrem mercado para investimento

Com a implantação de pólos de fruticultura em municípios do interior do Estado, empresários estão apostando alto no segmento e planejam a construção de novas fábricas, principalmente com a expansão da Sucos Mais, instalada em Linhares.

A empresa, que foi fundada há quatro anos pelo empresário mineiro João Luiz Castanheiras, foi vendida recentemente à Coca-Cola, que já injetou recursos e planeja se tornar líder no mercado de sucos prontos no mundo.

Tamanho o sucesso do empreendimento, Castanheiras, que não revela por quanto foi vendida a Sucos Mais – nos bastidores se fala em R\$ 264 milhões –, agora se prepara para iniciar um novo projeto: a construção da Trop Frutas, uma fábrica de processamento de polpas, em Linhares, que terá como principal cliente a sua ex-empresa e os mercados da América do Norte e Europa.

O investimento, de R\$ 50 milhões, tem como base a ampliação das atividades da Coca-Cola.

ANEXO S – Palavra do Governador*

Palavra do Governador

Até 2025 o Espírito Santo alcançará padrões de desenvolvimento próximos aos dos países com as melhores condições de vida na atualidade. E isto não é um sonho. É um projeto viável, como bem demonstra este Plano Estratégico de Desenvolvimento.

Este Plano, construído participativamente, numa parceria Governo-Sociedade, aponta para um novo ciclo de desenvolvimento do Espírito Santo, baseado na integração competitiva, em nível nacional e internacional, de uma economia capixaba diversificada e de maior valor agregado, sustentada pelo capital humano, social e institucional de alta qualidade.

O Plano Estratégico de Desenvolvimento é essencialmente uma agenda para a construção de uma realidade com democratização das oportunidades de crescimento individual e coletivo em terras capixabas.

Os quatro grandes pilares de sustentação desse novo ciclo histórico são a erradicação da pobreza e a redução das desigualdades para ampla inclusão social; o desenvolvimento do capital humano capixaba segundo padrões internacionais de excelência; a diversificação econômica, agregação de valor à produção e adensamento das cadeias produtivas; e o desenvolvimento do capital social e a devoção absoluta à ética republicana por parte das instituições públicas.

Nesse sentido, a meta é até 2025 erradicar a pobreza e diminuir a desigualdade em 26%, segundo o índice Gini, alcançando índices semelhantes aos registrados pelos países do primeiro mundo atualmente.

Também vamos universalizar o ensino básico, expandir os ensinos médio, superior e profissional, potencializando o sistema educacional capixaba. A meta para o Espírito Santo é alcançar em 2025 uma escolaridade de 12 anos. Escolaridade equivalente à da população adulta da Finlândia ou à da média dos países desenvolvidos nos dias de hoje.

Vamos promover uma eficaz e massiva atração de investimentos produtivos e capacitar os capixabas a usufruir das oportunidades geradas pelo negócio do petróleo e gás e pelo desenvolvimento do complexo siderúrgico.

Como resultado, a economia capixaba aumentará sua inserção competitiva no mercado nacional e internacional, ancorada em uma agricultura de valor agregado; em um setor terciário avançado; e em um conjunto de arranjos produtivos locais e grandes empreendimentos competitivos em escala planetária. O PIB per capita dos capixabas em 2025 deverá alcançar US\$ 20.500, pouco superior ao da Coreia do Sul dos dias de hoje.

Vamos investir na profissionalização do serviço público e na sua reconstrução em bases modernas, para evitar a instrumentalização do Estado por interesses particulares e criminosos e, acima de tudo, prestar serviços e oferecer obras de qualidade à população.

Temos a certeza de que este Plano, resultado do investimento conjunto do Governo, da Petrobras e do Movimento Espírito Santo em Ação, se constituirá em valioso instrumento de agregação das principais forças políticas, econômicas e sociais do Estado em torno do desenvolvimento sustentável e de longo prazo.

Certamente, esta é uma agenda capaz de estimular a convergência e a integração de iniciativas, esforços e recursos de governos e de instituições públicas e privadas e organizações da sociedade civil na construção do futuro desejado.

Até aqui este mutirão vem realizando com êxito a gigantesca obra de restabelecimento da ética republicana na condução dos Poderes instituídos, de conquista da estabilidade e da confiança políticoinstitucional, e de retomada da capacidade de investimentos públicos em todas as áreas essenciais ao povo capixaba.

E esta é uma conquista fenomenal. Para chegar até à pauta do futuro, tivemos de ultrapassar uma dura realidade, com um volume monumental de dívidas de curto prazo vencidas, máquina pública destroçada, ação violenta e articulada da corrupção e do crime organizado, dentre tantos outros desafios acumulados em anos e anos de desgoverno.

Enfim, esse mutirão libertou os capixabas da opressão criminosa do passado, vem acertando as contas com o presente e nos deu oportunidade de pensar no futuro, como

mostra este Plano. Com demonstrações incontestes de sua eficácia, agora é continuar trabalhando com vistas aos dias que virão.

O futuro já está escrito. Suas linhas passam a compor nossos projetos e nossos sonhos. Num momento de perspectivas tão promissoras, como nunca se viu no Espírito Santo, este plano sinaliza um caminho concreto para a efetivação de um horizonte de prosperidade compartilhada, com a inclusão social e respeito ao meio ambiente. Ou seja, temos vento a favor e este essencial “plano de vôo”, pois, segundo o filósofo, não há vento favorável para aquele que não sabe aonde quer ir.

“O futuro é o que estamos fazendo agora”, escreveu Mario Quintana. E este Plano Estratégico de Desenvolvimento é um convite para que o futuro do Espírito Santo seja uma realização coletiva, assim como a reconstrução institucional em andamento. Vamos juntos, fazer das terras capixabas o melhor lugar do Brasil para se viver, trabalhar, criar nossos filhos e receber amigos e visitantes – um Estado digno das futuras gerações.

Paulo Hartung – Governador do Estado do Espírito Santo

* Cf. ESPÍRITO SANTO 2025: plano de desenvolvimento. Vitória: Secretaria de Estado de Economia e Planejamento, 2006.

ANEXO T - Uma Carta do Futuro: O Espírito Santo em 2025*

Uma Carta do Futuro: O Espírito Santo em 2025

Estamos em 2025. O Espírito Santo acaba de se tornar um dos primeiros estados do Brasil a conquistar um padrão de vida semelhante àquele experimentado pelas nações mais desenvolvidas. A população capixaba se orgulha de ter erradicado a pobreza e de viver em um estado precursor de um modelo de desenvolvimento que se diferencia pela qualidade de seu capital humano, pela capacidade competitiva de suas empresas e por instituições públicas eficientes e reconhecidas.

Com uma escolaridade média de 12 anos, os capixabas são bem posicionados nos principais sistemas de avaliação educacional do País, e ganham destaque crescente em eventos e premiações internacionais. Após 20 anos de maciço investimento para a construção de um sistema de formação de capital humano de elevada qualidade, o Espírito Santo é referência nacional em educação! O estado também tem ampla projeção nacional quando o tema é inclusão social. Segundo dados do IBGE, com base no ano de 2025, há ainda 15 milhões de indivíduos em condições de pobreza no Brasil, mas nenhum deles reside no Espírito Santo. Em termos de distribuição de renda, o estado é um dos mais igualitários do País.

A violência também faz parte do passado, e o estado, que já esteve entre os mais violentos do Brasil, tem índices de criminalidade controlados e compete pelas melhores posições no ranking nacional. O capixaba goza de um clima de paz e vive de maneira harmoniosa em uma rede de cidades que cresce de maneira ordenada e bem planejada, que se integram por intermédio de uma rede de serviços de elevada qualidade e complexidade. O meio ambiente é visto como parte integrante deste novo modelo de desenvolvimento. Cerca de 20% do território do estado encontram-se em fase de recuperação da vegetação nativa, e os “laboratórios verdes” capixabas tornam o estado uma das referências sul-americanas em biotecnologia.

No campo econômico, há mais de um quarto de século que o Espírito Santo não pára de crescer. O estado cresce, em média, 6% ao ano e já é o 5º mais competitivo da Federação. Os investimentos são atraídos para o estado não apenas pela sua base de recursos naturais, mas sobretudo pelo capital humano de elevada qualidade e pelas excelentes condições logísticas. Com uma estrutura produtiva dinâmica e impulsionada pela inovação, o Espírito Santo tem uma economia de elevado valor agregado, diversificada e altamente integrada à economia global. E a situação não é diferente no interior, cuja economia é impulsionada por arranjos produtivos dinâmicos e 24 competitivos. O Espírito Santo se destaca por ser um estado onde as oportunidades geradas pelo desenvolvimento beneficiam a todos, na capital e no interior!

A sociedade tem participação crescente na formulação e implantação de políticas públicas. Como resultado de um grande esforço inicial que se estendeu por uma década, o Espírito Santo possui hoje uma administração pública transparente e de alto desempenho, marcada pela provisão de serviços de alta qualidade e pela existência de um corpo de servidores altamente profissionais. Celebra-se também a capacidade que teve o Estado de estabelecer parcerias duráveis com os estados vizinhos para ampliar o alcance de seu sistema logístico e, em especial, para desenvolver territórios comuns que concentravam pobreza e ausência de oportunidades.

Assim é o Espírito Santo de 2025, motivo de orgulho de todos os capixabas. Resultado das ações estratégicas empreendidas por toda a sociedade que, acima de tudo, confiou e soube trabalhar na construção de seu futuro. É cada vez melhor viver no Espírito Santo!

*Cf. ESPÍRITO SANTO 2025: plano de desenvolvimento. Vitória: Secretaria de Estado de Economia e Planejamento, 2006.